

**Universidade de Évora**

Departamento de Linguística e Literaturas

**Ser mulher-poeta no período ditatorial ibérico.  
Estudo comparativo de textos poéticos  
de  
Natália Correia e Carmen Conde**

CRISTINA DE JESUS ESPIGUINHA DIAS  
Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas,  
Variante de Estudos Portugueses e Alemães  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em  
Literaturas e Poéticas Comparadas

Professores Orientadores:  
Prof. Doutor Carlos Jorge Figueiredo Jorge e  
Professora Doutora María Jesús Fernández García

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

**Universidade de Évora**

Departamento de Linguística e Literaturas

**Ser mulher-poeta no período ditatorial ibérico.  
Estudo comparativo de textos poéticos  
de  
Natália Correia e Carmen Conde**

CRISTINA DE JESUS ESPIGUINHA DIAS  
Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas,  
Variante de Estudos Portugueses e Alemães  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em  
Literaturas e Poéticas Comparadas

Professores Orientadores:  
Prof. Doutor Carlos Jorge Figueiredo Jorge e  
Professora Doutora María Jesús Fernández García

“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

**Universidade de Évora**

Departamento de Linguística e Literaturas

**Ser mulher-poeta no período ditatorial ibérico.  
Estudo comparativo de textos poéticos  
de  
Natália Correia e Carmen Conde**

CRISTINA DE JESUS ESPIGUINHA DIAS  
Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas,  
Variante de Estudos Portugueses e Alemães  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em  
Literaturas e Poéticas Comparadas

Professores Orientadores:  
Prof. Doutor Carlos Jorge Figueiredo Jorge e  
Professora Doutora María Jesús Fernández García



“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri”

149 370

## RESUMO

A poesia peninsular do século XX escrita por mulheres num período temporal específico (Ditaduras Ibéricas) constitui-se no motivo impulsionador do presente estudo comparatista. Este trabalho reporta-se fundamentalmente à percepção da directa ou mais discreta interferência do âmbito ditatorial, em Portugal e Espanha, no processo criativo das mulheres escritoras.

Escolhemos a obra poética de Natália Correia e Carmen Conde, originárias de Portugal e Espanha, respectivamente, por considerarmos importante a análise minuciosa e atenta do conjunto de textos em poesia inclusos nos diversos livros escritos, por cada uma das autoras. Atendendo ao facto de até ao presente momento não se ter encetado a comparação entre as estéticas e envolventes político-sociais das escritoras supracitadas propomos demonstrar a relevância do papel da mulher-poeta na sociedade ibérica, entre os anos 50 e finais dos anos 70 do século XX. Estabelecemos um estudo em três décadas precisas por termos considerado as mesmas bastante relevantes para a afirmação da mulher enquanto protagonista de um processo de criação literária, mais próxima da ambicionada libertação de valores e pressupostos patriarcais.

A primeira parte da dissertação apresenta a contextualização histórico-literária na abrangente do regime ditatorial instituído, como aliás já salientámos, em ambos países da Península Ibérica. Explicitamos, em síntese, a «ingerência» da figura feminina na sociedade opressiva, por contraste com a ousadia das mulheres portadoras de identidade literária, conscientes do perigo constante da censura e nesse sentido transgressoras da ideologia política em vigor.

Relevamos no capítulo seguinte a especificidade da envolvente literária de Natália Correia e Carmen Conde, na pretensão de demonstrar a importância da questão de autoria feminina de um número específico de composições poéticas, seleccionadas no conjunto da obra de uma e outra escritoras. Perspectivou-se, em consonância, um estudo analítico tripartido pelas temáticas: Liberdade; Opressão e Outro Mundo, consideradas recorrentes na maioria dos textos poéticos referenciados para o efeito. Sob um carácter ambivalente de crítica explícita ou implícita da realidade e de uma procura de libertação em estreita relação com a referência ao «mundo paralelo», percebemos as linhas orientadoras do discurso poético de Natália Correia e Carmen Conde, no intuito de precisar na parte final do estudo as condicionantes das poesias de cariz ibérico e em simultâneo a procura ainda em curso da identidade feminina.

## ABSTRACT

### **Being women-poet at the Iberian dictatorship period. Comparative studie of poetic texts by Natália Correia and Carmen Conde.**

Peninsular poetry from the twentieth century written by women during a specific time period (Iberian Dictatorships) is the impulse behind the present comparative study. This work is about the direct or more discreet interference from the dictatorial sphere of action in the creative process of women writers, whether in Portugal or Spain.

We chose the poetic work of Natália Correia and Carmen Conde, from Portugal and Spain respectively, because we think the detailed and thorough analysis of the poetic texts written by both these authors is important. Considering the fact that, up to this moment, there is no comparison between the aesthetics and the socio-political contexts of the mentioned writers, our purpose is to demonstrate the relevance of the woman-poet' role in the Iberian society from the 50s up to late 70s. We organized this study involving these three decades because we consider them the most important ones to the assertiveness of woman as a protagonist of a literary creation process, closer to the long desired freedom from patriarchal values and preconceptions.

The first part of this dissertation presents the historical and literary contextualization in the dictatorial regime of both Iberian countries. We clarify the "intervention" of the female figure on the oppressive society, as a contrast to the boldness of the women with literary identity, since they were aware of the constant danger of censorship and, because of that, they were considered transgressors of the political ideology.

In the next chapter, we present the specificity of the literary contexts of Natália Correia and Carmen Conde, while trying to show the importance of the feminine authorship question using a number of poetic writings, chosen from the entire body of work of both poets. And so, an analytical study of the following topics became imperative: Freedom, Oppression and the Other World, considered being recurrent in most poetic texts. Under the ambivalent cape of explicit or implicit criticism of reality and a search for freedom in connection to the reference to the "parallel world", we studied the guiding lines of the poetic speech of Natália Correia and Carmen Conde, hoping to clarify, at the end of this study, the precepts of Iberian poetry and the search for feminine identity (which is not over yet).

## **DEDICATÓRIA**

A prova da persistência e da verdade são motivos de superação.

Dedicamos o nosso esforço e empenho aos nossos pais: Amândio e Francisca, por tudo quanto têm feito por nós e também ao nosso irmão João Pedro, as três figuras mais importantes neste longo processo de vida.

## AGRADECIMENTOS

A dissertação por nós realizada deve-se ao nosso total empenho e dedicação, mas especialmente ao apoio incondicional, em todos os momentos do seu processo, dos nossos orientadores de tese: Professor Doutor Carlos Figueiredo Jorge, da Universidade de Évora e Professora Doutora María Jesús García Fernández, da Universidade de Cáceres.

Agradecemos o incentivo contínuo dos nossos pais, Amândio e Francisca e do nosso irmão, João Pedro.

Aos organismos públicos: Biblioteca Municipal de Estremoz, de Elvas e de Portalegre; Biblioteca Nacional de Lisboa e Instituto Cervantes, que dispuseram os seus materiais para a nossa pesquisa biobibliográfica o nosso agradecimento.

Muito obrigado a todos quantos directa ou indirectamente proporcionaram meios facilitadores para o nosso trabalho.

## ÍNDICE

Resumo.....	3
Abstract.....	4
Dedicatória.....	5
Agradecimentos.....	6
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	19
1. As ditaduras peninsulares: salazarismo/ franquismo.....	21
1.1. Anos 50 a 70, três décadas, vidas em questão.....	26
2. Mulher/ Mulher-Poeta em regimes autocráticos.....	31
2.1. A mulher portuguesa busca libertar-se do jugo masculino.....	32
2.2. Mulheres espanholas no caminho da libertação.....	35
2.3. A mulher-poeta em Portugal e Espanha- vivências comparáveis.....	36
3. A questão da censura no âmbito literário: Península Ibérica ( anos 50 a 70 do Século XX).....	42
3.1. Salazar enfrenta a liberdade pela força.....	44
3.2. Ser livre na Espanha franquista, uma quase utopia.....	45
3.3. Literatura em tempos de ditadura. Portugal e Espanha em contraste.....	47
3.4. Mulheres-escritoras peninsulares, face ao processo censório.....	56
CONCLUSÃO PRÉVIA.....	62
CAPÍTULO II.....	65
1. Natália Correia e Carmen Conde: duas poetisas ibéricas em período de ditadura.....	66
2. Poetisas ibéricas: questão de autoria.....	73
3. Análise comparativa de textos poéticos, seleccionados nas obras de Natália Correia e Carmen Conde.....	78
3.1. Observação de tópicos relevantes: liberdade/ Opressão/ Outro Mundo.....	83
3.1.1. Liberdade/Opressão/Outro Mundo- análise de conjunto.....	84
3.1.2. Liberdade/Opressão- análise dupla.....	97
3.1.3. Liberdade/Outro Mundo- análise dupla.....	102
3.1.4. Opressão/ Outro Mundo- análise dupla.....	104



3.1.5. Liberdade.....	105
3.1.6. Opressão.....	108
3.1.7. Outro Mundo.....	109
3.2. Crítica da realidade: recursos poéticos de ocultação.....	111
3.3. Procura de libertação: mundo poético paralelo.....	117
CONCLUSÃO PRÉVIA.....	122
CAPÍTULO III.....	124
1. Poesias ibéricas: que condicionantes.....	124
2. Procura da identidade feminina.....	127
CONCLUSÃO PRÉVIA.....	130
CONCLUSÃO FINAL.....	132
BIBLIOGRAFIA.....	139
ANEXOS.....	148
TEXTOS POÉTICOS COMPARÁVEIS DE NATÁLIA CORREIA E CARMEN CONDE	

## INTRODUÇÃO

A escrita de autoria feminina continua, ainda no presente século, envolta numa acesa discussão sobre a eficácia da sua identificação e correcta nomenclaturas. Diversos nomes de estudiosos da temática supracitada se destacam, numa busca intensa da expressão mais plausível. Mas impõe-se referenciar, de acordo com a opinião de Maria Irene Ramalho, a dificuldade de: «“(…)diferenciar a arte masculina da arte feminina, porque arte é arte. (...) [Há] uma escrita feminina que se debruça mais sobre a esfera que associamos imediatamente à condição das mulheres na nossa sociedade.” No entanto, mesmo aqui é difícil, porque os homens também podem escrever dessa forma e, como refere [ a autora], têm-no feito.(...)»<sup>1</sup> Por esta ordem de ideias será nossa pretensão revelar um espaço sensível mas de envolvente extraordinária: a poética escrita por mulheres. Conscientes do processo ainda em curso, procuraremos com o presente estudo motivar o reforço de empenho na leitura, compreensão e desenvolvimento de trabalhos críticos, de e sobre mulheres, fundamentalmente escritoras e por inerência poetas. Deste conjunto resultou a escolha do título do nosso estudo: **Ser mulher-poeta no período ditatorial ibérico. Estudo comparativo de textos poéticos de Natália Correia e Carmen Conde.**

Ao pensarmos na poesia procedemos a uma auscultação interna, privilegiando a força do sentimento e a sua incidência imediata no próprio ser humano. Através das palavras breves e incisivas, vislumbra-se a certeza da definição de uma vontade resultante de factores externos. Essa pretensão pode, necessariamente, partir de consequências favoráveis ou desfavoráveis, mas tanto umas como outras funcionam na forma de impulsos decisivos de escrita para o utilizador de palavras, seja homem ou mulher. Essa impulsividade e inquietude subsistem nas composições poéticas, particularmente expressas em períodos políticos limitadores do recurso à livre expressão. Por consequência julgamos estar habilitados a defender a nossa tese: Demonstrar com recurso a exemplos concretos, histórico-literários, a ingerência do regime ditatorial no processo de escrita de poetisas espanholas e portuguesas, de acordo com a titulação previamente referida. Pela proximidade entre Portugal e Espanha e pelo diminuto trabalho de estudo crítico-comparatistas a partir do confronto de textos de autoria feminina de um e outro países, julgámos fundamental o compartilhar de estratégias de análise e clarificar a possível associabilidade de estilo e ideologia entre escritoras, sem menosprezar os autores masculinos, provenientes dos países supracitados.

---

<sup>1</sup> P. Anjos, “Diferenças”, *Notícias Magazine*, 2003, pp. 33 a 40

Quando iniciámos a fase de pesquisa de autoras portuguesas e espanholas para a concretização do presente trabalho comparatista, deparámo-nos de imediato com a poética de Natália Correia ( Portugal) e Carmen Conde (Espanha) e sentimos uma força interior que nos compelia para o aprofundar de possibilidades. Estas derivavam de um sonho há algum tempo latente: procurar perceber como viveriam estas mulheres-escritoras em regimes opressivos. Na infelicidade de já não partilharem vivências connosco, considerámos indispensável premiar o esforço de duas escritoras ibéricas, nem sempre bem compreendidas, que fizeram prevalecer a sua força de escrita, numa figura de mulher.

A mulher na sua total disponibilidade e envolvimento constituiu-se no motivo seguinte para a concepção deste trabalho. Com presença frequente e distinta na sociedade dos nossos dias, o mesmo não acontecera durante largos séculos. Vítima de maus-tratos, por parte da figura masculina, sentiu-se obrigada a reduzir-se, na maior parte dos países, a ser de segundo plano. A atitude de prepotência patriarcal continuou a verificar-se no século passado em Portugal e Espanha, derivante da assunção de durabilidade de um regime político defensor da excessiva autoridade e potenciador da censura das opiniões contrárias. A restrição de direitos humanos, no caso específico feminino constituiu-se num impulso consciente para a delineação de um estudo comparativo entre poéticas de autoria feminina, provenientes da Península Ibérica, em período de ditadura.

A ditadura, como regime político, fora implantada cerca de vinte anos antes, e durante as décadas de 50 a 70 tornou-se relevante. Tanto em Espanha como em Portugal os direitos de liberdade e expressão estavam profundamente limitados. Ser escritor e não aceitar as normas definidas pelo regime era considerado ofensivo. No entanto muitos foram aqueles que ousaram «infringir» a lei e construir um «mundo oculto», mas pleno de interesse, por pretender fundamentalmente estabelecer fundações e alicerces de uma sociedade livre. Nessa posição incluímos as escritoras Natália Correia e Carmen Conde e a sua obra poética. Ambas buscaram além da libertação da palavra e de si próprias de um regime lesivo das vontades particulares, estabelecer as bases da vivência equiparável entre mulheres e homens. Defendiam a harmonização dos sexos, conforme salientara, na segunda década do século XX, Virginia Woolf na obra : *Um quarto que seja teu*: « (...) O estado de espírito normal e agradável é aquele em que os dois [sexos] vivem em harmonia e cooperam espiritualmente. Se se é homem a parte feminina da mente deve na mesma produzir a sua influência e também a mulher se deve relacionar com o homem que existe dentro dela. (...)»<sup>2</sup> Revelamos, pois, não

---

<sup>2</sup> Virginia Woolf, 1996, p. 116

ser nossa intenção empreender uma referenciação de valores feministas, ainda que não os neguemos, mas demonstrar a relevância do ser-mulher enquanto constitutivo de uma sociedade balizada entre dois sexos distintos( mulher e homem), potencialmente favorecedores de partilha e harmonização de esforços.

Para a concepção do presente trabalho dispusemos em mente de um conjunto amplo de prevalências. Definimos que a estratégia de escrita reverteria em favor de um estudo circular, de elementos sociais, históricos e literários, fundamentados por obras críticas e textos poéticos de Natália Correia e Carmen Conde. Essa mobilidade resulta, de facto, da pretensão comparatista que nos propomos desenvolver. Salientamos que: « (...) [O] exercício de comparação implica, (...) uma atitude heurística: leva a uma leitura crítica inteligente e, rapidamente, esta deixa de se limitar ao texto na sua simples realidade “ filológica” para se apoiar, (...) sobre a sua dimensão pluricultural. (...)»<sup>3</sup> Nesse sentido julgamos favorável a assimilação de várias referências históricas, bem como a explicitação de termos recorrentes do percurso ditatorial ibérico, antes de proceder ao estudo comparatista dos textos poéticos, seleccionados no conjunto da sua obra, de Natália Correia e Carmen Conde.

Estabelecemos um período temporal, para inserção do corpus de estudo, que se estende entre os anos cinquenta e finais dos anos setenta do século XX, dada a importância social, política e cultural que o mesmo encerra. Socialmente a vida das populações portuguesa e espanhola era facilmente associável, pois a intenção de breve alteração do poder instituído mantinha-se no espírito da maioria dos habitantes da Península Ibérica. No que diz respeito ao ambiente político a interrelação estreita-se um pouco mais, se nos ativermos no regime ditatorial implantado, sob orientação de duas figuras emblemáticas: Oliveira Salazar e Francisco Franco. A nível literário, apesar das divergências estéticas, compreensíveis, pela distinta recepção de informações externas, por cada um dos países, um ponto se construiu em comum: a limitação da liberdade de expressão foi obrigatoriamente limitada. A censura , perpetrada por um conjunto de funcionários referenciados para o efeito, impediu a demonstração fiel de anseios e desejos pessoais e estéticos, sempre que contrários ao regime político vigente, orientado pela força autoritária.

O presente estudo delinear-se-á de acordo com os seguintes objectivos:

- Explicitar as linhas condutoras dos regimes salazarista e franquista, no que concerne ao seu âmbito ideológico, demonstrando a potencial intervenção dos

---

<sup>3</sup> Francis Claudon, Karen Haddad Wotling, *Elementos de Literatura Comparada, Teorias e Métodos de Abordagem Comparatista*, 1994, p. 16

regimes ditatoriais expressos no decurso da sociedade e cultura de Portugal e Espanha, no período temporal previamente citado;

- Estabelecer um panorama resumido da manutenção da censura no âmbito literário da Península Ibérica e especificamente de autoria feminina;
- Concretizar a envolvência social e estética das mulheres em espaços ditatoriais, aludindo fundamentalmente às mulheres-escritoras, no intuito de fundamentar o nível de intervenção das mesmas nas sociedades portuguesa e espanhola de então;
- Referenciar qual a intervenção ideológico-literária de Natália Correia e Carmen Conde na sociedade dos seus países, para de seguida permitir o desenvolvimento da análise comparatista dos seus textos poéticos, previamente seleccionados;
- Delinear uma pequena abordagem sobre os condicionalismos das poesias ibéricas e a continuidade da procura da identidade feminina.

Por nos parecer de interesse, conceberemos uma análise comparatista de obras poéticas, escritas por mulheres, para defendermos a contrariedade à ideia da manutenção da figura feminina: « (...) como Musa inspiradora dos poetas, (...) destituída de identidade.(...)»<sup>4</sup> A mulher vivenciou um conjunto importante de alterações legais, no decurso do século passado, permissivas de uma maior liberdade de acção, contudo ainda não eram suficientes no momento em que surgia a figura de Natália Correia, ser entusiasta e rebelde, sempre em negação de normativas impostas, sem justificação plausível. Facilmente se compreende a intervenção política da escritora, se atendermos à : «(...) sua convicção de que o acto poético e literário está para além da própria escrita que [a] leva a intervir até ao último dia. (...) Ao iniciar uma campanha tenaz a favor da Liberdade e da reconquista do Homem integral (...) Natália expõe-se numa luta corajosa contra a ditadura salazarista (...)»<sup>5</sup> Ao escolhermos Natália Correia e especificamente a sua obra de poesia fizémo-lo conscientes do poder de afronta ao poder ditatorial, perpetrado pela autora. Ela precisava de libertar-se da angústia crescente que pululava no seu peito e pela escrita lançou palavras arrojadas e profundamente incisivas, se bem que a própria assumia: « (...) O material do poeta é a palavra e por maior que seja a liberdade de expressão, esta comporta limites constituídos pela matéria. (...) [Há] que reconhecer que essa mesma matéria exige obediência ao poeta porque vem carregada de significado.(...)»<sup>6</sup> O poeta é por essa razão um dos principais detentores da ordem de mutação

<sup>4</sup> Maria Graciete Besse, *Percursos no Feminino*, 2001, p. 13

<sup>5</sup> Ângela Almeida, *Retrato de Natália Correia*, 1994, p.32

<sup>6</sup> Antónia Sousa, et. Al., *Entrevistas a Natália Correia*, 2004, pp. 19/20

do existente, considerado pernicioso. Cabe ao poeta desenvolver textos incisivos e críticos, porquanto se sente impelido para a demonstração da poesia, como demonstra Natália Correia: « (...) [A] poesia é a ignorância propositada de coisas estúpidas que os políticos e politizados tomam a sério para adiarem o real humano que exige um mundo sem metrificadores que vivam à custa dela. (...)»<sup>7</sup> A par da poesia de Natália Correia encontramos Carmen Conde, menos ostensiva, mas igualmente defensora da imagem feminina, na sua constante busca vital. Acresce referir ter sido a primeira escritora a fazer parte da Real Academia Espanhola da Língua, no ano de 1976. Prémio merecido pela sua persistência no desbravar do caminho para a poesia de autoria feminina no pós-guerra civil, como comprova Leopoldo de Luís: « (...) La valiosa personalidad y la potencia creadora de Carmen Conde han abierto caminos a la poesía femenina contemporánea.(...)»<sup>8</sup> Como Natália Correia, a poetisa espanhola demonstra a sua ousadia quando: « (...) saca a la superficie un fondo que estaba en ella soterrado, minando las galerías del subconsciente. Un mundo que la circunstancia española de la posguerra había almacenado (...) en su corazón.(...)»<sup>9</sup> Transcreve em versos surpreendentes a tristeza pelos defuntos de guerra, na sua maioria jovens, revelando o seu total descrédito no regime imposto pela força. Ao meditar, estratégia à qual recorre abundantes vezes: « (...) Ha querido salvaguardar nuestra identificación y crear su propia identidad. Todo lo que sabe e intuye le ha permitido crear una poesía profunda y compleja, en la que los símbolos siguen operando,(...)»<sup>10</sup> São duas escritoras-poetas envoltas numa idêntica pretensão de liberdade e ânsia de vida para além do existente, potenciado pela coerção e no qual não se revêem.

Ser mulher e simultaneamente poeta é uma emergente estratégia de demonstração das virtudes, dos direitos e dos deveres do género feminino em sociedade. Pela escrita, neste caso de teor poético, ousam as mulheres confrontar ideias eminentemente másculas, não as negando, subentenda-se, mas denotando a sua respectiva partilha de pensamentos congêneres ou díspares, acerca de um pretenso assunto. Procuramos, nesse sentido afirmar e confirmar quão ágil e preferencial se pode revelar o pensamento feminino, sobre temáticas diversas, mas associáveis, quanto aquelas que definimos, imanentes das obras de Natália Correia e Carmen Conde, e até ao presente momento não aprofundadas. São elas a **liberdade**, a **opressão** e o **outro mundo**. Atendendo à época ditatorial ibérica, como previamente se salientou, considerámos não menosprezável a assunção dos temas supracitados, nas obras poéticas das duas autoras. Para o efeito procedemos à selecção de um conjunto de 150 composições

<sup>7</sup> Natália Correia, *A Estrela de Cada Um*, 2004, p. 132

<sup>8</sup> Leopoldo de Luís, *Carmen Conde*, 1982, p. 142

<sup>9</sup> *Idem*, p. 145

<sup>10</sup> Carmen Conde, *Cráter*, 1985, p.29

poéticas, de uma e outra poetisa, onde liberdade, opressão e outro mundo se destacavam. De seguida e numa análise comparatista estabeleceu-se um corpus de trabalho de textos, escalonados entre o número anteriormente referenciado e atendendo fundamentalmente à intencionalidade demonstrativa dos três elementos temáticos salientados previamente, sem pretendermos contudo negar estudos analíticos das obras nataliana e condiana realizados por antecipação, mas apresentar uma nova interpretação textual.

Propomos demonstrar/ revelar os principais motivos impulsionadores da escrita humana e abrangente das duas escritoras ibéricas: Carmen Conde e Natália Correia, cujo percurso literário se estendeu por amplo período do século XX, fundamentalmente entre finais dos anos vinte e meados dos anos noventa. A primeira publicação de Carmen Conde data de 1929, *Brocal* e a de Natália Correia, *Rio de Nuvens*, do ano 1947.

A escritora Carmen Conde iniciou a edição das suas obras cerca de vinte anos antes de Natália Correia, tal como se comprova atrás, contudo para o âmbito do trabalho julgou-se relevante o desenvolvimento paralelo, ainda que não idêntico e em países distintos, das carreiras de ambas escritoras, durante a década de 50 até finais anos 70, como oportunamente se salientou.

O estudo comparativo compor-se-á sob três vertentes: uma inicial de leitura atenta de cada um dos textos; a segunda, de apreensão das temáticas, no conteúdo total dos vários poemas, demonstrável de associações ou quaisquer dissonâncias, porquanto um estudo comparatista comporta. Por fim demonstraremos a associabilidade das poéticas condianas e natalianas por revelação de elementos expressivos comparáveis, referenciados a partir de cada uma das poesias, seleccionadas para o efeito.

Partiu-se de uma escolha literária presumivelmente conciliadora de pontos de interesse, para em consonância desenvolver a estrutura do trabalho, nas suas respectivas partes. Estas ativeram-se, sob um fundo estratégico, no intuito de minorar perplexidades. O texto dimensiona-se, num primeiro olhar( entenda-se primeira parte), sobre a diferenciação e consequente associabilidade de duas realidades históricas, enformadas num único título: Regime Ditatorial. Pretende-se reassumir, uma vez mais, as consequências inerentes à actuação demorada, atendendo ao largo período de tempo, de duas figuras opressivas. Em Portugal, António de Oliveira Salazar e em Espanha, Francisco Franco Bahamonde, originaram regimes políticos congêneres: Salazarismo e Franquismo. Sobre estes governos procederemos a uma explanação, justificativa da sua directa ou menos manifesta relação com a vivência feminina, em cada um dos países, da Península Ibérica. Analisaremos a intervenção abusiva da Censura, no plano literário, entre os anos 50 e 70, período em que a mesma

assumiu especial destaque, na escrita de autoria masculina e sobretudo da congénere realizada por mulheres, em ambos países. A nossa pretensão prende-se, sobretudo na emergência da demonstração factual da ingerência do poder político no processo escrito. Essa limitação revelar-se-ia, por um lado coerciva, por impedir a transmissão fiel de pensamentos e por outro lado constituir-se-ia em impulso de renovação da arte de escrever, ao obrigar os escritores a definir estratégias várias de ocultação da realidade. Alguns escritores iriam, para o efeito, empregar novas palavras e buscar conceitos originais de difícil interpretação, na sua maioria metafóricos. A censura funcionava como punição e em simultâneo renovação. Explícita ou implicitamente o processo censório viria a coarctar a liberdade de expressão dos autores ibéricos, obrigando uns, por reconhecida oposição ao regime ditatorial a sair dos seus países, em exílio forçado e outros, se bem que igualmente contrários, a manter-se numa posição de semi ou total clandestinidade, ou de exílio interior, como em Espanha se designou a atitude referenciada pelos escritores que resolveram ficar.

Numa segunda parte, considerando que Natália Correia e Carmen Conde, para além de escritoras são mulheres de pleno direito, julgamos de especial importância aprofundar o estudo de duas obras bibliograficamente extensas e por consequência bastante apelativas. Empreenderemos um estudo analítico, no âmbito do processo literário que rodeia as poetisas supracitadas, a fim de demonstrar o motivo impulsionador da sua escrita reactiva e constantemente hermética. Resulta do seu conjunto a demonstração que: « (...) o poeta não pode ser aparentemente muito diferente da sua poesia. A obra (...) é sempre reflexo da vida que se tem, porque ela ou reflecte ideias ou reflecte realidades, mas é uma forma de reagir. (...)»<sup>11</sup> As palavras de Natália Correia e Carmen Conde, moldadas em textos poéticos de longa ou menor extensão, denotam a reacção verdadeira face à sociedade envolvente e por consonância o regime, que uma e outra dificilmente aceita., sobretudo por não permitir a Liberdade, na sua total acepção. Contudo é um facto que: « (...) [a] liberdade, porém, é si mesma inconquistável, nunca definitivamente e na tranquilidade do que é definitivo pode o homem possuí-la, possuir-se dela ou abandoná-la(...)»<sup>12</sup> Resta a poesia nataliana e condiana revelar-nos ensinamentos para a construção do novo mundo, longe da opressão e liberto.

Antes de entrarmos na análise concreta dos textos poéticos, explicitaremos a questão da autoria das poesias femininas ibéricas, temática à qual já fizéramos referência anteriormente. O recurso à escrita por parte das mulheres apresenta-nos, de acordo com a opinião de Lúcia Castello Branco, a: « (...) Fala enigmática, que “mente”, escapole e se

<sup>11</sup> Laurinda Bom, *Alexandre O, Neill. Passo tudo pela refinadora*, 2003, p. 31

<sup>12</sup> AA.VV., *A Ideia da Liberdade no Pensamento Português*, 1985, p. 21



desvia de um sistema logocêntrico, a escrita feminina configura uma impossibilidade.(...) [A] escrita feminina excede as fronteiras e se estende para o além de si mesma.(...)»<sup>13</sup> As mulheres ibéricas, utilizadoras da escrita, principalmente poética, iriam revelar-se, no período temporal entre os anos cinquenta e finais da década de setenta, como atentas receptoras das obras provenientes de outros países da Europa, onde a figura feminina organizava estratégias de preparação do mundo ambicionado, totalmente contrário à ideologia arregimentada e ditatorial.

As poesias de Carmen Conde e Natália Correia são exemplo vivo da necessidade de caminhar para um mundo diferente, melhor, sem opressão. Desde *Iluminada Tierra*(1951) a *Noche Oscura del Cuerpo*(1980) ou em *Poemas*(1955) a *O Dilúvio e a Pomba*(1979), de Carmen Conde e Natália Correia, respectivamente, que a busca insistente se fez notar e por essa razão procederemos a um estudo comparativo e analítico de várias composições poéticas, de cada uma das autoras, apoiando-nos em exemplos concretos, como se poderá comprovar.

Percebe-se, com relativa facilidade, que o desejo de libertação resulta do regime político opressivo instalado na Península Ibérica. Nesse sentido procederemos à retenção, nas obras poéticas seleccionadas, de exemplos demonstrativos da necessidade de assunção de liberdade. A pesquisa e aprofundamento da leitura e análise dos textos poéticos de Natália Correia e Carmen Conde contemplará o cenário da censura instalada em Portugal e Espanha e consequentemente qual a influência, mais ou menos directa, da mesma nas obras literárias seleccionadas. A metáfora é o recurso estilístico que distinguiremos, especificamente, a par de outros existentes, por se adaptar a uma escrita de ocultação, inerente à «necessidade» de encobrir ideias e opiniões próprias, não passíveis de livre expressão. Por outras palavras, não menos expressivas o escritor tornava demonstráveis os seus verdadeiros anseios.

Duas mulheres, duas poetisas, na amplidão de uma Península, quase sempre representada em oposição. Natália Correia foi acérrima defensora da união de esforços em cada um dos países que compõem a Península Ibérica, Portugal e Espanha. Afirma, num ensaio datado de 1988, com o mesmo nome, que «Somos Todos Hispanos». Em consonância considerámos relevante a análise textual de poesias ibéricas, elaboradas por Natália Correia e Carmen Conde, onde se percebe a determinação de conceber um caminho de libertação, passível de fuga à realidade. Apesar de não terem partilhado ideias ou sentimentos, Natália e Carmen, revelaram a sua ibericidade, no modo efusivo e doloroso, delineado nos seus textos. Neles apreendemos uma luta característica pela assunção de um «mundo novo», não

---

<sup>13</sup> Lúcia Castello Branco, *A Mulher Escrita*, 1989, p. 117

conciliável com aquele em que vivem as autoras. Elas vivem na expectativa de poderem ser portadoras de mudança.

Seleccionámos ambas escritoras pela abrangência da sua obra e especificamente por defenderem, ainda que em textos e países distintos, uma mesma ambição: Ser mulher em luta pela liberdade absoluta. Ao apresentar o estudo analítico das poesias de Natália Correia e Carmen Conde, procurámos demonstrar a opinião de Virginia Woolf: « (...) [Para] alguém que escreve é fatal pensar no seu sexo. É fatal ser-se pura e simplesmente uma mulher ou um homem, (...) Tem que existir qualquer colaboração de espírito entre o homem e a mulher antes de completo o acto criador.(...)»<sup>14</sup> Nesse sentido ao proceder à confrontação textual de poesias natalianas e condianas, procurou-se, fundamentalmente, reunir um conjunto amplo de consideráveis demonstrativas do vigor autoral feminino de uma e outra escritoras, no recurso sistemático à realidade opressiva que as rodeia, para em consequência apresentar a defesa das suas ideias, nunca negadas ou ocultas, mas por obrigação metaforizadas.

A última parte do trabalho foi destinada à assunção de opiniões reflexivas sobre as condicionantes da poesia ibérica e a procura da identidade feminina, no intuito de fortalecer futuros estudos comparatistas.

Os textos poéticos escritos no período ditatorial ibérico, ainda que se reportem a uma idêntica forma de vida, viriam a estabelecer várias distinções determinantes. Tal facto ficaria a dever à situação geográfica de Portugal e Espanha. Se por um lado Portugal poderia estabelecer contacto com a vizinha Espanha, esta por sua parte, não se encontrava tão limitada, pois poderia ter acesso privilegiado à cultura, sobretudo, francesa e por inerência do norte europeu. Mas esta imagem de possibilidades seria fatidicamente limitada pela extensa duração de ambos regimes ditatoriais ibéricos, como de resto poderemos verificar. Em Portugal, Salazar proveniente de uma ambiente sacerdotal, não se sentia, contudo desperto para os problemas da cultura, preferindo a manutenção financeira do país. Franco, acérrimo militar, pouco intelectualizado, não despenderia qualquer interesse pelo núcleo cultural. Por esta razão ser escritor num e outro países, principalmente se opositor ao regime instalado, era uma forma inaceitável de vida. Mais evidente, de resto, esta referenciação para as mulheres, que ousavam relatar suas dúvidas e desejos.

Relativamente à conceptualização da identidade feminina iremos facultar algumas ideias de perscrutação da realidade da mulher, na sua determinação em auto-afirmar-se.

---

<sup>14</sup> Virginia Woolf, *Op. cit.*, p. 122

Potenciadoras de mudança em todo o processo social, as mulheres detinham o poder efectivo para evidenciar a sua verdadeira força, por contrariedade a um longo período patriarcal.

Esta afirmação viria a fundamentar-se, em Portugal, apenas após o 25 de Abril quando: «(...) a sociedade e a literatura portuguesas conheceram uma vaga de imensa liberdade. Assistimos a uma abundante produção feminina, como se as mulheres, levadas pela utopia fecunda que o país conheceu nos primeiros meses da Revolução, encontrassem enfim uma palavra em movimento (...)»<sup>15</sup> Por inerência a realidade espanhola viria a movimentar-se, em confrontos frequentes e directos com o governo ditatorial periclitante, a partir da Revolução portuguesa e especialmente em 1975, com a morte de Francisco Franco. As mulheres sentiam a possibilidade de exercer os seus direitos de igual para igual como os homens, mas um longo caminho teria de ser calcorreado, até atingir os nossos dias, onde infelizmente muito devemos realizar para nos afirmarmos verdadeiramente mulheres e capazes de vivenciar e transmitir nossos desejos, sem receios lesivos.

---

<sup>15</sup> Maria Graciete Besse, *Op. cit.*, p. 31

## CAPÍTULO I

A história dos dois países ibéricos, Portugal e Espanha, é profusa e característica, e a sua explanação largas páginas ocuparia. Por este motivo e atendendo à proposta de trabalho em curso, consideramos importante contribuir com um reavivar de actos, atitudes e manifestações, reflexivos de um espaço peninsular, obrigatoriamente imerso, durante largo período temporal, do século XX, numa inultrapassável, porque dificilmente olvidável, mancha ditatorial.

Pronunciamo-nos num sentido crítico, acerca das consequências derivantes da assunção governativa de duas figuras marcantes, António de Oliveira Salazar e Francisco Franco Bahamonde, em Portugal e Espanha, respectivamente. Pretendemos realçar a potencial intervenção do regime ditatorial instituído, em ambos países, no decurso social. Demonstraremos ao longo do presente capítulo por que meios se tornou possível coarctar a liberdade de expressão e de actos das populações, sem hipótese de escolha.

Durante várias décadas do século XX e por inerência com outros países, especificamente Itália e Alemanha, o regime governativo que se demarcou foi a Ditadura.<sup>16</sup> Impor opiniões próprias, mesmo que discutíveis, a um país, debelando reacções, por todas as formas imagináveis, foi um duro golpe para todos quantos acreditavam na vida liberta de normativas extremas.

Como salienta Hipólito de la Torre Gómez, no prefácio à obra *Franco e Salazar. As relações Luso-Espanholas durante a Guerra-Fria*<sup>17</sup>: [Desde 1936] a Península ver-se-á enredada nas graves tensões internacionais: guerra civil de Espanha<sup>18</sup> (...) segunda conflagração mundial<sup>19</sup> (...),<sup>20</sup> logo torna-se praticamente impossível a Portugal ou Espanha

<sup>16</sup> Ditadura: Regime político que resulta da imposição de poder, coarctando liberdades individuais. No século XX distinguiu-se pela atitude abusiva dos seus governantes, detentores de um poder absoluto. «(...) Na constituição da república Romana designou o exercício de uma autoridade sem limites durante um curto intervalo de tempo, por um indivíduo, a fim de que por tal maneira se habilitasse o Estado a resolver uma crise. (...) Porém, nos tempos que se seguiram à primeira Grande Guerra de 1914-18 manifestou-se uma larga tendência para usar o termo “ditadura” como sinónimo de poder incontrolado, autocrático. (...)» (AA.VV., Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. IX, s/d: 160/161)

<sup>17</sup> Guerra Fria- resultou após « o discurso do Presidente os Estados Unidos. Harry S. Truman, a 12 de Março de 1947, [que deu início] verdadeiramente [à] ordem de pós-guerra: guerra-fria. (...) [esta consistiu num] enfrentamento não bélico baseado numa política de riscos calculados, que ficou sempre sob o controlo dos políticos, deixando os militares em segundo plano e garantindo a “baixa temperatura” deste conflito peculiar. (...) [ Para mais esclarecimentos conf. Juan Carlos Pereira: *Historia y presente de la guerra fría*, Madrid, Istmo, 1989, pp. 85-88]» (REDONDO 1996: 131)

<sup>18</sup> Guerra Civil de Espanha- Sobre este assunto leia-se o seguinte excerto: « Em 1936 o levantamento militar em Marrocos iniciou uma guerra civil que manifestou violentamente o extremar de posições a que havia chegado o processos de polarização irreconciliável da sociedade espanhola.» (REDONDO 1996: 29)

<sup>19</sup> 2ª Grande Guerra- Enfrentamento bélico verificado na Europa entre os anos 1939-1945

não seguir idêntico caminho político. Estabeleceram-se, efectivamente como regimes autocráticos<sup>21</sup> e baniram por inteiro a Democracia.<sup>22</sup>

Ao tornar dependentes dos seus actos todos os cidadãos, os ditadores ibéricos: António Salazar e Francisco Franco, construíram vivências inequivocamente redutoras. Penalizaram a originalidade artística, se facilmente entendível como contrária ao regime imposto e provocaram o afastamento forçoso de vários elementos pertencentes às elites políticas, sociais e literárias, de ambos países, que não se dispuseram a compactuar com a lei imposta. Podemos distinguir em Portugal: Jorge de Sena e Manuel Alegre, com o primeiro a escolher o continente Americano e o segundo a manter-se na Europa. No país vizinho há notícia de vários exilados, entre os quais: Pedro Salinas, Jorge Guillén, Rafael Alberti, Juan José Domenchina. Saliente-se, de igual modo que: « (...) [el] exilio, como era de esperar tuvo una fuerte presencia en la obra de la mayoría de los poetas, que no podían mantener el tono sereno de su poesía de anteguerra.(...)»<sup>23</sup>

A manifesta atitude não democrática dos ditadores ibéricos, supracitados, permitiu a descaracterização de dois países, prenes de novidade. Ao invés de facilitar o desenvolvimento, procurou-se, sistematicamente, e em especial em Portugal, definir as normativas, consentâneas com a assunção, e de acordo com o especialista Juan Carlos Jiménez Redondo:<sup>24</sup> « [do] estado português como unitário e corporativo<sup>25</sup>, [demarcando] expressamente os limites da autoridade do estado: na ordem interna, na moral e no direito. (...)» Com o estabelecimento de regras fixas e rígidas, Salazar manietou a mudança e consequentemente relativizou o progresso do nosso país.

---

<sup>20</sup> Juan Carlos Jiménez Redondo, *Franco e Salazar. As relações Luso-espanholas durante a Guerra-Fria*, Lisboa, 1996

<sup>21</sup> Regime Autocrático- Advém de um regime político, dirigido por um único governante, detentor de todos os poderes.

<sup>22</sup> Democracia- regime político, que protege na legalidade a liberdade dos cidadãos, permitindo-lhe a eleição de um representante, por votação. « (...) [Caracteriza-se] como governo de toda a vida pública pela intervenção directa de todos os cidadãos ( categoria em que não se incluíam os escravos) (...), os quais exerciam directamente o essencial do poder legislativo e, quando menos, controlavam o executivo e judicial.(...) »( AA.VV., Enciclopédia Luso- Brasileira de Filosofia, 1989: 1316) Podemos acrescentar também que: « [los] gobernantes de la democracia tienen que comportarse con un estilo radicalmente distinto que suele adoptarse en los regímenes autoritarios. Gobernar en la democracia no es mandar. No es imponer órdenes, ni es tampoco abusar del poder de la mayoría. En la democracia se negocia y se dialoga, con respecto a las minorías.»(GARCÍA,1998:57)

<sup>23</sup> Miguel Ángel Pérez Priego, et. al., *Literatura Española*, Madrid, 1992, p. 389

<sup>24</sup> *Op. cit.*, p. 80

<sup>25</sup> Corporativismo- estabelece-se pela união dos « interesses materiais aos interesses intelectuais e morais que os indivíduos prosseguem no seio da nação (...)»(OLIVEIRA 1991:79)

## 1. As ditaduras peninsulares: salazarismo/franquismo

Para melhor entender o percurso governativo de ambas ditaduras peninsulares: Salazarismo e Franquismo<sup>26</sup> julgamos importante destringir diferenças e conformidades entre cada uma das mesmas.

Procedemos a uma análise diferenciadora dos regimes ditatoriais ibéricos, especificamente nos primeiros anos de formação, para em seguida estruturarmos uma análise comparativa entre os anos cinquenta e meados dos anos setenta, de acordo com a pretensão científica deste trabalho

O espaço temporal que medeia entre 1933 e 1974 associa-se, sem margem para dúvida à governação de António de Oliveira Salazar, « um homem fechado, distante mesmo quando afável, um homem de gabinete, algo misantrópico, que tem horror à multidão ou aos chamados “ banhos de multidão”(…)»<sup>27</sup> Pauta todo o seu modo de actuação de uma faceta quase irreal, no nosso ponto de vista, alguém que se sente « escolhido para redentoramente (...) executar [o sacrifício] e sofrer.(...)»<sup>28</sup> por um país inteiro. Percebemos que Salazar se assume como verdadeiro estratega da sociedade que governa. De facto, ele « [cultiva] (...) o distanciamento de si mesmo para reforçar a sua superioridade moral e a justeza das suas decisões (...) [Por isso] o retrato do ditador nunca é verdadeiro porque o carisma, o medo, a subserviência e a paixão que inspira alimentam-se exactamente dessa multiplicidade de retratos frequentemente antagónicos e sempre complementares. »<sup>29</sup>

Desta abnegação, deste negar de protagonismo, nos ficam reminiscências várias. Muitos especialistas na área sustentam a opinião que Salazar era uma figura *sui generis*, não olvidando que foi ele o mentor de um Novo Estado, por ele intitulado na ordem inversa *Estado Novo*. Este tipo de governação «afirmar-se-ia (...) como um regime nacionalista. (...) [Um] nacionalismo autárquico, fechado sobre si mesmo e interessado em defender e manter o

<sup>26</sup> Salazarismo- período ditatorial entre 1933-1974, que se assumiu a partir do sobrenome de Salazar, seu líder. José Martinho Gaspar, na obra intitulada: *Os discursos e o discurso de Salazar*, refere que podemos encontrar: « as origens do salazarismo no pensamento contra-revolucionário do século XIX e inícios do século XX. (...) Ainda que o Salazarismo possa ser considerado um fascismo, a sê-lo apresentou-se sempre numa versão moderada. (...)» (2001: 31-32)

O Franquismo decorreu entre 1936 e 1975, sob ordem de Francisco Franco, e igualmente se imortalizou através do sobrenome do seu chefe.

<sup>27</sup> João Medina, *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a Ditadura*, Lisboa, 2000, p. 233

<sup>28</sup> Helena Matos, *Salazar a Construção do Mito*, vol. I, Rio de Mouro, 2003, p.19

<sup>29</sup> \_\_\_\_\_, *Ibidem*, p. 379-380

seu império colonial.(...) [Uma espécie de] nacionalismo (...) patriótico (...) tradicionalista(...) [e] providencial.»<sup>30</sup>

Oliveira Salazar decidia assumir-se como uma figura paternal, imbuída nos princípios da tradição e de quem decorriam «milagres», quase associáveis a uma figura divina. De si tudo dependeria e por tal facto nada poderia ser deixado ao acaso. César Oliveira reforça a opinião anterior, ao expressar que a Salazar « [nenhum] detalhe, nenhum aspecto da realidade bem como os grandes problemas da realidade portuguesa lhe eram estranhos. Controlava, directa ou indirectamente tudo e todos(...)»<sup>31</sup>

Mas se nos ativermos às palavras do ditador português, não era sua pretensão ser totalizador « (...) Salazar recorda que, em 1934, enquanto pela Europa triunfavam o nazismo<sup>32</sup> e o fascismo<sup>33</sup>, escrevera palavras claras sobre a matéria (...) “[É] preciso afastar de nós o impulso tendente à formação do que poderia chamar-se Estado totalitário<sup>34</sup>(...)” De modo que em Portugal, conclui o chefe de governo, há apenas um Estado nacional e autoritário.»<sup>35</sup>

A autoridade diferencia os regimes ditatoriais dos regimes democráticos, pois aquela assume-se como absoluta nos primeiros, e mais tolerante nos segundos. Como era seu hábito, Salazar discursava ou disferia opiniões sobre os mais diversos assuntos. A propósito da noção de autoridade, salienta, numa entrevista realizada por António Ferro, um dos homens fortes dos primeiros anos da sua governação «(...)” Autoridade absoluta pode existir. Liberdade absoluta não existe nunca.”(...)»<sup>36</sup>

Taxa de imediato os seus parâmetros de conduta. Pela força autoritária direccionaria o seu governo, minimizando na sua quase totalidade rasgos de liberdade. E afirma, ainda na mesma entrevista « A liberdade garantida pelo Estado, condicionada pela autoridade, é a única possível, aquela que pode conduzir (...) à felicidade dos homens (...)»<sup>37</sup> Afigurava-se já qual a sua orientação governativa, inalterável, por todo o largo espaço de tempo, em que se repartiu a ditadura salazarista. Não podemos igualmente esquecer que Salazar seguia as

<sup>30</sup> César Oliveira, *Salazar e o seu Tempo*, Lisboa, 1991, p. 74

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 74

<sup>32</sup> Nome que representa o regime ditatorial alemão, regido por Adolf Hitler, entre os anos de 1933-1945

<sup>33</sup> Fascismo- « Doutrina política e social do partido fundado em Itália por Benito Mussolini»(MACHADO 1981:108)

<sup>34</sup> Totalitarismo- Advém da manifesta atribuição de poderes a único homem, sem repartição de qualquer um dos mesmos. « (...) Nome pelo qual se designam os regimes políticos em que se visa a completa centralização do controlo exercido pelo governo sobre as actividades nacionais, tal como se deu no nazismo alemão e no fascismo italiano e seus imitadores, bem como no comunismo russo. (...)»( AA.VV., Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. XXXII, s/d: 321)

<sup>35</sup> Franco Nogueira, *Salazar, o Ataque (1945-1958)*, Barcelos, 2000, pp. 118-119

<sup>36</sup> António Ferro, *Entrevistas de António Ferro a Salazar*, Lisboa, 2003, p. 34

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 34

normativas da Constituição de 1933<sup>38</sup>, a qual « definia o estado português como unitário e corporativo, e marcava expressamente os limites da autoridade do estado. Na ordem interna, na moral e no direito. (...)»<sup>39</sup> Por consequência não era passível de tolerância qualquer tipo de desrespeito às leis em vigor. Para se assegurar uma verdadeira consecução dos deveres impostos pelo regime à população portuguesa, criou-se, ainda no mesmo ano a União Nacional, « (...) uma das traves mestras do edifício político da ditadura(...)»<sup>40</sup>, não um verdadeiro partido político mas uma forma velada de repressão, ou segundo Salazar « o agente da “maior , [da] mais produtiva e mais venturosa vitória da nossa época” cujo objectivo “ [...] é o estabelecimento de um nacionalismo político, económico e social, bem compreendido, dominado pela soberania incontestável do Estado forte(...)»<sup>41</sup>

Atendo-se a uma constituição e a pretensão partido político Salazar afastava por completo a existência da democracia, que considerava: «uma ficção»<sup>42</sup>, pois segundo ele não existia apenas uma liberdade, mas várias. Logo estas deviam ser protegidas e orientadas. Essa orientação dependeria de um homem, que « veio para ficar e “impõe” condições para poder exercer a sua acção com êxito (...) [Salazar] (...) condicionando firmemente a sua posição no governo também se responsabiliza por “pôr em ordem” o País. (...)»<sup>43</sup>

Ao incitar todos os habitantes portugueses a viverem em ordem rigorosa, Salazar convencionou o seu regime, ao ritmo dos governos ditatoriais europeus, se bem que o nosso ditador tenha sido « sempre mais moderado(...)»<sup>44</sup> Ele entende o povo português como « eleito (“a raça”), imbuído de uma missão transcendente, (...)»<sup>45</sup>, qual D. Sebastião, Salazar, certamente, se atribuía valor sobrenatural.

Convém referenciar, igualmente, que a ditadura prefigurada por Salazar não pode ser facilmente associada ao fascismo, pois para além da sua formação ter dependido de um golpe de estado, relativamente pacífico, não se encontrava vinculada a nenhum dos países derrotados na 2ª Grande Guerra. Podemos entender o regime salazarista como: « uma espécie de “pseudofascismo” ou de “semifascismo” (...) cauteloso, manhoso e envergonhado, mais

<sup>38</sup> Constituição que regula todo o poder de Salazar.

<sup>39</sup> Juan Carlos Jiménez Redondo, *Franco e Salazar. As relações Luso-espanholas durante a Guerra-Fria*, Lisboa, 1996, p. 80

<sup>40</sup> José Pedro Castanheira, *Expresso*, 27/05/2000, p. 51

<sup>41</sup> Helena Matos, *Op. cit.*, vol. I, Rio de Mouro, 2003, p. 182

<sup>42</sup> Franco Nogueira, *Op. cit.*, Barcelos, 2000, p. 10

<sup>43</sup> Augusto de Sá Viana Rebello, *Salazar e Caetano Falar Claro*, Lisboa, 2003

<sup>44</sup> Joaquim Vieira, *Portugal Século XX, Crónica em Imagens, 1930-1940*, Lisboa, 1999, p. 35

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 72



tradicionalista do que agressivamente inspirado em modelos que só relutantemente imitou (ou fingiu imitar) (...)»<sup>46</sup>

Derivante de um processo de guerra-civil, a ditadura de Franco, habitualmente intitulada *Franquismo*, confinou aquele ao poder absoluto, restando com « más poder del que había tenido ningún outro governante en España. (...) En 1939 predominaba completamente el estilo fascista, (...)».<sup>47</sup> Aqui se estabelece, desde logo, uma primeira diferenciação do governo salazarista, dificilmente entendível como totalmente fascista. Franco, realmente, interessava-se pelo poder, pela melhor forma de o revelar. Iconizava-se como figura, demonstrava o seu carisma, em todos os momentos. Sobre este facto salienta João Medina « (...) Franco (...) aceitava (...) [e] promovia (...) [a] constante adulação imagética e icónica da sua figura e imagem(...)».<sup>48</sup> Em volta do próprio ditador espanhol criou-se um ambiente de exposição do seu carácter. Mesmo que o seu conhecimento intelectual fosse limitado, a ideia que se tinha de Franco suplantava as suas limitações. Ele não era « considerado um teorizador político, um intelectual ou sequer um ideólogo; (...) Franco era um homem pragmático (...)»<sup>49</sup> O que ele procurava era especificamente o poder, desconhecendo ou tendo « incapacidad de percibir los peligros de su permanencia en el poder (...)».<sup>50</sup>

Intitulado *caudillo*<sup>51</sup>, Franco assumia-se como chefe máximo e detentor de todos os poderes. A população espanhola, sobretudo de classes mais baixas, rendeu-se facilmente à representação franquista. Auxiliado pela imprensa, como expressa Stanley Payne « Franco se convirtió en objeto de una letanía de adulación pública, (...)».<sup>52</sup> Dificilmente alguém ousaria enfrentar «ser tão poderoso», que se acreditava a si mesmo como « “llamado” a ocupar su cargo vitaliciamente.(...)».<sup>53</sup> Tal como um rei, assim se manifestava, no seu entendimento, Franco. Tudo isto, se percebermos que este « era monárquico de formación y tradición (...)».<sup>54</sup> Prefigurava uma linha sucessória, só possível após a sua morte, legalmente não contestada, pelo menos em suposição.

Sob o governo de Franco, na sua totalidade, ficavam militares e civis. Por este facto, podemos consignar o regime franquista como totalitário? Não exclusivamente, apesar de ter

<sup>46</sup> João Medina, *Salazar, Hitler e Franco. Estudos sobre Salazar e a Ditadura*, Lisboa, 2000 p.42

<sup>47</sup> Stanley Payne, *El régimen de Franco 1936-1975*, Madrid, 1987, p.245

<sup>48</sup> *Op. cit.*, p. 238

<sup>49</sup> *Idem*, p. 241

<sup>50</sup> Javier Tusell, *La dictadura de Franco*, Madrid, 1988, pp. 136-137

<sup>51</sup> caudillo- este termo foi empregue pelo castelhano clássico, como líder e « nos años treinta adquirió cierto tono fascista, como el equivalente español de Duce o Führer. (...)» (PAYNE 1987:132)

<sup>52</sup> *Op. cit.*, p. 132

<sup>53</sup> Josep Fontana, ed., *España bajo el franquismo*, Barcelona, 1986

<sup>54</sup> Bartolomé Benassar, *Franco*, Madrid, 1996, p.97

detido o poder quase absoluto, Franco não conseguiu desligar o seu cariz pessoal do mesmo. Era na sua pessoa que pensava em todos os momentos, atitude paradoxal quando imaginamos uma multidão que o adulava, e seguia. Muitos renunciaram a sua liberdade, entregando-a nas mãos de Franco, como salienta Javier Tusell.<sup>55</sup> Ser totalmente livre, tornou-se impensável, naquela época de duro «poder pessoal», encarnado por Franco. Do comando nunca se desligou o ditador espanhol, qual comandante militar, que realmente era. Manifestava-se, sempre, « como um chefe indiscutível, pertinaz e seguido, um cabo de guerra implacável e habilidoso.(...)»<sup>56</sup> O especialista supracitado acrescenta que « (...) Franco siempre mantuvo una verdadera concepción militar del gobierno (...) “Orden, unidad y aguantar”. En eso consistió el régimen desde 1936 hasta 1975; (...)».<sup>57</sup> Segundo o ditador cabia aos espanhóis seguir as suas ordens, rigidamente e sem vacilar, entendendo-se este termo no sentido de não contrariar. Opor-se a um regime duro e espartano era tarefa delicada e sumamente perigosa. Assim, por consequência, como afirma Benassar : « Franco pone a punto uno de los principios permanentes de su sistema: exige fidelidad y disciplina, valor y resistencia; a cambio cierra los ojos a los actos de crueldad y a los excesos del saqueo, las brutalidades y las violaciones. (...)»<sup>58</sup>

Tal como um pelotão militar se representava a população espanhola. À frente o comandante, na retaguarda os seus consignados e numa fila criteriosa os civis «sem nome». A todos se ordenava passo de marcha, e rosto alegre.

Por ser pouco tolerante a Espanha viu-se cercada internacionalmente<sup>59</sup> devido à imposição ditatorial governativa de Franco. Acreditando, de facto, que a limitação abusiva da liberdade de expressão, em Portugal era uma constante, Mildred Adams, que publicou no *The New York Times* um artigo sobre as duas ditaduras, salientou « comparado com Espanha, Portugal era um paraíso.»<sup>60</sup> Demonstrava-se, desta forma, o entendimento mundial de uma e outra ditaduras. Um traço distintivo, que podemos estabelecer entre ambos regimes ditatoriais, resulta da personalidade de Salazar e Franco. O primeiro, tal como o revela Medina « cultivou um modelo público muito pouco fascista, antes interiorizado ou intimista»<sup>61</sup>, por seu

<sup>55</sup> *Op. cit.*, p. 148

<sup>56</sup> João Medina, *Dois Ditadores, Duas Ditaduras*, Cascais, 1995, p. 143

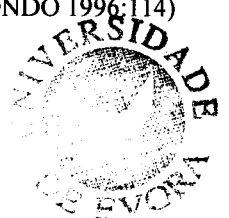
<sup>57</sup> *Op. cit.*, pp. 117, 121

<sup>58</sup> *Op. cit.*, p.283

<sup>59</sup> Cerco internacional à ditadura franquista- Os países democráticos do ocidente estabeleceram um cerco ao « regime de Franco.(...) [Em] Fevereiro de 1946, a Assembleia Geral das Nações Unidas adoptou uma resolução, nº 32 (I/I), que condenava o regime espanhol, recomendando aos seus membros que regulassem as suas relações futuras com Espanha de acordo com o espírito e a letra da Declaração de Potsdam.(..)(REDONDO 1996:114)

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 105

<sup>61</sup> *Op. cit.*, 2000, p. 235



lado Franco construiu um aspecto: « carismático e algo exibicionista»<sup>62</sup> Sobre esta opinião se manifestou o próprio *Generalísimo*<sup>63</sup> em diversas ocasiões. A propósito do regime português, de acordo com a opinião de Redondo, chegou a expressar que « apreciava o sistema que Salazar havia estruturado, coincidente em muitos aspectos com o seu próprio ideal político, ainda que lhe reprovasse uma certa debilidade de poder, inaceitável para um governo forte como o seu (...)»<sup>64</sup>

### 1.1. Anos 50 a 70, três décadas, vidas em questão.

Quando se iniciam os anos cinquenta, Portugal continua inculcado na idealização do líder governativo (Salazar). Sinais de industrialização são limitados, ideias de progresso «esquecidas». Vive-se «do povo para o povo». O mundo é Salazar e Portugal uma cruzada da ditadura. Procura-se, essencialmente a construção «de uma cultura nacional e de uma consciência histórica colectiva em que o conceito de pátria adquiria um protagonismo essencial. (...)»<sup>65</sup>

Salazar procura manter-se fiel ao seu espírito camponês, nunca deixando, como afiança Oliveira, de « permanecer um rural tímido metido consigo próprio (...)».<sup>66</sup> Essa timidez funcionou desde a chegada de Salazar ao poder como um recurso de força e ordem. Ao negar, ou pelo menos minimizar os grandes enfrentamentos com multidões, o ditador português reduzia o seu campo de acção. Habitualmente reunia-se com os seus ministros, ao final da tarde, num grupo não muito grande. Preferia a reunião «familiar» ao encontro parlamentar, talvez receoso de minimizar o seu poder. Se nos ativermos nas palavras de Helena Matos, perceberemos que Salazar, possuía a « capacidade de (...) passar do espaço da apoteose para o universo fechado da sua casa (...) [este facto] multiplica a expectativa em torno das suas intervenções e em torno da sua personalidade, (...)»<sup>67</sup>

Também Franco desenvolvia a maior parte das suas reuniões, em regime mais fechado, como expressa Tusell « El mundo en el que Franco ejercía su arbitraje (...) era (...) el de la conversación privada o de la reunión reducida.(...)»<sup>68</sup> A timidez, era uma das suas características, mas ao contrário de Salazar, nunca se afastou das grandes multidões. Líder

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 236

<sup>63</sup> Outro dos epítetos com que ficou conhecido Francisco Franco.

<sup>64</sup> *Op. cit.*, pp. 69, 75

<sup>65</sup> *Idem, ibidem*, p. 85

<sup>66</sup> *Op. cit.*, p. 69

<sup>67</sup> *Op. cit.*, p. 196

<sup>68</sup> *Op. cit.*, pp. 155-156

carismático, desde o primeiro momento, balizava todos os seus esforços na demonstração de apreço perante a «aceitação» do povo de Espanha. Pretendia a todo o custo ser popular. Ao invés, Salazar « descreia das manifestações(...) A [sua] vida política (...) é a vida de um pensador, e a acção é a do comandante de um navio, postado na ponte de comando, no meio do mar infinito (...)»<sup>69</sup>

Os anos cinquenta e sessenta serão demonstrativos do fortalecimento de ambas ditaduras ibéricas. Já se encontram erigidas as colunas dos regimes e torna-se premente revelar o poder.

Em Portugal, confirma Franco Nogueira

[Está] firmado o **mundo salazarista**, com o seu sistema de ideias, de ritos, de princípios, de reacções(...) [Aquele] aparece com o sortilégio das certezas, apresenta-se com o fascínio das respostas a interrogações e dúvidas, e preenche espaços abertos, abismos profundos. Salazar projecta uma imagem que o ultrapassa, que o transcende, que tem vida própria e independente do seu autor: não é Salazar: é a ideia que os homens se fazem de Salazar.(...) <sup>70</sup>

António de Oliveira Salazar, como certamente, Francisco Franco Bahamonde, estavam conscientes que o pós-guerra, propunha enormes alterações. Estas seriam de diverso teor, entre político, social, económico e mesmo cultural. Por essa razão, torna-se, no entendimento de ambos ditadores essencial «obscurecer» a realidade. Este obscurecimento será fatal, lamentavelmente duro e desvinculador de liberdades. Em cada um dos países fortalece-se a máquina repressiva. Pensar, ou sequer ousar ter pensamentos diversos ao legalmente instituído é motivo de tortura (ainda neste capítulo, aprofundaremos este assunto).

Alguns especialistas na ditadura franquista consideram os anos cinquenta como correspondentes ao momento alto do regime, entre eles Tusell « Nunca el franquismo estuvo tan desnudo de institucionalización como en los cincuenta. (...) [El] régimen se definía mucho más por lo que no era que por aquello en lo que consistía. La sensación de estabilidad se aprecia incluso en un terreno como el de la cultura y la educación.»<sup>71</sup>

Com setenta anos de idade, Salazar continua atento a tudo quanto o rodeia, mas « é o vulto do solitário, do que vive num ermo, do que não tem comunhão com os seres e as coisas da superfície (...) fica alheio ao mundo, para lá dos homens, acima dos acontecimentos, em paz consigo e os séculos, e com a terra antiga.(...)»<sup>72</sup>

<sup>69</sup> Manuel Maria Múrias, *Salazar*, Lisboa, s.d., p.4

<sup>70</sup> Franco Nogueira, *Op.cit.*, Barcelos, 2000, p. 287

<sup>71</sup> *Op. cit.*, pp. 253, 255-256

<sup>72</sup> *Ibidem*, pp. 60-61

Esta longevidade governativa de Salazar é considerada pelos outros países como um sinal simbólico. O ditador português « adquire o valor de um símbolo, tem o fascínio de um mito, personifica o prestígio de uma instituição antiga. (...)»<sup>73</sup>

Crente, católico assumido, quase sacerdote, Salazar crê que o seu poder depende de Deus. Questionar o seu poder será incorrer em pecado, como salienta Fernando Dacosta.<sup>74</sup>

Poucas palavras são permitidas, poucas as opiniões autorizadas. Este é o regime salazarista, vivenciado num profundo silêncio. Salazar « [pretendeu] “ disciplinar o povo pelo silêncio”, pela “invisibilidade”. É o seu nome, não a sua imagem, que se torna objecto de culto. (...) “ ele fazia calar as pessoas e a expressão da sua situação real, conduzindo-as a uma oscilação entre autojuízos extremos e opostos: não somos nada, não valem nada, e somos os melhores, somos génios e heróis.”<sup>75</sup>

Este silenciamento obtuso, desgarrado, resultaria no «*crónico atraso lusitano*»,<sup>76</sup> que transportaria os portugueses ao longo das décadas.

Em Espanha a estabilidade é obrigatoriamente assegurada. Mas mesmo assim a realidade coerciva não debelou a estruturação da mudança, como confirma Redondo «[O] franquismo tinha superado o seu momento mais difícil, solidificando-se definitivamente como forma de governo em Espanha (...) [Com a] entrada de Espanha [ e Portugal] na ONU (...) em 14 de dezembro de 1955 (...) [iniciou-se], em Espanha, fundamentalmente um progressivo e estrutural processo de modernização (...)»<sup>77</sup>

Também o silêncio era processo estratégico empregue por Franco. Como débil orador e fraco redactor de discursos, ao contrário de Salazar, o ditador espanhol « amava a ideia de que o homem é dono dos seus silêncios e escravo das suas palavras. Isto foi no ditador mais do que uma máxima quotidiana (...) era um ardil de gestão política.(...)»<sup>78</sup>

Franco, por inépcia, calava as suas ideias. Preferia ordenar, comandar, em meias palavras, do que proferir enorme discurso, pejado de conceitos intraduzíveis, certamente porque dificilmente os decifriava. A propósito João Medina refere que « [as] ideias de Franco eram(...) vagas e elementares: autoridade, religiosidade e paternalismo social (...)»<sup>79</sup>

<sup>73</sup> *Idem, ibidem*, VI, p. 243

<sup>74</sup> Fernando Dacosta, *Máscaras de Salazar*, Lisboa, 1999, p. 27

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 28

<sup>76</sup> Joaquim Vieira, *Op. cit.*, p. 23

<sup>77</sup> *Op. cit.*, pp. 151-152

<sup>78</sup> José Freire Antunes, *Os Espanhóis e Portugal*, Lisboa, 2003, p.324

<sup>79</sup> *Op. cit.*, 2000, p.242

De um autoritarismo exacerbado, profundamente excessivo, militarizado, Franco ilustrava todos os seus actos com a firmeza de um comandante. Porque também católico, nunca desligaria o poder político do seu congénere religioso.

Com os anos sessenta arrasta-se o envelhecimento dos ditadores ibéricos. A idade avançada de cada um dos governantes provocava diversas preocupações. Por um lado era premente conhecer os respectivos sucessores e por outro incitava a oposição a esgrimir a mudança. Mas nem um nem outro ditador pretende revelar quem os sucederá.

Em Portugal, no penúltimo ano da década de 60, um acontecimento irá despoletar a transformação. Salazar sofre um traumatismo craniano e Marcelo Caetano, sem outra hipótese de escolha assume a presidência interina do Conselho de Ministros. Manter-se-á, tal como expressa Vieira «a mesma descrença nos sistemas liberais, no parlamentarismo e no multipartidarismo. Mas há muito defende que o regime tem de se renovar para sobreviver. É o que vai tentar fazer sob a fórmula “evolução na continuidade” (...)»<sup>80</sup>

Rapidamente, no entanto a ideia de evolução será olvidada, mantendo-se o mesmo processo governativo salazarista. Esta atitude de fraqueza irá funcionar para a oposição como primeiro sinal de proximidade de alterações políticas.

No início da década de setenta os portugueses assistem à morte de Oliveira Salazar, o pilar da ditadura portuguesa e tudo sofrerá alterações. Pela inexistência do carácter mítico de Salazar, Caetano sabe que «não tem a sustentá-lo (...) o aval (o voto) da democracia. (...) [por isso, fora] do tempo fica, mal-amado, sem realidade, sem futuro.(...)»<sup>81</sup>

Sem Salazar, Portugal era irremediavelmente outro país. A morte do ditador português deixou um vazio « (...) [perdera-se] a grande arte do silêncio(...)»<sup>82</sup> Com a sua partida pôde-se saborear, ainda que por breves instantes a Liberdade. Dizemos por pouco tempo, porque a estrutura opressiva se manteve, sob outra nomenclatura, mas com a mesma voracidade.

Na vizinha Espanha a decadência pessoal de Franco, associada à sua doença de Parkinson, é notória. O poder torna-se ineficaz, como confirma Tusell « (...) [La] senilidad de Franco coincidía con la modificación esencial de la sociedad española en un sentido que además era directamente contrario a lo que su régimen significaba. (...)»<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> *Op. cit.*, p. 187

<sup>81</sup> Fernando Dacosta, *Nascido no Estado Novo*, 2001, pp. 25-26

<sup>82</sup> *Idem, ibidem*, p. 63

<sup>83</sup> *Op. cit.*, p. 156

O poder puramente autocrático sofria expressivas alterações, prenunciando a próxima Democracia. A tolerância alargava-se e a « imagen de Franco en estos momentos bordea el patetismo y el ridículo(...)»<sup>84</sup>

Certamente consciente da prenhe reestruturação política, ainda assim, Franco, não deixava de fingir, como nos revela Payne « estar tranquilo e impasible (...) [mas, cada] vez estaba más agitado (...) A pesar del cansancio, la edad y la tristeza, Franco no se dejó abatir mientras tuvo aliento.»<sup>85</sup>

A mudança, profundamente desejada, impôs-se a Portugal no dia 25 de Abril do ano de 1974. Construiu-se a partir daquele momento uma nova História, sem vacuidade existencial, livre, sobretudo. Concluídos os anos de censura, era pujante a alegria, simbolizada pelas flores que se distribuíam pelos militares, estendendo-se a toda a população que os aclamava. A revolução que se operou foi de cariz totalmente pacífico, ao ritmo de paz, expressa na cor branca dos cravos e amor. Ninguém tinha receio de contestar a autoridade e, revela Viera: « o poder disputa-se na rua, a liberdade impõe-se como direito natural.(...)»<sup>86</sup>

Ecos de movimento libertador sobressaem no país vizinho e acutilam o regime instituído. Definitivamente se torna necessária a quebra de um mundo coercivo, profundamente intolerante. Basta um ano para a luz expressiva da Liberdade se espriar por toda a Espanha. Com a morte de Franco, em 1975, verifica-se a transferência de regime e a democratização plena se prepara.

Os anos finais da década de 70 ficariam conhecidos como momentos de democracia em construção, em quase total liberdade, apesar dos muitos desmandos e abusos de poder, que todos conhecemos.

Entre 1976 e 1978, em Portugal e Espanha, respectivamente, observa-se a constituição de novos governos democráticos. A ânsia de poder revelar-se-á lesiva, ainda assim, porque mesmo democratas, não afastam a possibilidade de castigo, a todos quantos se considerassem partidários do antigo regime. Muitos presos, algumas morte inúteis se prefiguram. A construção de uma vida pelo respeito da Liberdade, da Igualdade e não violenta, era premente, no dealbar de uma nova década, que se tornaria expressiva de mudança.

---

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 260

<sup>85</sup> *Op. cit.*, p. 645

<sup>86</sup> *Op. cit.*, p. 23

## 2. Mulher/ Mulher-Poeta em regimes autocráticos.

No ponto anterior expressou-se a caracterização psicológica e factual de ambos ditadores ibéricos (Salazar e Franco), na pretensão de neste momento permitir visualizar, com maior rigor o seu modo governativo, no que respeita à mulher. Convém salientar que esta assume destaque considerável no regime ditatorial, quase como porta-bandeira de uma época. Mas, ao contrário do que se possa pensar, a «atenção» prestada ao sexo feminino resulta de uma intenção pouco meritória, como veremos de seguida. Igualdade é palavra vã se nos reportarmos ao ambiente social do século XX, especificamente entre os anos 50 e 70, que correspondem a parte dos dois longos regimes de ditadura ibéricos. Esta forma de governo, como previamente referido, não desenvolveu qualquer espécie de esforço perante a figura feminina, antes buscou imiscuí-la, numa tentativa de apoio vital, à vitória do homem, em todos os sectores da sociedade.

Durante séculos ser mulher era idêntico a segunda voz, ou mesmo silêncio profundo, como comprova Maria Besse « (...) [Durante] séculos as mulheres foram culturalmente reduzidas ao silêncio, ocupando um lugar de espectadoras (...)»<sup>87</sup>

Difícilmente se ouviam opiniões femininas, por mais correctas e rigorosas que as mesmas fossem. O hábito do filho varão, na linha sucessória persistia, e a mulher continuava sujeita ao trabalho de puericultura, bordados e préstimos culinários. Por esta razão, e atendendo às palavras de Lipovetsky « [A] mulher estava subordinada ao homem, era pensada por ele, definida em relação a ele. Ela não era mais do que aquilo que o homem pretendia que ela fosse.(...)»<sup>88</sup>

O principal destino da mulher seria o casamento, onde ela funcionava como mera cláusula contratual.

Só com o surgir do século XX a modificação de hábitos, secularmente arreigados, teve o seu início. Como era entendida a vivência feminina, no século supracitado, nos regimes salazarista e franquista é o que passaremos a desenvolver.

<sup>87</sup> Maria Graciete Besse, *Percursos no Feminino*, Lisboa, 2001, p.12

<sup>88</sup> Gilles Lipovetsky, *A Terceira mulher. Permanência e revolução do feminino*, Lisboa, 2000, p. 232



## 2.1. A mulher portuguesa busca libertar-se do jugo masculino

Em Portugal a novidade da luta feminina pelo direito de voto, teve pouca expressão, principalmente porque os regimes políticos ibéricos, ainda não estavam estabilizados, no início do século. Em 1910 a Monarquia fora suplantada pela República. Mas com a entrada de Portugal na 1ª Grande Guerra tornou-se obrigatória a mobilização masculina e a mulher uma vez mais viu-se na eminência de assumir o papel de sustentáculo, de apoio, na retaguarda. Concluído o enfrentamento bélico, com perdas humanas a lamentar, ainda não estavam criadas as condições para a assunção de mudança. Mais difícil se tornou sequer pensar em transformar a sociedade portuguesa, numa pretensão de liberdade, após a aceitação de chefia do governo, por parte de Oliveira Salazar em 1933, considerando os anos de 1926 até então, como preparativos do regime ditatorial mais longo da Europa.

Conforme nos reporta Ana Vicente «A ideologia do regime português colocava a mulher num plano à parte. A mulher era sinónimo de esposa (...) de mãe de família, criadora e educadora da prole, governanta do mundo doméstico, digna de respeito e consideração, símbolo de abnegação, sacrifício e dedicação; de virtude (...) precisamente porque era mulher. Não tinha identidade própria»<sup>89</sup>

Subjugada ao poder do homem, aos seus interesses mais íntimos, a mulher continuava sem possibilidade de erguer a sua bandeira, de relativizar a sua distância face à figura masculina.

Contudo não se pense que a vivência da mulher portuguesa era profundamente distinta da congénere, noutros países igualmente autocráticos. A similitude era notória, como afiança Vanda Gorjão

Embora em graus e modalidades diferentes, tanto no Estado Novo, como na Espanha franquista, na Itália fascista e na Alemanha nacional-socialista, (...) a condição da mulher [nunca se associou a] uma “questão feminina” específica. (...) [Aqueles regimes subsumiam] a questão das mulheres numa política relativa à família e à imposição de um modelo de sociedade. Socialmente a mulher existia não como “um elemento interveniente na coisa pública, mas como um elemento da família”<sup>90</sup>

Como elo familiar, era função específica da mulher contribuir para o bem de um conjunto, onde o ser-homem assumia pleno destaque.

Para além de permitir a harmonização do lar, a mulher viria a funcionar em todos os regimes ditatoriais como elemento estratégico « de consolidação do sistema e [da] coesão do

<sup>89</sup> Ana Vicente, *Portugal Visto pela Espanha. Correspondência Diplomática 1939-1960*, Lisboa, 1992, p. 168

<sup>90</sup> Vanda Gorjão, *Mulheres em tempos sombrios, oposição feminina ao Estado Novo*, Lisboa, 2002, p. 72

tecido social.(...)»<sup>91</sup> Dependia do ser-mulher o entendimento interno e externo do « mundo ditatorial». Seria através da figura feminina que se operaria, de acordo com as palavras de Salazar, a « “revolução mental e moral” urgente “ aos portugueses de hoje e a uma cuidadosa preparação dos portugueses de amanhã” (...)»<sup>92</sup> Neste sentido, o valor da mulher relacionava-se com a boa prossecução dos desígnios de Portugal, geridos por Salazar. Facilmente seríamos levados a acreditar no papel exponencial da figura feminina e na sua importância durante a ditadura, nada mais errado. Se a mulher se «refugiava» em casa, por uma quase imposição legal, então a intervenção no exterior não dependeria da mesma, mas do homem, especificamente quando casada. O próprio ditador português estabeleceu diferenciação entre as mulheres solteiras ou casadas, por correspondência aos seus papéis na sociedade de então. Em entrevista a António Ferro,<sup>93</sup> Salazar salientaria:

À mulher solteira (...) acho que devem ser dadas todas as facilidades legais para prover ao seu sustento e ao sustento dos seus [caso vivesse com os pais, sem rendimentos directos]. Mas [a] mulher casada, (...) é uma coluna da família, base indispensável duma obra de reconstrução moral. Dentro do lar (...) a mulher não é uma escrava (...) [Porque] a sua função de mãe, de educadora dos seus filhos, não é inferior à do homem. (...) Deixemos (...) a mulher a [defender a vida], a trazê-la nos seus braços, no interior da casa. (...) [Em casa] é a mulher quem manda efectivamente. É ela o chefe moral da família...<sup>94</sup>

Todo este discurso permite entender a verdadeira intencionalidade de Oliveira Salazar. Impunha à mulher a orientação de uma divisa, que o acompanharia até ao final dos seus dias “ Deus, Pátria e Família”. Como católica a mulher orientava os seus filhos, no respeito pelo país, incitando-os a prosseguir os deveres impostos pelo regime.

Perante a possibilidade de a mulher escolher uma carreira profissional, um conjunto de restrições lhe seriam apresentadas, na intenção de a fazer reflectir sobre o seu «principal» papel na sociedade patriarcal, em vigor. De entre os vários discursos de Salazar, um se distingue, pela peremptória afirmação « “ O trabalho da mulher fora do lar desagrega este, separa os membros da família, torna-os estranhos.” (...) “ à mulher compete tornar a casa atraente e acolhedora, prestar ao marido a deferência e submissão, como chefe de família.”»<sup>95</sup> Ficava, pois, definida a função específica da mulher portuguesa: ser mãe, educar os filhos no respeito da ordem e do país e ser, sobretudo submissa ao marido. Estabelecia-se, de imediato, a sua inferioridade. A respeito desta premissa afiança Ana Vicente:« (...) Quiseram-nos [ a

<sup>91</sup> Helena Neves e Maria Calado, *O Estado Novo e as mulheres. O género como investimento ideológico e de mobilização*, Lisboa, 2001, p. 7

<sup>92</sup> *Idem*, pp. 7-8

<sup>93</sup> António Ferro- Émile Schreiber, autor de *Le Portugal de Salazar*, intitulou António Ferro, ministro do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), o Goebbels português. Jacinto Baptista afiança que, no entanto: « Ferro era, com certeza, um anjo comparado com a sinistra figura nazi (...)» (MEDINA 2001: 66)

<sup>94</sup> António Ferro, *Op. cit.*, Lisboa, 2003, pp.90-91

<sup>95</sup> Inês Neves e Sónia Dias, « Dia Internacional da Mulher», *Correio Mulher*, 19-02-2004, pp.26,28

nós mulheres] fazer crer que éramos vítimas “naturais”- vítimas da natureza (...) inferiores (...)»<sup>96</sup>

Mas para além do contributo familiar, a mulher portuguesa também seria integrada na política de Salazar. Para o efeito criaram-se várias organizações femininas, dentre as quais destacamos a OMEN<sup>97</sup> e a MPF<sup>98</sup>, por nos parecerem as mais representativas dos ideais expressos pelo Estado Novo. Mas não esquecemos que as mulheres, apesar da obrigatoriedade de respeito, nem todas eram favoráveis ao regime. Por essa razão ousaram agrupar-se em núcleos organizativos de oposição à ditadura. Diferenciamos, a propósito, o CNMP<sup>99</sup> e a AFPP<sup>100</sup>, duas organizações que procuraram libertar a mulher do jugo ditatorial, incitando-as a mudar os costumes enraizados.

Contudo apesar da existência de diversas de organizações femininas pró e contra regime « (...) o poder que tiveram foi pouco mais que insignificante.(...)»<sup>101</sup>, de acordo com as palavras de Gorjão. Acresce salientar que as mulheres, mesmo organizadas, tinham dificuldade em exprimir as suas ideias, única e exclusivamente pelo factor «desviante» do seu sexo.

Salazar procurou, como nos assegura Helena Neves « (...) Desde a origem [ do seu regime, enquadrar as] mulheres na obra patriótica de redenção e regeneração do país (...) culturalmente mais vulneráveis ao mando, à submissão, à vontade de senhores e de Deus, em síntese, mais instrumentalizáveis pelo conservadorismo, as mulheres seriam agentes poderosos na passagem dos valores pretensamente intemporais, intocáveis que o Estado Novo se advogava de representar.(...)»<sup>102</sup>

As mulheres portuguesas eram consideradas meros instrumentos, ao sabor das vontades masculinas, e nesse sentido, mais facilmente manipuláveis.

<sup>96</sup> Ana Vicente, *Os poderes das mulheres, os poderes dos homens*, Lisboa, 2002, p. 15

<sup>97</sup> Obra das Mães pela educação Nacional: « oficialmente criada em 15 de Agosto [de 1936], pelo Decreto- Lei nº 26 893. (...) Segundo os estatutos de 1936, cabia à OMEN “estimular a acção educativa da Família”, “assegurar a cooperação entre esta e a Escola, e “ preparar melhor as gerações femininas para os seus futuros deveres maternos, domésticos e sociais”, (...)»(PIMENTEL 2001: 95, 123)

<sup>98</sup> Mocidade Portuguesa Feminina- Esta « organização propunha-se formar os seus “membros adolescentes e juvenis nos exercícios do corpo e na preparação de serviços milicianos” e transmitir-lhes o “ amor pela Pátria, da sua história e da sua missão na humanidade (...), os princípios da família, da autoridade, ordem e propriedade (...) e a disposição de bem servir a nação (...)»(ibidem: 196)

<sup>99</sup> Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas: « Fundado pela médica Adelaide Cabete (25.1.1867-14.8.1935) (...) [ propunha-se] lutar pelo “ melhoramento das condições materiais e morais da mulher, especialmente da proletária”, pela “ remuneração equitativa do trabalho” e pela “ protecção à criança”( idem, ibidem :114)

<sup>100</sup> Associação Feminina Portuguesa para a Paz- « criada provavelmente sob impulso do Partido Comunista Português (PCP), em 1936, em pleno período da guerra civil espanhola para apoiar, discreta e clandestinamente, os republicanos espanhóis.»(idem, ibidem :117)

<sup>101</sup> *Op. cit.*, p. 107

<sup>102</sup> *Op. cit.*, p. 32

## 2.2 Mulheres espanholas no caminho da libertação...

Podemos associar, com relativa segurança, quase tudo quanto se expressou no ponto anterior sobre a figura feminina portuguesa, com a mulher espanhola. Contudo vários são os aspectos que as distinguem. Em primeiro lugar, condicionadas por anos de Guerra Civil (1936-1939), as mulheres de Espanha funcionaram como suporte directo da figura masculina, obrigatoriamente arregimentada para a guerra. Para além de auxiliarem na retaguarda, também tiveram papel activo na mesma, perecendo, quando pertencentes, especificamente, ao Partido Comunista Espanhol (PCE). A morte das mulheres comunistas espanholas, mesmo não filiadas, e apenas contrárias ao regime, surgiu, quase sempre, após meses de tortura física e psicológica, nas prisões femininas da «era franquista». Sobre este assunto elucida-nos Fernando Holgado « (...) [Las] mujeres encarceladas por el franquismo sufrieron un doble proceso de exclusión social, en tanto presas y en tanto mujeres, lo cual las descartó a su vez como objetos de historia (...)»<sup>103</sup> Esquecidas em prisões, parcas de higiene e habitabilidade, ficaram muitas mulheres espanholas.

Quanto ao sector feminino favorável ao regime várias atitudes se manifestaram. Relativamente ao processo de estudo, expressa Fontana « [La] política educativa oficial canalizó la formación de la mujer hacia los niveles de enseñanza primaria y media profesional, a la vez que sutilmente obstaculizaba su acceso al bachillerato universitario y de ahí a la Universidad. Pues para desarrollar las tareas del hogar, la formación en esos niveles se consideraba suficiente;»<sup>104</sup>

Era similar a função das mulheres espanholas e portuguesas: casar, procriar e manter com ordem o seu lar, submetendo-se sem queixumes aos valores masculinos.

Francisco Franco decretou, em plena Guerra Civil, a libertação da « “(...) mulher casada da oficina e do trabalho”, “ libertação acompanhada por prémios à maternidade e pela interdição das profissões liberais (...)»<sup>105</sup> A mulher continuava instrumentalizada e sem voz própria. O regime ditatorial espanhol condicionava os seus esforços de carreira. Seria dever feminino remeter-se ao trabalho doméstico e aceitá-lo abnegadamente. E não lhes bastava a dor da indiferença, pois : « (...)As mulheres terão também conhecido essa sujeição que lhes é própria: ser culpada de ser mulher, viúva ou mãe de um “vencido”. Num espaço de dez

<sup>103</sup> Fernando Hernández Holgado, *Mujeres encarceladas. La prisión de Ventas: de la República al Franquismo, 1931-1941*, Madrid, 2003, p. 19

<sup>104</sup> *Op. cit.*, p. 220

<sup>105</sup> Georges Duby e Michelle Perrot, *História das Mulheres. O século XX*, Porto, 1995, pp. 236-237

anos[cerca de 1939 a 1949], as mulheres espanholas parecem ter percorrido o caminho de várias gerações e conhecido quase repentinamente experiências contraditórias <sup>106</sup>

A sociedade espanhola a par da portuguesa, era profundamente patriarcal. Por essa razão é perceptível a opinião de Helena Neves, quando assegura que « (...) [toda] a sociedade classicista e patriarcal instituiu a discriminação da mulher em nome de uma natureza biológica, definidora do seu ser.(...)»<sup>107</sup>

Discriminada, mero instrumento, habitualmente torturada a mulher espanhola ainda assim recusava-se a desistir. Como se tornava necessário potenciar a sua força natural, desenvolveram-se esforços organizativos em Espanha, durante o processo de ditadura. Arregimentaram-se as mulheres em organizações políticas. Distinguímos a SF,<sup>108</sup> que viria a assumir esta nomenclatura, depois da Falange ter esclarecido, opina Irene Pimentel «que não desejava o ingresso de mulheres no seu seio nem a existência de uma organização feminina autónoma, e ordenou que estas integrassem o Sindicato Español Universitario (SEU).(...)»<sup>109</sup>

### 2.3. A mulher-poeta em Portugal e Espanha- vivências comparáveis

A condição feminina ibérica, em período de ditadura, como pudemos observar, ficou liminarmente tutelada pela imposição patriarcal e por consequência quase em definitivo impedida de se tornar evidente. Ao restar para a mulher o âmbito interno do espaço doméstico, com dificuldade poderia assumir um grito de libertação. Mas ainda assim algumas entre as muitas mulheres ousaram revelar-se perante a sociedade, de um modo específico e muito incisivo. Silenciadas as suas vozes por normativas coercivas, buscaram estratégias para ultrapassar as limitações impostas. Iniciaram um processo introspectivo de busca em si mesmas da resposta mais eficaz para afrontar o regime autoritário. Ousaram, simultaneamente, caminhar em estreito corredor de opressão e lançar as sementes da nova actividade, que julgaram essencial: realçar sentimentos torturados de modo criativo, pela escrita. Fizeram-no conscientes dos obstáculos diários, que se viram obrigadas a ultrapassar, entre os quais toda uma máquina censória, extremamente limitativa do desejo de liberdade. Continuaram, porém, sem nunca desistir do seu principal objectivo: revelar-se perante a

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 238

<sup>107</sup> *Op. cit.*, p. 23

<sup>108</sup> Sección Feminina de la Falange Española- Esta organização: « nasceu no seio da Falange Española Tradicionalista (FET) criada por José Antonio Primo de Rivera em Outubro de 1933, e desenvolveu-se depois no contexto da guerra civil, (...)»(PIMENTEL 2001: 142)

<sup>109</sup> *Op. cit.*, p. 142

sociedade masculinizada, demonstrando a sua capacidade de unir esforços e conciliar em unidade a sua ambição de construir um mundo melhor, não reduzido ao poder discriminatório de uma única autoridade política.

As mulheres cuja vivência se processou em sociedades ditatoriais e no caso presente no espaço peninsular, sentiam-se impelidas para a mudança do processo histórico, não aceite pela maioria. Por descontentamento com tudo quanto as rodeava decidiram lançar-se numa batalha contra adversidade. As suas armas foram papel e lápis e o seu campo de acção a folha em branco, desejosa de sentir brotar em si mesma palavras pungentes de libertação. Constituíram-se em mulheres escritoras e perfumaram os ares dificilmente respiráveis, com as suas palavras duras, incisivas, críticas, por vezes irónicas e sarcásticas, mas sempre poderosas. Escolheram todos os géneros literários para modelar a sua sede de lógica alteração do modelo político, que consideraram caduco.

Como mulheres e simultaneamente utilizadoras da palavra escrita sentiram-se fortalecidas para a realização de textos de maior ou menor provocação, onde a certeza de refutar a incúria ditatorial era uma constante. Ao tornarem-se escritoras, claro que nem todas as mulheres da Península Ibérica o foram, sentiram-se predestinadas para assumir a voz da maioria e nesse sentido se dispuseram a ser a bandeira içada em proveito da mudança, longamente ambicionada.

Em Portugal, no género narrativo, distinguiram-se diversos nomes de mulheres escritoras, entre as quais destacamos Fernanda Botelho que assume « (...) a rebeldia de certa juventude universitária do após-guerra [2ª Grande Guerra], (...) [especificamente nos] seus dois primeiros romances (*Ângulo Raso*, 1957(...) *Calendário Privado*, 1958 (...)) assinalam o balanço cada vez mais lúcido de uma vida estéril (...)».<sup>110</sup> Outro nome de importância na escrita da época foi Maria Judite de Carvalho, principalmente com os contos « (...) *Tanta Gente*, *Mariana*, 1959 (...) *As Palavras Poupadas*, 1961 (...) *Os Armários Vazios*, 1966(...) cuja mestria chega a captar aqueles momentos de infável desespero que apenas se definem pela entoação audível de uma frase, ou por um gesto aparentemente sem sentido.(...)».<sup>111</sup> Nos textos de ficção e crónicas de Maria Ondina Braga observamos « (...) uma densa experiência, não apenas de uma vida difícil de mulher amadurecida ao contacto de civilizações diferentes, como a percepção fina de certos conflitos íntimos (*A China fica ao lado*, c., 1968 (...) *estátua de Sal* (...) 1969 (...))».<sup>112</sup> Devemos à escritora supracitada vários estudos sobre a mulher, na

<sup>110</sup> António José Saraiva, Óscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 1989, p. 1166

<sup>111</sup> *Idem*, p. 1167

<sup>112</sup> *Idem*, p.1168

sua especificidade de escritora, entre os quais *Mulheres Escritoras* (1980). Um outro nome merecedor de citação é Irene Lisboa, que viria a reagir contra « (...) uma desolada situação da mulher culta e livre num atrasado meio provinciano; e consegue vencer a solidão graças a uma convivência aberta a gente simples da rua, escada de serviço, oficina, construção civil, etc., cujos problemas, filosofia, afectividade e pitoresco apreende fielmente, num estilo transparente em que se integra o próprio linguajar do povo (...) [destacam-se as obras:] *O Pouco e o Muito*, 1956; *Título Qualquer Serve*, 1958(...)».<sup>113</sup> Quatro escritoras portuguesas de assumido valor numa envolvente notável de criação, com papel marcante no decurso da vida portuguesa feminina da época.

Relativamente ao género narrativo em Espanha é-nos possível referenciar vários nomes femininos. Começamos por Ana María Matute e especificamente na obra *Primera Memoria* (1959), onde nos relata o peso da Guerra Civil (1936-1939) para: (...) una adolescente atrapada a la fuerza en la casa de su abuela en un pueblo aislado de Mallorca que unos veintitrés años después [1959], al haber cambiado muchas cosas en España, se convirtió en escritora para narrar la experiencia de su adolescencia vivida durante los comienzos de la guerra civil de 1936. (...)».<sup>114</sup> Seguimos com Carmen Kurtz em duas obras importantes: *El Desconocido* (1956) e *Detrás de la Piedra* (1958), cujo: « (...) interés testimonial se acentuaba con la muy crítica visión que de la España de 1947 proporcionaba la novelista.(...)».<sup>115</sup> Carmen Martín Gaité distinguiu-se, de igual modo, como crítica do regime instituído em Espanha. Podemos salientar, a propósito, a obra *El Cuarto de Atrás* (1978) onde se realiza a: « (...) recapitulación de una vida al filo del medio siglo y al acabar la era de Franco ( perfectamente definido en el capítulo IV), (...)».<sup>116</sup>

No conjunto da produção ibérica as escritoras espanholas e portuguesas que distinguimos, no campo narrativo, foram exemplo concreto de persistência na acusação da incúria do regime ditatorial de ambos países.

A par dos textos narrativos surgem as obras teatrais, com enorme acutilância crítica e anti-regime. Revela-se, em Portugal, Fiamma Hasse Pais Brandão, ao enveredar: « (...) pela dramaturgia, onde manifesta preocupações de intervenção social e de questionação ontológica (...) A sua peça *Os Chapéus de Chuva* [1961] foi distinguida com o “ Prémio Revelação de Teatro da Sociedade Portuguesa de Escritores. (...)».<sup>117</sup> Alguns anos antes Natália Correia,

<sup>113</sup> *Idem*, p. 1097

<sup>114</sup> Francisco Rico, Santos Sanz Villanueva, *Historia y Crítica de la Literatura Española*, 1999, pp. 469/470

<sup>115</sup> Óscar Barrero Pérez, *Historia de la Literatura Española Contemporánea 1939-1990*, 1992, p. 150

<sup>116</sup> Francisco Rico, *Op. cit.*, p. 526

<sup>117</sup> Fernanda Frazão, *Pequeno Dicionário de Autores*, 1983, p. 55

em conjunto com Manuel de Lima, haviam lançado *Sucubrina ou a Teoria do Chapéu* e em 1965 surgia *O Homúnculo*, apenas da autoria de Natália Correia, um verdadeiro jogo de máscara representativo da figura real de Oliveira Salazar, e como se poderia esperar alvo de censura imediata.

Para além de ficcionistas de crítica incisiva, em Espanha iriam distinguir-se alguns nomes, no âmbito teatral. Referenciamos a título de exemplo, Ana Diosdado, com *Olvida los Tambores* (1970), a funcionar como: « (...) una obra precisamente destinada a poner de relieve la aparición de unos jóvenes que entienden la vida com criterios distintos de los seguidos por sus progenitores(...)».<sup>118</sup> Demonstra-se a exigência de alteração da orgânica social, manipuladora de vontades e em simultâneo conservadora, ao invés das pretensões de modernidade preconizada pela juventude que desponta por aqueles dias, numa potente voz de introspecção, próxima da poesia.

Pela poesia, na e com a sua envolvente se distinguiram nomes notáveis na vida literária feminina portuguesa e espanhola. Por nos termos proposto conceder maior destaque ao género poético, no decurso deste trabalho, ao considerarmos relevante a matéria escrita a ele inerente e em simultâneo à sua autoria, em período de ditadura, passaremos de seguida à referência de algumas escritoras ibéricas com obra poética referencial.

Sophia de Mello Breyner Andresen, em obituário recente, legou-nos um amplo conjunto de poesias, em obra própria ou inclusas nos *Cadernos de Poesia* (1951-1953), revelando um: « (...) mundo poético depurado, em que as imagens se organizam segundo as suas próprias forças de coesão em clássico equilíbrio(...) ».<sup>119</sup> De uma extensa obra referenciamos: *No Tempo Dividido* (1954); *Mar Novo*(1958) e *Livro Sexto*(1962), por nos parecerem textos marcantes no conjunto poético de autoria feminina portuguesa, ao potenciar a forma escrita na sua plenitude e busca do elemento original e único.

Outro nome de referência foi Natália Correia com uma obra poética perfeitamente crítica face ao regime ditatorial instituído em Portugal e sobre a qual nos debruçaremos, no capítulo II deste trabalho, dado que foi seleccionada em conjunto com Carmen Conde, escritora espanhola, para estudo comparatista. Destacamos neste momento os livros natalianos: *Dimensão Encontrada* (1957); *Passaporte* (1958); *Cântico do País Emerso*(1961) e *Poemas a Rebate* (1975), pois todas elas nos permitem estabelecer uma visualização quase real da época salazarista, ao demarcar a força inibidora dos elementos censórios, em palavras sarcásticas e direccionadas para um alvo concreto: o regime ditatorial.

<sup>118</sup> Óscar Barrero Pérez, *Op. cit.*, p. 245

<sup>119</sup> António José Saraiva, *Op. cit.*, p. 1121



Em Espanha no espaço poético algumas vozes femininas se fizeram ouvir. Ángela Figuera com *Mujer de Barro* (1940); *Vencida por el ángel* (1950) e *Los Días Duros* (1953) que: « (...) viene a ser una autocrítica para con sus primeros versos(...) La crítica a la pasividad y la indiferencia ante los graves problemas del hombre (...) y la toma de conciencia de la situación histórica de la mujer, son algunos de los temas desarrollados (...)». <sup>120</sup> Por sua parte Carmen Conde sofredora, reflexiva e hábil literata, apresenta-nos uma ampla obra poética. Considera-se que: « (...) Carmen conde (1907-1996) es la primera poetisa que retoma el pulso de la poesía femenina en la posguerra.(...) Pero su verdadera confirmación, dentro de una temática femenina, no se dará hasta *Mujer sin Éden* (1947), donde culmina una evolución que de la vanguardia le lleva a la poesía meditativa y a la interiorización.(...)». <sup>121</sup> Sente-se, igualmente, como a mulher: « (...) vive doblemente la desorientación y la deriva de su época.(...) Su mundo interior trastabilla y se deshace al repasar su historia, su destino y su sentido vital. (...)». <sup>122</sup> Pela inquietude e desalento revelados se percebe a necessária busca de identidade da figura feminina. A escrita: « (...) se ha convertido en la búsqueda de la identidad. La poesía de estos años pertenece a su momento, pero no se confunde con él. El tono de su queja, de su angustia, de su humillación o de su afirmación no se disuelve entre las generalidades de una época. (...)». <sup>123</sup>

Seres inquietos, em reflexão íntima constante, as mulheres-poetas constroem um caminho de vitórias e perdas imerecidas, ao longo de décadas, no século XX. Desempenham um papel tutelar, muitas vezes incompreendidas, por serem consideradas emotivas, sentimentalistas, pelo uso do género poético, ainda referenciado em segundo plano pelas figuras patriarcais conservadoras. Pelo contrário, surgir na sociedade da época como mulher, escritora e sobretudo poeta foi um acto audaz e ousado. A propósito Natália Correia expressa: « (...) a poesia [encontra-se] ligada aos momentos mais importantes da vida colectiva e individual. (...)». <sup>124</sup> Nesse sentido criar textos poéticos é uma mais valia, se entendermos, ainda nas palavras da autora: « (...) O signo do poeta é o da liberdade, leia-se libertação. Ele aparece livremente no mundo para libertar. É um homem muito novo que nasce num mundo muito velho. (...) Ele é quem vem criar fórmulas, impô-las, espantar, violentar a crítica.(...)». <sup>125</sup> Os escritores e em especial as mulheres utilizadoras de escrita, sobretudo poética, contrárias ao regime político ditatorial, balizaram-se numa ânsia de mudança, para

<sup>120</sup> Óscar Barrero Pérez, *Op. cit.*, p. 129

<sup>121</sup> Francisco Rico, *Op. cit.*, p. 80

<sup>122</sup> *Idem*, p. 204

<sup>123</sup> *Idem*, p. 206

<sup>124</sup> Antónia Sousa, et. al., *Entrevistas a Natália Correia*, 2004, p. 23

<sup>125</sup> *Idem*, p. 33

alcançar a ambicionada queda da coerção abusiva e com ela o concretizar do sonho em plena liberdade. A poesia, com palavras de duplo sentido, na maioria das vezes, foi um género literário dificilmente considerado, quase sempre por não ser entendido. Como acto solitário, segundo opina Natália Correia: « (...) Pois a poesia é isso mesmo: o homem sozinho. Sozinho de excessivamente solidário a começar a História.(...)».<sup>126</sup> O poeta é um elemento fulcral no desenrolar histórico de um país, ao potenciar em pequenos textos bases ideológicas liminares, essencialmente de ruptura com a ideologia política ditatorial. Ainda Natália Correia salienta: « (...) [A] poesia é isso mesmo: uma força que se desprende do poeta, que se torna autónoma e procura as trevas, não por amor das trevas, mas para as iluminar.(...)».<sup>127</sup>

Através da poesia concebe-se um núcleo de produção, pleno de luz, ou seja liberto. A o ser mulher e poeta em simultâneo Natália Correia foi uma: « (...) agente de cultura, pessoa convivente e por tudo interessada, exerceu uma influência muito maior- e mais profunda- na sociedade do seu tempo do que uma visão superficial nos faria supor.(...)»<sup>128</sup>

Também Carmen Conde se viria a revelar em extremo na poesia, sentindo-se brotar dos seus textos uma dor profunda, gerada pela Guerra Civil de Espanha e pela inerente injustiça, concretizada pelo regime político de Francisco Franco. As palavras, no formato escrito, viriam a tornar-se num acto libertador, como de resto comprova a própria escritora: « (...) “ Me entregué a una obra que intuía áspera en sus comienzos, con ascetismo. Liberé mi pluma de cuanto, por anticipado estimaba grato, gracioso musical y fácil. Mi honrada vocación, enfocada a una conquista limpia, quería ser estimada- en principio- por sí...” (...) “ Nunca he admitido que toda la Poesía pueda ser encerrada en ésta o en la otra fórmula(...)” (...) Carmen Conde es radical, profunda, vitalmente poeta.(...)»<sup>129</sup> Ao designar a escrita como vocação, Carmen Conde reforça a sua ideia de reconhecimento para um acto de solidão, potenciado na atitude reflexiva inicial e consciente do seu papel de precursora na escrita poética feminina espanhola do século XX: « (...) “ A partir de mi obra, la poesía de la mujer española ha encontrado mejor camino para expresarse...”(...)»<sup>130</sup> Enformava-se a vivência das mulheres espartilhadas por períodos de amargura e limitação masculina. Era essencial movimentar a alma , configurada em palavras tenazes e únicas, porque impolutas, mas duráveis, num tempo pretensamente breve, em lapso histórico de autoridade.

<sup>126</sup> *Idem*, p. 88

<sup>127</sup> *Idem*, p. 101

<sup>128</sup> Ângela Almeida, *Retrato de Natália*, 1994, p. 6

<sup>129</sup> Leopoldo de Luís, *Carmen Conde*, 1982, p. 17

<sup>130</sup> Carmen Conde, *Brocal y poemas a María*, 1984, p. 4

Natália Correia referencia num artigo da série «*O Poeta e o mundo*», no *Diário de Notícias* de 17 de Outubro de 1968: « (...) Eis porque a situação epocal do poeta é sempre litigiosa pois que o seu conflito com a época releva da sua impaciência por actualizar um futuro melhor numa permanente homenagem ao homem que é disciplina absoluta do poeta.(...) »<sup>131</sup> A partir da opinião da autora mobilizamos a nossa crença na associabilidade estreita entre as convicções da mulher-poeta e a sociedade e regime políticos que lhes são inerentes. Desse modo a poesia funciona como escape à realidade redutora. Natália Correia salienta em *Não percas a Rosa. Diário e Algo Mais ( 25 de Abril de 1974- 20 de Dezembro de 1975)* « (...) Autotransporta-me a minha indignação. Sempre acabei por cultivar a arte de ver as coisas à distância (...)»<sup>132</sup> Situando-se em ponto aparentemente afastado a escritora sente-se menos limitada e pode exprimir os seus sentimentos mais recônditos, com imparcialidade.

O mesmo intuito de escuta, observação e escrita do espaço envolvente é encarnado por Carmen conde, numa poesia que: « (...) se pone en contacto com el mundo que le rodea y com las fuerzas vitales que la impulsan,(...)».<sup>133</sup>

Um conjunto de impulsos incitam a escrita poética nataliana e condiana, na sua busca constante do mundo novo, sem restrições abusivas a uma vida que se pretende livre, para proporcionar a idealização de uma ambiência autoral feminina.

### **3. A questão da censura no âmbito literário: Península Ibérica ( anos 50 a finais dos anos 70 do Século XX).**

Associa-se a todos os regimes autocráticos o modo opressivo e a notória limitação de liberdades. Também em Portugal e Espanha os processos de coacção assumiram especial destaque.

Procedemos, no imediato, a uma explanação concreta das principais condicionantes que rodearam os governos ditatoriais intitulados: Salazarismo e Franquismo, irremediavelmente associados aos seus mentores, Salazar e Franco, respectivamente.

Em Portugal, confirma João Medina « (...) O salazarismo foi um regime autoritário, anti-liberal e anti-socialista, visceralmente conservador e tradicionalista, católico e ruralista,

<sup>131</sup> Maria Teresa Gomes Paula Santos, *Natália Correia- poeta romântico*, 1995, p. 15

<sup>132</sup> Natália Correia, 2003, p. 371

<sup>133</sup> Leopoldo de Luís, *Op. cit.*, p. 23

um paternalismo ríspido e retrógrado, ainda que subtilmente apostado em camuflar as suas arestas repressivas mais evidentes(...)»<sup>134</sup>

Franco, em Espanha, viria a defender o seu governo, na opinião de Redondo, « (...) como um estado católico, social e representativo, que se declarava constituído como reino, e Franco como seu regente vitalício(...)»<sup>135</sup>

Entre Portugal e Espanha, num primeiro olhar, não se demonstra ser expressiva a distinção, no regime, mas no entanto vários aspectos obstam à sua total associação, parte dos quais resultantes da causa impulsionadora de cada um dos regimes. Se o salazarismo partiu de uma ditadura militar, para se estabilizar depois no governo « (...) musculado e policial do “Estado Novo”(...)»<sup>136</sup>, já o franquismo ficou sempre intimamente ligado à ambiência militar, dado que Franco, era General e combatera na Guerra Civil de Espanha. João Medina confirma a nossa opinião, ao considerar que « (...) Chefe de uma facção militar em revolta aberta contra o regime democrático espanhol o franquismo estaria, desde sempre, umbilical e culpadamente vinculado à guerra civil que fez contra um regime legalmente erecto (...)»<sup>137</sup>

Ao destituir a República, Franco coordena um novo estado, onde prevalece desde o primeiro ao último momento a marca da sua personalidade, evidenciando-se que, de acordo com Tusell « Franco no tenía ningún tipo de preocupaciones intelectuales (...) Era por completo ajeno al mundo de la cultura (...) Era un ejemplo de mediocridad personal (...) Su real mediocridad era compatible con el poder, más amplio y absoluto que nunca (...) haya tenido español alguno. (...)»<sup>138</sup>

Pela ânsia do poder, com capacidades intelectuais bastante limitadas, Franco procedeu à instituição de um regime profundamente repressivo em todos os sectores da sociedade espanhola, especificamente políticos e culturais, como veremos.

---

<sup>134</sup> *Op. cit.*, 2000, p. 42

<sup>135</sup> *Op. cit.*, p. 69

<sup>136</sup> Luís Almeida Martins, “Reina a ordem em todo o país”, *Visão*, 11-03-2004

<sup>137</sup> *Idem*, p. 231

<sup>138</sup> *Op. cit.*, p. 136

### 3.1. Salazar enfrenta a liberdade pela força.

Ao impor ao seu regime ditatorial António de Oliveira Salazar aferrou-se à vontade de poder, manipulando a vida de todos os portugueses, sem excepção. Ele próprio considerava que a liberdade diminuía o progresso e a civilização humanos e chegou ao ponto de assegurar, em entrevista a António Ferro, « (...)” Entreguemos a liberdade à autoridade, porque só ela a sabe administrar ... e defender. A liberdade que os individualistas pedem e reclamam é uma expressão de retórica, uma simples imagem literária. A liberdade garantida pelo estado, condicionada pela autoridade, é a única possível, aquela que pode conduzir (...) à felicidade dos homens.” (...)»<sup>139</sup>

Pelo autoritarismo, também pela força se iria garantir o respeito máximo por um regime de rígida concepção. Falar em liberdade condicionada é um paradoxo, porquanto inibe o próprio conceito. Se entendermos a liberdade, como « direito de dispor da própria pessoa, [no] livre exercício das faculdades físicas e intelectuais(...)»<sup>140</sup> teremos necessariamente de refutar a opinião de Salazar, que pretendia orientar a liberdade através de um regime autoritário, o que de facto veio a acontecer. Apesar da perplexidade perante a pretensão de negar a liberdade, coagindo os indivíduos, este revelar-se-ia o recurso predilecto do salazarismo.

Tal como refere Eduardo Lourenço, na obra *Nascido no Estado Novo* de Fernando Dacosta « [o] corporativismo como energia mental, a repressão como esteio preservador, a resignação como apaziguamento psicológico foram os alicerces em que assentou o pesado, rígido edifício do Estado Novo. (...)»<sup>141</sup>

Entre os pólos de união e regime opressivo balançou o salazarismo. A ideia de unidade prendia-se, directamente, à vertente sociológica e moralizadora de Oliveira Salazar, segundo o qual a continuidade de Portugal seria derivante de um estreito relacionamento entre os elementos que compunham cada uma das famílias portuguesas. À figura, indispensável, do chefe de família, associava-se a mulher dependente e os filhos educados e respeitosos do bom nome cristão e pátrio. Três elementos orientadores da vida portuguesa persistiriam no modo governativo de Salazar: Pátria, Deus e Família. Da reunião dos mesmos dependeria a estratégia coerciva do ditador português.

<sup>139</sup> António Ferro, *Op. cit.*, Lisboa, 2003, p. 34

<sup>140</sup> José Pedro Machado (coord.), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vol. VI, Lisboa, 1981, p. 443

<sup>141</sup> *Op. cit.*, p. 63

### 3.2. Ser livre na Espanha franquista, uma quase utopia.

Quando alcança o poder, Francisco Franco institui um estado de terror, onde as normativas e quaisquer pretensões dependem do seu poder directo.

Bartolomé Bennassar, um dos vários estudiosos da biografia de Franco, considera que: « Franco dirigió e inspiró una represión lo mismo de dura. (...) La política del castigo iba a prolongarse durante mucho tiempo. (...)»<sup>142</sup> Pode, neste sentido, considerar-se profundamente utópica a intencionalidade de se pretender alcançar a liberdade, numa sociedade abusivamente manipuladora de vontades. Pareceria a qualquer um dos seus cidadãos impensável a limitação da democracia, mas de facto, paradoxalmente, Franco, por ter lutado e vencido na Guerra Civil, pôs: « (...) en la balanza la virtud y el ejemplo exponiéndose en el combate (...) Ese hombre impenetrable (...) gozó de cierta popularidad en la España de la posguerra. (...)»<sup>143</sup>

A população, especialmente, de baixa condição social, ao considerar a vitória de Franco, na Guerra Civil, um acto de coragem iniciou um processo de adoração. Entendeu o ditador como ídolo e mito. Para reforçar essa ideologia, afirma Tusell

[En] torno a Franco y respecto a su persona perduró el ambiente de exaltación de su figura (...) Raimundo Fernández Cuesta [uno de los ministros falangistas de Franco, dice:] "No es ni jefe de gobierno ni un dictador vulgar: es el jefe carismático, el hombre dado por la providencia para salvar a un pueblo" [Declaraciones] como éstas (...) [la] consecuencia que tenían sobre Franco era (...) que le ratificaban en su convencimiento de que era imprescindible que permaneciera en el poder.<sup>144</sup>

Todos procediam à elevação de uma figura, sobretudo quantos defendiam o regime. Franco sentia-se um homem-quase-deus e a ambição de poder aferrava-se cada vez mais. Como chefe de um governo de ditadura, e conhecendo as suas limitações, poder-nos-ia incitar a prever que Franco titubearia na delegação de poderes. Erro crasso, pois nas suas próprias palavras, expressa « (...) " cuando se sabe mandar, gobernar es sencillo". El término "mandar" se refiere, desde luego, al ejercicio de la jerarquía militar (...)»<sup>145</sup>

Como Franco orientava o seu governo, sob estratégia militar, não será difícil compreender, que a maioria das suas propostas repressivas, se caracterizavam sob aspectos profundamente militarizados. A sua ditadura seria assumida, pelo próprio, desde início como « (...) una dictadura de concentración (...) " [Para] el general Franco el arte de la política es

<sup>142</sup> *Op. cit.*, pp. 119, 121

<sup>143</sup> *Idem*, pp. 283-284

<sup>144</sup> *Op. cit.*, pp. 138-139

<sup>145</sup> *Idem*, p. 146

evitar, por la fuerza y la astucia, la polarización de la opinión y el choque de ideas que es la vida del liberalismo” (...)»<sup>146</sup>

Ao concentrar em si mesmo os poderes políticos, intelectuais e militares, especificamente, Franco bania qualquer intento de liberdade. Por consequência, quem ousasse ultrapassar as duras leis instituídas, seria alvo de perseguição e possivelmente torturado até à morte. O medo era a palavra mais corrente no regime franquista, porquanto limitador de todas as atitudes «impróprias», nas atribuições estritas da ditadura espanhola.

Cláudia Moura, em artigo actual, refere que

durante a sua longa regência que durou exactamente 39 anos, quem se atreveu a opor-se foi fuzilado, quem se mostrou inconveniente foi calado. Nem a pressão internacional dos Estados Unidos e de uma Europa pós-guerra que derrotaram Hitler [e o nacional-socialismo e Benito Mussolini] e o fascismo e que condenaram a ditadura do Generalíssimo, marginalizando o seu país, chegaram para o convencer abdicar dos exagerados privilégios absolutistas que a si próprio concedia.<sup>147</sup>

A dureza repressiva de Franco ver-se-ia liminarmente enfrentada, a partir de 1960, quando a sua saúde se debilita em crescendo. Por inerência com a França, Checoslováquia e China, os jovens espanhóis exigiam a alteração de regime, e por consequência a assunção da democracia. Os processos coercivos sofreram um expresso acréscimo, mas nem assim, conseguiram debelar todas as forças de oposição, que se manifestavam, de dia para dia com maior relevância.

### 3.3. Literatura em tempos de ditadura. Portugal e Espanha em contraste.

Expressa a nossa opinião sobre os regimes ditatoriais português e espanhol relativamente à sua atitude face à coerção individual de cada um dos cidadãos, passamos agora a explorar a sua directa intromissão na componente cultural dos dois países.

É evidente, por quanto já se referiu, que Salazar e Franco possuíam díspares personalidades. João Medina assevera:« [Intelectualmente], Salazar e Franco eram absolutamente distintos. O beirão tinha uma cultura sacerdotal (...) Franco (...) nunca brilhou pela sua inteligência ou cultura (...) [Eram] (...) os dois (...)semelhantes: na timidez, na reserva, no horror ao palavreado (...)na sua capacidade de se exprimirem com imensa prudência, com uma cautela sibilina »<sup>148</sup>

<sup>146</sup> *Idem, ibidem*, p. 150

<sup>147</sup> Cláudia Moura, “O rei não roeu a corda”, *Notícias Magazine*, 16-05-2004

<sup>148</sup> *Op. cit.*, 2000, pp. 231-232

A prossecução de ambos regimes ditatoriais surtiria efeitos profundamente lesivos para o bem-estar dos cidadãos portugueses e espanhóis. Cada um dos ditadores, procurava, por sua parte, socializar, coagindo os habitantes a aceitar as ordens prefiguradas, sem as questionar, pois de contrário sujeitar-se-iam a afrontosos meios de repressão.

Em Portugal, a partir da década de cinquenta, a censura viria a assumir especial destaque, como confirma Joaquim Vieira:

O aparecimento policial e censório atinge a plenitude, poucos ousando desafiá-lo.(...) [Predomina] o medo, como argamassa que consolida o sistema (...) Todos desconfiam uns dos outros, porque nas almas da maioria se preparam espíões e vilões, capazes de todas as denúncias e vilezas para alcançarem um emprego ou um privilégio, (...) [É notório] o sucesso do regime em controlar o pensamento dos Portugueses. Não há limites para o lápis azul da censura, (...) A polícia das ideias alarga a sua acção à imprensa, à rádio, ao cinema, aos palcos, à música, à literatura (...) A censura não poupa sequer as mais altas figuras da situação.<sup>149</sup>

A vida dos portugueses, de então, era profundamente limitada, sob um medo profundo, de incorrer em injustas marcas censórias. A única possibilidade seria o silêncio e o recurso a um pensamento monológico, dificilmente expresso.

Francisco Franco orientou o seu governo em estrito recurso a processos de censura, segundo expressam alguns especialistas, muito mais repressivos que os empregues, em Portugal. Tusell confirma «(...) Franco, (...) era capaz de emplear todo el rigor persecutorio contra quienes no sólo no aceptaban su mando supremo sino también contra los que aceptándolo, no querían ocupar el puesto que Franco les señalaba en su sistema político (...)»<sup>150</sup>

Se reflectirmos sobre a atitude excessiva de Franco, estaremos na posse da ideia que o único a quem a liberdade era permitida, era ao próprio. Ele limitava, em extremo, as opiniões de todos e só prevalecia a sua.

Ainda o especialista anterior expressa « (...) Es cierto, como ha escrito Marías, que “ las instituciones culturales quedaron suspendidas y el espíritu beligerante lo invadió todo”(...)»<sup>151</sup>

Como se pode perceber a cultura não viria a assumir notoriedade no regime franquista, à excepção de todos os recursos panegíricos e propagandísticos, de exaltação da personalidade do ditador espanhol. Joseph Fontana revela que « [El] exceso y la violencia fueron alentados y legalizados por los propios dirigentes (...) [La] represión cumplía en el campo franquista una

<sup>149</sup> *Op. cit.*, pp. 23-24

<sup>150</sup> *Op. cit.*, p. 151

<sup>151</sup> *Idem*, p. 244



función política fundamental, ligada a las necesidades de una guerra de clases de los menos contra los más: la de paralizar al enemigo por el terror»<sup>152</sup>

Por em cima de tudo e de todos prevalecia a imagem dos ditadores, a qual deveria ser forçosamente defendida e exaltada, sob processos inimagináveis.

Apesar, de tudo, foi prática corrente dos regimes ibéricos, procurar minimizar a referência à censura. Tal facto derivava da pretensão de afastar a atitude crítica internacional face aos processos censórios empregues em Portugal e na Espanha. Contudo mesmo na eminência de ostracismo por parte dos países democráticos, Franco e igualmente Salazar, nunca baniram a censura. Franco chegou ao ponto de desenvolver:

un “saneamiento” previo de la cultura que acabase con la denominada “literatura disolvente” (...) “literatura disolvente”. (...) El libro, la lectura “dirigida” tenía que producir el tipo de hombre que debía servir al nuevo Estado. (...) [El] intelectual para el nuevo Estado [significaba] (...) un ser que sólo resultaba soportable en tanto en cuanto pusiera su pluma al servicio del mimo, ya que, en otro caso, le esperaban la postergación o el exilio.<sup>153</sup>

A ditadura franquista, tal como todos os outros regimes europeus de idêntica índole, procurou uniformizar o espaço cultural, num sentido de exaltação patriótica e afirmação dos seus líderes. Ideologias opostas foram ameaçadas ou obrigadas a afastamento dos seus defensores para países democráticos.

Questionado, a propósito da censura, por António Ferro, Salazar respondeu:

[Chego] a concordar que a censura é uma instituição defeituosa, injusta, por vezes, sujeita ao livre arbítrio dos censores, às variantes do seu temperamento, às consequências do seu mau humor (...) Eu próprio já fui em tempos vítima da censura e confesso-lhe que me magoei, que me irritei, que cheguei a ter pensamentos revolucionários (...) [Mas não a revogo, pois os ] factos são os factos e não pode permitir-se que se ponham em dúvida os actos ou os números que traduzem a própria vida do estado<sup>154</sup>

Mesmo depois de ser alvo de repressão, em tempos, Salazar nunca permitiu a cessação dos processos censórios. Considerou-os importantes na orientação moral dos portugueses e chegou ao ponto de negar a própria existência da censura, como afiança José Pedro Castanheira, que cita a opinião do ditador português «(...) “ Com rigor, não temos censura aqui. Os jornais circulam tais como são redigidos e impressos sem alteração de uma linha. Existe uma comissão de censura, que, todavia, praticamente nada tem a fazer.” A frase é de Salazar, numa entrevista citada pelo matutino “O Século”, de 31 de Agosto de 1961, e constitui uma espantosa fabulação.(...)»<sup>155</sup>

<sup>152</sup> *Op. cit.*, p. 151

<sup>153</sup> *Idem, ibidem*, pp. 221, 223

<sup>154</sup> *Op. cit.*, pp. 31-33

<sup>155</sup> José Pedro Castanheira, “O lápis azul”, *Expresso*, 26-06-1999, p. 124

O próprio ditador, no afã de desvanecer as opiniões externas sobre a actuação censória, chega a contradizer-se. Afirma empregar e em simultâneo nega a existência da censura, mesmo que a comissão de censura esteja legalmente garantida. Parece-nos um jogo irónico, uma tentativa de convencimento da opinião pública, no sentido que esta facilite o governo salazarista. Vectoriza-se a força emergente da figura do censor, sobretudo se atendermos ao facto de ser Salazar o principal responsável pela orientação de todo o processo repressivo, aquele que afirmou, um dia, ter sido alvo deste. Podemos confirmar a anterior opinião, nas palavras do autor supracitado « (...) Sabia-se (...) que os directores dos Serviços de Censura despachavam com o próprio Salazar. Este, porém, ia mais longe no acompanhamento da censura, como atesta um despacho, no último dia de 1943, sobre a evolução da guerra [entenda-se “2ª Grande Guerra] (...) A manutenção da ordem pública a todo o custo, foi uma das obsessões de Salazar.(...)»<sup>156</sup>

Obsessivo, inquietante o esforço de Oliveira Salazar para orientar os portugueses no respeito à norma pública, mesmo na eventualidade do recurso a estratégias infinitas de opressão. Nada conseguia escapar à arguta vigilância dos censores. Por Portugal inteiro «(...) [Assistia-se] ao lento “ censuricídio cultural” (...) Durante quase meio século, a censura, discretamente e sem alardes, foi empurrando as manifestações culturais para uma timidez forçada. (...) A PIDE<sup>157</sup> fazia frequentes emboscadas nas editoras e livrarias, à caça de obras, proibidas. »<sup>158</sup>

Ser escritor em período de censura, sobretudo se contrário ao regime, foi um puro acto de ousadia. Na maioria dos casos os processos censórios limitavam a criação, ao postergar vários autores, dificultando ou impedindo a distribuição e simultaneamente a venda dos livros.

A censura funcionou, principalmente, como «(...) [sustentáculo] do “Estado Novo” (...) [e] foi nas palavras de Mário Soares, “ a arma mais temível de Salazar”. Em tom paternalista, a “ polícia do espírito” escudava- e moldava- a opinião pública. (...) Os grandes problemas

<sup>156</sup> \_\_\_\_\_, “Segredos do Ditador”, *Expresso*, 27-05-2000, pp. 53-54

<sup>157</sup> Nome com que ficou conhecida a Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a partir de 22/10/1945, de acordo com o decreto-lei nº 35.046. « Praticando, dia após dia, o arbítrio, a violência e a desumanidade, espezinhando com impunidade o dispositivo jurídico do próprio regime (...) [foi] o organismo estatal mais bem apetrechado e no qual este desde sempre se apoiou para impedir os Portugueses do livre exercício dos direitos cívicos- inscritos na Constituição -, para silenciar ou pôr fim às organizações culturais, cívicas e políticas, para sufocar o movimento sindical e a acção reivindicativa dos trabalhadores das cidades e dos campos.(...)»(MEDINA 2001: 11)

<sup>158</sup> Ana Maria Carvalho, “ Cultura em colete-de-forças”, *Visão*, 8-04-2004, p. 60

nacionais só existiam na clandestinidade- o essencial era nunca expor o País ao País. (...) [O] importante era a “acalmação dos espíritos” e o “ esquecimento de ódios e paixões”(…)»<sup>159</sup>

Na tentativa de banalizar a vida de todos os portugueses, Salazar oferecia-lhes um suposto mundo sem guerra, nem contrariedades, sobretudo na imprensa, onde o “lápiz azul” trucidava, sem qualquer receio, opiniões de valor expressamente democrático. Era intenção do ditador português manter a população irremediavelmente coagida e limitada na expressão de opiniões próprias. Pretendia-se a revelação de um «novo país», obscurecido e cinzento de censura. Nesse país a única liberdade possível seria a proveniente do pensamento, conforme pronuncia Salazar, na obra de António Ferro, *Entrevistas de António Ferro a Salazar* « (...) A verdadeira liberdade (...) – é a liberdade do pensamento- só pode existir no espírito dos homens (...)»<sup>160</sup>

Mas quando por escrito essa liberdade de pensamento se evidencia, a censura inicia o seu processo coercivo. Alguns escritores, numa pretensão de ver impressos e editados os seus livros, portadores de ideologias próprias e desejavelmente partilháveis, regulam o seu próprio pensamento, preconizando a auto-censura. Esta consistia num tipo de coacção indirecta do escritor sobre o seu próprio processo de escrita. Urbano Tavares Rodrigues, um entre muitos escritores portugueses, que recorreram àquele tipo de regulação da escrita, afirma «(...) [O] mais nefasto aspecto da censura [foi] a auto-censura. Todos (...) [os] que [viveram] e [escreveram] sob o fascismo [sentiram] dramaticamente essa humilhante condição. (...) [serviram-se] (...) de disfarces e eufemismos e [utilizaram] (...) a metáfora e a parábola para tratar problemas e situações que poderiam ter sido mais claramente ditos.(...)»<sup>161</sup>

Ao escrever sob censura, o escritor, obrigar-se-ia a recorrer a palavras novas, quase indecifráveis. Funcionava como medida excessiva, no esforço de providenciar a continuidade dos seus textos. Era um quase impedimento de espontaneidade. Ferreira de Castro, escritor visado pela censura, esclarece-nos «(...) Escrever assim é uma verdadeira tortura. Porque o mal não é apenas no que a censura proíbe mas também no receio do que ela pode proibir. Cada um de nós coloca, ao escrever, um censor imaginário sobre a mesa de trabalho – e essa invisível e incorpórea presença tira-nos toda a espontaneidade (...), obriga-nos a mascarar o nosso pensamento, quando não a abandoná-lo. (...)»<sup>162</sup>

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 60

<sup>160</sup> António Ferro, *Op. cit.*, p.160

<sup>161</sup> Urbano Tavares Rodrigues, “ A asa cinzenta do fascismo português”, *Jornal de Letras.*, 6-12-1995, p. 6

<sup>162</sup> Cândido de Azevedo, *Mutiladas e proibidas. Para a história da Censura literária em Portugal nos tempos do Estado Novo*, Lisboa, 1997, p. 12

Pela auto-censura o escritor procurava, num processo de consciencialização forçada, construir um mundo paralelo, aumentar o seu vocabulário de expressividade, de «entrelinhas», porque de facto disso se tratava, permitir aos leitores identificar o mundo da época, por palavras de dupla significação. O processo de auto-censura era de vária ordem « (...) Desde a auto-censura individual à auto-censura de grupo ( centros culturais, bibliotecas de associações, boletins de empresas, etc. ). Como toda a paisagem mental da Ditadura era percorrida por circuitos de policiamento da opinião [criavam-se] assim censuras paralelas às do Estado, inspiradas na subserviência ao regime, que nalguns casos atingiam o fanatismo grotesco. (...)»<sup>163</sup>

Cabia ao escritor, que não aceitava o regime instituído e sentia clara necessidade de expressar opiniões próprias, desenvolver vários processos de ilusão da realidade. Concebia de um modo velado, dificilmente decifrável, uma apresentação do mundo onde realmente vivia, mas que tão profundamente o torturava. Como os censores não possuíam formação literária específica, nem sempre conseguiam entender a crítica ao regime em vigor nos textos que censuravam. Conforme comprovam Vera Dantas e Marcos Vaza « A Direcção de censura era formada por oficiais das Forças Armadas, pessoas sem preocupação cultural que agiam na mais completa arbitrariedade. Não sabendo, por vezes, como actuar, optavam por cortar tudo, votando muitas obras ao esquecimento.»<sup>164</sup>

Acresce referenciar que durante o acto censório, segundo palavras de Urbano Tavares Rodrigues « (...) [Os] censores não se limitavam a usar o lápis azul, uniam com palavras suas as duas pontas do texto mutilado, desvirtuando-lhe por completo o sentido, o que era mais grave do que a proibição pura e simples. (...)»<sup>165</sup>

Salazar, orientador máximo da censura, não desempenhava no entanto funções de leitura de textos apreendidos, mas ao atribuir essas funções à Comissão desenvolvida para o efeito, procurava revelar a intencionalidade máxima do acto censório: moralizar a opinião pública, negando-lhe a subversão. O ditador português expressa: « (...) Perante [a] doutrina [com aplicação imediata, a doutrina subversiva, demasiado habilidosa, claramente habilidosa] a censura (...) não pode deixar de actuar, porque se transforma, nesse momento, na função natural dum regime de autoridade... (...)»<sup>166</sup>

A censura era formalmente titulada de moralizadora e procurava minimizar azos de doutrina crítica do regime instituído. Se nos ativermos no discurso salazarista, facilmente

<sup>163</sup> José Cardoso Pires, “ Purificação Assassina”, *Jornal de Letras*, 6-12-1995, p. 8

<sup>164</sup> Vera Dantas e Marcos Vaza, “ Interdito a todas as idades”, *Público*, 25-04-1999, p.2

<sup>165</sup> *Op. cit.*, p. 6

<sup>166</sup> António Ferro, *Op. cit.*, p.33

entenderemos que a instalação da censura num regime de ditadura é um recurso natural. Funciona como escudo de protecção ao líder, perante qualquer tipo de manifestações contrárias à lei vigente.

Os protagonistas directos da censura, os que a praticavam, manifestavam-se num espaço «inquisitorial», como nos diz José Cardoso Pires: « (...)Neste “Índex” laico, a imprecisão da causa determinava a imprecisão do efeito, o carácter aleatório da pena. O censor lia muitas vezes a medo, como a medo escrevia o censurado. Funcionário subserviente, o polícia da palavra tinha o espectro da polícia política por cima dele e orientava muitas vezes a sua chacina cultural por superstição ou por preconceitos de ignorância.(...)»<sup>167</sup>

Sabe-se com alguma certeza, que o esforço de agradar a um chefe, como o era Salazar, também pesava no momento de censurar, mas refira-se que relativamente ao processo repressivo, no que aos livros se refere, houve alguns factos de relevo, como salientam Vera Dantas e Marcos Vaza « (...) [Até] aos anos 50, não havia censura prévia dos livros, que eram apreendidos depois de publicados, na sede das editoras, nas livrarias ou até nas casas dos escritores, para serem destruídos ou arquivados. (...)»<sup>168</sup>

Enquanto que os artigos da imprensa eram obrigatoriamente censurados antes da sua edição, os livros só eram alvo da mesma na editora ou já em processo de venda, nas livrarias. Para José Cardoso Pires « (...)Essa aparente independência destinava-se a manter o autor em stress contínuo perante a sua própria escrita e perante os prejuízos que ela poderia trazer ao editor. Anular o escritor, proibindo-o depois de publicado, e torná-lo inconveniente ao editor, pelos riscos económicos que ele lhe trazia, correspondia a sobrecarregar o livro com três censuras: a do autor, a do editor e a dos inquisidores oficiais.»<sup>169</sup>

A cultura do medo expandira-se com extrema velocidade e dificilmente seria debelada. Por essa condicionante ser escritor ou ter profissão de censor, apesar de possuírem essências diversas, eram de similar limitação, porquanto quem escrevia não tinha possibilidade de perceber quais os textos, as frases ou as palavras inaceitáveis para o regime. Os escritores viviam em profunda ansiedade e na dificuldade existencial de não saber até que ponto as suas seriam alvo de censura. Os censores, por sua parte, apreendiam e consequentemente liam as obras retidas, mas sempre inibidos pela imposição da Polícia Política, de quem dependiam directamente.

---

<sup>167</sup> *Op. cit.*, p.7

<sup>168</sup> *Op. cit.*, p.2

<sup>169</sup> *Ibidem*, p.7

A escrita era por inerência profusamente ansiosa. O espírito ficava condicionado, assevera Azevedo: «(...) [O] condicionamento intelectual colocado ao espírito criativo dos autores pela existência de censura impunha-se de tal modo a todos que era sempre susceptível de se reflectir, mais ou menos conscientemente, não apenas nos aspectos formais e estéticos de qualquer obra (...) como no seu próprio conteúdo intrínseco, »<sup>170</sup>

A censura representava-se como um processo de duplicidade de interesses: banir escritores, contrários ao regime instalado e perverter opiniões intelectualmente desfalcadas, quanto se afiguravam as dos censores do regime salazarista.

Podemos afirmar que um conjunto importante de escritores que sentiram a dureza do “lápiz azul” não viram a sua criatividade limitada, pelo contrário esta ficou notoriamente estimulada, porque os obrigava a iludir a ditadura, empregando recursos de extrema acutilância, profusamente trabalhados, como dificilmente se observaria, após o desfecho do longo período ditatorial.

A ansiedade acresceria na década de sessenta, quando a televisão se assumiu como mais um recurso de opressão. Azevedo afirma que « (...) o silêncio que rodeava os nomes dos escritores considerados desafectos ao regime estendeu-se à sua própria imagem, a partir do momento em que surgiu a televisão em Portugal (...7 de Março de 1957) (...)»<sup>171</sup>

Quando o subsecretário Paulo Rodrigues instituiu a censura secreta no interior da censura oficial, com o intitulado Gabinete O Fantasma, por ter uma expressão confidencial, segundo nos expressa José Cardoso Pires « (...) [A] censura passou a inflectir directamente sobre o autor e não sobre o texto, procurava o detalhe individual e a provocação psicológica (...)»<sup>172</sup> Agora deixava de ser alvo preferencial o texto, mas o seu autor, o que dificultava extraordinariamente a intencionalidade da escrita, de cada um dos escritores referenciados pela censura. Parece-nos, no entanto, inegável o esforço da maior parte dos escritores visados, que ousaram ultrapassar as contrariedades, realizando obras profundamente cifradas, como revela Urbano Rodrigues:« (...) milhares de pequenas intenções cifradas, de pormenores, de alusões que terão sido compreendidos por alguns leitores do tempo dessa cumplicidade a que a literatura apelava são hoje opacos para um público que não aprendeu a ler nas entrelinhas.(...)»<sup>173</sup>

A repressão não é em si mesma motivo inibidor da escrita, pelo contrário, pode ser forma de descoberta de talentos, como comprova Nogueira Pinto:« (...) [Sabe-se] que em

---

<sup>170</sup> *Op. cit.*, p. 12

<sup>171</sup> *Ibidem*, p. 12

<sup>172</sup> *Op. cit.*, p. 8

<sup>173</sup> *Op. cit.*, p. 7

regimes bem mais repressivos floresceram, no campo revolucionário, obras de real interesse artístico. E que os verdadeiros Mestres vêm sempre, mais tarde ou mais cedo, à superfície, não havendo ditadura que os cale. (...)»<sup>174</sup> Logo se o escritor possuir talento nada, nem ninguém lhe imporá limites, mesmo censores destituídos de intelecto literário, pois ser-lhe-á fácil e estimulante conceber estratégias de ilusão.

A par da escrita censurada, surgiu todo um conjunto de panegíricos, onde as imagens eram desvirtuadas, pela exposição de critérios iníquos na concepção de uma literatura favorável ao regime, simplesmente viciada. Na escola, revela José Cardoso Pires «(...) não só [se] elogiava a literatura dos mortos e ignorava a dos vivos como privilegiava os autores estrangeiros para humilhação e descrédito dos nacionais. (...)»<sup>175</sup> Era evidente que se enraizava a tortura psicológica e o saneamento mental, num intuito de aceleração do convencimento popular sobre a «melhor» estratégia do governo. A ditadura portuguesa pautava-se por um inimaginável e contorcido leque de coacções psicológicas e físicas, construindo autómatos passivos, personificados nos portugueses de então.

Tal como em Portugal, em Espanha a censura foi bastante acutilante, no que ao campo cultural se refere. Até 1966, como salienta José Freire Antunes:

A literatura era ostracizada pelo regime, especificamente por Francisco Franco, ditador culturalmente desinteressado. Ainda assim foi bastante expressivo o esforço censural franquista. Os processos de repressão e censura:«(...) no servían para suprimir incidentalmente la exteriorización de un pensamiento subversivo, sino ahogar definitivamente la existencia de tales opiniones. De ahí que la censura actuara menos contra formas de pensar en concreto (...) que contra los temas en general capaces de hacer surgir ideas peligrosas»<sup>176</sup>

A censura funcionava como processo desinformativo e em simultâneo propaganda de acções e ganhos políticos. Ao contrário da oposição « (...) para los dirigentes del régimen no estaban haciendo nada extraño, era normal querer preservar a los ciudadanos de informaciones de contenido “non grato”. (...)»<sup>177</sup>

A opressão franquista revelou-se bastante mais brusca e incapacitante que a sua congénere salazarista. Vigorou durante toda a ditadura de Franco a persistência do pensamento e moral nacional-católico, reprimindo-se todas as vozes contrárias. As manifestações de oposição eram ferozmente debeladas pelo exército e forças policiais, de manutenção da ordem pública, e de igual modo pela Igreja. Os primeiros ficariam encarregues

<sup>174</sup> Jaime Nogueira Pinto, *O Fim do Estado Novo e as origens do 25 de Abril*, Alges, 1999, p.267

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 8

<sup>176</sup> AA.VV., “ Algunas polémicas en torno a la censura” in *Conferencia en la Third Area Conference for Graduate Students*, University of North Carolina and Chapel Hill, <http://www.geocities.com/jaoskam/introsp.htm>

<sup>177</sup> *Ibidem*

da repressão e a última esforçar-se-ia por propagandear o regime de franco, revelando a verdade única e absoluta consumada no nacional-catolicismo.

Entre os anos de 1936 e 1951

las autoridades franquistas aplicaron la censura previa a toda actividad cultural. (...) [Era ilegal] publicar o comerciar con libros de acento pornográfico, comunista, libertario y disolvente. Así mismo, era penalizado todo aquel que faltaba al respeto al Ejército, atentaba contra la unidad de la Patria o atacaba a la religión católica. Todas esas obras eran destruidas por no tener ningún valor literario y toda esa propaganda revolucionaria sería guardada en bibliotecas de no fácil acceso para el ciudadano.<sup>178</sup>

Prosseguia-se o esforço de automatização das gentes espanholas, numa linha associável com Portugal, onde o mesmo processo de passividade se operou. Serpositor a um regime de rigidez excessiva, comportava riscos acrescidos e por inerência a clandestinidade era palavra frequente, para todos quantos se sentiam referenciados e brutalmente postergados.

Se em Portugal o acto de censura era orientado por Salazar, o mesmo acontecia em Espanha, com Franco. Para o auxiliar, a partir de 1938, o seu cunhado Ramón Serrano Suñer «(...) fue el encargado de manejar el aparato de censura. Como a su vez éste se hizo con el control de la Delegación Nacional de Prensa y Propaganda, resultó que la Falange tenía ahora todas las competencias para dominar la información, ya que el propio Franco entregó a la falange el control de los medios de información.»<sup>179</sup>

Para justificar a criação do Novo Estado julgou-se imprescindível a assunção de métodos repressivos implacáveis, que procuravam principalmente amputar os males da pátria, na visão rigorosista do regime: o comunismo, o socialismo, o republicanismo e essencialmente a democracia. A repressão assumiu diversos moldes, entre os quais o mais expressivo foi a prisão compulsiva, seguida de consequente fuzilamento, na maioria das vezes

Observou-se logo nos anos sessenta « (...) una vez que se había desmantelado a la oposición del interior y en plena crisis la exterior y que el régimen había conseguido romper el aislamiento internacional, la represión, aunque continuó sobre todo la psicológica, se relajó y el gobierno quiso dar muestras de cierta apertura y flexibilización. A ello contribuía también la seguridad del régimen en pleno desarrollo económico y social del país(...)»<sup>180</sup>

Até 1966, como salienta José Freire Antunes:« (...) [ano da] oficialização da Lei da Imprensa o regime espanhol exercia controlo férreo sobre os conteúdos informativos e reduzia

<sup>178</sup> *Idem, ibidem*

<sup>179</sup> *Idem, ibidem*

<sup>180</sup> AA.VV., “ Tema 5. Propaganda y represión del franquismo. La significación del exilio” in <http://juntadeandalucia.es/averroes/iescasasviejas/cviejas1/histo/tema5.5.htm>



a maioria dos jornalistas a meros escriturários (...) Longe de ser a liberdade democrática, a Lei de Imprensa impunha a aparência dela e formas de auto-censura. (...)»<sup>181</sup>

Contudo a ideia de abertura e tolerância sofreria um retrocesso na década de setenta, com o declínio do regime franquista e na iminência de vigorar um período profundamente contestatário o governo decidiu tornar as medidas repressivas muito mais incisivas. Era o tudo por tudo para debelar tentativas de reforço da oposição, que no entanto não surtiriam o efeito pretendido, dado que o processo de libertação estava em marcha.

### 3.4. Mulheres-Escritoras peninsulares, face ao processo censório

A escrita de autoria feminina começou a proliferar no decurso do século XX, por inerência com as manifestações realizadas pelos direitos da mulheres em todo o mundo. Evidentes atitudes de libertação do jugo masculino se revelaram em diversos países, com destaque para Inglaterra e França, ao assumirem a: « (...) aquisição mais evidente e mais geral (...) de uma liberdade de atitudes e de movimento, aprendida na solidão e no exercício das responsabilidades(...) ».<sup>182</sup> Deixar de ser elemento isolado num espaço fortemente patriarcal era a pretensão última da maioria das mulheres. Para conseguirem alcançar esse intento era-lhes indispensável desenvolver todo um processo de mudança.

A obra *O Segundo Sexo* referencia-nos que: « (...) A situação da mulher predispõe-na a procurar uma salvação na literatura e na arte(...)»,<sup>183</sup> a fim de não se sentir enfraquecida na ânsia imensa, obrigatoriamente retida no seu íntimo. Ousa por isso soltar os seus pensamentos em escritos de diverso teor, desde: « (...) cartas, diários íntimos. Basta que tenha ambição e hei-la redigindo memórias, transpondo a sua biografia para um romance, exaltando os seus sentimentos em poemas. (...)»<sup>184</sup> De entre as várias mulheres iriam distinguir-se figuras de importância notória, com obras de reflexão e originais, num mundo de homens, profundamente descrentes do valor feminino. Contudo um enorme obstáculo se iria antepor perante o trabalho de escrita das mulheres europeias e no caso específico deste trabalho das mulheres ibéricas: o regime autoritário, ditatorial de Oliveira Salazar e Francisco Franco, com as medidas repressivas policiais e censórias.

<sup>181</sup> *Op. cit.*, p. 328

<sup>182</sup> Georges Duby, Michelle Perrot, *Op. cit.*, 1995, pp. 83/84

<sup>183</sup> Simone de Beauvoir, 1976, p. 537

<sup>184</sup> *Idem, ibidem*, p. 537

Como referenciámos nos pontos anteriores, do presente capítulo, a intromissão abusiva do regime na sociedade portuguesa e espanhola da época constituiu-se num facto limitador da livre expressão de ideias. Maior foi a dificuldade das figuras femininas em evidenciar as suas atitudes claras de protesto, porquanto entendidas como elementos obrigatoriamente submissos, sem qualquer primazia intelectual. Por contrariedade as mulheres escritoras negaram a manutenção da dependência masculina e revelaram, em todos os géneros literários, quanto lhes interessava demonstrar a sua opinião.

Em Portugal diversas escritoras se diferenciaram pela voz dissonante face à ditadura. Entre elas Natália Correia, ao expor-se: « (...) numa luta corajosa contra a ditadura salazarista e, mais tarde marcelista. Os artigos nos jornais serão múltiplas vezes proibidos e a voz penalizada, assim como a circulação dos livros. Contudo não ousa calar-se (...) [ela possui] a coragem para gritar que ninguém retira a Liberdade a ninguém, mesmo que nas masmorras da prisão. (...) [Sem] medo, exprime os seus sentimentos e ideais. (...)»<sup>185</sup> Natália Correia era uma mulher de ousadia à flor da pele, dificilmente contrariada. Pode-se mesmo salientar a importância do seu percurso literário, especificamente entre os anos 50 e finais dos anos 70, como nome inquestionável na batalha clara contra a ditadura salazarista. Por essa razão frequentes vezes a obra da escritora veria a proibição intentada e outras concretizada pelo processo censório: « (...) Depois do texto dramático *O Homúnculo* 1965, Natália vê duas vezes a censura proibir a circulação dos seus livros; em 1966, aquando da publicação da *Antologia de Poesia Erótica e Satírica* e, em 1967, aquando da tentativa da publicação do texto para teatro *A Pécora*. (...)»<sup>186</sup> Mesmo no campo da escrita poética a censura não abandonou o percurso nataliano, assumindo a referenciação da autora como elemento contraproducente face à ideologia do regime no poder. A escritora jamais definharia, mesmo quando se isolava em casa no seu processo de criação, dificilmente esquecia a aura censória a pairar sobre a sua cabeça. Esta proporcionava-lhe alento e como a própria afirma: » (...) não sendo escassas as balas que em poemas, disparei contra a univisualidade do mostrengo das coacções fascito-pirosas(...)».<sup>187</sup> Natália Correia critica de forma veemente a redutora capacidade de acção do regime e própria máquina de censura.

Textualiza Natália Correia no conjunto da sua obra a discordância clara entre a sua opinião liberta e de mudança e aquela preconizada pelo regime ditatorial, profundamente conservadora. Os seus escritos revelam-se como: « (...) sinais da palavra imune ao medo que

<sup>185</sup> Ângela Almeida, *Op. cit.*, pp. 32/33

<sup>186</sup> *Idem*, p. 47

<sup>187</sup> Natália Correia, *Op. cit.*, 2000, p. 31

como flecha carregada de esperança atravessou o ar amordaçado do espaço português.(...)»<sup>188</sup>  
 Mesmo no limite do silêncio imposto a escrita nataliana partilhava o desejo de alteração em diversos campos da sociedade portuguesa, principalmente no aspecto político, notoriamente contrário aos seus anseios. Com capacidade de acutilância extrema, Natália Correia reafirma-se: «(...)» [alguém] que não esperou que Salazar morresse para lhe enviar recado público em sátira impressa do seu tédio por um despotismo mediatizado. Alguém que não se prestou ao jogo maricas da entrelinhada contestação, mas disparou o seu asco pelos arganazes pomposamente chamados fascistas em palavras de inequívoca repulsa que acertavam em cheio no odioso alvo.(...)»<sup>189</sup>

Alcançado o final dos anos 60 e início da década seguinte o desfecho da censura continua por concretizar. Sente-se a influência de movimentos estrangeiros pela libertação da mulher em Portugal. Uma obra de cariz epistolar assume destaque, sendo por inerência citada pela censura. Trata-se das *Novas Cartas Portuguesas*(1972), da autoria das três Marias ( Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta), as quais foram: « (...) perseguidas pela justiça, acusadas de atentado contra a moral. (...) ao retomar as famosas cartas da religiosa de Beja [Mariana Alcoforado], o que as três Marias pretendem é denunciar a condição feminina subalterna e afirmar a circulação do desejo, tendo a coragem de propor, numa época marcelista, marcada pela hipocrisia, ideias subversivas relativas à sexualidade e ao aborto. (...) A censura que se abateu sobre o livro não fez mais que exaltá-lo aos olhos do público e a Revolução dos Cravos [25 de Abril de 1974] impediu as perseguições severas que ameaçavam as três escritoras, consideradas como únicas representantes das ideias feministas em Portugal. (...)»<sup>190</sup>

Foi idêntico o acto persecutório e limitador do processo criativo da mulher escritora espanhola, tal como o fora para o congénere masculino. Muitas mulheres ver-se-iam obrigadas a escolher outros países para continuar, sem coacções, o seu processo de criação literária. Todas quantas optaram pela permanência tiveram de desenvolver estratégias de pretensa ocultação do seu trabalho. Várias empreenderam um exílio interior, recluindo-se em locais tranquilos e pouco habitados. Carmen Conde, cuja poesia permite revelá-la como: « (...) una mujer permanentemente en lucha(...)»<sup>191</sup> escolheu, especificamente durante os três anos de Guerra Civil, El Escorial, na Serra de Guadarrama, onde confessa: « (...) pude sacar lo

<sup>188</sup> \_\_\_\_\_, *Poemas a Rebate*, 1975, p. 9

<sup>189</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, 2003, p. 79

<sup>190</sup> Maria Graciete Besse, *Op. cit.*, 2001, pp. 26/27

<sup>191</sup> Leopoldo de Luís, *Op. cit.*, p. 19

mejor de mi vida. Aprendí a conocerme, a saber lo que quiero.(...)»<sup>192</sup> Terminada a intentona Carmen iria demorar algum tempo a publicar a sua obra, contudo manteve o acto de escrita bem desperto para a revelação dos acontecimentos lesivos da vida humana, sobretudo jovens mortos injustamente. Sentimos perpassar nos seus textos de pós-guerra uma voz que: « (...) clama por la humanidad desde sus propias constataciones; clama por los castigados de la tierra, por “ un mundo de fugitivos”, por las plagas del dolor y de la injusticia. Se hace “canto funeral por su época”, acosada y difícil: (...)».<sup>193</sup> De facto podemos apreender nos seus textos, a partir dos anos quarenta e essencialmente na década seguinte uma necessidade imperiosa de procurar defender a mudança de um mundo usurpado e caduco, por outro relevado na força juvenil e principalmente na figura humana. Buscava a verdade dos actos através das suas palavras, pois segundo a opinião de Carmen Conde: « (...) Ser fiel a nuestra época lo considero deber ineludible. No puedo residenciarme en un hermoso siglo dando la espalda al presente. Estos años de destrucción brutal y de arrebatada búsqueda exigen la presencia íntegra del alma en su tiempo.” (...)»<sup>194</sup> Transporta as vivências de um espaço em ruínas, morais e físicas, para um conjunto poético importante.

Ainda que não sejam conhecidos confrontos directos entre Carmen Conde e a censura, alguns pontos na sua biografia nos permitem perceber o seu afastamento da ideologia política ditatorial franquista. Em primeiro lugar a ousadia em revelar a sua angústia pelo desenvolvimento e desfecho da Guerra Civil, sobretudo na obra poética: *En un Mundo de Fugitivos* (1960), toda ela imersa num grito desesperado pela inimaginável desgraça, solta sob a população espanhola, irremediavelmente impelida para a ditadura. Por outro lado o emprego do pseudónimo «Florentina del Mar», revelado pela primeira vez em: « (...) *Vidas contra su Espejo* (1944), novela que se ve obligada a firmar con un de esos seudónimos que para los vencidos- engendró la guerra: “ Florentina del Mar” (...)»<sup>195</sup> Esta citação demonstra uma das estratégias empregues para ultrapassar o processo censório, ao utilizar-se nome diverso do real para ocultar a verdadeira autoria. Carmen Conde revelava: « (...) un espontáneo acto de protesta o de ofensiva para dar paso a “su” impulso poético en el proceso de la historia.(...)»<sup>196</sup> Tornava-se numa figura feminina ousada num espaço largamente patriarcal, ao referenciar o novo caminho da poética escrita por mulheres espanholas. Dessa ousadia

---

<sup>192</sup> *Idem*, p. 20

<sup>193</sup> *Idem*, p. 27

<sup>194</sup> Carmen Conde, *Días por la Tierra*, 1977, p. 10

<sup>195</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, 1984, p. 11

<sup>196</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, 1977, p. 9

surgiram textos de plena densidade reflexiva e íntima, muitos contudo não tiveram primeira edição castelhana em Espanha, mas noutros países, como nos confirma Manuel L. Abellán:

En 1952, Carmen Conde (...) publica en Milán *Mientras los hombre mueren*. Se trata de poemas escritos durante la Guerra Civil. En 1960 aparece en Losada de Buenos Aires *En un mundo de fugitivos*, obra que trashuma a América por suponer la autora que iba tropezar seriamente con censura. (...) Posteriormente, sin embargo, ambas obras fueron publicadas por Biblioteca Nueva de Madrid en 1967 e incorporadas a su *Obra Poética* [1929-1966]<sup>197</sup>

Pela afirmação anterior podemos confirmar a não imiscuência directa da máquina censória na obra condiana, apesar da consciência da sua presença constante por parte de Carmen Conde e daí o seu receio. Saliente-se que a permissão da possibilidade de publicação das obras supracitadas, bem como de outras de autores diversos, pode ter estado relacionada como o facto da:

Censura implacable- (...) se mitigó algo en los años sesenta-(...)».<sup>198</sup> Mas por outra parte reconhece-se o agudizar da repressão: « (...) Con la Ley de Prensa e Imprenta de 1966 [en que] se abre un período de franco deterioro. (...) La censura, mucho más que antes, se convierte en instrumento represaliador según las simpatías políticas manifiestas o latentes de librerías, escritores o editores. Formalmente hablando, la nueva ley ofrecía, en su falacia, resquicios de libertad. (...)»<sup>199</sup>

Desta ambiguidade ressalta o acto criativo de Carmen Conde ao não ser limitado directamente pela censura, mas como referenciado anteriormente, reconhecido o seu poder pela própria escritora. Dada a não reconhecida ingerência política de Carmen Conde na sociedade espanhola da época, talvez essa atitude permitisse resguardar a sua escrita, pois era do conhecimento geral que: « (...) [según] fuera la notoriedad política del escritor, su visión historiográfica de la historia y la cultura y naturalmente, según fuera, también su notoriedad literaria, la censura actuaba severa o blandamente. (...)»<sup>200</sup>

Por ser mulher, ainda não conhecida no meio literário espanhol, amplamente masculinizado, Carmen Conde pôde, com alguma liberdade, expressar os seus sentimentos, por um processo poético de dupla significação e metaforizado, simultaneamente de difícil percepção por quantos careciam de um conhecimento literário mais amplo. A escritora Carmen Conde, como « (...) algunos grandes poetas anteriores a la guerra [había] quedado en España, (...) [recluida] en un exilio interior que, no obstante, [le] permitía escribir, publicar y ponerse en contacto con las nuevas promociones. (...) »<sup>201</sup> Bem como viajar, por largas temporadas, fora do seu país, para conhecer novas gentes e mentalidades. *Jaguar Puro*

<sup>197</sup> Manuel L. Abellán, *Censura y Creación Literaria en España (1939-1976)*, 1988, p. 70

<sup>198</sup> Francisco Rico, Domingo Ynduráin, *Historia y Crítica de la Literatura Española. Época Contemporánea: 1939-1980*, 1981, p. 46

<sup>199</sup> Manuel L. Abellán, *Censura y Literaturas Peninsulares*, 1987, pp. 23/24

<sup>200</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, 1988, pp. 94-95

<sup>201</sup> Francisco Rico, *Op. cit.*, 1999, p.70

*Inmarchito*(1963) é exemplo concreto dessa rota de viajante por terras americanas, especificamente de Nicarágua. Nessa obra podemos encontrar um grito de alerta para a injustiça humana e falta de liberdade. A palavra: « (...) redime, purifica, libera.(...)»,<sup>202</sup> manifestando-se assim a função total da poesia, numa correspondência fiel à ansiedade das mulheres escritoras em períodos de ditadura, coarctora efectiva da liberdade de expressão.

---

<sup>202</sup> Carmen Conde, *Jaguar Puro Inmarchito*, 1963, 9ª est. 4º v., p. 804

## CONCLUSÃO PRÉVIA

A história do Século XX, na Península Ibérica, molda-se em torno de duas figuras marcantes, pela sua envolvência no campo político-social. Falamos, especificamente de António de Oliveira Salazar e Francisco Franco Bahamonde, dois ditadores de diversa personalidade, mas idêntica motivação. Tanto um como o outro, procuraram construir um país à sua própria imagem e semelhança.

Em Portugal Salazar, talvez menos carismático, como foi possível perceber, encetou orientações político-sociais sob a divisa: Pátria, Deus e Família. Para o «bem-estar» da nação portuguesa permitiu a ingerência policial e censória, no intuito de debelar possíveis focos de oposição ao governo instituído. Todos quantos se revelassem contrários às normativas salazaristas seriam sofrendores de coacção física ou psicológica. Profundamente católico, António de Oliveira Salazar, em tempos estudante de seminário, precisou a necessidade de complemento religioso na vida dos seus cidadãos. Pretendia, essencialmente, moralizar os costumes. Em consonância a família constituir-se-ia na base de todo o português interessado no respeito das leis arregimentadas. Às mulheres, preferencialmente, donas-de-casa, cabia a importante tarefa de educar os seus filhos, prover à sua alimentação e, muito importante, obedecer às exigências do chefe-de-família, o homem, necessariamente.

Sob perspectiva consentânea se compôs a vida de Franco, enquanto ditador aferrado ao poder. Também católico, nacionalista e profundamente carismático, viria a construir um regime de terror. Pela opressão física e psicológica determinou a manutenção do seu governo e direccionou a durabilidade, dificilmente questionada, do mesmo.

Viver em Portugal e Espanha durante as décadas de cinquenta a finais de setenta comportou riscos agravados. Os fiéis partidários do regime, comodamente instalado, navegavam ao sabor da brisa, manipulada por Salazar e Franco. Contudo as pessoas de classes sociais mais baixas viviam em extrema penúria, facto desconhecido de alguns, pois não era revelado na imprensa de ambos países, nem mesmo na televisão, a partir da década de cinquenta, quando iniciou as suas emissões regulares. Apenas sobressaía a ficcionada paz e harmonia de dois países forçosamente silenciados.

Coube aos escritores revolucionar a «impoluta» trajectória dos regimes ditatoriais ibéricos. Pela escrita, em prosa ou em verso, se contestaram os poderes iníquos dos ditadores: Salazar e Franco. Mas as vozes literárias não foram bem interpretadas, especificamente se detractárias do poder. A censura mobilizava esforços para impedir a publicação e venda de livros, escritos por opositores declarados do regime. Refira-se o peso da televisão, nessa

época, pois todo aquele considerado «*persona non grata*», dificilmente veria o seu nome ou imagem passar naquele meio de comunicação. Obrigava-se o público ao esquecimento, incitando-o para a leitura de obras manipuladas ou imagens pouco reais.

As mulheres, secularmente revertidas para segundo plano, buscavam alterar a tradição patriarcal. Mas dificilmente conseguiam ingerir-se na sociedade e levantar a sua voz. Elas tinham a obrigação de preparar-se convenientemente, enquanto jovens adolescentes, para a futura vida de casada e por consequência era obrigatória a formação escolar em labores e culinária. Enquanto o saber literário era preterido em favor da conveniência do regime.

Mais incisivas se revelaram algumas mulheres-escritoras, portuguesas e espanholas, ao demonstrarem o seu profundo descontentamento face à manutenção do regime ditatorial ibérico. Algumas exilaram-se dos seus países, por não terem condições mínimas para prosseguir em liberdade. Sem liberdade individual, porque coarctada, restava a liberdade de pensamento interiorizado, dificilmente explícito.

Ser mulher, escritora e na especificidade deste trabalho, poeta, constituiu-se em importante vitória, apesar da extrema limitação, imposta ao espírito. Nem mesmo a incúria dos muitos censores conseguiu inflectir a transferência de ideias e a publicação de textos revolucionários para a época. Acreditamos ter resultado em dupla exigência para as mulheres-poetas a realidade censória. Por um lado impeliu-as a conceber processos linguísticos, extremamente trabalhados e simbólicos, na intenção de ocultar a verdadeira ideologia, inerente aos mesmos. Em segundo lugar, obrigou a um calculado esforço de censura própria ou autocensura, derivante da expectativa de saber se os seus livros conseguiriam ser publicados e consequentemente vendidos, sem ingerência externa.

A literatura e a mulher obtiveram, durante a amplidão temporal das ditaduras ibéricas, uma similar abordagem. Constituíram-se em elementos banais e de relativa importância. Nesta perspectiva e atendendo ao carácter comportamental de Salazar e Franco, ser mulher e em simultâneo escritora, não tinha qualquer valor. Continuava-se a protelar o descrédito feminino.

A manutenção do regime ditatorial em Portugal e Espanha veio a revelar-se pernicioso para todos, à excepção dos seus líderes, esforçados, até ao limite para manter a ordem pública e acalmar os espíritos mais inquietos.

Em Portugal continuava a ser dificultada a presença da literatura no universo comum. Pretendia-se, fundamentalmente, conceber orientações sociais, económicas e políticas, ao invés de favorecer processos de bem-estar cultural. No país vizinho, apesar de na década de



sessenta se ter observado um ligeiro aumento de tolerância, o destaque merecido daquela, continuava sem se fazer sentir.

## CAPÍTULO II

A escrita feminina ou de autoria feminina, se bem que a sua nomenclatura continue sob viva discórdia, providencia-nos um esforço de percepção. Aliamo-nos nessa tentativa, através do estudo de textos poéticos, de duas escritoras peninsulares. Natália Correia, portuguesa de nascimento e insular de coração, proporciona-nos nos seus escritos valiosos testemunhos. Numa procura desesperante, mas consciente, da liberdade, desenvolve a maior parte das suas composições poéticas. Falamos, única e exclusivamente na sua extensa obra de poesia, por a considerarmos ainda bastante desconhecida. Nesse sentido prevemos desenvolver potenciais linhas de entendimento do seu esforço de escrita, aceitando-a numa previsão feminina e não feminista, como adiante explicitaremos. Ao lado de Natália Correia colocamos Carmen Conde, a primeira escritora espanhola a ter acesso à Real Academia das Letras, no ano de 1978. A sua poesia, concebida em momentos de guerra profunda, é marca viva de uma luta interior de busca incessante da liberdade. É este o tópico, aliás, que nos moveu a comparar vivências e escritos poéticos de ambas poetisas ibéricas.

Natália Correia mostra-nos, entusiasta, por vezes, aprisionada, outras vezes, como difícil se tornava a sua existência em tempos de ditadura. Se bem que aquela nunca tenha demonstrado frontalmente receio pelo regime instituído, não o aceitava, de forma alguma. Percebamos, contudo, que a ideologia de Natália não era marxista, antes um pouco anarquista. Para si o mais importante consistia na demonstração verídica dos seus sentimentos e emoções, mais íntimos. Difícilmente ocultava as suas palavras, por lhe ser este um modo vivo de ser. Por este facto, ver-se-ia algumas vezes alvo de censura explícita. Mas nem mesmo assim desistia da sua ambição de alcançar a liberdade. Negou sempre autocensurar-se, por entender ser este um processo limitativo do acto de criação. Criar, por coacção, seria um estímulo para Natália e não uma limitação.

Em Espanha, Carmen Conde, ver-se-ia lançada numa exigente caminhada, onde o processo de escrita, se viria a tornar num verdadeiro antídoto contra a vileza da Guerra Civil, que acometeu o país vizinho. A destruição, as violentas mortes e tudo quanto se interligava com a luta armada, seriam modos estruturantes da poética condiana. Viveria terminado o enfrentamento bélico, referido, um período de reclusão interior e externa. Por opção isolou-se no Escorial e nesse lugar histórico, escreveu efusivamente, como se pode comprovar: « (...) terminada la guerra, en el silencio, en el aislamiento, nos confiesa que escribió mucho, que

escribió para ella.(...)»<sup>203</sup> Praticava o acto de escrita por necessidade imperiosa de esquecimento, incitando-se a prosseguir. A sua extensa obra poética revela-nos todo um esforço de busca de caminhos diversos, dos realmente existentes. São os mundos paralelos, sobre os quais atempadamente nos pronunciaremos.

Associar numa atitude comparatista os processos poéticos de Natália Correia e Carmen Conde, pode entender-se, num primeiro olhar como uma prova quase impossível, mas nós demonstraremos, como, pelo contrário, a mesma é passível e potencialmente necessária. Consideramo-la de interesse e prossecução válida para os estudos literários peninsulares, ainda hoje condicionados, por inentendíveis receios de perda da nacionalidade. Poderíamos ter-nos debruçado sobre a obra em prosa, mas depois de leituras e análises detalhadas, considerámos pertinente desbravar o fundo poético de ambas mulheres-poetas. Entenda-se este conceito sob uma vertente imediatamente sociológica e literária, porquanto afiança a vivência do sexo feminino, utilizador da escrita, num momento social e histórico determinado. Reportamo-nos à época longa de ditadura peninsular. No capítulo anterior explicitámos, de modo abrangente, quais as influências efectivas do salazarismo e franquismo na vida das populações de Portugal e Espanha, no intuito de facilitar a leitura e análise consequente das mostras poéticas, que apresentaremos a continuação.

### **1. Natália Correia e Carmen Conde: duas poetisas ibéricas em período de ditadura.**

Coube-nos a importante tarefa de revelar, perante quantos se demonstram desconhecedores, as poéticas de Natália Correia e Carmen Conde. Escritoras do século XX, com similares datas de nascimento e morte : 1923-1993/ 1907-1996, respectivamente. Da associação épocal dependeu, na sua maior parte a prática comparatista, que encetaremos.

Propomos um passeio sociologicamente estratégico pelo período ditatorial português e espanhol, confinado às especificidades da literatura, no que às escritoras supracitadas diz respeito.

Para não desvirtuar a ambivalência de um trabalho naturalmente científico, minimizamos, qualquer tipo de assunções subjectivas, sobre ambas poetisas. Referimos, a propósito do seu saber existencial, a manutenção do seu processo de escrita. No respeitante a

---

<sup>203</sup> Carmen Conde, *Obra Poética (1929-1966)*, Madrid, 1979, p.11

Natália Correia, exceptuando vozes discordantes, entre elas as da própria, podemos, asseverar a persistência de alguns pormenores surrealistas nos seus textos, principalmente no uso experiencial e notório, como nos confirma Fernando Guimarães, da « capacidade imaginativa [ e de] uma disponibilidade metafórica levada até às últimas consequências.»<sup>204</sup> Essa forma de ocultação do real concreto viria a revelar-se nos textos natalianos sumamente necessária, atendendo à persistência da figura do censor, no decurso de toda a concepção e realização dos textos escritos, não exclusivamente poéticos.

Referenciámos, no capítulo anterior, a forma habitual da intervenção coerciva no acto criador dos vários utilizadores de cultura ibéricos, onde expressámos a diária manipulação das obras visadas. Sem qualquer estrutura intelectual, os censores, viam-se numa função de extrema delicadeza, pois a maior parte das vezes desconheciam a melhor forma de censura. Natália Correia, várias vezes, alvo de censura, salienta que se sentia: « incomodada pela “pide”, que me vinha vasculhar os cantos da casa em demanda de papelada ou livro subversivo.(...)»<sup>205</sup> Era uma, entre muitos escritores, mas nunca se deixava abater. Voltava ao seu quarto ou escritório, preferencialmente àquele, e rebuscava o seu talento literário, num esforço vital de maturação estética. Movia-se em repelentes manifestações de desagrado, nas infinitas reuniões de amigos, organizadas pela própria, em sua casa, ou em locais reservados para o efeito. Era uma força viva, quase « máscula», num entendimento não sexista, mas de personalidade. Tinha uma consistência matriarcal, profusamente contrária, às consignações legais da época, onde o homem se considerava chefe máximo e supremo, do âmbito externo e interno da sociedade. Natália, mostrava-se, perante todos « excessivamente grande, egocêntrica e possessiva (...)»<sup>206</sup>. Dessa enormidade de ser, brotava o desejo constante de rebeldia. Rebelava-se contra as leis impostas, por um regime ditatorial, do qual descreia, sem lhe encontrar qualquer espécie de benefício. Pelo contrário, na insensibilidade salazarista, na inorganicidade do sistema social e político, aprofundava as suas forças literárias, construindo, em si mesma, a afirmação, como referencia Fernando Guimarães, de «(...) um vivo sentido de contestação através da denúncia de certos valores histórica e socialmente aceites, mas cuja relatividade e possibilidade de conversão sabe propor, atingindo, por vezes, uma autêntica capacidade de mistificação na obtenção desses contravalores(...)»<sup>207</sup>

<sup>204</sup> Fernando Guimarães, *A poesia contemporânea portuguesa*, Vila Nova de Famalicão, 2002, p. 99

<sup>205</sup> Natália Correia, *Não percas a rosa, diário e algo mais (25 de Abril de 1974- 20 de Dezembro de 1975)*, Lisboa, 2003

<sup>206</sup> Fernando Dacosta, *Op. cit.*, Lisboa, 2001, p. 130

<sup>207</sup> Fernando Guimarães, *Op. cit.*, p. 99

Chegada a Lisboa, pela mão de sua mãe, e na companhia da irmã, proveniente da ilha de S. Miguel nos Açores, para prosseguir estudos, aliada a uma visão superior de sua mãe, mulher interessada pelo saber, Natália teria visto preparado o seu caminho literário. Não mais se afastaria da pretensão de desenvolver a liberdade, para si e para os outros. Especialmente, se entendermos, como ela o pressentia, o acto de escrita, numa forma de «salvação».<sup>208</sup> Procurou salvar-se das garras afiadas do salazarismo. Encetou um dúctil trabalho de concepção poética, na eminência de aprofundar a sua liberdade interior, dado que exteriormente, se tornava limitativa. Natália Correia definiu a Censura fascizante como um «paraíso terrestre dos que não tinham liberdade interior. Mantenho que havia liberdade de expressão para quem quisesse correr os riscos de exprimir a sua liberdade interior. (...)»<sup>209</sup> Todos, quantos se sentissem impelidos para a demonstração literária dos seus anseios, mais prementes, poderiam fazê-lo, mas sempre em risco de ver censurados os seus textos. O espectro censório manipulava vontades, mas dificilmente demoveu Natália. Seria julgada, já em tempo de Marcelo Caetano «por ter ousado publicar uma *Antologia da Poesia Erótica e satírica* com prefácio igualmente ousado para o tempo, (...) a escritora foi condenada a três anos de prisão com pena suspensa. (...)»<sup>210</sup>

Ela ambicionava através da sua poesia estabelecer a «recriação do mundo»<sup>211</sup>, associar ao mundo real um novo espaço, liberto de condicionamentos externos. Para atingir a liberdade plena, a poetisa portuguesa exigia, algo pouco provável, especificamente num estado coarctor de pretensões, a formação de «uma liberdade adaptada a [si], aos imperativos da [sua] subjectividade. [Algo que nenhuma] máquina do poder consente. (...)»<sup>212</sup>. Mesmo «pouco livre», Natália Correia, nunca se considerou totalmente limitada, principalmente porque conseguiu escapular-se «ao maior risco: o apodrecer no campo de concentração interiorizado da auto-censura.(...)»<sup>213</sup> Antecipadamente referenciámos, dentro das várias espécies de censura, a censura prevista pelo próprio criador literário: a auto-censura. Esta baliza a negação das palavras decididamente acutilantes para o regime em vigor, obrigando o escritor a construir novas palavras, no receio de ver impedido o seu esforço de criação. Revelar-se perante tudo e todos foi a forma encontrada por Natália de se evidenciar, nas letras portuguesas.

<sup>208</sup> Fernando Dacosta, *Idem*, p. 131

<sup>209</sup> Natália Correia, *Idem*, p. 9

<sup>210</sup> Graciete Berta de Sousa Nobre, *A Poesia de Natália Correia e o Espírito da Heterodoxia*, Lisboa, 1993, p. 13

<sup>211</sup> Ângela Almeida., *Op. cit.*, Lisboa, 1994, p. 6

<sup>212</sup> Natália Correia, *Idem*, p. 90

<sup>213</sup> *Idem*, p. 91

Em 1950, período que nos interessa, pela balização temporal definida, no âmbito deste trabalho, Natália tinha 26 anos e regressava de uma de várias viagens, que encetou ao longo da sua vida. Vinda dos EUA « Começa a conviver com António Sérgio, Cesariny, Eugénio [de Andrade], [David] Mourão-Ferreira, Ferreira de Castro ou Urbano [Tavares Rodrigues]. A sua casa torna-se um espaço de convívio cultural e de revolta contra o regime de Salazar(...)»<sup>214</sup> Deste convívio, quase diário, resultou a sua escrita « iluminada pela claridade de uma força interior indomável. Uma voz que soube inquietar-se e inquietar, (...)»<sup>215</sup> Inquietos os espíritos e as forças humanas, pela escrita nataliana, não mais poderiam silenciar-se, não fosse a existente e pálida censura. Contudo, algo poderia fazer-se. Era a poesia o pórtico da nova ventura, e « (...)”a palavra vinha à poesia para tornar audível o que fala no silêncio.”(...)»<sup>216</sup> Silenciados todos, opositores, favoráveis ao sistema, apenas o líder (Salazar) tinha palavra total. Pressupunha-se que o único meio de ultrapassar o impedimento discursivo oral claro seria pela escrita. Esta evidenciaria estratégicos formatos de desvanecimento da realidade, numa prova extrema de manipular, de modo imperceptível, os «esforçados» censores. As palavras de Natália Correia revelar-se-iam «um instrumento verbal incomparavelmente mais maleável [do que o surrealista], simultaneamente mais amplo e mais dominado, muito mais regido pela lei da metáfora libérrima- que aproxima zonas semânticas por vezes afastadíssimas.(...)»<sup>217</sup>

A si mesma, como praticante da escrita, num desejo de emancipação, de desvinculação das normativas, se vê Natália Correia, numa tentativa de « criar e impor ao mundo o seu vocabulário pessoal, inventar novos sistemas de sinónimos, descobrir novos nexos e novas relações entre as palavras e as coisas.(...)»<sup>218</sup> O valor das palavras, seria providencialmente explanado pela obra poética nataliana, onde cada poema, dificilmente se poderia refutar a revelar um pouco da sua criadora. A própria nos explicita tal atitude:

[Não] será cada poema um pouco da biografia de todos? (...) [Na] vivência do meu fazer poético [surge-me] como evidência : o brotar da poesia numa linguagem construída na esfera psíquica de factores transpessoais que actuam como uma força unificadora. Eis porque nada é isolável em poesia, pelo que não pode ela furtar-se a nenhum modo de expressão, vivendo o poeta em cada um deles os diversos heterónimos do estar sendo em situação interior ou exterior.”<sup>219</sup>

Ao expor as suas palavras, o poeta experiencia-se perante os outros, logo busca a unidade, difícil de encontrar e mesmo de reportar na forma escrita. Por nunca perecer na sua

<sup>214</sup> Carlos Câmara Leme, “ A mulher que cruzou todos os mares”, *Público*, 16-3-2003, p. 41

<sup>215</sup> Maria Augusta Silva, “ A pele de um corpo literário”, *Diário de Notícias*, 7-12-2000, p. 51

<sup>216</sup> Helena Barbas, “ Lapidar a matéria da palavra”, *Expresso*, 29-1-2000, p. 31

<sup>217</sup> David Mourão Ferreira, *Tópicos Recuperados, sobre a crítica e outros ensaios*, Lisboa, 1992, p. 279

<sup>218</sup> *Ibidem*, p. 280

<sup>219</sup> Natália Correia, *Op. cit.*, Lisboa, 2000, p. 30

caminhada, a poesia manifesta a sua virtude extrema de expor todas as expressões humanas.

A estética de Carmen Conde permite estabelecer associações plausíveis ao mundo poético de Natália Correia, pela vitoriosa envolvência encarnada, na persistente proposição de alcançar a liberdade. O anseio incita a escrita e a sua criadora, dificilmente alheia ao mundo que a envolve. Ainda jovem a escritora espanhola, conforme nos referencia Emilio Miró, na introdução de *Obra Poética*, antologia de vários textos de Carmen Conde « fundía su sangre y su carne (...) com la riqueza metafórica da época, com un rico artificio verbal.(...)»<sup>220</sup> Permitia-se a si mesma a confluência de sentimentos difusos, resultantes de um mundo mutilado e em guerra. Aprendia, neste, material para as suas exposições poéticas. Por dificuldades, directamente provenientes do embargo social em que se encontrava o país, Carmen Conde recorreu frequentes vezes a formas metafóricas para não evidenciar a realidade. Ainda o mesmo especialista na obra condiana, supracitado, salienta como « El yo de la escritora [brotaba] del paisaje, de una realidad metaforizada en vuelo de fantasía y literatura, lo [llenaba] todo, lo [inundaba] en su lírico arrebatado subjetivismo.(...)»<sup>221</sup> Subjectivamente, Carmen Conde traça o seu caminho de vida e escrita, sumamente partilháveis, onde se observa « una poesía existencial desgarrada de fuerte subjetivismo, acusatoria y angustiada (...)»<sup>222</sup> Acusam-se os estratagemas deshumanizantes, a perfídia da guerra, num grito desalentado e duro. Carmen busca a palavra liberta de entraves, dirigindo-se a todos, como ela, poetas. De facto « su gran bandera, la ondeada en todos sus libros, es la *palabra*, redentora, purificadora, liberadora.(...)»<sup>223</sup>

No decurso da sua vivência escrita, Carmen não se inibe a protestar contra os males do mundo, que dolorosamente transporta para os seus textos. Não pode ficar impassível perante a dura realidade, sendo-lhe fiel, como a própria expressa: «Ser fiel a nuestra época lo considero deber ineludible. No puedo residenciarme en un hermoso siglo dando la espalda al presente. Estos años de destrucción brutal y de arrebatada búsqueda exigen la presencia íntegra del alma en su tiempo»<sup>224</sup>

Apesar de não expressar-se tão efusivamente como Natália Correia, na vida social, não deixa de ter o seu núcleo de amigos, preferencialmente recheado de escritores, onde aprofunda seus anseios. Juntamente com Antonio Oliver Belmás, seu marido, contacta com diversas figuras literárias, de relevância para a época, entre elas: Juan Ramón Jiménez e

---

<sup>220</sup> Carmen Conde, *Ibidem*, p. 9

<sup>221</sup> *Idem*, p. 10

<sup>222</sup> *Idem*, p. 21

<sup>223</sup> *Idem*, p. 22

<sup>224</sup> Carmen Conde, *Op. cit.*, p.14

Gabriel Miró. Dos seus encontros retirou importantes ensinamentos, os quais representará nos seus vários textos em prosa e sobretudo em poesia. Leopoldo Luís, estudioso da obra condiana, assegura: «(...)Antonio Oliver influyó en su rumbo poético. Juntos comenzaron las lecturas de Juan Ramón Jiménez- maestro indiscutible para todos los jóvenes de la época- a quien Carmen escribe y en quien encuentra estímulo para algunos de sus poemas en prosa»<sup>225</sup>

O franquismo, com o seu excurso censório, viria a influenciar directamente o processo de escrita condiano, obrigando a escritora Carmen Conde a introduzir um pseudónimo, como já se havia referenciado no capítulo anterior, na tentativa de não ser sujeita a expressos actos de censura. Escolheu o nome «Florentina del Mar», resultante da sua veneração a uma virgem de mesmo nome e associável ao seu grande fascínio pelo mar. Continuou a escrever, mas agora num local de meditação, depois de ter sentido que “ se há puesto el silencio en marcha”<sup>226</sup>. O espaço escolhido foi o Escorial<sup>227</sup> e funcionou como reforço para a sua escrita, que estivera estagnada, durante o processo de guerra. Em 1945, concluída a luta beligerante entre civis e militares espanhóis, Carmen reúne-se com a sua mãe e marido em Madrid. Era o tempo «de la tercera España: la del silencio. Es decir, la que había sido reducida al silencio y hubo de salir de él a fuerza de abnegación (...) a cambio de cumplir su misión de continuidad cultural y de abrir cauces a la convivencia.(...)»<sup>228</sup>

Silenciadas as vozes, mesmo que não se revelassem directamente opostas ao regime instituído( a Ditadura), cabia-lhes encontrar meios de soltar os gritos aprisionados. Dos escritores dependia a melhor forma de alerta, se bem que passíveis de censura. Para poder passar as suas palavras, Carmen enceta um acto criativo de plena reflexividade, constantemente hermético, cremos que na possibilidade mínima, como aliás já havíamos expressado, de os censores tomarem contacto com a sua obra, dificilmente apreenderiam o seu conteúdo real. Quando cria, a poetisa « exige más de su lector, dota al sentido del nimbo sacralizante que pone un conocimiento menos familiar, obliga a un esfuerzo mayor (...) [Las] palabras han dejado de ser simplemente denotativas y se cargan de exotéricas connotaciones.»

<sup>229</sup>

Ampliam-se os recursos estéticos numa poesia profundamente conotativa, por forma a corresponder a palavra nova à sua real acepção, desvirtuada intencionalmente. Essas alterações ficar-se-iam a dever, segundo podemos pensar, a técnicas explícitas de auto-

<sup>225</sup> Leopoldo de Luís, *Op. cit.*, 1982, p. 9

<sup>226</sup> Carmen Conde, *Op. cit.*, 1984, p. 12

<sup>227</sup> San Lorenzo del Escorial- cidade espanhola, a 40 km de Madrid «onde se ergue um magnífico palácio-convento que é também panteão real, construído entre 1563 e 1584 para o rei Filipe II.»(AA.VV. 1989:242)

<sup>228</sup> Carmen Conde, *Idem*, p. 13

<sup>229</sup> Carmen Conde, *Cráter*, Madrid, 1985, p. 15



censura, que instilariam o conseqüente exílio exterior. Este veio a pautar-se, relativamente a Carmen Conde, na sua reclusão, num afastamento deliberado do meio político, ainda que não se revelasse afecta ao regime, não se manifestava contrária ao mesmo, bem ao contrário de Natália Correia, como referimos. Contudo percebemos a sua atitude de não associativismo com a Ditadura, por ter-se visto impelida a utilizar um pseudónimo, permissivo e continuação da sua escrita, sob máscara. Por consequência o acto censório revelava-se como «(...)una realidad con la que [el escritor español] debía contar; a la censura ejercida por el poder, tenía que corresponder él con su propia censura. O mejor que censura había que decir con su propia estimación de los riesgos que lo plasmado en el papel debía correr.»<sup>230</sup>

Escrever revelava-se um alto risco, porque nunca se tinha total certeza de quais os textos passíveis de ser visados pela censura. Contudo consideramos que o escritor saía directamente beneficiado de todo este processo, se atendermos à opinião de Francisco Rico, segundo o qual:

[El censor puede ser colaborador] que en casos extremos, raros y felices (...) se constituye en afortunado consejero, en oportuno ayudante: y ello de dos modos principales: primero al forzar con su existencia al escritor a luchar con el instrumento que maneja, el lenguaje, a trabajar hasta el extremo con él, a rehacer una y otra vez ciertas frases para poder expresar de modo “pasable” lo que intenta decir. En un segundo caso el propio censor al tachar un párrafo- y aquí influye más el azar que cualquier otro elemento- dejaba a la vista un texto que resultaba más redondo, más unitario que el anterior.<sup>231</sup>

O trabalho extremo a que se via acometido todo e qualquer escritor, directa ou indirectamente afecto ao poder instalado, regulou a sua forma de escrita e aprofundou a utilização de recursos estilísticos vários, entre os quais destacamos a metáfora, dado que Natália Correia e Carmen Conde, a empregariam em profusão nos seus textos.

Mas como mulheres e em simultâneo escritoras, não pode ser debelada a questão do processo autoral nas suas obras. Por esta razão, empreendemos, no ponto que se segue à explicitação desse assunto. Fazêmo-lo conscientes da importância da escrita realizada por mulheres, em qualquer momento histórico, e mais quando o silêncio obrigatório funcionou como estímulo e alento para a emancipação, há tanto pretendida. Se anteriormente expusemos factualmente a manifesta atitude dos ditadores, perante a figura feminina, a continuação procuraremos referenciar a peremptória necessidade de aprofundar os factores relacionáveis com a dignidade e igualitarização da figura feminina, perante os seus congéneres homens.

<sup>230</sup> Francisco Rico, Santos Sanz Villanueva, *Op. cit.*, Barcelona, 1999, p. 59

<sup>231</sup> *Idem, ibidem*, p. 60

## 2. Poetisas ibéricas: questão de autoria.

As escritoras seleccionadas para comparatismo estético/ideológico, Natália Correia e Carmen Conde, foram mulheres sobre as quais recaíram opiniões diversas. A escritora portuguesa não se revelava com facilidade, pois era « (...)um ser tocado pelo sagrado, um desses seres que não cabem no espaço que lhes foi destinado, nem no corpo, nem nas normas, nem nos modelos, nem nos sentimentos.(...)»<sup>232</sup> Pela escrita assumia o seu verdadeiro ser, inquieto e pululante de palavras. Em todas as formas recorrentes de emprego linguístico, resultantes da poética nataliana, conseguimos apreender a riqueza imagética e a vigorosa energia vocabular. Propicia-se um elementar gozo de sentidos e uma inultrapassável exploração do interior humano. Julga-se profetiza, sábia sibila de momentos únicos, em que se empregam recursos surrealistas, mesmo não totalmente consciencializados. Como mulher, impele a sua mundividência para um reconfortante « paraíso supraterrrestre», libertador e único. Natália confia-nos, em diário próprio, que a Liberdade só se torna acessível a quantos « (...) trazem em si a unidade».<sup>233</sup> Matriarcal na busca da essência de si mesma, enquanto mulher e poeta. As palavras enformam-se em redutos unívocos, onde se imaginam confluências de liberdade.

Ao recorrer ao género poético, Natália problematiza os seus recônditos anseios, aqueles que ainda não ousara espartilhar, entre eles a libertação de si mesma, como mulher, de um mundo vincadamente masculino. Cabe-lhe encetar, conforme expressa Ângela Almeida «A (...) luta pela liberdade enfrentando o Fascismo e a Censura, e o seu caminho cultural forma, sem dúvida os suportes ideais para o alcance do surreal, indispensável ao objectivo último- a realidade unificante. Não é pois, também, por acaso, e neste contexto, a sua luta pela libertação da Mulher ou do *feminino*.»<sup>234</sup>

Entabula uma luta séria e dirigida ao poder secular e puído, concentrado na figura do homem. Acomete, no modo que melhor a define, pela expressividade da palavra, contra os muros altos e estoicamente defendidos, pelos rígidos valores patriarcais. Não se intitula feminista, pelo contrário, feminina e acima de tudo «Mulher livre, que se manteve até ao fim fiel a si mesma,(...) »<sup>235</sup>

<sup>232</sup> Fernando Dacosta, *Op.cit.*, p. 169

<sup>233</sup> Natália Correia, *Op. cit.*, Lisboa, 2003, p. 109

<sup>234</sup> Ângela Almeida, *Natália Correia, Mãe Ilha, Biobibliografia e Iconografia*, Lisboa, 1993, p.8

<sup>235</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, p. 6

Quando escreve Natália exhibe o seu talento, ainda não suficientemente compreendido e modela-se Mulher, realmente maiúscula, numa prática abrangente e universal. Figura perante a sociedade e de acordo com a opinião de Mário Soares, como alguém « iconoclasta, irreverente, [provocatória], mesmo exibicionista»<sup>236</sup> A destruição da imagem imperiosa, resultante da ditadura, a irreverência, provocação e exibicionismo, funcionam, não apenas como actos rebeldes, mas preferencialmente, em forma de ocultação « (...) máscara e uma defesa da verdadeira Natália- mulher de uma enorme sensibilidade, realista, solitária, solidária, empenhada numa profunda transformação social e cultural.»<sup>237</sup> Aqui conseguimos nivelar a intencionalidade inerente à obra poética de Natália Correia: busca incessante da Liberdade, pelo recurso universal da palavra. Daí o enorme trabalho de concepção e realização dos seus textos poéticos, pois estes são imagens potenciais de um mundo pleno de novidade, quase surreal. Ainda que refute a associação plena à corrente literária e estética do surrealismo,<sup>238</sup> por possuir «Uma alma profundamente romântica, a única corrente literária e de pensamento que estabelece uma possível ponte para o romantismo é, sem dúvida, o surrealismo, [ela própria confirma:] “ Segui sempre uma linha romântica. O surrealismo foi a última expressão do romantismo. Foi nesse meio que se estabeleceu a minha cumplicidade.”»<sup>239</sup>

Surrealista em associação ao marcado romantismo que resulta das suas composições poéticas, a par de um recurso, profusamente, existencialista, assim se representa a formação literária nataliana. Neste ponto assumimos outra linha potencial de comparatismo com Carmen Conde, como oportunamente e na prática, iremos comprovar.

Ao alcançar a década de sessenta o perfil de Natália Correia já se encontra perfeitamente estruturado e vai-se evidenciar a:

Vertente fundamental do perfil de Natália – Mulher- escritora: a emersão do feminino. (...) É a partir de agora que a voz e obra alcançam a alma de tantas e tantas mulheres que encontram neste desassombro um *alterego* para o grito denunciante de um colectivo feminino reprimido, mas com medo. E Natália não tem medo. Nunca feminista<sup>240</sup>, mas sim bastante feminina. (...) [Ela] lutará por uma sociedade onde o homem e a mulher tenham uma voz complementar uma da outra.<sup>241</sup>

<sup>236</sup> *Idem*, p. 7

<sup>237</sup> *Idem, ibidem*, p. 7

<sup>238</sup> Manifestação artística atribuída a André Breton, conceptualizada como: « Automatismo psíquico puro, pelo qual se pretende exprimir, verbalmente ou por escrito, ou de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento.»(BRETON 1985:47)

<sup>239</sup> *Idem*, pp. 36-39

<sup>240</sup> O pensamento feminista constata que : «a estrutura das relações entre homens e mulheres é uma estrutura de poder, que assegura a dominação daqueles sobre estas. Partindo deste ponto comum, o pensamento feminista diversifica-se infinitamente quando se trata de saber como e com que objectivo essa estrutura deve ser abolida, e o que é feito da diferença sexual quando ela escapa à sua determinação sócio-histórica.»(DUBY e PERROT 1995: 343)

<sup>241</sup> *Idem*, p. 51

Como mulher e em simultâneo poeta, Natália sente-se impelida para a vitória, numa caminhada insistente, que a pouco e pouco, se vê como fonte de mudança. Em si recai o principal papel de « Joana d’Arc » da vida feminina portuguesa. Lutadora sem receios, irá enfrentar os negativos valores sociais empedernidos, no intuito de cimentar a união de sexos, no entendimento da sua necessária individualidade. Será na poesia que Natália encontra (...) a face feminina do conhecimento e a este se entrega em acto absoluto, aliás como em tudo na vida.(...)»<sup>242</sup> Reúne-se pela palavra, que ousa despertar no seu interior e imagina um mundo novo, paralelo ao existente, onde a solidão, providenciará uma história remodelada e justa. A justiça manifestar-se-á com a mulher, ao assumir-se « ela própria, (...) ovularmente o segredo do Universo. Ela contém em si a sabedoria. Às vezes não tem é consciência disso.(...)»<sup>243</sup>

Quando escreve, Natália Correia busca reverter a máxima força do seu ser feminino para o texto em realização. Ovuliza as palavras e confronta-as com a necessidade de assunção do « paradigma da Grande Mãe [a unidade procurada] (...) [onde Natália diz que vê] a fonte cultural da mulher, por isso lhe chamo matrismo e não feminismo.(...)»<sup>244</sup> Mãria foi palavra sugerida e empregue, pela poetisa referida, nos seus textos, numa alusiva comparação com o vocábulo Pátria, cuja formação é estruturantemente masculina, ao invés da primeira subordinada à mulher. Por não se considerar feminista, mas matrista, Natália constrói um entendimento diverso da singularidade feminina, que durante tempos infintos encetou uma luta inglória pela autodeterminação e pela dignificação do seu sexo.

Carmen Conde viria a revelar-se uma mulher-poeta, sobretudo, exigente consigo mesma, em profunda luta interior, na ânsia de prefigurar uma «terra de ninguém», onde solitária preveja a mudança do mundo real. Porque este se lhe mostra inconsistente, rígido e sexista, recorre à estratégia literária para conceber um espaço novo, definido pelo recurso metafórico. Em simultâneo com a sua condição feminina, assume a poetisa, em voz própria «En su *Estética Poética*: “...Si yo soy poeta, el hecho de que soy mujer no debe permanecer ajeno a mi condición, y no se trata de hacer una obra estrictamente femenina, sino de enriquecer el común acervo con las aportaciones que sólo yo en mi cualidad de mujer poeta puedo ofrecer para iluminar una vasta zona que permanecía en el misterio”»<sup>245</sup>

Estipulou, com o seu processo de escrita, a função de preconizar o primeiro passo na literatura feminina do seu país, arredada há longo tempo do seu papel principal. Carmen

<sup>242</sup> *Idem.*, p. 54

<sup>243</sup> Antónia Sousa, et al., *Op. cit.*, 2004, p. 57

<sup>244</sup> *Idem.*, p. 65

<sup>245</sup> Carmen Conde, *Op. cit.*, p. 17

Conde configura os seus escritos, numa tentativa, no nosso entender conseguida, de enfatizar o valor das mulheres na sociedade, muito para além da responsabilidade maternal e familiar, consignada, uma vez mais pelo regime ditatorial. Sente-se o crescimento sucessivo da sua « voz que expresa como verdadera tragedia el dolor de su existencia de mujer sentido en carne viva.»<sup>246</sup> Carmen concorre com a vida real, nas suas expressões poéticas, profundamente meditativas e reflectidas. Sentimos em cada texto uma luz plena de significado, para além da sua habitual acepção. São metáforizações da vivência real, frustrante, opressora e mortificante, na pretensão constante de mudança. De facto, Liberdade; Opressão e idealização de Outro Mundo funcionam como tópicos recorrentes nas poéticas de Carmen Conde e Natália Correia, estruturalmente entendidos na abrangência do nosso trabalho. Ambas poetisas nos convidam para uma despersonalização de nós mesmos, despindo-nos de valores esclerosados e ulteriores, para desta forma, nos sentirmos plenamente disponíveis para saborear os seus textos. Estes retratam a época das suas vidas, as quais nós poderemos, num pequeno esforço, considerar como nossas. É potente e conceptualizante a força imagética das poesias nataliana e condiana, ao proporcionar-nos uma intimidade quase total com as suas palavras. Unimo-nos num pensamento intencionalmente prefigurado de reunificação e estreiteza de interesses. Permitimo-nos associar uma opinião dirigida aos textos de Carmen Conde, com a poética de Natália Correia, ao considerar que o leitor « en cada momentum intenso de la lectura, pierde su viejo “yo” y gana outro nuevo”. (...)»<sup>247</sup> Esta é a estratégia poética de cada uma das escritoras em análise, quando facultam tópicos de interpretação condizentes com a sua verdadeira condição de mulheres e portadoras de cultura.

A entrada de Carmen Conde Abellán, de seu nome completo, em 1978, na Real Academia Española evidenciou como «(...) una vez más la autora (...) rompía los moldes tradicionales y abría un nuevo camino a los destinos de la mujer.(...)»<sup>248</sup> Num mundo de homens ousava instalar-se uma figura distinta das letras espanholas, uma mulher, frisemos. Valera a pena todo o esforço, a meditação incansável e o trabalho extremo da palavra, dado que assim se permitia, Carmen Conde, a si mesma, descobrir-se « “outra/ que contiene a otras/criatura en [sí]” (...) La mujer se sienta a meditar y descubre las multitudes que le confiaron sus secretos a cambio de que pueda transmitirlos (...)»<sup>249</sup>

Na poesia de Carmen Conde apreendemos uma importante preocupação com quantos a rodeiam, mais ou menos conhecidos, na sua luta diária. Atenta às modulações e ritmos de

<sup>246</sup> Francisco Rico, Santos Sanz Villanueva, *Op.cit.*, p. 204

<sup>247</sup> Carmen Conde, *Op. cit.*, 1977, p. 25

<sup>248</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, 1984, p. 15

<sup>249</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, 1985p. 9

vida do ser humano, incorpora nos seus textos ansiedades reprimidas e desejos obscurecidos, seus e dos outros. Leopoldo Luís comprova a nossa opinião, quando afirma: «Si en la poesía de Carmen Conde la preocupación por el ser humano es esencial, esta preocupación se matiza desde su condición femenina (libre el adjetivo de connotaciones peyorativas) y se concreta con intensidad en el destino de la mujer.(...)»<sup>250</sup>

Quando escrevem as mulheres procuram partilhar o seu modo de observação da vida, em que se encontram directamente inseridas. Os textos constituem-se em espelhos reflexos da sociedade, apresentando-a directa ou indirectamente, atendendo ao tipo de regime instaurado. Tanto Natália, como Carmen instalam o mundo visível, transtornante e obrigatoriamente silenciado nas suas composições poéticas. Reincidem frequentes vezes na luta pela libertação dos seres humanos, subjugados à inépcia do governo ditatorial, tanto homens como mulheres, sem qualquer distinção, contribuindo com os seus textos para o bem comum.

Os potenciais leitores de um qualquer tipo de texto, de autoria feminina ou masculina, também desempenham importante função, porquanto irão revelar se aceitam ou pelo contrário refutam aqueles. O interesse que o destinatário manifestar perante a obra, resulta sempre do sexo do seu autor, como afiança Maria Leonor Nunes:« (...) [O] olhar sobre um texto, a forma como o lêem ou ouvem é diferente consoante sabem se o autor é masculino ou feminino. É uma espécie de filtro, de preconceito que interfere no entendimento de um texto.(...)»<sup>251</sup> Por correspondência quando Natália Correia e Carmen Conde, nos seus respectivos países, encetaram o seu processo de escrita, acreditamos terem certamente sofrido com o preconceito associável ao sexo do autor, neste caso feminino e caracteristicamente minorizado, pelo regime ditatorial em curso. Mas, na prática, esta atitude sexista, ao invés de afrontá-las, antes reforçou a sua partilha verbal, fundamentalmente escrita, com os potenciais leitores, nunca negando o seu traço feminino, parte integrante da sua personalidade. Transformadas em mulheres-poetas assumiram «Segundo Cora Kaplan, (...) uma condição de “dupla transgressão”, por um lado, infringindo a norma do silêncio cultural e, simultaneamente, ousando buscar expressão própria na poesia”, a linguagem mais enfaticamente negada às mulheres, a forma mais concentrada de linguagem simbólica»<sup>252</sup>

Transgressoras de valores retrógrados e másculos, as mulheres-escritoras «invadem», com seus textos, a sociedade patriarcal. Com um conjunto de símbolos e metáforas característicos, ousam Natália Correia e Carmen Conde atravessar uma fronteira histórica,

<sup>250</sup> Leopoldo de Luís, *Op. cit.*, p. 25

<sup>251</sup> Maria Leonor Nunes, “Enigmas da Escrita”, *Jornal de Letras*, 3-3-2004, p. 8

<sup>252</sup> Helena Buescu, et al., *Floresta encantada, novos caminhos da literatura comparada*, Lisboa, 2001, p. 278

comummente em desacordo, transferindo o seu grito de alerta numa poesia-outra, prestes a atingir o ansiado mundo, longe de irresponsáveis e redutoras ditaduras.

### **3. Análise comparativa de textos poéticos, seleccionados nas obras de Natália Correia e Carmen Conde.**

As formas poéticas femininas, potenciadas por Natália Correia e Carmen Conde, confluem para uma vertente associável e permissiva de comparação. Vislumbradas as linhas características de uma e outra poesias, no âmbito autoral e de relevância histórica, porquanto concebidas em período de ditadura. Passamos à demonstração concreta dos aspectos teóricos apreendidos ou sugeridos no capítulo e pontos anteriores.

Procedemos a uma análise comparatista, fundamentada na exemplificação concreta de um conjunto de composições poéticas, de Natália e Carmen, respectivamente. Aquelas foram seleccionadas num corpus extenso e abrangente, após leituras analíticas, promotoras de factos marcadamente partilháveis.

O processo de leituras desenvolveu-se segundo um plano previamente estipulado. Considerámos as obras poéticas de Carmen Conde, situadas entre os anos 1951 (*Iluminada Tierra*) e 1980 (*La Noche Oscura del Cuerpo*) e por consequência os livros : *Poemas*(1955) e *O Dilúvio e a Pomba* (1979) de Natália Correia.

Iniciámos a leitura e análise aleatoriamente pela escritora Carmen Conde, debruçando-nos sobre o livro: *Obra Poética*, dado que este incluía obras completas, entre os anos 1929 e 1966, abarcando parte do período temporal que seleccionámos para estudo (anos cinquenta a oitenta, do século XX, período ditatorial). Lêmos todas as composições poéticas inclusas na obra *Iluminada Tierra*(1951); *Vivientes de los Siglos*(1954); *Los Monólogos de la Hija*(1959); *En un Mundo de Fugitivos* (1960); *Derribado Arcángel* (1960); *En la Tierra de Nadie* (1960); *Los Poemas de Mar Menor*(1962); *Jaguar Puro Inmarchito* (1963) e alguns textos inéditos: *Devorante Arcilla*(1962); *Enajenado Mirar*(1962-1964); *Humanas Escrituras* (1945-1966). Para além das obras incluídas na antologia, supracitada, estudámos, em livros autónomos: *A Este Lado de la Eternidad* (1970); *Corrosión* (1975); *Cita con la Vida* (1976); *El tiempo es un Río Lentísimo de Fuego*(1978) e por último *La Noche Oscura del Cuerpo* (1980).

No respeitante a Natália Correia, considerámos no livro antológico, intitulado *Poesia Completa*, as obras integrais: *Poemas* (1955); *Dimensão Encontrada* (1957); *Passaporte* (1958); *Comunicação* (1959); *Cântico do País Emerso* (1961); *O Vinho e a Lira* (1966);

*Mátria* (1968); *Mosca Iluminada* (1972); *O Anjo à Entrada do Ferro* (1973); *Epístola aos Iamitas* (1976) e *O Dilúvio e a Pomba* (1979). Salientamos ainda a leitura de vários textos inéditos, sem titulação específica.

Terminadas as leituras das obras condiana e nataliana, passámos à sistematização de tópicos permissivos de comparatismo. Como as poesias prefiguravam, na sua maioria, uma confluência de vários temas, decidimos proceder à agrupação de textos, consoante a recorrência daqueles. Conscientes do excessivo número de composições poéticas, encetámos uma selecção criteriosa de trezentas composições (v. anexo 1), numa divisão de 150 textos, de cada uma das escritoras, respectivamente.. Aqueles seriam posteriormente distribuídos por alíneas temáticas. A primeira reportar-se-ia à tríade: Liberdade/ Opressão e Outro Mundo . A seguinte, em conjuntos de duas variantes: Liberdade/ Opressão; Liberdade/ Outro Mundo e Opressão/Outro Mundo. Por último revelámos cada um dos tópicos em individualidade expressa. Pareceu-nos vantajoso diferenciar, num estudo tripartido, os textos escolhidos, sob a convergência efectiva dos três elementos temáticos, atrás referidos.

Feita a selecção e respectivo agrupamento por variáveis distintivas, passámos à diferenciação de cada um dos grupos nos textos escolhidos.

Para o presente estudo analítico teremos por base os seguintes textos e de acordo com as variáveis:

A) Liberdade/Opressão/ Outro Mundo ( em conjunto):

TEXTOS DE NATÁLIA CORREIA	TEXTOS DE CARMEN CONDE
<p><b>Poemas</b>(1955):</p> <p>1. p. 62 « O Mistério»;</p> <p>2. p. 64 « A necessária complexidade da semente»;</p> <p>3. p. 69 « Intoxicação»;</p> <p>4. p. 71 « O poeta e as víboras»;</p> <p>5. p. 91 IV « Não ficarei nos charcos como um bicho»;</p> <p><b>Dimensão Encontrada</b> (1957):</p> <p>6. pp. 114/115 « Perfil em arco-íris que te espantas»;</p> <p>7. p. 118 « Há um cipreste que se</p>	<p><b>Derribado Arcángel</b> (1960):</p> <p>1. p. 711 « A toda lucha esperas, oh palabra inaudible»;</p> <p>2. p. 721 « Mis contornos se borran»;</p> <p><b>En la Tierra de Nadie</b> ( 1960):</p> <p>3. p. 776 « En la tierra de nadie se acumulan»;</p> <p><b>Devorante Arcilla</b> (1962):</p> <p>4. pp. 833/834 « El mundo se queda atrás, y hay tanto mundo»;</p> <p>5. p. 836 « Todo es a la vez. Al mismo tiempo»;</p> <p>6. p. 842 « ¿ Y por qué volver de allá»;</p>



<p>dissimula»;</p> <p><b>Passaporte</b> ( 1958):</p> <p>8. pp. 143/144 «Boletim Meteorológico»</p> <p>9 .pp. 147/ 148 « Êxodo»;</p> <p><b>Cântico do País Emerso</b> (1961):</p> <p>10. pp. 203/204 « Enquanto que no mar das Caraíbas»;</p> <p>11. pp. 211/213 « Enquanto que do mar das Caraíbas»;</p> <p>12. pp. 213/215 « Entre mim e a cidade se ateia a perspectiva»;</p> <p>13. pp. 215/ 217 « Não sou daqui mamei em peitos oceânicos»</p> <p><b>O Vinho e a Lira</b> ( 1966):</p> <p>14. pp. 258/259 « O Besouro»;</p> <p><b>Mátria</b> ( 1968):</p> <p>15. pp. 297/298 « Os sonhos vão erguer-se sobre as patas traseiras»;</p> <p>16.pp.299/300 Fotões de cólera que a amorosa retina</p> <p><b>Mosca Iluminada</b> ( 1972):</p> <p>17. pp. 321/322 «O quarto»;</p> <p>18. pp. 343-344« O morto colectivo»;</p> <p><b>O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro</b> (1973):</p> <p>19. pp. 364/365 « Wien Flug»;</p> <p>20. pp. 391/392 « O Anjo Lapidário»;</p> <p>21. pp. 395/397 «Terra Filosofal»;</p> <p>22. pp. 400/401 « Que direcção tomar? Nossos abracadabras.»</p>	<p>7. pp. 843/844 « Nos esperan criaturas ni soñadas»;</p> <p>8. p. 847 « ...Y sin embargo, la fe de esperar. La esperanza»;</p> <p>9. pp. 851/852 « ...Y ya, ahora»;</p> <p><b>Jaguar Puro Inmarchito</b> ( 1963):</p> <p>10. p. 821 « Mientras contemplo el fuego que devora los troncos de unos árboles»;</p> <p>11. pp. 823/ 824 « Y no anduve tu selva, con mis propios pasos»;</p> <p>12. p. 826 « Tensa tierra estallante de animales y frutas»;</p> <p><b>Enajenado Mirar</b> ( 1962-64):</p> <p>13. p. 868 « ¡ Oh largo y atosigante, estremecedor latido»;</p> <p>14.p. 877 « La tenue línea rosa mojada de océano»;</p> <p>16. pp. 893/894 « Voy a la melancolía»</p> <p><b>Humanas Escrituras</b> (1945-66)</p> <p>16. pp. 928/929 « ¡ Ah criatura infinita que recorre la orilla»;</p> <p><b>Cita con la Vida</b> (1976):</p> <p>17. pp. 9/11 « No esperaréis que empiece un camino, el Camino»;</p> <p>18. pp. 16/18 « ...Sino todos los pueblos danzando»;</p> <p>19. pp. 37/39 « ¿ Habría permanecido cerrada la puerta»;</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

## B) Liberdade/ Opressão:

TEXTOS DE NATÁLIA CORREIA	TEXTOS DE CARMEN CONDE
<p><b>Poemas</b> (1955):</p> <p>23. p. 72 « Mãos feridas na porta de um silêncio»;</p> <p>24. pp. 83/84 « Do sentimento trágico da vida»;</p> <p><b>Dimensão Encontrada</b> (1957):</p> <p>25. pp. 124/130 « Ode do Agravo Geral»;</p> <p><b>Inéditos</b> (1958/59):</p> <p>26 .pp. 167/168 « Coro das vozes cativas».</p>	<p><b>En un Mundo de Fugitivos</b> (1960):</p> <p>20. pp. 630/631 « Estoy dentro del río negro, del asfixiante río de humo»;</p> <p>21. pp. 663/664 « En la fosa donde pudren sus cadáveres»;</p> <p><b>Derribado Arcángel</b> (1960):</p> <p>22. p.728 « No puedo cortar la rama».</p>

## B) Liberdade/ Outro Mundo:

TEXTOS DE NATÁLIA CORREIA	TEXTOS DE CARMEN CONDE
<p><b>Passaporte</b> (1958):</p> <p>27. pp. 141/143 « Passaporte »;</p>	<p><b>En un Mundo de Fugitivos</b> (1960):</p> <p>23. p. 632 « Desorientada y sin embargo, cierta»;</p> <p>24. pp. 691/692 « Estarse como río a cordillera»;</p> <p><b>En la tierra de nadie</b>(1960):</p> <p>25. pp. En la tierra de nadie, sobre el polvo»</p>

## B) Opressão/ Outro Mundo:

TEXTOS DE NATÁLIA CORREIA	TEXTOS DE CARMEN CONDE
<i>Dimensão Encontrada</i> ( 1957): 28. pp. 121/122 « Queixa das almas jovens censuradas».	<i>Jaguar Puro Inmarchito</i> ( 1963): 26. pp. 808/809 « No en mitad de la plaza, no en jardines».

## C) Liberdade:

TEXTOS DE NATÁLIA CORREIA	TEXTOS DE CARMEN CONDE
<i>Passaporte:</i> 29. pp 144/145 « Discurso Directo»; 30. pp. 159/160 « Ultrabiográfico»	<i>Iluminada Tierra:</i> 27 pp.452/453 « Encerrada en el bosque de un cuerpo existo»; 28. p. 506 « Tardaba en llegar la luz»; 29. pp. 525/529 « Busques donde busques».

## C) Opressão:

TEXTOS DE NATÁLIA CORREIA	TEXTOS DE CARMEN CONDE
<i>Inéditos</i> ( 1959/1961): 31. pp. 193/194 « A outra fábula do dilúvio».	<i>Devorante Arcilla</i> ( 1962): 30. p. 839 « Hasta el hombro llegó este brazo ardiente»;

## C) Outro Mundo:

TEXTOS DE NATÁLIA CORREIA	TEXTOS DE CARMEN CONDE
<u>Passaporte</u> ( 1958): 32. pp. 149/150 « O poema»;	<u>En la Tierra de Nadie</u> ( 1960): 31. p. 780 « En la tierra de nadie yo he citado».  <i>Jaguar Puro Inmarchito:</i> 32. p. 826 « Tensa tierra estallante de animales y frutas»

Pretendemos desenvolver um estudo de comparação, essencialmente, ao nível da abordagem temática, de cada um dos textos, explicitando recursos estilísticos como a metáfora, como forma relevante de ocultação da realidade, atendendo ao regime ditatorial imposto, limitativo da liberdade de expressão.

### **3.1. Observação de tópicos relevantes: Liberdade/ Opressão/ Outro Mundo**

As poéticas de Natália Correia e Carmen Conde conduzem-nos numa caminhada, de interesse, apesar da extrema revolta, revelada perante um mundo histórica e politicamente ambíguo, limitativo e torturante. Impelem-nos para a renovação de anseios, numa tentativa, conseguida, de construção de um mundo novo. Este não concreto, mas facilmente partilhável, apropria-se na forma da palavra dos nossos sentimentos.

Se nos ativemos em três palavras conceptualmente distintas (Liberdade, Opressão e Outro Mundo), foi na intenção de referenciar a simbologia imanente ao processo de escrita de Natália Correia e Carmen Conde. Ambas escritoras revelam-se acometidas por um ambiente literário sugestivo, próximo da surrealidade, mas também existencialista. Nos seus textos desprendem-se, após leituras atentas, diversos processos de percepção da realidade envolvente. Neste acto perceptivo apreendemos, conscientes da limitação teórica ainda em curso, os tópicos, temas<sup>253</sup> ou palavras relevantes: Liberdade, Opressão e Outro Mundo. Procuramos não reduzir o modo interpretativo textual, antes projectamos uma possível proposta de análise.

Quando nos detemos no período histórico-político dos anos cinquenta a meados dos anos setenta, fundamentalmente, percebemos uma ambiência obscura, de tirocínio e limitação expressa de liberdades, daí o relevo que julgamos podem ter estes eixos semânticos na poesia das autoras em estudo.

Para uma correcta apreensão das demonstráveis analíticas textuais passamos, em seguida, a uma referenciação distintiva de textos e conseqüente interpretação.

---

<sup>253</sup> A propósito deste assunto Maria Alzira Seixo expressa: « (...) [A partir] da segunda metade do século XX, mais propriamente a partir dos anos sessenta (...) [o] tema (...) tópico ou desenvolvimento de ideias vastas ou de conceitos precisos, o “acerca de” de que o texto é feito (...) deixa de interessar como entidade aglutinadora (...) para fazer avultar o aglomerado de sentidos plurais que contêm e que distinguem e diferenciam e dividem, na articulação geral para que no fundo sempre remetem, a do homem que lê e escreve, consigo e com o seu próprio texto, em acordo ou em diferença. (...)»(BUESCU 2001: 466-467)

### 3.1.1. Liberdade/ Opressão/ Outro Mundo- análise de conjunto.

Natália Correia demarca-se do seu tempo quando expressa, desalentada, versos plenos de angústia, como se prova no texto « Intoxicação»<sup>254</sup>, sob a perspectiva tripla de: Liberdade, Opressão e Outro Mundo:

Poetas do mar vinde trazer-me as vossas ondas.  
Sou cidade. Onde bichos e anjos se devoram  
por uma côdea de imortalidade.

Vinde trazer-me a espuma onde as auroras  
balbuciam o princípio dum segredo  
guardado pelas bocas luminosas  
que a noite fende nos últimos rochedos.<sup>255</sup>

Entabula um pedido concreto de auxílio aos seus congéneres poetas: « Poetas do mar vinde trazer-me as vossas ondas.», na pretensão de libertar-se do espaço envolvente. A si mesma se intitula «cidade», numa ampla dimensão, permissiva de um excesso de convivência entre seres respeitáveis e ausentes de qualquer respeitabilidade: «Onde bichos e anjos se devoram / por uma côdea de imortalidade». Todos se debatem pela manutenção eterna, da sua própria existência, num lesivo confronto, sem limites, como demonstra o tempo verbal, acima sublinhado. Constrói-se a relevação do exterior opressivo e inibidor de vontades, ao qual procura a poetisa escapar, através da intervenção externa de seres livres, portadores de um «(...) segredo/ guardado pelas bocas luminosas (...)». Esta fonte secreta revelasse-nos introdutória de uma novidade estética, aliada ao existencialismo,<sup>256</sup> expresso em parte dos textos natalianos. Este enformam um núcleo reflexivo de Natália Correia sobre a sua vida e relação da mesma com os outros. Neste invólucro sustentam-se e difundem-se diversas sinergias, numa peremptória marca de saberes práticos. Natália confia, a quantos procedem à leitura dos seus textos, um testemunho da luminosa alteração das vontades limitadas e abusivamente reprimidas. Esse elemento desconhecido potencia-se no desejo recorrente de fuga à realidade redutora, na idealização de um mundo pleno de luz (livre) e distante da «intoxicação», como o título textual concretiza.

Estamos perante a força da escrita nataliana, cujo enfoque se estende entre a não limitação atribuível a um desejo, configurado na Liberdade; a regulação opressiva, vertida no medo, que espalha vidas e mentes e o contributo lírico para a formação de um mundo, para

<sup>254</sup> Natália Correia, *Poemas*, p.69

<sup>255</sup> Natália Correia, *Op. cit*, p.71

<sup>256</sup> Corrente de pensamento aliada a Kierkegaard, desenvolvida por Heidegger e posta em prática por Jean Paul Sartre. Segundo os existencialistas o Homem é um ser feito de existência, ao qual se permite escolher e construir um projecto de vida individualizado.

além do existente. Pela perícia poética se desenvolve, numa proposta original, a vivência da mulher-escritora. Incita os poetas a trazer-lhe a mudança, há muito pretendida.

A mesma envolvimento de abuso e tortura, especificamente psicológica, se encerra no poema « O poeta e as víboras»:

Baile dos corpos intermédios  
com luas mortas nos braços  
sem desenlace e sem consequência.

Dança da solidão de mim e dos outros  
comigo no centro ignorada.  
Bailado das palavras  
com suportes de morte imediata.

Rio sem águas e sem fundo  
com margem numa boca emudecida.  
Silvo de serpentes que rastejam  
famintas para o vértice da vida  
onde me aparto de cansaços inúteis.<sup>257</sup>

Podemos depreender na primeira estrofe a descrença e a passividade do sujeito poético na sua intervenção perante os outros, igualmente descrentes e passivos, num mundo coarctor de vontades, no impulso para a «morte», entendida em dupla significação. Por um lado como impeditivo de prossecução de uma prática diária e por outro mostra consciente da presença dos seres reais, num perceptível afastamento, como confirma a própria poetisa na estrofe seguinte, especificamente nos versos um a quatro, inclusive. Estes impelem-nos para um entendimento plurivocabular, repartido entre «solidão», «ignorada» e «morte imediata». Três elementos associáveis a uma estreita limitação da consciência grupal e consequentemente lesivos da presença considerada da poetisa, na sua relação com o outro. A opressão persiste na estrofe conclusiva do texto nataliano em estudo, em expressões bastante significativas. Destacamos «boca emudecida» e «silvo de serpentes que rastejam famintas ...», por considerarmos estes exemplos estreitamente relacionáveis com o impedimento da assunção da Liberdade, apesar da poetisa estar consciente da presença de um espaço-outro «Rio sem águas e sem fundo», onde a mudança face à realidade concreta será possibilitada, como expressa o sujeito poético:

«onde me aparto de cansaços inúteis.» e inevitavelmente poderá ser livre, no «vértice da vida», o mais alto da sua própria exigência.

Ao existir como resultante de uma «intoxicação» e da presença de seres instigadores e deploráveis, metaforizados pelas «víboras», Natália Correia facilmente seria associada a uma vivência limitada, pouco interventiva, contudo conhecedores do percurso biográfico da autora

---

<sup>257</sup> Natália Correia, *Op. cit.*, p. 71

podemos afirmar quanto errónea se nos apresenta esta consideração. Ela nega rotundamente, na poesia « Não ficarei nos charcos como um bicho»:<sup>258</sup>

Não ficarei nos charcos como um bicho  
a devorar-me na sombra do meu gesto.  
Não dançarei na boca das raízes  
o bailado nocturno do meu resto.  
Não seguirei entre os choupos fluvial  
espelhando um tédio vegetal.

Irei nas pombas que voam prometidas  
ao pórtico dourado dum planeta.  
Irei em carne luminosa de cometa  
com estrelas nos meus olhos vagabundos  
que giram como piões entre os Teus mundos.<sup>259</sup>

restar « (...) nos charcos como um bicho/ a devorar-me na sombra do meu gesto». A autora pretende construir um modo único de presença vital perante o mundo exterior. Terá o seu lado interventivo bastante vincado, contrário à dança «(...) na boca das raízes» ou à prossecução « (...)entre os choupos fluvial/ espelhando um tédio vegetal.» A sua intervenção providencia-se no afastamento da lesiva opressão, demonstrada nos vocábulos: « charcos» e « sombra», pela expressividade de variáveis conotadas com a libertação, como «pombas», numa demonstração da rebeldia de Natália Correia, veia próxima do anarquismo. Observa-se a potenciação da rebeldia e da anarquia, explicitamente, quando ainda no mesmo texto, deixa a força opressiva referenciada e parte para a busca de Liberdade e Outro Mundo. Refere, respectivamente: « Irei nas pombas que voam prometidas» e « Irei em carne luminosa de cometa/ com estrelas nos olhos vagabundos».

Na obra *Dimensão Encontrada*, aquela que mais se aproxima do surrealismo, Natália Correia expressa em associação com a Liberdade, no poema « Perfil em arco-íris que te espantas»,<sup>260</sup> a persistência da sua vida em viver: « Esse teu signo de viveres azul»,<sup>261</sup> numa necessidade feminina de auto-determinação. A poetisa vive a ânsia de libertar-se do mundo coercivo limitador « (...) a curva repentina/ (...) onde se ilude o adorno/ Da tua morte constante e genuína.»<sup>262</sup> Numa intenção explícita de fuga para além da realidade negativa, corporizada nos « Estilhaços do mundo que [a] invade».<sup>263</sup> A invasão memorizada de um

<sup>258</sup> \_\_\_\_\_, *Idem*, p.91

<sup>259</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, p. 91

<sup>260</sup> \_\_\_\_\_, pp. 114/115( transcrito na íntegra em anexo 1)

<sup>261</sup> \_\_\_\_\_, « Perfil em arco-íris que te espantas», 1ª est. 4º v., pp. 114-115

<sup>262</sup> *Idem*, *ibidem*, 2ª est. 2º a 4º vv.

<sup>263</sup> *Idem*, *ibidem*, 3ª est. 1º v.

espaço dificilmente alcançável persistem no sujeito poético, apesar deste consciencializar o impedimento resultante do « (...) mapa proibido.»<sup>264</sup> Prossegue a caminhada sem se demover do seu intento, pois encontra-se convicta do seu papel de busca do mundo paralelo, num acto de solidão « É que se acende o astro que te isola.»<sup>265</sup> Este será possibilitador de conquista e revelação « Dum movimento puro(...)»<sup>266</sup> e por inerência livre.

A escolha do isolamento, em profunda luta interior, está considerada, de igual modo, nas composições poéticas de Carmen Conde, na visualização temática tripartida, em curso. A poetisa espanhola modela a sua insistente problematização de vida, nos vários textos poéticos que compõe. Alude na obra *En la Tierra de Nadie* (1960), especificamente no texto «En la tierra de nadie se acumulan»<sup>267</sup> à prossecução do acto de liberdade, dificilmente acessível sob governos ditatoriais. O sujeito poético persiste na « tierra de nadie [onde] se acumulan/ ardientes soledades que acribillan»,<sup>268</sup> numa intenção de percepção a negatividade inerente ao espaço que a envolve. Devido à monotonia exterior, não compensadora, Carmen Conde sente brutar « (...) la duda a cada instante»,<sup>269</sup> em estreita relação com a vigorosa palavra Liberdade, protelada pelos « puñales ligeros que estimulan roncas voces que vidas eliminan»,<sup>270</sup> mas não limitam o acesso a « la tierra de nadie»,<sup>271</sup> o espaço novo, não pertencente a ninguém, em exclusivo para a poetisa. A opressão metaforizada na primeira estrofe nos «puñales»<sup>272</sup> acomete Carmen Conde para o estabelecimento de um dilema entre «(...)ser o no ser(...)»,<sup>273</sup> «(...)vivir o morir (...)».<sup>274</sup> Consciente da persistência no seu próprio ser da marca opressiva, exclama face ao « (...) desgaste de bocas sin sonrisas,/ (...) polvo sin agua(...)»<sup>275</sup> a necessidade de prosseguir caminho « (...) andar y tenerse bien erguido»,<sup>276</sup> sem duvidar da concepção de um mundo diverso do existente, limitador, onde se concretize a liberdade « com el sol, com la tierra, com el hambre.»<sup>277</sup> e permita o afastamento da poetisa dos elementos opressivos: « (...)jaurías»,<sup>278</sup> representativas dos tempos de autarcia. Estes concitaram os pensamentos, ainda que reduzido número tenha reassumido a estratégia do

<sup>264</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 4º v.

<sup>265</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 3º v.

<sup>266</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 4º v.

<sup>267</sup> Carmen Conde, p. 776 (transcrito na íntegra em anexo 2)

<sup>268</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est., 1º e 2º vv.

<sup>269</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 2º v., p. 776

<sup>270</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 2º v..

<sup>271</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 3º e 4º vv.

<sup>272</sup> *Idem, ibidem*, 3º v.

<sup>273</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 1º v.

<sup>274</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 2º v.

<sup>275</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 1º e 3º vv.

<sup>276</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 1º v.

<sup>277</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 4º v.

<sup>278</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 1º v.



confronto, não necessariamente, pela força física, mas pela expressividade linguística. Por inerência as poéticas de Natália Correia e Carmen Conde ultrapassariam todas as barreiras. Os seus textos são porta-vozes de uma sincera turbulência interior.

A terra inominável, deserta, porque solitária, vai constituir-se em local preferencial de reflexão estética de Carmen Conde, que despenderia parte importante da sua vida em atitude meditativa. Todo o seu processo poético se ensaia num invulgar mistério, de busca de si própria, para além da fugacidade temporal. Na composição poética « El mundo se queda atrás, y hay tanto mundo »<sup>279</sup>, constante na obra *Devorante Arcilla*(1962), compreendemos a consciencialização da poetisa no respeitante ao mundo em que se encontra inserida e à notória consideração do desconhecido para-além-de. Percepciona-se de igual modo a divisão entre as diversas consideráveis humanas, no que a raças diz respeito, numa pretensa assunção crítica em relação a partidários ou não do regime político instituído em Espanha. Em conformidade prossegue o sujeito poético na demonstração de uma necessidade de procurar um mundo novo, diferente daquele « que vieron al nacer! Quieren estrellas, / planetas desde el cielo para ellos.»<sup>280</sup> Pretendem, por consequência, abandonar a terra que « (...) se acabó para los hombres.»<sup>281</sup> e também porque « no sirve ya, no la desea/ ninguno de los hombres que ella hizo.»<sup>282</sup> Pressentimos a total descrença da poetisa na envolvente social, onde fatidicamente se encontra inserida. Torna-se imprescindível, como nota de resto Carmen Conde, alcançar o « (...)día de nueva pureza,/ (...) de turbias llamaradas verdes.»<sup>283</sup> A Liberdade irá desprender-se por entre a espécie humana, aliada a um espaço renovado, falto de opressão.

Ao alcançar o lugar pretendido o sujeito poético questiona-se sobre a possibilidade de um dia regressar, no texto « ¿ Y por qué volver de allá »

¿ Y por qué volver de allá  
cuando, por fin, se abran las estrellas,  
dejándole paso libre al hombre,  
que se las proyectó visionariamente?  
¡ Tan increíble exclaustación cósmica!

La gozosa e inefable, la fabulosa  
imposible imaginación de aquel futuro,  
hecha realidad, libre del peso  
a que nacimos obligados,  
verdades cuyas leyes aprendemos.

¿ Regresar después de haber ansiado  
con todo este lastre gravitante del mundo;  
ascender con vértigo mayor que el de la luz?...

<sup>279</sup> \_\_\_\_\_, pp. 833/834 (transcrito na íntegra em anexo 3)

<sup>280</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 6º e 7º vv.

<sup>281</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 1º v.

<sup>282</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 3º e 4º vv.

<sup>283</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 4º e 7º vv.

¡ Oh, no! Quedarse yendo  
infinita e inacabablemente,  
hasta que nos encontremos Contigo.<sup>284</sup>

Entendemos a pretensão da poetisa em manter-se fora do mundo coercivo « (...)libre del peso/ a que nacimos obligados,/ verdades cuyas leyes aprendemos.» Numa envolvente partilhável considera-se a conjugação simultânea da Liberdade e do Outro Mundo por oposição ao espaço real opressivo. Será plenamente impossibilitado o retrocesso, depois «(...) de haber ansiado/ com todo este lastre gravitante del mundo;/ ascender com vértigo mayor que el de la luz?...» Carmen nega retornar ao lugar não pretendido. Prefere « (...)Quedarse yendo/ infinita e inacabablemente,(...)» numa tentativa de um dia alcançar o bem eterno.

No texto « Nos esperan criaturas ni soñadas»:

Nos esperan criaturas ni soñadas,  
vegetación que nunca imaginamos;  
quizá hasta mares, cordilleras  
que no siendo de tierra escalaremos.

Olvidaba que libres de este peso  
que aquí nos esclaviza, en astros flotaremos.  
Vivo el ansia tremenda de que retornen  
contando su periplo los que se arriegen.

Quiero ir yo también, quiero encontrarme  
delante del misterio, revelación perfecta.  
Los sueños no figuran, es esto más que ensueño.  
Estamos alcanzando lo que nos justifica.<sup>285</sup>

Carmen encontrará «(...) criaturas ni soñadas/ vegetación que nunca imaginamos;» A funcionar como catarse do ambiente pesado « de este peso que aquí nos esclaviza(...)» Conseguimos perceber a projeção da ânsia feminina, da mulher escritora, muito além do sonho, numa estimativa de concretização temporal. O sujeito poético pretende ir « (...) también, quiero encontrarme/ delante del misterio, revelación perfecta», em plena libertação e no acesso pleno a «(...)esto más que ensueño/ Estamos alcanzando o que nos justifica.», um mundo supraterrrestre, por contrariedade ao existente.

Os textos natalianos e condianos referenciados atrás conferem-nos um conjunto de informações estéticas facilitadoras de uma associabilidade comparatista. Marca-se em cada um dos mesmos a negação da envolvente social da época em que Natália Correia e Carmen Conde produzem os seus escritos. Por exclusividade de personalidades conseguimos estabelecer uma pequena distinção na mostra poética de cada uma das mesmas. A

<sup>284</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, p. 842

<sup>285</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, pp. 843/844

extroversão e relativo à vontade de Natália contrasta com a notória reflexividade mais íntima de Carmen Conde. Contudo a diferença favorece a compreensão textual e em simultâneo vitamina a demonstrável de idêntica pretensão: busca da Liberdade, num espaço novo, sem mostras de limitação abusiva das vontades.

As notações de Liberdade, Opressão e Outro Mundo não se restringem apenas aos poemas anteriormente considerados. Atentemos na obra *Dimensão Encontrada* (1957), no texto « Há um cipreste que se dissimula»:

Há um cipreste que se dissimula  
No dia que nos leva pela mão.  
E entre brasas de sol que ardem na rua  
Uma pomba que faz de coração.

Voa: uma linha recta para a lua  
Em sonhos que nos levam de balão.  
Perversidade de uma paz futura  
Onde só chegaremos de caixão?

E nada nos recorda esse futuro  
Escondido atrás das nuvens que trouxeram  
Ao nosso rosto os olhos prematuros  
Das órbitas reais que nos esperam.<sup>286</sup>

De uma leitura atenta conseguimos relevar dois aspectos diferenciadores. Por um lado salienta-se a presença da lei limitadora e opressiva, na metaforização do « cipreste» e por outro na ânsia de atingir a liberdade, na forma da «pomba». Contextualiza-se a necessidade de fuga ao espaço social, construído sob aspectos históricos e políticos com especificidade própria. O voo da pomba ( metáfora de liberdade, no nosso entendimento) funciona como projecção futura de uma esperança, mantida por entre as « (...)nuvens que trouxeram/ Ao nosso rosto os olhos prematuros/ Das órbitas reais que nos esperam.». Num sinal claro de previsão da morte, caso a liberdade não seja atingida antes.

A mesma crença na renovação da envolvência histórico-social prevalece na poesia condiana, especificamente no poema « ...Y sin embargo, la fe de esperar, la esperanza.»<sup>287</sup> ainda que o texto parta de uma espera contida « Estar en alerta esperando/lo que se teme no llegará nunca/.»<sup>288</sup> O sujeito poético manifesta um reforçar da esperança na revelação do mundo ansiado, onde se observe « Una irradiante felicidad que se propague/ com la palabra que nos devuelve la Luna,»<sup>289</sup> Aquele acredita na transposição daquilo « que sólo fuimos miserable carne en pugna/ cuyos gusanos abren la última existencia cierta.»<sup>290</sup> Oprimida mas

<sup>286</sup> \_\_\_\_\_, p. 118

<sup>287</sup> Carmen Conde, *Op.cit.*, p. 847(transcrito na íntegra em anexo 4)

<sup>288</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 2º e 3º vv.

<sup>289</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 2º e 3º vv.

<sup>290</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 2º e 3º vv.

não descrente a poetisa está certa na existência de « (...)algo más»,<sup>291</sup> « (...) algo para mi fe, aunque lo crea/ sin llamarlo y sin ponerle su contorno.»<sup>292</sup> Apesar de não nomear ou estabelecer o perfil concreto do mundo pretendido, a poetisa está confiante na sua veracidade « Es que es verdad Es que yo lo sé, y voy/ ( con los ojos cerrados y las manos juntas)/ a donde me aguarda mi propia forma celeste.»<sup>293</sup> Acredita na construção de um mundo diverso daquele onde vive, mas desconhece se o atingirá antes do seu último suspiro, como representa imageticamente no seu próprio texto.

A mesma urgência deriva na poesia « ...Y ya, ahora»:

... Y ya, ahora  
-mañana es hoy para esto-,  
empieza a desencadenarse el misterioso lenguaje  
prisionero de la esperanza.

Suave y despacio la mano acaricia la imagen  
de algo que no se sabe si es un astro  
o criatura, pero que empieza a palpitarnos  
dentro de la carne propia y temerosa...

¡ El alma conoce el camino que encubrieron los ojos  
mortales! ¡ El alma tiene conciencia de su destino!  
Otros fueron ya, hasta contaron moradas y reinos,  
dibujando con su voz el contorno que es sin límites.

El alma, motor en acto, poderosísima alma  
Empujando tenazmente desde que vino el principio.

O texto de Carmen Conde impele-nos a percebermos a inevitabilidade da mudança « empieza a desencadenarse el misterioso lenguaje/ prisionero de la esperanza». Consciencializa-se lentamente a definição de algo ainda não nomeado « de algo que no se sabe si es un astro/ o criatura, pero que empieza a palpitarnos/ dentro de la carne propia y temerosa...», durante largo período acometida por opressão externa. No mais íntimo do sujeito poético prefigura-se « (...) el camino que encubrieron los ojos/ mortales!(...)» A existência liberta ficara limitada e consequentemente Carmen Conde propôs uma reavaliação do seu próprio espaço interior, numa tentativa de previsionar o destino e prevalecer sem limite aparente: « (...) el contorno que es sin limites.»

Consciente da referenciação urgente da mutabilidade do mundo coercivo Natália Correia ousa temporalizar o momento. Na obra *Passaporte* (1958) reproduz o texto « Boletim Metereológico»<sup>294</sup> e demonstra a previsão da mudança num instante actual « Hoje».<sup>295</sup> O

<sup>291</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 1º v.

<sup>292</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 1º e 2º vv.

<sup>293</sup> *Idem, ibidem*, 7ª est. 1º a 3º vv.

<sup>294</sup> Natália Correia, pp. 143/144 (transcrito na íntegra em anexo 5)

<sup>295</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 1º v.

sujeito poético pretende reforçar a sua condição feminina e concretiza-se: « (...) na corda tensa/ (...) que resuma/ A minha Eva quebrada no espelho da evidência(...)»<sup>296</sup> Como mulher procura ver esclarecido o « (...) inútil mistério/ Duma personalidade com a polícia à vista/ Deixando como um cartão-de-visita em qualquer ministério/ A bomba da minha humanidade poética anarquista.»<sup>297</sup> Presenciamos a prova do conhecimento de Natália Correia como mulher e poeta, dificilmente aceite pelas normativas ditatoriais portuguesas. Propõe a « (...)morte , [de] sejas tu quem fores/ Que morreste para que da guerra anónima que travamos/ Ficasse (...) / Este poema(...)»<sup>298</sup> Através da escrita projecta Natália a mudança, a « revolução»<sup>299</sup>, prefigurando a transformação de « (...) este está para ser uma nação(...)»,<sup>300</sup> numa verdadeira nação ( outro mundo), onde a diferença consista na unidade pretendida, sem resquícios de tortura ou opressão.

Continuamos a presenciar a luta tripartida pela Liberdade, contra a opressão e numa previsão de Novo Mundo no poema « Enquanto que do mar das Caraíbas»,<sup>301</sup> incluído na obra de titulação sugestiva, porque perceptivelmente crítica *Cântico do país Emerso* (1961). Este texto revela-nos, numa mostra quase fotográfica, a iniquidade do mundo ditatorial português, onde o silêncio e o medo prevalecem, como evidencia a 2ª estrofe do texto supracitado:

Terra transportuguesa de longo curso  
Onde os homens andam de tronco nu  
E a barba produz ardor como a urtiga  
Onde o instinto lê no voo das aves  
Como uma sibila e o medo é abandonado  
No país das sombras do urubu;

Consciencializa-se a limitação da liberdade e por consequência a prisão, na possível inobservância das leis instituídas « Os amigos que a esta hora estão realmente na prisão».<sup>302</sup> As vozes contrárias ao regime vivem na clandestinidade, sempre na iminência de serem acusadas pelos « Polícias que se disfarçam de malmequer».<sup>303</sup> Acutilante Natália transgride em palavras o mundo monótono que a rodeia, mesmo percepcionando a evidência censural « Os poetas têm vontade de chorar/ E fazem versos cortados pela censura.»<sup>304</sup> a ânsia de liberdade vê-se limitada pelos «(...) previdentes e os presidentes [que] tomam de ponta/ Os

<sup>296</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 1º a 3º vv.

<sup>297</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 1º a 4º vv.

<sup>298</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est., 1º a 4º vv.

<sup>299</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 1º v.

<sup>300</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 3º v.

<sup>301</sup> Natália Correia, pp.211/213(transcrito na íntegra em anexo 6)

<sup>302</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 4º v.

<sup>303</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 4º v.

<sup>304</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 3º e 4º vv.

inocentes que têm pressa de voar/ Os revoltados fazem de conta fazem de conta...»<sup>305</sup> Resta ludibriar as mentes políticas lesivas da vontade de libertação interior. Certa da necessidade da escrita Natália Correia diz embeber-se «(...) na solidão como uma esponja»,<sup>306</sup> introspeccionando-se, pois sabe que o « medo é um tenente que faz a ronda». <sup>307</sup> Interroga-se sobre a existência liberta, não apenas a sua mas mesmo a das crianças « Que é dos meninos com cata-ventos na aérea/ Arquitectura de gargalhadas em cornucópia?»<sup>308</sup> Todos, principalmente quantos negam a subserviência, têm a sua vida dificultada. Essas limitações irão constituir-se, como referencia o próprio sujeito poético na « (...) Pátria entressonhada (...) [onde lhe sabe] a sol (...) a pássaro. Pássaro ao sol. Por consequência o Outro Mundo resultará da ampliação do desejo incontido de liberdade.

Apesar de Carmen Conde não referenciar directamente as forças censórias, como percepcionámos na análise textual de Natália Correia, o peso das mesmas invade a sua escrita. Numa primeira leitura dos seus textos parece estarmos perante a exclusiva prática introspectiva da autora, de um ser-mulher espartilhado num corpo que dificilmente entende. Mas muito mais nos revela a escrita condiana. Em «Mientras contemplo el fuego que devora los troncos de unos/ árboles»:<sup>309</sup>

Mientras contemplo el fuego que devora los troncos de unos  
árboles  
palpito sol enloquecedor, selva de sol sin tregua.  
Arde en mis pulsos roncós la memoria tuya, tierra  
de la fiereza loca, del imposible equilibrio.  
Oigo, latiendo al fuego, que empuja las mazmorras  
de tus volcanes jóvenes contra tus lagos viejos.  
¡ Cuánta mar no haría falta si toda esa mar buscara  
apaciguar las llamas que nos crepitan!

Antes de conocerte, de aprender tu lenguaje  
radiante y turbulento, fulminador y turbio,  
me encontraba desierta, olvidándome exhausta  
en un mundo de piedras, este mismo hoy  
que en el fuego desgarras su secreto macizo.  
Ahora cantan las llamas, cantan los pozos, cantan  
los que llorando oigo a pesar de que canten  
con la voz de aquel sol, de aquel viento sin tregua.  
Ahora vivo otro mundo, ahora ardo otro fuego.

podemos entender a ânsia crescente de libertação « palpito sol enloquecedor, selva de sol sin tregua», a par da lesiva: « (...) memoria tuya, tierra/ de la fiereza loca, del imposible equilibrio». Percepcionamos o contraste entre a ansiada liberdade e a constante opressão

<sup>305</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 1º a 3º vv.

<sup>306</sup> *Idem, ibidem*, 7ª est. 1º v.

<sup>307</sup> *Idem, ibidem*, 7ª est. 3º v.

<sup>308</sup> *Idem, ibidem*, 9ª est. 1º e 2º vv.

<sup>309</sup> Carmen Conde, *Jaguar Puro Inmarchito*, p. 821

exterior, numa metáforização de ambientes geográficos, perfeitamente distanciados (América do Sul e Europa do Sul). O sujeito poético revela como era a sua existência antes de alcançar o outro mundo « Antes(...) / me encontraba desierta, olvidándome exhausta en un mundo de piedras, este mismo hoy que en el fuego desgarrar su secreto macizo.» Mas tudo se alterou e agora, no presente momento da escrita « (...) vivo outro mundo, ahora ardo outro fuego.», longe da envolvente ditatorial, metáforizada, na nossa perspectiva, na expressão: « mundo de piedras».

Natália Correia nega a sua existência no mundo presente ao expressar no texto: « Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos»,<sup>310</sup> ser «(...) de mim mesma pomba húmida e brava.»<sup>311</sup> A origem de si mesma resultou de uma envolvente-ilha, por consequência plena de liberdade e sem amarras coercivas. A autora manifesta o seu repúdio pela sociedade ditatorial, nas primeiras quatro estrofes. Salienta não pertencer às « (...) praias da tristeza»<sup>312</sup> e a sua « (...) pátria não é esta».<sup>313</sup> Longe da melancolia se espraia a sua manifestação de ser « (...) rápida(...) solta talvez nuvem».<sup>314</sup> Procura que outras forças, exteriores a si mesma, a levem para um lugar onde se invoque a sua « (...) perda inocência»,<sup>315</sup> mutilada pelos elementos opressivos. Deseja o sujeito poético revitalizar o seu ser, com « Uma alma com pétalas guerrilheiras selvagens (...)// Uma alma que seja verde que tenha asas(...)»<sup>316</sup> e lhe permita partir sem medo ou descrédito no espaço concreto.

Melancólica padece Carmen Conde com um grito de liberdade retido na sua garganta, no texto « Voy a la melancolía».<sup>317</sup> Sente-se sofredora ao viver de recordações. Apesar de solicitadas as vozes não se aproximam, impelindo o sujeito poético para uma esfera rodeada pelo medo. Este, no entanto, é quebrado por « Vivos hilillos de música, / hebras de la luz resbalan...»,<sup>318</sup> denotando a presença, se bem que ténue, da Liberdade. Ao interiorizar a espera, Carmen Conde incita-nos a perfilar a mostra de um mundo diverso, onde todos sejam livres e não tenham necessidade de calar as suas vozes « ¡ A mí, todos los vencedores/ de la luz: correda, no aguarda/ mi dura melancolía/ que olvidéis mi garganta!»<sup>319</sup>

<sup>310</sup> Natália Correia, *Op.cit.*, pp. 215/217(transcrito na íntegra em anexo 7)

<sup>311</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 4ª v.

<sup>312</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 1º v.

<sup>313</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 1º v.

<sup>314</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 3º v.

<sup>315</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 3º v.

<sup>316</sup> *Idem, ibidem*, 9ª est. 3º v. e 10ª est. 2º v.

<sup>317</sup> Carmen Conde, *Enajenado Mirar*(1962-64) pp. 893/894 (transcrito na íntegra em anexo 8)

<sup>318</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 3º e 4º vv.

<sup>319</sup> *Idem, ibidem*, 11ª est.

Perpassada pela refutação do mundo vivenciado, Natália Correia persiste na manutenção dos seus sonhos e em consonância, na composição poética intitulada «Os sonhos vão erguer-se sobre as patas traseiras», retirado da obra *Mátria*,<sup>320</sup> demonstra-nos a concretização, pelo menos escrita, da sua ansiedade como mulher, na busca de um espaço de libertação. Metaforiza o direito de voto das mulheres na expressão « e as árvores vão gritar o seu direito de voto»<sup>321</sup> e refuta a intromissão diária dos censores na vida dos portugueses, como « (...) sanguessugas/ a sugarem o sangue do soldado».<sup>322</sup> Manifesta-se contrária à submissão « não mais nascermos para corda de roupa».<sup>323</sup> Urge incitar a escrita « Vai ser o tempo de florirem as letras/ No livro das mulheres perfeitamente nuas».<sup>324</sup> Torna-se imprescindível revelar tudo sem contingências opressivas e nessa linha « Os sonhos vão soltar seus pombos de água pura»,<sup>325</sup> permitindo a libertação total, na «(...) luz que te levantas com braçadas de ovelhas»<sup>326</sup> e por consequência a idealização do mundo novo.

Carmen Conde oferece-nos em « ¡ Ah criatura infinita que recorre la orilla»<sup>327</sup> a sua persistência em modelar um mundo aparente « (...)espacio sin límites donde descubres/ inacabables órbitas.»<sup>328</sup> e prefigurar a transferência de um tu « de tus propias estrellas (...)»<sup>329</sup> para atingir outras muito mais longínquas, onde se percepcione a « (...) eterna verdad del agua pura»<sup>330</sup> e por inerência liberta de limites opressivos. A poetisa propõe-nos a idealização de um ser (igualmente poeta) « de un idioma sellado por las lenguas de fuego/ pájaro de voz inmortal, cántico de más allá de ti mismo!»,<sup>331</sup> como se pretendesse duplicar a sua personalidade introspectiva, numa forma mais incisiva sem coacções externas.

Na obra nataliana *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* (1973) consta o texto « Que direcção tomar? Nossos abraçadabras.»<sup>332</sup> Natália Correia revela-nos a sua incerteza na melhor escolha para a sua vida, atendendo à negatividade que dimana do espaço envolvente, prefigurado na palavra sugestiva: « muro»,<sup>333</sup> barreira impeditiva da prossecução da liberdade. Podemos relacionar com o vocábulo expresso « (...) o medo é um caminho/ de espantosos

<sup>320</sup> Natália Correia, pp. 297/298(transcrito na íntegra em anexo 9)

<sup>321</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 2º v.

<sup>322</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 3º e 4º vv.

<sup>323</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 4ª v.

<sup>324</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 2º e 3º vv.

<sup>325</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 5º v.

<sup>326</sup> *Idem, ibidem*, 7ª est. 9º v.

<sup>327</sup> Carmen Conde, *Humanas Escrituras*( 1945/66), pp. 928/929(transcrito na íntegra em anexo 10)

<sup>328</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 15ª e 16º vv.

<sup>329</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 2º v.

<sup>330</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 4º v.

<sup>331</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 2º a 4º vv.

<sup>332</sup> Natália Correia, pp. 400/401(transcrito na íntegra em anexo 11)

<sup>333</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 2º v.



autómatos que acaba no ocaso».<sup>334</sup> Oprimidos e dificilmente activos, por receio, a maioria dos portugueses seguem as orientações das chefias arregimentadas. No entanto, Natália Correia não parece conformar-se e revela esperança na libertação « (...) das flores asfixiadas/nas jarras retorcidas dos fins do oxigénio»,<sup>335</sup> ou seja no término da coerção lesiva de vontades e da prossecução existencial « (...) [num] lugar disposto/ a ser eternamente a razão de um sorriso/ misterioso que ficou suspenso nos retratos»,<sup>336</sup> aquele tão ambicionado Outro Mundo.

Para concretizar a ânsia de infinito, Carmen Conde apresenta-nos a obra *Cita con la Vida* (1976), e especificamente o texto « No esperaréis que empiece un camino, el Camino,»,<sup>337</sup> onde manifesta a sua pressa « hierva la sangre com su desbaratada prisa,/ com su hambre de lejanías.(...)»<sup>338</sup> Pretende a autora fundamentalmente conjecturar acerca da concepção de um mundo diferente do seu, pelo qual « “(...) se hace camino al andar”/ Por ello quiere correr, bebérselo pronto.»,<sup>339</sup> na pretensão de afastar-se célere de tudo quanto a incomoda, especificamente «cuando las desgajadas raíces viertan su licor pardo/ y aullén en las entrañas,/ entonces aparecerá la angustia»<sup>340</sup> Mas mesmo a angústia não será impedimento para atingir a pretendida liberdade « No se resignará com ella, ¡ tan mísero ser la angustia,/ sino que la empujará violentamente/ reintegrándola a su origen(...)»<sup>341</sup> A autora sentir-se-á impelida para diante e irá deparar-se perante « (...) una fuente./(...) Se para y sienta junto al agua / reciente, como ella, en su acontecer.»<sup>342</sup> Esse jorro de água refrescante metaforiza a Liberdade alcançada. Tal nos prova o texto « ¿ Cómo no bendecir al agua, cómo no pronunciarla con cánticos?/ Las palabras, independientes, libres y propias/ van cayendo a la fuente(...)»<sup>343</sup> Mas a opressiva angústia de novo acomete o sujeito poético « ¡ Oh desasosiego punzante, acribilladora angustia súbita!/ No hay quien detenga a los ojos, / quien gobierne sus miradas, ahogándose hacia el camino.»<sup>344</sup> Cabe à figura feminina renovar a caminhada em direcção a um lugar de novidade, liberto da pesada angústia « Se levanta la mujer y reanuda el camino/ empujando su no todavía inllevadero fardo.»<sup>345</sup>

<sup>334</sup> *Idem ibidem*, 3ª est. 2º e 3º vv.

<sup>335</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 9º e 10º vv.

<sup>336</sup> *Idem, ibidem*, 4º est. 4º a 6º vv.

<sup>337</sup> Carmen Conde, pp. 9/11 (transcrito na íntegra em anexo 12)

<sup>338</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 3º e 4º vv.

<sup>339</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 9º e 10º vv.

<sup>340</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 6º a 8º vv.

<sup>341</sup> *Idem, ibidem*, 4º est. 1º a 3º vv.

<sup>342</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 7º, 10º e 11º vv.

<sup>343</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est, 1º a 3º vv.

<sup>344</sup> *Idem, ibidem*, 8ª est.

<sup>345</sup> *Idem, ibidem*, 11ª est.

A exemplificação que referenciámos, a propósito das relacionáveis: Liberdade/ Opressão/ Outro Mundo, permite-nos perceber um mesmo objectivo para Carmen Conde e Natália Correia: aprofundar a utilização da palavra, como recurso sugestivo de unidade. No intuito de a atingirem na sua expressão máxima, posicionam a sua estratégia reflexiva, num campo marcadamente poético, onde balizam, mais ou menos conscientemente, a reunião de esforços autorais femininos. Como mulheres interessadas na revigoração da Liberdade, propõem uma caminhada estética paliativa, pelo directo impedimento governativo.

Os temas apreendidos, pela sua frequência, no conjunto das obras natalianas e condianas, preconizam um considerável esforço crítico, direccionado para uma sociedade confrontada com o limite de expressão e o monopólio ditatorial. Colocam-se questões, para as quais falham as respostas, mas a preocupação mantém-se. Nesse sentido, em nenhuma das composições analisadas deixámos de apreender, pelo menos um dos referentes temáticos expressos. O jogo de opostos e conciliáveis empreende-se nas poesias, para surpreender o leitor, culturalmente disponível para uma interpretação viável.

### 3.1.2. Liberdade/ Opressão- análise dupla.

A propósito da dualidade: Liberdade/ Opressão, detemo-nos num texto de Natália Correia, pleno de expressividade « Mãos feridas na porta de um silêncio»: <sup>346</sup>

Vida que às costas me levas  
porque não dás um corpo às tuas trevas?

Porque não dás um som àquela voz  
que quer rasgar o teu silêncio em nós?

Porque não dás à pálpebra que pede  
aquele olhar que em ti se perde?

Porque não dás vestidos à nudez  
que só tu vês?

Todo ele se constrói numa base interrogativa, a demonstrar a inquietude interior, da poetisa: procura da Liberdade, em local de opressão, de silêncio profundo. Natália inquire « *Porque não dás um som àquela voz/ que quer rasgar o teu silêncio em nós?* » <sup>347</sup> O sujeito poético ressuma-se em duplicidade plural, ao revelar-se « nós », em pretensa tentativa de

<sup>346</sup> Natália Correia, *Op. cit.*, p. 72

<sup>347</sup> \_\_\_\_\_, *Idem*, 2<sup>a</sup> est. 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> vv.

ampliar a quebra de um silêncio secular, a um número infinito de pessoas. Pretende, a escritora, libertar-se e em simultâneo facultar a manutenção da Liberdade a todos os portugueses, injustamente oprimidos.

Entre o silêncio opressivo e a tragédia da vida se degladia a poetisa Natália Correia, quando nos revela o texto « Do sentimento trágico da vida»<sup>348</sup>

Não há revolta no homem  
que se revolta calçado.  
O que nele se revolta  
é apenas um bocado  
que dentro fica agarrado  
à tábua da teoria.

Aquilo que nele mente  
e parte em filosofia  
é porventura a semente  
do fruto que nele nasce  
e a sede não lhe alivia.

Revolta é ter-se nascido  
sem descobrir o sentido  
do que nos há-de matar.  
Rebeldia é o que põe  
na nossa mão um punhal  
Para vibrar naquela morte  
que nos mata devagar.

E só depois de informado  
só depois de esclarecido  
rebelde nu e deitado  
ironia de saber  
o que só então se sabe  
e não se pode contar.

Sentimos a captação da revolta interior dimanada pelo sujeito poético « O que nele se revolta/ é apenas um bocado/ que dentro fica agarrado à tábua da teoria.» Esta referência teórica resulta na contextualização da « (...) semente/ do fruto que nele nasce/ e a sede não lhe alivia.» A semente e o fruto consideramo-los elementos metafóricos de idêntica pretensão: pronunciar a liberdade e alcançar a sua plenitude. Mantêm-se a revolta e a rebeldia como vocábulos associáveis à opressão. Estreitamente ligada ao desfecho natural da vida (a morte). Entre as estrofes um e três procura-se a explicação para a revolta e na estrofe final, uma vez alcançada a resposta mais plausível, continua ironicamente a limitação, por se « (...) saber/ o que só então se sabe/ e não se pode contar.» Critica-se o silêncio imposto, a impossibilitar a Liberdade.

A limitação de Liberdade entusiasmou a escrita de Carmen Conde e permitiu-lhe a realização de um texto extremamente incisivo « Estoy dentro del río negro, del asfixiante río de humo»<sup>349</sup> Aquela sente-se asfixiada, presa, reduzida a lágrimas, longe de apreender a libertação « ¿ Por qué, para qué, por cuántos infiernos tengo/ que atravesar hasta encontrarme libre/ de mi inútil dolor, de mi doliente asedio(...)»<sup>350</sup> O sujeito poético desconhece o motivo impulsionador de tanto sofrimento «¿ A quién provoqué,

<sup>348</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, pp. 83/84

<sup>349</sup> Carmen Conde, *En un Mundo de Fugitivos*(1960), pp. 630/631 (transcrito na íntegra em anexo 13)

<sup>350</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 1º e 2º vv.

*naciendo(...)*»,<sup>351</sup> ao ponto de manifestar possível resposta, na sua concreta origem. A sua presença em vida teria fatidicamente agitado as consciências políticas da época. Uma possibilidade para a mágoa reflectida na poetisa. Estabelece-se um jogo entre escuridão opressiva e plena libertação, facilitador da intromissão entre o outro e o próprio eu poético, que se debate com a necessidade de expressar sentimentos obrigatoriamente silenciados. A poetisa tem certeza da exclusividade de « (...) un medio/ de liberación! Que únicamente existe/ un solo camino, una libertad sola,(...)»<sup>352</sup> Longe da tortura se observa: «(...) la gran mano negada, la que si se posara/ encima de mi triste cuerpo, sordo a la dicha,/ devolvería luz y paz(...)»<sup>353</sup> O texto referencia-nos a presença de um elemento externo facilitador da assunção da liberdade concreta do sujeito poético, permissivo da receitação deste «ríó»<sup>354</sup> como metaforização do regime político instalado.

O unísono percurso de Natália Correia pela amargura e opressivo impedimento da vida no seu expoente máximo assume enorme acréscimo no poema « Ode do Agravo Geral»<sup>355</sup> Neste se resumem as circunstâncias que pautam a envolvente sócio-política do regime ditatorial português. Em texto extenso, de pleno versilibrismo, configura Natália Correia um conjunto de elementos críticos. Inicia pela sugestão implícita da delação, preconizada por vozes « (...) anónimas(...)»<sup>356</sup> numa atitude de sobrevivência face à manipulação política externa. Prossegue na referência à propaganda desenvolvida ao longo de todo o decurso da Ditadura portuguesa, especificamente com as expressões: « Uma estátua/ É onde a ingenuidade se compensa(...)»<sup>357</sup> « Grinaldas/ São ocupações que se procuram(...)»<sup>358</sup> « E os jardins sempre repletos de homenagens...»<sup>359</sup> A poetisa está disposta a atingir a sua liberdade e a dos outros, quando afirma: « Apesar de tudo estamos aptos a fazer a revolta».<sup>360</sup> Parece nem mesmo se demover com a prática da alteração da verdade por outra pretensamente menos ofensiva « Porque as histórias só têm uma moral quando chegam a ser contadas./ As outras ofendem a inocência das crianças.(...)»<sup>361</sup> Em consonância revela ironicamente o seu assentimento no que diz respeito à vivência em sociedade « Bem entendido/ que estamos todos muito satisfeitos com a Humanidade./ Se ela é uma abstracção

<sup>351</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 5º v.

<sup>352</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 1º a 3º vv.

<sup>353</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 1º a 3º vv.

<sup>354</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 4º v.

<sup>355</sup> Natália Correia, *Dimensão Encontrada*(1957), pp. 124/130(transcrito na íntegra em anexo 14)

<sup>356</sup> *Idem ibidem*, 1ª est. 1º v.

<sup>357</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 2º e 3º vv.

<sup>358</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 8º e 9º vv.

<sup>359</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 13º v.

<sup>360</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 25º v.

<sup>361</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 38º e 39º vv.

que nos convém (...)»<sup>362</sup> Contudo ser conveniente não se constitui no anseio mais íntimo de Natália Correia, antes pelo contrário, ela sente-se impelida para a mudança, ainda que por interposta pessoa « Recebemos dos mortos a encomenda de cantar a vida»<sup>363</sup> Esse cântico pode ser entendido como a proposta de alteração da monótona lei ditatorial vigente, se percepcionarmos simultaneamente os versos « Há sempre a música de não haver um tema/ Para os poetas conhecidos como tal. / (...) à força de tanto cantar/ Acabam por achar um poema./ São oportunos e persistentes/ E quando dizem que uma flor / É uma flor/ São tão honestos e categóricos/Como qualquer homem que vê uma flor/ E a descreve com palavras diferentes.»<sup>364</sup> O sujeito poético procura relevar a necessidade de demonstrar a liberdade de expressão, sem quaisquer censuras. A insatisfação caracteriza a poetisa, pois ela denota o excesso de opressão limitadora dos « Livres pássaros da verdadeira era exilada na garganta/ estilizando a nossa voz em múltiplas palavras!...»<sup>365</sup> Urge a expressão sem limites exteriores, ou « Uma rosa/ Incessantemente fabricada pela/ Nossa vontade/ Uma rosa!»<sup>366</sup> A «rosa» é por nós entendida como metáfora da liberdade por haver, num espaço de excessiva «(...) exclusão.»<sup>367</sup>

A crítica política surge concretizada, em Carmen Conde, na composição poética « En la fosa donde pudren sus cadáveres»<sup>368</sup> Parte-se de uma situação concreta: Guerra Civil de Espanha, para em consequência nivelar a representatividade dos elementos: Opressão e Liberdade. Por ironia manifesta-se na primeira estrofe a quase crença na não existência de mortos. No entanto a credibilidade da premissa manifestada sofre alteração na estrofe número três, quando percepcionamos a subserviência da maioria dos espanhóis face à obrigatoriedade arregimentada. Todos são « (...) puestos en montón, como fue siempre/ puestos en manada, en gran rebaño,»<sup>369</sup> Sejam civis ou militares a obediência impera « vestidos de obediencia a otro mandato,/ sonrîen y se van... No van contentos,/ tampoco se rebelan: son rebaño.»<sup>370</sup> apesar de subjugados a uma lei rude, parece não a negarem, se bem que a expressividade crítica do sujeito poético subentenda o contrário. A crítica face ao desespero e dor das mães torturadas, assume um valor representativo de todas as mulheres espanholas « Las madres los despiden

<sup>362</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 1º e 2º vv.

<sup>363</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 11º v.

<sup>364</sup> *Idem, ibidem*, 7ª est. 3, 4º, 7º a 10º vv.

<sup>365</sup> *Idem, ibidem*, 8ª est. 8º e 9º vv.

<sup>366</sup> *Idem, ibidem*, 8ª est. 15º a 18º vv.

<sup>367</sup> *Idem, ibidem*, 10ª est. 7º v.

<sup>368</sup> Carmen Conde, *Op. cit.*, pp. 663/664 (transcrito na íntegra em anexo 15)

<sup>369</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 1º e 2º vv.

<sup>370</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 2º a 4º vv.

como siempre./(...)// se quedan sin gritar; y tienen miedo»<sup>371</sup> A poetisa não se deixa abater pela mostra fatídica e incita as congéneres mulheres a libertar-se « ¿ Es ya tiempo de huir, o qué se espera:/ alguien puede decirnos qué esperamos?»<sup>372</sup> E em simultâneo incute-lhes ânimo para a nova batalha que se avizinha « ¡ Ânimo, mujeres!; Id al campo!/(...)»<sup>373</sup> Propõe-se, em conclusão, empreender um novo esforço, para concretizar a ansiada mudança, face ao regime ditatorial em vigor.

Alia-se ao agravo da sociedade portuguesa de então a persistência das vozes contidas, prestes a metralhar o silêncio ostensivo. Em «Coro das vozes cativas»<sup>374</sup> Natália Correia exemplifica a ferocidade das vidas oprimidas, ao realçar « (...) [a] paisagem de chibatas/(...) [e a] assembleia das beatas»<sup>375</sup> De uma parte mantém-se o peso desgastante da censura e polícia política e na outra a forçada moralização, conveniente à durabilidade do regime. A crítica é corrosiva e incide na questão central: os portugueses são impelidos para uma vivência enganadora, rodeados por sorrisos cínicos, como salienta a poetisa « Apodrecemos como farrapos/ Consolados por um paraíso/ De que rasgaram um céu de trapos/ com o canivete dum sorriso.»<sup>376</sup> O silêncio é a palavra de ordem, por contrariedade com a pretensão de caminhar para além da ordem definida. Teme-se a alteração da monotonia obrigatória e por consequência lançam-se « (...) paliativos de água benta!»,<sup>377</sup> inibidores da vontade de « (...) [líricos adolescentes]/(...)// [doidos poetas]». <sup>378</sup> Mas são estes, contudo, os precursores da fuga pretendida às invectivas castrantes, num desejado « (...) [salto] fora da represa», <sup>379</sup> como nos revela Natália Correia.

A instigação espiritual de Carmen Conde prossegue no poema « No puedo cortar la rama»<sup>380</sup>

No puedo cortar la rama  
que me retiene al espíritu.  
No puedo romper la red  
que me sujeta a la vida.  
Y soy un cuerpo aterrado  
porque no quiero sufrir,  
y llevo un alma abrasada  
de verme vivir en lucha.

<sup>371</sup> *Idem, ibidem*, 8ª est. 1º v. e 9ª est. 1º v.

<sup>372</sup> *Idem, ibidem*, 10ª est. 1º e 2º vv.

<sup>373</sup> *Idem, ibidem*, 11ª est. 2º e 3º vv.

<sup>374</sup> Natália Correia, *Inéditos* (1958-59), pp. 167/168 (transcrito na íntegra em anexo 16)

<sup>375</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 1º e 3º vv.

<sup>376</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est.

<sup>377</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 2º v.

<sup>378</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 1º v. e 7ª est. 1º v.

<sup>379</sup> *Idem, ibidem*, 8ª est. 2º v.

<sup>380</sup> Carmen Conde, *Derribado Arcángel* (1960)



Estoy con vosotros, hablo  
y sueño cuando no os miro.  
Me llaman voces ausentes,  
y soplos puros del aire  
limpian de llanto mis sienes.

Soy una esclava que busca  
tener libertad, si acaricia,  
asfixiada, sus prisiones:  
que son cadenas de rosas,  
que son criaturas felices,  
todo lo que pesa y duele  
dentro del gozo infinito  
del que me quiero arrancar.

A autora confirma-nos neste texto a persistência em manter a Liberdade de espírito e a prossecução da sua própria vida, apesar do medo saliente no seu « (...) cuerpo aterrado/ porque no quiero sufrir,/ y llevo un alma abrasada/ de verme vivir en lucha.» Essa luta é uma consequência do seu sofrimento íntimo pela iniquidade do espaço social e político que fatidicamente a rodeia. O próprio sujeito poético é interpelado por « (...) voces ausentes/ y soplos puros del aire», numa pretensa ligação com o desejo de Liberdade. Esta consideração compreende-se na estrofe final, onde vislumbramos a poetisa « (...) esclava que busca/ tener libertad, si acaricia,/ asfixiada, sus prisiones:/ que son cadenas de rosas,» Sentimos perpassar a tristeza interior num combate pleno e ansioso com o espaço vivencial ironicamente feliz.

### 3.1.3. Liberdade/Outro Mundo- Análise dupla.

Quanto às associáveis Liberdade/Outro Mundo, julgamos de interesse destacar em Natália Correia o texto «Passaporte»<sup>381</sup>, integrado em obra homónima. Reforça-se literária e imagetivamente a personalidade da autora, ao afirmar: « *O meu navio é habitar no vento/ como um castelo que não se vê por fora.*»<sup>382</sup> Em dois versos apenas defende uma tese exponencial. Demonstra-nos como a sua vida se direcciona para um espaço de acesso dificultado e sob uma estratégica coordenação, não rígida, plenamente maleável e livre. Revela-se hesitante, na consistência daquela, como « *gaivota e onda/ com receio de haver o paraíso*»<sup>383</sup> Tece uma proposta de libertação, dirigida para um mundo específico, afastado das pesadas normativas, do mundo presente e nesse sentido reafirma a sua viagem pelo « (...)

<sup>381</sup> Natália Correia, *Passaporte*(1958), pp. 141-143(transcrito na íntegra em anexo 17)

<sup>382</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 1º e 2º vv.

<sup>383</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 3º e 4º vv.

bosque onde me acordas/ ( Eu serei sempre aquela que dormia»,<sup>384</sup> na pretensão de desvincular-se do ambiente real, perante o qual se rebela e procura desvanecer. Propõe o recurso ao « passaporte»<sup>385</sup>, como passagem para um lugar distinto do mundo concreto, castrador. O sujeito poético realça o seu teor anárquico e desvinculativo num conjunto de afirmações ilustrativas: « Onde eu estiver fica o porão da proa»;<sup>386</sup> « Tenho(...)/ (...) uma alma raptada por guindastes.»<sup>387</sup> Simultaneamente projecta a invenção de um país diferente do seu, titulado pelo sujeito poético « (...) país irreal(...)»,<sup>388</sup> próximo da Liberdade, aliada à infância, da qual dificilmente se desliga, apesar de intimamente latejar a « (...) alma [como] estrela que [a] sonda/ Levando de Oriente a Oriente/ O que me falta para partir em onda.»<sup>389</sup>

A par deste anseio, pleno de originais pretensões, pronuncia-se Carmen Conde, em «Desorientada y sin embargo, cierta».<sup>390</sup> Aqui demonstra a sua desorientação de vida, num mundo ao qual não deseja pertencer. Procura infatigavelmente a terra da promessa, não definida, na certeza de esta um dia ser partilhada por si mesma e simultaneamente a afaste em definitivo, de tudo o que não deseja « *No, esto no, ni nada de esto o aquello.*»<sup>391</sup> A sua busca reverte para uma única intenção « (...) *Quiero seguirme a mí misma*»<sup>392</sup> e partir face ao desconhecido, onde nada lhe pertença. O sujeito poético pretende iniciar uma nova fase na sua vida, onde a fonte da escrita e vivência se concentram. De si mesmo dependerá a alteração de um ambiente silenciado e repressivo, perpassado pela «(...) voz de bestias sagradas, de peces/ simbólicos de aves... Toda una creación sin amo que la rija.»<sup>393</sup> e neste sentido liberta, a pesar de persistir ainda em sonhos, conforme nos prova a estrofe final do texto:

Hay que cerrar los ojos, que sellar el oído,  
y que apagar el tacto y que abrasar la lengua.  
El olor del desierto es una tea de fuego  
que reclama mi cuerpo para que me brote el alma  
en un choro de silencio rojo como el amor más cierto.

Ao referenciar o seu afastamento, Carmen Conde, tal como Natália Correia, revelam-se seres prefigurantes de uma iniciativa de «alvorço» das consciências, pacificadas pela força.

<sup>384</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 1º e 2º vv.

<sup>385</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 1º v.

<sup>386</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 2º v.

<sup>387</sup> *Idem, ibidem*, 11ª est. 1º e 2º vv.

<sup>388</sup> *Idem, ibidem*, 15ª est. 1º v.

<sup>389</sup> *Idem, ibidem*, 16ª est. 2º a 4º vv.

<sup>390</sup> Carmen Conde, *Op. cit.*, 1960, p. 632 (transcrito na íntegra em anexo 18)

<sup>391</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 1º v.

<sup>392</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 2º v.

<sup>393</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 3º e 4º vv.



### 3.1.4. Opressão/Outro Mundo – Análise dupla

O espaço abusivo e irremediavelmente torturante, transportado pela veia poética nataliana e condiana, foi potenciado em dois textos referenciais. Em «Queixa das almas censuradas»,<sup>394</sup> Natália Correia impele o leitor para uma ambiência profundamente simbólica. Nivelada entre dois pólos concêntricos o mundo real e o mundo poético apresentado, onde sarcasticamente exprime a sua máxima desilusão pelo regime ditatorial português. Desprende das suas palavras a revolta interna, face à obrigatoriedade e seguidismo tutelados. Os outros, como ela impõe textualmente « *Dão-nos um lírio e um canivete... //(...) um mapa imaginário// (...) a honra de manequim// (...) um barco e um chapéu(...)* »<sup>395</sup> Como imposições externas propiciam a rebeldia reflexiva de Natália Correia, a qual como escritora se prevê imbuída de uma função de porta-voz de seres minorizados. Nesse sentido exprime imagetivamente a sua rebelião. Os governantes e os seus ministros procuram iludir os cidadãos, com propostas sedutoras e convincentes, numa pretensão exclusiva de afastar as suas mentes da dura realidade. Para Natália este acto confina-se na negligência dos espíritos e no autoconvencimento de uma vida maravilhosa, ao contrário do que realmente existe. A concluir o seu texto Natália referencia « *Por isso a nossa dimensão/ Não é a vida. Nem é a morte.* »<sup>396</sup> Constitui-se num mundo para além do conhecimento explícito, onde a escritora se sintia liberta da opressão e possa exercer o seu direito a contestar.

Carmen Conde impele-nos a não aceitar, pacificamente, obrigatoriedades externas, facilmente opressivas. Na poesia «No en mitad de la plaza, no en jardines»<sup>397</sup>, a autora denota quão sufocante se pode revelar a submissão, a um mundo, rodeado pela « posesión posesiva y poseyente(...) »,<sup>398</sup> de um líder, prefigurado pelo « Jaguar puro inmarchito ». O sujeito poético ironiza, face à obrigação de obediência sem reservas, ao expressar: « (...) le obligan y le obedecen, mandándole/ multitud oscura, elástica, profiriente en ceñuda mudez(...) »<sup>399</sup> O silêncio deriva, obrigatoriamente do conjunto composto pela força ditatorial e por todos os deveres consignados ao cidadão, sem oportunidade de escolha. A abordagem poético-crítica de Carmen Conde conclui com uma expressiva interrogação « ¿ Qué imponderable reto a la civilización caduca/ la fulminante majestad del tigre? »<sup>400</sup> Ao deixar em aberto a sugestão para

<sup>394</sup> Natália Correia, *Op. cit.*, 1957, pp. 121-122 (transcrito na íntegra em anexo 19)

<sup>395</sup> *Idem, ibidem* 1ª est. 1º v.; 2ª est. 1º v.; 3ª est. 1º v. E 4ª est. 1º v. (sublinhado nosso)

<sup>396</sup> *Idem, ibidem*, 12ª est. 3º e 4º vv.

<sup>397</sup> Carmen Conde, *Jaguar Puro Inmarchito* (1963), pp. 808-809 (transcrito na íntegra em anexo 20)

<sup>398</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 5º v

<sup>399</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 2º e 3º vv.

<sup>400</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 6º e 7º vv.

uma possível resposta, Carmen Conde lança o repto da pretensa rebeldia, face ao «chefe máximo»(Franco), que teima em persistir, numa atitude auto-referencial e despreziva do bem comum.

Carmen Conde e Natália Correia prosseguem no seu discurso poético a voluntária partilha de anseios individualizados, dificilmente emudecidos, porquanto a magnitude verbal os impele. Senhoreiam com seus textos a desinfecta vontade de libertar-se, enquanto utilizadoras de escrita. Por essa razão as temáticas recorrentes circulam entre Liberdade, Opressão e Outro Mundo.

Demonstrámos a exemplificação de conjunto, e dupla face, resta-nos, neste momento confrontar textos expressivos, pela prevalência de um único tema alusivo, porque espacialmente abrangente.

### 3.1.5. Liberdade

Em «Discurso Directo»<sup>401</sup> projeciona Natália Correia a sua extensa libertação e rebeldia, como «(...) gaivota que [se sente]»<sup>402</sup> Impõe o seu « (...) passaporte de pomba»,<sup>403</sup> numa prova de consciência da sua presença em vida. Mesmo crente na sua tardia chegada, teve a capacidade de emendar « (...) o engano/ Esticando as [suas] velas/ Num esquife a todo o pano.»<sup>404</sup> e por inerência associou-se a elementos metafóricos de liberdade: «(...) rosas»<sup>405</sup> como sinais de mutação e pronunciar claro da voz, ao longo dos anos protelada.

A mesma evidência de partilha de um desejo retido, sem justificação, se potencia no texto « Ultrabiográfico». <sup>406</sup> Neste regurgita a invejável natureza, numa idealização partilhada de liberdade. Onde a «(...) gaivota [voa] assim»<sup>407</sup> e realça a transparência da poetisa « Que a minha raça é ser por fora»,<sup>408</sup> sem qualquer pretensão de ocultar defeitos e qualidades. Ela mesma se intitula « (...) frase escrita pelo vento/ Numa parede como a bruma»,<sup>409</sup> num sentido de revelação do seu papel na sociedade, onde indubitavelmente se encontra imersa. Afasta o sujeito poético qualquer tipo de divinização nas suas atitudes, ao preferir o olhar selvagem e

<sup>401</sup> Natália Correia, *Op. cit.*, 1958, pp. 144/145(transcrito na íntegra em anexo 21)

<sup>402</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 4º v.

<sup>403</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 2º v.

<sup>404</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 2º a 4º vv.

<sup>405</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 1º v.

<sup>406</sup> Natália Correia, *Op. cit.* pp. 159/160(transcrito na íntegra em anexo 22)

<sup>407</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 2º v.

<sup>408</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 2º v.

<sup>409</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 3º e 4º vv.

não influenciado «(...) dos animais»<sup>410</sup> e deste modo permitir em si mesma a liberdade total. Como nos prova, igualmente, o texto « Ó liberdade, brancura do relâmpago».<sup>411</sup>

Evoé! de pâmpano os soldados  
rompem do tempo em que Evoé! a terra  
salve rainha descruzando os braços  
com seu pé de papiro pisa a fera.

Na écloga dos rostos despontados  
onde dos corvos se retira a treva,  
de beijo em beijo as ruas são bailados  
mudam-se as casas para a primavera.

Evoé! o povo abre o touril  
e sai o Sol perfeitamente Abril  
maravilha da Pátria ressurrecta.

Evoé! Evoé! Tágides minhas  
outra vez prateadas campainhas  
sois na cabeça em fogo do poeta.

Aqui apercebemo-nos de um grito de guerra e crítica corrosiva, conforme afirma a poetisa: « (...) a terra/ salve rainha descruzando os braços/ com seu pé de papiro pisa a fera» e facilita a demonstração plena da liberdade, prefigurada em « de beijo em beijo as ruas são bailados/ mudam-se as casas para a primavera.» Por fim se concretizam as vontades emudecidas. Consegue-se a profunda libertação quando « (...) o povo abre o touril/ e sai o Sol perfeitamente Abril/ maravilha da Pátria ressurrecta» e se reproduz fielmente o encontro com a história real (Revolução do 25 de Abril de 1974), expressa de modo poético.

Carmen Conde também nos presenteia com o seu amadurecimento do desejo de libertação, quando em « Encerrada en el bosque de un cuerpo existo»<sup>412</sup> demonstra a sua feminilidade retida, mas crente na próxima liberdade. Na segunda estrofe do texto:

¡ Y golpean sobre su pecho, llamándome!  
« ¡ sal de aquí, salvaje encerrada criatura;  
sal y vente a los campos y a los mares;  
a la tierra desmesuradamente áspera  
de todos los delirios que te esperan!»

Carmen Conde revela a ânsia de partida de um espaço fechado para outro amplo e « (...) salvaje(...)/ la tierra desmesuradamente áspera/ de todos los delirios que te esperan!» A urgência de perceber lugares ilimitados, incita a poetisa a ultrapassar-se « ¡ La enorme tierra espera que yo salte/ y coja entre mis brazos una selva!»<sup>413</sup> Mas ainda faltam os passos concretos para a profunda liberdade, apesar de partilhar a sua presença interna « Vedla aquí

<sup>410</sup> *Idem, ibidem*, 8<sup>a</sup> est. 3<sup>o</sup> v.

<sup>411</sup> \_\_\_\_\_, *Epístola aos Iamitas* (1976), p. 417

<sup>412</sup> Carmen Conde, *Iluminada Tierra* (1951), pp. 452/453 (transcrito na íntegra em anexo 23)

<sup>413</sup> *Idem, ibidem*, 4<sup>a</sup> est. 5<sup>o</sup> e 6<sup>o</sup> vv.

en mis ojos; se sonrío./ Oídla aquí en mis labios: ni suspira.»<sup>414</sup> O signo da liberdade de facto existe. Urge mobilizar a « (...) voluntad que me robara/ al viento de las mares sin orilla!»<sup>415</sup> e sem limites prévios, face à verdadeira libertação de espírito.

Sem perder de vista a prossecução de anseios protelados, Carmen Conde oferece-nos « Tardaba en llegar la luz»<sup>416</sup> e remete-nos para a caracterização da liberdade, numa associável significativa com a luz. Esta demonstra-se entre as « Inapaciguables sombras»<sup>417</sup> e « Todo lo que traspasaba/ el puro dintel del alma»<sup>418</sup> Denotam-se marcas insuperáveis e latejantes no próprio sujeito poético, tal como ele nos confirma: « Crujieron mis manos frías/los cuellos de mis deseos.»<sup>419</sup> A ansiedade revela-se profunda entre « Embriagadas aleluyas/ de fieras profanaciones/ Muerta de ansiedad sin freno,/ mis arcángeles gritaron»<sup>420</sup> num impulso para a liberdade « Hasta que llegó la luz./ Una rama crepitante,/ una selva que deslumbra./Toda oscuridad vencida.»<sup>421</sup> Revela-se, na nossa perspectiva a desvirtuação da ambiência ditatorial opressiva.

Revitaliza-se a crença em « Busques donde busques,»<sup>422</sup> quando o sujeito poético afiança « (...) que todo es suyo y que todo/ le pertenece sin límite»,<sup>423</sup> demonstrando-se a força interior de cada um de nós, em momentos de mudança. A luz ( metáfora de liberdade, no nosso entendimento) embriaga e proporciona a considerável do afastamento e da libertação simultâneos, preconizando a ideia « Y está contigo, dentro del outro/ que te toma o se entrega/ para hallarse com él!»<sup>424</sup> Estabelece-se uma estreita relação entre a liberdade e a própria idealização da mesma, numa tentativa de impedir o alcance da « (...) libertad que viva/ por sus propios recursos.»<sup>425</sup> Mas continua a acreditar-se que « Ya llegará la hora/ e todas las respuestas; el día/ de todas tus preguntas/ La exacta mitad, la dicha/ dialogante compartida»,<sup>426</sup> numa proporção exacta e dificilmente desvanecida. Persiste no sonho « con manos de creador inagotable.»<sup>427</sup> E a liberdade manifesta-se sem exigências, permitindo ao sujeito poético ser « como es el dueño/ de todo lo que es vuestro sin reserva:/ en todo cuanto

<sup>414</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 5º e 6º vv.

<sup>415</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 8º e 9º vv.

<sup>416</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, p. 506(transcrito na íntegra em anexo 24)

<sup>417</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 3º v.

<sup>418</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 1º e 2º v.

<sup>419</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 3º e 4º vv.

<sup>420</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est.

<sup>421</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est.

<sup>422</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, pp. 525/529(transcrito na íntegra em anexo 25)

<sup>423</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 2º e 3º vv.

<sup>424</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 6º a 8º vv.

<sup>425</sup> *Idem, ibidem*, 7ª est. 6º e 7º vv.

<sup>426</sup> *Idem, ibidem*, 10ª est. 9º a 13º vv.

<sup>427</sup> *Idem, ibidem*, 14ª est. 7º v.

es, y en lo que vuelve,/ fluencia inagotable de presencia.»<sup>428</sup> Como conclusão poderemos salientar que ser livre será uma mostra de perenidade.

### 3.1.6. Opressão

A opressão revelar-se-á, uma vez mais, num reparo exclusivo, no poema «A outra fábula do dilúvio»:<sup>429</sup>

Quarenta noites e quarenta dias  
Do celeste chuveiro águas iradas,  
Afogaram em horrendas agonias  
Gentes que tinham no céu famas danadas.

Mas Deus, zombando pôs um santo varão  
Ao leme da arca, com tripulação  
De sete machos e de sete fêmeas  
Para espalhar no mundo as mesmas penas.

A autora ( Natália Correia) mostra-nos um irónico retrato do regime salazarista, onde perpassa a ira e a agonia, que acometeram as « Gentes que tinham no céu famas danadas.» Essas pessoas não nomeadas, simbolizam os cidadãos de um país (Portugal), esquarterados e banalizados pela impiedade da censura e do policiamento desalmado, sobretudo num acto de zombaria, como comprova Natália « Mas Deus, zombando, pôs um santo varão / Ao leme da arca, com a tripulação (...)» Esse «santo varão» poderá ser entendido como caricatura de Salazar, aquele que sempre se considerou destinado por Deus a controlar o seu país, aqui simbolizado pela « arca».

O grito opressivo invade também a poesia condiana, por exemplo em «Hasta el hombro llegó este brazo ardiente»,<sup>430</sup> onde Carmen Conde nos fornece um invólucro pleno de negatividade. Este constrói-se a partir de expressões bastante alusivas: «(...) brazo ardiente»;<sup>431</sup> «(...) escorias»;<sup>432</sup> « (...)vendavales»;<sup>433</sup> «(...) alma desmembrada»;<sup>434</sup> « (...)negra/ Ciudad de piedras agrias desecadas»<sup>435</sup> Todas elas partilham uma mostra verídica do tempo ditatorial, sem quaisquer rasgos de bonomia, pelo contrário, a premência é dada à demonstração de uma dura realidade.

<sup>428</sup> *Idem, ibidem*, 19ª est. 5º a 8º vv.

<sup>429</sup> *Natália Correia, Inéditos (1959-61)*p. 193

<sup>430</sup> Carmen Conde, *Devorante Arcilla*(1962), p. 839(transcrito na íntegra em anexo 26)

<sup>431</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 1º v.

<sup>432</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 3º v.

<sup>433</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 3º v.

<sup>434</sup> *Idem, ibidem*, 4ª est. 2º v.

<sup>435</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 3º e 4º vv.

### 3.1.7. Outro Mundo

O impedimento da consecução real da liberdade própria e geral propicia, em negação plena da opressão, a idealização de um espaço-outro. Incitados a manter-se em profundo silêncio, portugueses e espanhóis, restam os inquietos escritores, na sua diária luta pela assunção de um Novo Mundo, em tudo contrário ao estado Novo, ditatorialmente idealizado. Esse espaço compor-se-á, na sua essência, pela palavra, nunca orientada ou emudecida.

Para Natália, como nos demonstra no texto «O poema»:<sup>436</sup>

Pesco na ostra duma manhã  
Como uma pérola esta doença  
De me encontrar numa romã  
Como quem pensa o que ela pensa.

Entro na noite: relações místicas  
Que tenho num sono milenário  
Com as cigarras cantoras loucas  
Do meu país imaginário.

E pára a lua como uma ideia  
Que preenche o meu jardim.  
Num vaga-lume vagabundeia  
Meu sonho aceso fora de mim.

a novidade deriva na palavra, realizada primariamente na forma de um «*sono milenário*», a partir do qual se enfoca o «*país imaginário*» da poetisa. Este lugar preenche o ideal de escrita da autora, sempre inconformada com a realidade e por essa razão projecta os seus anseios na escrita, sobretudo poética.

Da imaginação portentosa de uma escritora para outra ( Carmen Conde) se consegue tecer a simbologia das suas palavras poéticas. No poema «En la tierra de nadie yo he citado»:<sup>437</sup>

En la tierra de nadie yo he citado  
a muchos que admiré, por si acudían.  
Rieronse de mí, la pobre ilusa,  
y se fueron, dejándose mi cita...

Era sólo por ver se resistían  
que nadie le llamara por sus nombres.  
Por ver si estando solos mantenían  
el orgullo divino de ser hombres.

Quería yo querer, tan ciega andaba,  
que el milagro quemara mi ceguera  
y los chorros de luz arrebatara

<sup>436</sup> Natália Correia, *Op. cit.*, 1958, pp. 149-150

<sup>437</sup> Carmen Conde, *En la tierra de nadie* (1960), p. 780

esta seca y ardiente polvareda.

Miraron hacia mí: ¿ con quién estaba,  
qué potencias avalan mi aislamiento?  
¡ Qué absurdo es el tesón de andar sin trabas  
y sin glorias que acudan al encuentro!

Los vi que se apartaban: a derechas  
y a izquierdas, cada cual con su querencia...  
Un nuevo Sebastián cosido a flechas  
Brotó la soledad con mi presencia.

representa-se o mundo novo, cuja localização se oculta, mas na qual se apreende, em solidão, a magnitude de uma vida, igualmente nova. Muitos consideraram, segundo reporta a escritora, ridícula a sugestão do novo espaço « Riéronse de mi, la pobre ilusa, » Na forma de solidão protelou, Carmen, o seu esforço profundo e reflexivo, de prever a necessária e inevitável mutação de regime, apesar de se revelar como « Un nuevo Sebastián cosido a flechas/ Brotó la soledad com mi presencia. »<sup>438</sup> e se fez porta-estandarte de uma geração.

A marca introspectiva da poética condiana prevalece ao longo da sua obra, mas não nos impede a percepção profunda dos seus longos anseios, de busca para-além-do-mundo-opressivo. Exemplo desta necessária mutação é o texto « Tensa tierra estallante de animales y frutas, »:<sup>439</sup>

Tensa tierra estallante de animales y frutas,  
un líquido tejido oloroso es tu aire;  
un paño azul de Siena, un manto primitivo  
de peregrinos lúcidos es tu cielo descalzo.

Abrasantes sembrados con un ganado encima  
que ni pasta ni sueña, está como enclavado;  
arboledas escasas, y de súbito selvas  
que se tragan la luz y el paisaje y las almas.

Me detuve un momento, ¡ un minuto de vida,  
porque tu voz mandaba que quieta te mirara;  
y sentí que nacía para quererte, y éramos  
mi pasado y mi hoy una nueva armonía.

Como te amaba entonces te amo en la distancia:  
cuando envuelta en palabras que me hablabas por otros  
iba andándote ebria de tu fuego y de tu calma,  
o me tenías fija, intacta ante tu pasmo.

¿ Eres una nación o eres el Paraíso?...  
Si me has llamado así, yo que fuera arrojada  
del otro, del eterno invisible, creo  
que lo he recuperado penetrando en tu cerco.

<sup>438</sup> *Idem, ibidem*, 5ª est. 3º e 4º vv.

<sup>439</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, 1963, p. 826

Neste poema apreendemos o espaço ideal « Tensa tierra estallante de animales y frutas/ un líquidi tejido oloroso es tu aire;(...)» Prevalece a imaginação sobre a realidade, no entanto a escritora parece incitar-nos a descobrir a verdadeira mostra de um mundo diverso do existente. O lugar construído projeciona-se « (...) en la distancia», mas tem a forma do: «(...)Paraíso?», segundo se questiona Carmen Conde.

Natália Correia e Carmen Conde encetam uma prova de coragem ao ousar escrever textos potenciadores de reflexão sobre o seu mundo, numa necessária previsão de mudança, aliada à concretização desse «mundo paralelo», não irreal, mas sim democrático e liberto de impedimentos e silêncios impostos.

### **3.2. Crítica da realidade: recursos poéticos de ocultação**

A realidade dura, limitativa, patriarcal, em vigor na Península Ibérica, dos anos cinquenta a finais dos anos setenta, constitui-se como uma massa maleável de escrita. Tanto Natália Correia, como Carmen Conde digladiam energicamente contra um mundo retrógrado, impunemente instalado.

No ponto anterior referenciámos, em exemplos concretos, expressões alusivas a temáticas recorrentes nas obras das autoras supracitadas. Contudo não procedemos à necessária explicitação dos recursos poéticos empregues, com frequência, nas composições poéticas de ambas autoras. Elas representam-se numa atitude concomitantemente romântica, próxima do surrealismo, em Natália Correia e num esforço existencialista de luta interior, na poesia de Carmen Conde. Esta expressa-se quase sempre de forma velada, numa tentativa de ocultação da realidade, num receio expresso de serem alvo da censura. Os seus textos revelam-nos quadros exemplificativos de estratégias verbais de ilusão, preferencialmente contributivas de uma leitura interlinear. A maioria dos poemas permite uma dupla interpretação, marca característica na literatura realizada no tempo das ditaduras ibéricas. Ao construir-se sob uma dupla leitura, os textos encetam um jogo específico, quase sempre propício a comparatismos. Por inerência propomos o confronto linear de palavras e expressões, frequentemente empregues nos textos natalianos e condianos, representativos do recurso poético “metáfora”, que destacamos.

A propósito da figura estilística supracitada, salienta René Wellek: « Devemos distinguir a metáfora como o “princípio omnipresente da língua” da metáfora



especificamente poética” (...)),<sup>440</sup> pois facilmente empregamos no discurso diário, distintas metaforizações. Contudo importa-nos neste momento ater-nos no referencial poético e por conseguinte na abrangência relacionável com um recurso de estilo. Umberto Eco, ainda sobre o mesmo assunto, expressa: « [temos] de abordar uma metáfora ou um enunciado metafórico partindo do princípio que existe um *grau zero* da linguagem.(...)»,<sup>441</sup> a partir do qual se torna possível empreender modos interpretativos coerentes.

Vamos confinar-nos, especificamente, à interpretação crítica de um conjunto de metáforas ou expressões metafóricas, apreendidas num núcleo representativo de composições poéticas de Natália Correia e Carmen Conde, seleccionadas em interligação com as temáticas: Liberdade, Opressão e Outro Mundo.

Natália Correia apresenta-nos, no conjunto da sua obra

uma grande e envolvente capacidade imaginativa, uma disponibilidade metafórica levada até às últimas consequências. Paralelamente, afirma-se nela um vivo sentido de contestação através da denúncia de certos valores histórica e socialmente aceites, mas cuja relatividade e possibilidade de conversão sabe propor, atingindo, por vezes, uma autêntica capacidade de mitificação na obtenção desses contravalores.<sup>442</sup>

Na obra *Poemas*, em especial nos textos «O Mistério»<sup>443</sup>; « O Poema»<sup>444</sup>; « A necessária complexidade da semente»<sup>445</sup> e « O poeta e as víboras»,<sup>446</sup> Natália Correia concebe uma envolvente metafórica característica. No primeiro texto:

Serás o desenlace dum fantasma  
sempre perto sempre frio sempre a esmo  
forma que dei ao medo comigo concebido  
e que é o meu vulto reclinado  
no que nele mesmo não foi percorrido?<sup>447</sup>

referencia o « *fantasma*», numa próxima alusão ao processo coercivo e limitador. Prossegue com a associável entre «*grilo*» e «*rosa*»:

O poema não é o canto  
que do grilo para a rosa cresce.  
O poema é o grilo  
é a rosa  
e é aquilo que cresce.<sup>448</sup>

<sup>440</sup> René Wellek, Austin Warren, *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários*, São Paulo, 2003, p. 260

<sup>441</sup> Umberto Eco, *Os Limites da Interpretação*, Alges, 2004, p. 160

<sup>442</sup> Fernando Guimarães, *Op. cit.*, 2002, p. 99

<sup>443</sup> Natália Correia, p. 62 (transcrito na íntegra em anexo 27)

<sup>444</sup> *Ibidem*, p. 63 (transcrito na íntegra em anexo 28)

<sup>445</sup> *Ibidem*, p. 64 (transcrito na íntegra em anexo 29)

<sup>446</sup> *Ibidem*, p. 71 (transcrito na íntegra em anexo 30)

<sup>447</sup> \_\_\_\_\_, 3ª est.

<sup>448</sup> \_\_\_\_\_, 1ª est.

aproximando-se da função do escritor rebelde, em ânsia plena pela liberdade. Depois revelamos o « *mar* »:

Este mar que nos divide  
constrói-se no pensamento  
que tudo sabe mas finge  
ser a paisagem que ignora  
num porto que não atinge.<sup>449</sup>

na acepção de processo divisor entre a realidade táctil e espiritual, na intenção de comportar a debilidade dos seres mesquinhos, que teimam em manter-se no poder. Por fim, no último texto, referenciado, apreendemos « víboras », numa clara alusão à figura repressiva, representada pela PIDE-DGS. Conseguimos vislumbrar também, ainda no mesmo texto, a expressão « *Rio sem águas e sem fundo/ com margem numa boca emudecida* »:

Rio sem águas e sem fundo  
com margem numa boca emudecida.  
Silvo de serpentes que rastejam  
famintas para o vértice da vida  
onde me aparto de cansaços inúteis.<sup>450</sup>

onde se percepçiona a vivência silenciada dos cidadãos portugueses, num país à deriva e insustentável. Evidentemente não é nossa pretensão simplificar o universo poético da autora, mas unicamente apresentar possibilidades de associação metafórica, que nos parecem plausíveis.

Carmen Conde profícua utilizadora da metáfora, apresenta-nos, por associação à mostra representativa de textos natalianos, realizada, anteriormente, em quatro textos distintos, expressivos modos de ocultação da realidade. Em « *A toda lucha esperas, oh palabra inaudible* »<sup>451</sup> direcciona-nos para as « *aves venenosas* »:

¡ Atrás las muchedumbres de aves venenosas,  
de fieras con presencia de jóvenes criaturas!  
Ya sé que sois la fauna del sueño de mis ojos,  
que al veros en vigilia os odian sin temeros.  
(...) <sup>452</sup>

referencial dos censores espanhóis, inibidores da novidade. Prossegue o disfrute metafórico no texto « *Mis contornos se borran* »<sup>453</sup>, inquirindo sobre a « *palabra mágica* », a Liberdade: « (...)¿ Quién diría la palabra mágica para fundirme la estrella? »<sup>454</sup> Passa em seguida para « *En*

<sup>449</sup> \_\_\_\_\_, 1ª est.

<sup>450</sup> Natália Correia, « O poeta e as víboras », 3º est. 1º e 2º vv.

<sup>451</sup> Carmen Conde, *Derribado Arcángel*, p. 711 (transcrito na íntegra em anexo 31)

<sup>452</sup> *Ibidem*, 4ª est. 1º a 4º vv.

<sup>453</sup> \_\_\_\_\_, *Op. cit.*, p.721 (transcrito na íntegra em anexo 32)

<sup>454</sup> *Ibidem*, 3º est. 1º e 2º vv.

*la tierra de nadie se acumulan*»<sup>455</sup>, numa característica alusão ao mundo novo, representado na «tierra de nadie»:

En la tierra de nadie se acumulan  
ardientes soledades que acribillan  
los puñales, ligeros, que estimulan  
roncas voces que vidas eliminan.<sup>456</sup>

ainda não alcançada. Para terminar, entenda-se neste conjunto de quatro textos, na obra *Jaguar Puro Inmarchito*, especificamente no poema «Mientras contemplo el fuego que devora los troncos de unos árboles».<sup>457</sup> Observamos a metaforização do «fuego» e de «árboles».<sup>458</sup>

Mientras contemplo el fuego que devora los troncos de unos  
árboles  
palpito sol enloquecedor, selva de sol sin tregua.  
Arde en mis pulsos roncós la memoria tuya, tierra  
de la fiereza loca, del imposible equilibrio.<sup>459</sup>

correspondendo a primeira à opressiva manutenção do regime ditatorial e a segunda à repressão feminina, se entendermos aquele elemento natural, como processo originalmente feminino e maternal, na sua essência reprodutiva, se bem que a representação da Guerra Civil se mantenha inequivocamente na memória da escritora.

Nos oito poemas citados conseguimos salientar a força expressa do núcleo metafórico na envolvente total de cada um dos textos. Aquele potencia o limiar crítico que lhe é inerente, facto nunca desvanecido nas poéticas de Natália Correia e Carmen Conde, por lhes estar intimamente confinado.

Prossigamos a análise do referente metafórico no texto « Perfil em arco-íris que te espantas »<sup>460</sup>, onde apreendemos: « *Esse teu signo de viveres azul* »

Perfil em arco-íris que espantas  
De olhares o norte quando vês o sul  
E que em nenhuma lua desencantas  
Esse teu signo de viveres azul.<sup>461</sup>

reportável à ânsia de projecção para além do mundo redutor, preconizado pelo poder instituído. Associa-se-lhe também, por confronto, « *Nos accidentes dum mapa proibido* »:

Estilhaços do mundo que te invade  
São a memória do cristal partido

<sup>455</sup> \_\_\_\_\_, 1º est. 1º v., p.776 ( vide Anexo 2)

<sup>456</sup> *Ibidem*, 1ª est. 1º a 4º vv.

<sup>457</sup> \_\_\_\_\_, p. 821

<sup>458</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 2º v.

<sup>459</sup> *Idem*, 1ª est. 1ª a 5º vv.

<sup>460</sup> Natália Correia, *Dimensão Encontrada*, pp. 114-115 (Vide Anexo 1)

<sup>461</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 1º a 4º vv.

Da primeira e última cidade  
Nos acidentes dum mapa proibido <sup>462</sup>

A Liberdade pretendida vê-se coarctada, num país reduzido à incúria governativa. Em «Há um cipreste que se dissimula»<sup>463</sup> a crítica é sugestiva, inicialmente no «cipreste»:

Há um cipreste que se dissimula  
No dia que nos leva pela mão.  
E entre brasas de sol que ardem na rua  
Uma pomba que faz de coração. <sup>464</sup>

forma velada da obscura vivência, consignada pelo regime e depois da «pomba», elemento frequentemente utilizado por Natália, revelador da sua inquietude física e psicológica, constantes, e definidora da sua personalidade literária.

Natália Correia revela-se na sua totalidade no texto « Êxodo»<sup>465</sup> onde nos confronta com a « época do trigo»:

Há uma estrela que te faz meu contemporâneo  
Como o luar que é sempre a época do trigo  
E há a cidade que é um martelo dentro do crânio  
Pensando um caixão que leva uma noiva parecida comigo. <sup>466</sup>

e « a cidade que é um martelo». A primeira expressão faz-nos acreditar na Liberdade plena e fecunda da Mulher e a segunda reduz a crença anterior por representar a excessiva coacção e tortura psicológicas despendidas pelo regime salazarista. Através da poesia, Natália, procede a uma rememoração de factos passados, numa proposta de futuro, se bem que incerto. « A poesia é recordar a trajectória(...)»:

Em que planeta celebrámos o noivado?  
A poesia é recordar a trajectória.  
Que só na água do meu olhar desorbitado  
Te formam os círculos convergentes da memória. <sup>467</sup>

e evidenciar « (...) o conflito duma pantera com uma rosa»:

Há o conflito duma pantera com uma rosa  
Como uma ideia que vou escrevendo com uma chibata  
Pelas paredes duma cidade nebulosa  
Que é o esquife da minha Isolda mais abstracta. <sup>468</sup>

A «pantera» referencia o chefe do regime imposto e a «rosa» a contrariedade expressa àquele, na ânsia de soltar-se das amarras do país presente e dirigir-se para outro, fatidicamente célere « O nosso país é ir tão depressa que nunca o veremos»:

<sup>462</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 1º a 4º vv.

<sup>463</sup> \_\_\_\_\_, *Op.cit.*, p. 118

<sup>464</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 1º a 4º vv.

<sup>465</sup> \_\_\_\_\_, *Passaporte*, pp. 147-149(transcrito na íntegra em anexo 33)

<sup>466</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 1º a 4º vv.

<sup>467</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 1º a 4º vv.

<sup>468</sup> *Idem, ibidem*, 9ª est., 1º a 4º vv.

Levas-me a cavalo. Somos uma ideia de estar galopando.  
 Não existe o barco. Somos passageiros à força de remos.  
 Temos a idade das aves que seguem por seguir no bando.  
 O nosso país é ir tão depressa que nunca o veremos.<sup>469</sup>

A crítica, a quase negação, na forma das palavras, do universo circundante, impelem Natália Correia para a revelação de um espaço univocamente feminino. A «mátria» por contraposição à pátria, abarca a totalidade do tempo opressor, no prenúncio da libertação num mundo original. Por ser na origem da «Grande Mãe» que a certeza se encerra, Natália concede-nos um estreito caminhar por um espaço, revelado no texto « Os sonhos vão erguer-se nas patas traseiras».<sup>470</sup> Ninguém poderá impedir às mulheres («árvores») « o seu direito de voto»<sup>471</sup>, nem mesmo as «*sanguessugas*»<sup>472</sup>, em directa alusão aos censores. Urge « o tempo de florirem as letras/ no livro das mulheres perfeitamente nuas.»<sup>473</sup> Chegou a hora da Mulher-Escritora, livre, sem qualquer tipo de restrições. Pela escrita ousa Natália Correia criticar o regime limitativo e castrador do seu tempo.

Um pouco mais subrepticamente Carmen Conde impele-nos a alcançar o mundo diverso, do seu, onde sente que a esperam « *criaturas ni soñadas, / vegetación que nunca imaginamos*»,<sup>474</sup> em fuga expressa ao «*(...)peso/ que aquí nos esclaviza*»:

Olvidaba que libres de este peso  
 que aquí nos esclaviza, en astros flotaremos.  
 Vivo el ansia tremenda de que retornen  
 contando su periplo los que se arriegen.<sup>475</sup>

revelado pelo governo franquista. A sua ânsia abrange a necessidade de se encontrar «*delante del misterio, revelación perfecta (...)/ lo que nos justifica*»<sup>476</sup> E impele para a consequência imediata do « *misterioso lenguaje/ prisionero de la esperanza*». <sup>477</sup> A linguagem encontra-se aprisionada, mas Carmen incute alento para o seu próprio interior, quando diz « *¡ El alma conoce el camino que encubrieron los ojos/ mortales! (...)*»:

¡ El alma conoce el camino que encubrieron los ojos  
 mortales! ¡ El alma tiene conciencia de su destino!  
 Otros fueron ya, hasta contaron moradas y reinos,  
 dibujando con su voz el contorno que es sin límites.<sup>478</sup>

<sup>469</sup> *Idem, ibidem*, 17ª est. 4º v.

<sup>470</sup> \_\_\_\_\_, *Mátria* (1968), pp. 297-298 ( Vide Anexo 9)

<sup>471</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 2ª v.

<sup>472</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 3º v.

<sup>473</sup> *Idem, ibidem* 3ª est. 2º e 3º vv.

<sup>474</sup> Carmen Conde, *Devorante Arcilla*, 1ª est., 1º e 2º vv., pp. 843-844

<sup>475</sup> *Idem, ibidem*, 2ª est. 1º a 4º vv.

<sup>476</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 2º e 4º vv.

<sup>477</sup> \_\_\_\_\_, « Y ya, ahora», *Op. cit.*, pp. 851-852, 1ª est. 3º e 4º vv.

<sup>478</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 1º a 4º vv.

Nem mesmo os homens, partidários do regime, conseguirão demover a poetisa do seu anseio de atingir o lugar onde, definitivamente, lhe interessa viver. Essa ansiedade não permite, contudo refrear o passo « *No esperaréis que empiece un camino, el Camino*»,<sup>479</sup> porque « *hierve la sangre com su desbaratada prisa*».<sup>480</sup> Em passo acelerado se dirige Carmen Conde face à Liberdade, para poder utilizar « *Las palabras, independientes, libres y propias*»:

¿ Cómo no bendecir al agua, cómo no pronunciarla con cánticos?  
Las palabras, independientes, libres y propias  
van cayendo a la fuente: al cuenco  
rebosante por la fluencia del chorro puro.<sup>481</sup>

por contrariedade com o silêncio frustrante e disuasor, instituído. Projecta-se no seu esforço, quando « *Se levanta la mujer y reanuda el camino/ empujando su no todavía inllevadero fardo*».<sup>482</sup> A figura feminina orienta-se num caminho preliminarmente destinado, mas que o canto de « *un pájaro en la noche*»<sup>483</sup> irá surpreender, como único ser desperto para a mudança. Consciente da porta fechada de um mundo pacificado, pela força, Carmen metaforiza-o como « *insalvable montaña esquivada?*»<sup>484</sup>, a protelar na ideia de Liberdade, e pela forma de « *palomas, caballos en sus cuadras del viento*»<sup>485</sup>

A realidade é liminarmente criticada, pelo processo indirecto da poesia, mas incisivo, tanto na rebeldia lírica de Natália Correia, como na inquietude interior de Carmen Conde. Uma e outra empregam a metáfora como recurso de ocultação de dois mundos política e socialmente congéneres.

### 3.3. Procura de libertação: mundo poético paralelo

O ambiente político castrava a vivência de Natália Correia e Carmen Conde, direccionando-as, automaticamente, para um recurso-outro, de sobriedade literária. Pela e na poesia se espraiam de inquietudes e angústias repressivas, pois o modo mais directo é liminarmente censurado. A censura funciona como impulso, para a construção de mundos paralelos, não propriamente auto-repressivos, mas libertadores.

<sup>479</sup> \_\_\_\_\_, *Cita con la Vida* (1976), 1ª est. 1º v., pp. 9-11 (Vide Anexo 12)

<sup>480</sup> *Idem, ibidem*, 1ª est. 3º v.

<sup>481</sup> *Idem, ibidem*, 6ª est. 1º a 4º vv.

<sup>482</sup> *Idem, ibidem*, 11ª est. 1ª e 2ª vv.

<sup>483</sup> *Idem, ibidem*, 13ª est. 1º v.

<sup>484</sup> \_\_\_\_\_, « ¿ Habría permanecido cerrada la puerta », *Op. cit.*, 2ª est. 4ª v., pp. 37-39 (transcrito na íntegra em anexo 34)

<sup>485</sup> *Idem, ibidem*, 8ª est. 2ª v.

Ao empregarem a molécula poética imanente ao seu característico processo de escrita, Natália e Carmen associam-se na pretensão de evidenciar um mundo totalmente díspar, daquele em que fatidicamente foram reproduzidas. As suas vidas orbitam na forma de uma veia comunicativa, obrigatoriamente silenciada, no referente oral. Pela estratégia escrita revolucionam a modorra inconsistente, preconizada pela ditadura.

Conscientes de terem a função elementar de concitar os espíritos reprimidos, as escritoras supracitadas, investem-se como profetisas, de um universo prestes a surtir o efeito da mudança. Esta apenas se revelará enquanto a possibilidade real estiver limitada na forma do mundo-para-além-de. O ir além do conhecido não corresponde necessariamente a uma concepção metafísica, pois tanto uma como outra escritora, pretendem ver alterado o espaço em que vivem. Estão longe de evidenciar a intenção de passagem desta para outra vida. Os seus textos revolucionam o pensamento da época, pela actualidade, que lhes é directamente proporcional.

Quando escrevem os seus textos poéticos propõem um desejo premente de contextualizar um mundo original, numa importante revelação da Liberdade. Esta orienta-se sob dois vectores associáveis. Por um lado, Natália Correia e Carmen Conde buscam a possibilidade de conceberem literatura, não directamente dependente de correntes literárias redutoras. E por outra parte, estabelecem as bases de suporte da vivência feminina, desde longo tempo secundarizada. Neste sentido, os seus mundos paralelos constituem-se como previsões de possíveis mundos reais. Apesar de haver vozes discordantes, sobre a influência da poesia na vida de qualquer um de nós, Natália Correia e Carmen Conde conseguem promover nos jogos de apropriação imagética, uma característica perspectiva de linguagem.

Natália Correia apresenta várias expressões para o mundo ansiado. Desde « *o princípio de um segredo* »:

Vinde trazer-me a espuma onde as auroras  
balbuciam o princípio dum segredo  
guardado pelas bocas luminosas  
que a noite fende nos últimos rochedos.<sup>486</sup>

passando pelo « *pórtico dourado dum planeta* »<sup>487</sup>; também evidente no « *astro que te isola* »<sup>488</sup> ou ainda nas « *órbitas reais que nos esperam* ». <sup>489</sup> Sugestivas se referenciam as palavras, num enfoque poético, mas extremamente revelador da consistência literária da mulher-poeta, Natália Correia. Ela incita-se a si mesma, no recurso exponencial de

<sup>486</sup> Natália Correia, « Intoxicação », *Poemas*, 2ª est. 1º a 4º vv., p. 69 (transcrito na íntegra em anexo 35)

<sup>487</sup> \_\_\_\_\_, « Não ficarei nos charcos como um bicho », *Op. cit.*, 2ª est. 2º v., p. 91

<sup>488</sup> \_\_\_\_\_, « Perfil em arco-íris que te espantas », *Dimensão Encontrada*, 4ª est. 3º v., pp. 114-115

<sup>489</sup> \_\_\_\_\_, « Há um cipreste que se dissimula », *idem*, 3ª est. 4º v., p. 118

irrepreensíveis versos alusivos ao espaço-outro. Este surge como « *passaporte* »;<sup>490</sup> « *terra transportuguesa* »:

Terra transportuguesa de longo curso  
Onde os homens andam de tronco nu  
E a barba produz ardor como a urtiga  
Onde o instinto lê no voo das aves  
Como uma sibila e o medo é abandonado  
No país das sombras do urubu;<sup>491</sup>

« *pátria entressonhada* »;<sup>492</sup> « *Meu útero pátria emergente* »;<sup>493</sup> « *país de ouro* »;<sup>494</sup> « *Mátria* »;<sup>495</sup> em estreito relacionamento com a mundividência feminina, tão desacreditada. Aquelas referenciáveis constituem-se em enigmáticas pretensões de suplantação da regra máscula, ultrapassada pela energia fémica, inclusa numa outra acepção no « *interior do envelope fechado* »;<sup>496</sup> espaço por conhecer. Ao que se pode relacionar o « *infinito pessoal* »;<sup>497</sup> tal qual um « *plúmbeo cais aéreo* »;<sup>498</sup> em « *manhã de espelhos* »;<sup>499</sup> na permissão de acesso à « *Terra Filosofal* »;<sup>500</sup> título de um texto expressivo, por associação à partilha de sentimentos ibericistas.

A confrontação de expressões marcantes pela ideologia potencial de um mundo-outro, sumamente distinto do real, entre ambas poetisas e textos poéticos congéneres, afiança-nos que Carmen Conde se revela igualmente atenta.

De *Derribado Arcángel* (1960) seleccionámos «A toda lucha esperas, oh palabra inaudible», onde apreendemos: « *terra intonsa* »;<sup>501</sup> espaço selvagem a descobrir. Uma fugaz « *tierra de nadie* »;<sup>502</sup> factualmente livre. Aproxima-se de « *selva de sol sin tregua* »;<sup>503</sup> onde se perfila o « *misterio, [la] revelación perfecta* »<sup>504</sup> de um novo mundo, sem censura, ou

<sup>490</sup> \_\_\_\_\_, « Êxodo », *Passaporte*, 7ª est., 3º v., pp. 147-148

<sup>491</sup> \_\_\_\_\_, « Enquanto que no mar das Caraíbas », *Cântico do País Emerso* (1961), 2ª est. 1º v., p. 203 (transcrito na íntegra em anexo 36)

<sup>492</sup> \_\_\_\_\_, « Enquanto que do mar das Caraíbas », *idem*, 12ª est. 2º v., p. 213 (Vide Anexo 6)

<sup>493</sup> \_\_\_\_\_, « Entre mim e a cidade se atea a perspectiva », *idem*, 3ª est. 3º v., pp. 213-215 (transcrito na íntegra em anexo 37)

<sup>494</sup> \_\_\_\_\_, « O besouro », *O Vinho e a Lira* (1966), 1ª est. 4º v., pp. 258-259 (transcrito na íntegra em anexo 38)

<sup>495</sup> \_\_\_\_\_, « Fotões de cólera que a amorosa retina », *Mátria*, 2ª est. 1º v., pp. 297-298 (transcrito na íntegra em anexo 39)

<sup>496</sup> \_\_\_\_\_, « O quarto », *Mosca Iluminada* (1972), 3ª est. 3º v. pp. 321-322 (transcrito na íntegra em anexo 40)

<sup>497</sup> \_\_\_\_\_, « O morto colectivo », *idem*, 5ª est. 3º v. Pp. 343-344 (transcrito na íntegra em anexo 41)

<sup>498</sup> \_\_\_\_\_, « Wien Flug », *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* (1973), 8ª est. 2º v. pp. 364-365 (transcrito na íntegra em anexo 42)

<sup>499</sup> \_\_\_\_\_, « O Anjo Lapidário », *idem*, 4ª est. 6º v., p. 392 (transcrito na íntegra em anexo 43)

<sup>500</sup> \_\_\_\_\_, « Terra Filosofal », *idem*, pp. 395-397 (transcrito na íntegra em anexo 44)

<sup>501</sup> Carmen Conde, p. 711, 3º est., 2º v. (Vide Anexo 31)

<sup>502</sup> \_\_\_\_\_, « En la tierra de nadie se acumulan », *En la tierra de nadie*, p. 776 1ª est. 1. v. (Vide Anexo 2)

<sup>503</sup> \_\_\_\_\_, « Mientras contemplo el fuego que devora los troncos de unos árboles », *Jaguar puro Inmarchito*, p. 821, 1ª est. 3º v.

<sup>504</sup> \_\_\_\_\_, « Nos esperan criaturas ni soñadas », *Devorante Arcilla*, pp. 843/844, 3ª est. 2º v.



brutais torturas físicas e psicológicas, constantemente infligidas aos opositores do regime impoluto. Perante Carmen Conde ousa conceber-se a « *revelación total de un mundo nuevo* »:

¡ Oh retumbar del sol, peregrinante zumbido de magnéticos  
redobles  
contra mis sienes quebradizas!  
Desconcertante *diálogo* en el cual suplo, a empujones de san-  
gres,  
la revelación total de un mundo nuevo.<sup>505</sup>

onde brota um « *dia de nueva pureza* », <sup>506</sup> numa « *indecible exclaustación cósmica* ». <sup>507</sup> A configuração do mundo que fica numa posição superior ao presente, da autora, desenvolve a organização ideológico-literária de Carmen Conde, num autoconvencimento da próxima mudança de regime. Visualiza-se a infinitude expressa por um « *mirar inacabable de que es principio este mundo* »:

¡ Oh largo y atosigante, estremecedor latido  
sacudiéndonos unánime, lanzándonos fuera de nosotros,  
al cobijo de una mirada- látigo!  
Del mirar inacabable de que es principio este mundo.<sup>508</sup>

Revelasse-nos um lugar esfuziante e único, uma « *tensa tierra estallante de animales y frutas* », <sup>509</sup> em aproximação de um lugar paradisíaco pleno, completamente distante do doloroso mundo ditatorial, faccioso e cinzento.

Carmen Conde busca em Juan Ramón Jiménez <sup>510</sup> « *la gran rosa caliente/ de lo que nace sin más razón que la gracia* », <sup>511</sup> no intuito de formalizar a sua própria vivência, num local novo, ainda em maturação espiritual. « *¿ Es el tiempo de Dios* », <sup>512</sup> questiona, não resolvida, a poetisa, na continuada busca de resposta aos seus anseios mais prementes. O que importa, no entanto, é a escritora revelar-se « *Desorientada y sin embargo cierta/ de alcanzar una tierra de promisión, indefinible.* » <sup>513</sup> Ao renegar o seu próprio mundo, Carmen Conde

<sup>505</sup> \_\_\_\_\_, « Y no anduve tu selva, com mis propios pasos », *Jaguar Puro Inmarchito*, 6ª est., pp. 823-824 (transcrito na íntegra em anexo 45)

<sup>506</sup> \_\_\_\_\_, « El mundo se queda atrás, y hay tanto mundo », *Devorante Arcilla*, 6º est. 4º v., pp. 833-834 (Vide Anexo 3)

<sup>507</sup> \_\_\_\_\_, « *¿ Y por qué volver de allá* », *Devorante Arcilla*, 1ª est. 5º v., p. 842

<sup>508</sup> \_\_\_\_\_, « ¡ Oh largo y atosigante, estremecedor latido », *Enajenado Mirar* (1962-1964), 1ª est. p. 868 (transcrito na íntegra em anexo 46)

<sup>509</sup> \_\_\_\_\_, « Tensa tierra estallante de animales y frutas », *Jaguar Puro Inmarchito*, 1ª est. 1º v., p. 826

<sup>510</sup> Juan Ramón Jiménez foi um poeta espanhol, « consciente de su oficio en un proceso lento y constante, en una búsqueda e indagación de innovaciones formales, no sólo resume mediante su obra las distintas corrientes que travesía la poesía española desde el Modernismo, sino que inicia en nuestra lírica casi todos los hallazgos expresivos que llevarían a su culminación los poetas del grupo del 27(...) » (PRIEGO 1992:365-366)

<sup>511</sup> Carmen Conde, « ¡ Ah criatura infinita que recorre la orilla », *Humanas escrituras* (1945-1966), 1ª est. 12º v., pp. 925-929 (transcrito na íntegra em anexo 47)

<sup>512</sup> \_\_\_\_\_, « Todo es a la vez. Al mismo tiempo », *Devorante Arcilla*, 2ª est. 1º v., p. 836 (transcrito na íntegra em anexo 48)

<sup>513</sup> \_\_\_\_\_, « Desorientada y sin embargo cierta », *En un Mundo de Fugitivos* (1960), 1ª est. 1º e 2º vv., p. 632 (Vide Anexo 18)

inconscientemente projecta as bases de uma terra prometida, ainda por descobrir e decifrar. Esse local desconhecido constitui-se num « *mundo ajeno, inesperado/ Allí donde las cosas desconozcan/ mi nombre de la tierra que abandono.*»<sup>514</sup> Quando alcançar esse lugar, a escritora pretende não ser reconhecida, pois deliberadamente « abandona » o mundo real. Ao partir percebemos quanta angústia, tristeza e descrédito sente Carmen Conde. Ela enceta uma caminhada em busca de uma « *tierra de nadie*»<sup>515</sup> na forma de si mesma, dado que a sua principal pretensão se prende com a percepção da sua própria vida., como comprova no texto « (...) *a donde voy/ es a mí, sólo a mí, para tenerme.*»<sup>516</sup> Revela-se notória a procura de um espaço diverso: « *Los ojos buscan, siempre buscan a quien mirar/ para encontrarle. Uno. Indispensable el uno otro*»<sup>517</sup> Ao pretender «outrar-se», Carmen proporciona-nos uma ideologia compósita, no sentido da libertação. De igual modo expressa a pretensão de extravasar-se a si mesma, quando afirma: « *Así, en lenta trasvasión liberas/ tu más escondido ser (...) / (...) Hay sol en tu cuerpo interior.*(...)»<sup>518</sup>

Ao revelar a sua perspectiva de vida, Carmen denota a sua verdadeira esperança, na alteração do mundo opressor. Está certa da chegada « *[del] mundo que imaginamos todos!- cada qual desde un planeta distinto-/ esperándolo.*(...) // (...) *Una irradiante felicidad que se propague/ como la palabra*(...)»<sup>519</sup> E um dia, aquele mundo ansiado tornar-se-ia real, em resultado de um processo revolucionário em Portugal e de transição em Espanha, concebendo-se no Mundo Novo. A liberdade da palavra e dos actos, prevista por duas escritoras ibéricas ( Natália Correia e Carmen Conde) em aturado trabalho poético, construi-se perante todos os olhares ávidos de mudança.

<sup>514</sup> \_\_\_\_\_, « Estarse como río en cordillera» *idem*, 2ª est. 2º e 4º vv., pp. 691-692(transcrito na íntegra em anexo 49)

<sup>515</sup> \_\_\_\_\_, « En la tierra de nadie sobre el polvo», *En la Tierra de Nadie*, 1ª est. 1º v., p.771(transcrito na íntegra em anexo 50)

<sup>516</sup> *Idem, ibidem*, 3ª est. 1º e 2º vv.

<sup>517</sup> \_\_\_\_\_, « ...Sino todos los pueblos danzando», *Cita con la Vida* (1976), 2ª est. 5º e 6º vv. (transcrito na íntegra em anexo 51)

<sup>518</sup> \_\_\_\_\_, « La tenue línea rosa mojada de océano», *idem*, 2ª est. 1º e 2º vv. (transcrito na íntegra em anexo 52)

<sup>519</sup> Carmen Conde, « ...Y sin embargo la fe de esperar, la esperanza», *Devorante Arcilla*, 2ª est. 2º a 4º vv. e 3ª est. 2º e 3º vv., p.847 (Vide Anexo 4)

## CONCLUSÃO PRÉVIA

A Liberdade revelara-se ansiosa e premente, nos tempos corrosivos da Ditadura. Por coacção, mentes fecundas sentiram-se espartilhadas. Mas a maioria dos utilizadores de escrita proporcionaram aos vindouros importantíssimos testemunhos. Mesmo oprimidos, forçosamente silenciados, os homens e mulheres escritores conseguiram transportar até nós a inegável mágoa de não lhes ser facultada a Liberdade plena. Restou-lhes a essência das suas vidas, em forma de palavras. Momentos solitários e de reflexão viriam a despoletar o grito incontido, nas mentes irrequietas, da maior parte dos escritores, sem diferença de sexo.

As mulheres, continuamente coagidas à obrigatoriedade do lar, sentiam a premência da revelação dos seus pensamentos mais íntimos.

Portugal e Espanha viriam a partilhar idêntica experiência política e pela mesma potenciaram a crescente necessidade de expressão. Expressaram-se as mulheres-poetas, numa uso da sua extrema emotividade. Referenciaram-nos um ambiente de tortura e uma vivência extremamente dura e perniciosa para si mesmas.

Distinguimos duas mulheres na «escrita ibérica»: Natália Correia e Carmen Conde. Sempre envoltas na crença da mudança e na possibilidade da próxima libertação, ambas escritoras, mulheres e poetas, propuseram-nos um ambiente literário emotivo e único. A unicidade pretende reverter-nos para a origem de cada um de nós e por inerência para a nossa revelação enquanto seres humanos. Essa intencionalidade revela a força da escrita de Natália Correia e Carmen Conde, quando propiciam ambientes diversos daqueles em que, irremediavelmente se movimentam.

A questão da autoria textual referenciada, revela-se de especial importância em Natália e Carmen, pois apresenta-nos poemas incisivos, femininos, demonstrativos da força intrínseca de quem os escreve.

Na análise textual encetada compreendemos a utilização variada de expressões alusivas à busca de Liberdade, contrária à efectiva opressão e por consequência facilitadora da concepção de mundos paralelos. Este esforço poético deriva na construção de textos, em crescendo de emotividade, facilitada pela ambiência real, especificamente coerciva. Como se sentem obrigatoriamente silenciadas, subvertem pela escrita essa obrigação. Em todas as composições poéticas destacadas, podemos comprovar a manutenção de idêntica intencionalidade: construir as bases da Liberdade absoluta.

Natália e Carmen fundamentam pela escrita os seus mais íntimos anseios. Procuram potenciar a figura feminina, não necessariamente numa atitude sexista de superioridade, mas de revelação da sua personalidade distintiva e individual. Dos seus textos resulta uma escrita feminina, não feminista, como tivemos oportunidade de explicitar. Observa-se um direccionamento para a igualdade em detrimento da diferença.

Os textos natalianos e condianos resultam em estratégicos jogos tripartidos, entre Liberdade, Opressão e Outro Mundo. Modelam-se os três tópicos, por inerência ao ambiente político-social de Portugal e Espanha, extremamente redutor. Ambas escritoras se movem num esforço crítico, muitas vezes recorrendo a figuras estilísticas de ocultação. Destacámos a metáfora, por a considerarmos abrangente, em cada uma das poetisas. Aquela permite partilhar realidades conotativas, e facilitar a dupla leitura. A duplicidade interpretativa, constante na literatura da época, resultou num recurso importante de subverter o pensamento limitado do censor. Este, como revelámos oportunamente, dificilmente decifrava os textos poéticos visados, pela sua notória incultura. As escritoras, conhecedoras da limitação dos responsáveis da censura, e por inerência aos restantes escritores, construíam os seus textos cifrados, com palavras-chave, só entendíveis por leitores predispostos.

Tanto Natália como Carmen Conde buscam a Liberdade e enquanto a não atingem, promovem a idealização de um mundo, em tudo distinto do existente. Devemos salientar terem-se ambas escritoras mantido nos seus países de origem, apesar do crescendo de ambição reveladora da mudança prenhe, por revelar.

### CAPÍTULO III

Ao longo da vida literária, enriquecida pelas várias mostras de concepção poética, tornou-se possível construir um ambiente novo. Pela carga imagética e metaforizante da poesia, outras reflexões, sobre a vida em si mesma e no contacto expresso entre seres humanos, se revelaram. Nem sempre, no entanto, a expressividade de um texto poético português obteve fácil recepção no país vizinho (Espanha) e vice-versa. Poderíamos acreditar numa constante de associáveis ideológicas, contudo, tal não veio a acontecer, de facto. A razão específica desta atitude deficitária, derivou, em grande parte, do confronto histórico, protelado por século e séculos. Com língua, formas e tradições de vida díspares, apesar de uma fronteira conjunta, portugueses e espanhóis, na composição de uma única Península, evitaram uma troca frutífera de ideias. E ainda hoje, a partilha estratégica de interesses se mantém bastante reduzida.

No livro *Literatura Portuguesa y Literatura Española Influencias y Relaciones*, María Álvarez Sellers revela-nos: « (...) ambos países parecen haber vivido bajo el estigma de la hostilidad o la indiferencia, aunque sus propuestas culturales no siempre han respondido a tales condicionamientos (...)»<sup>520</sup> Percebemos, por consequência, que a rebelião e a luta político-social potenciaram o afastamento, por um lado, mas por outra parte incitaram as consciências, fundamentalmente dos transmissores de cultura, como o são os escritores de ambos países ibéricos

#### **1. Poesias Ibéricas: que condicionantes.**

Consideramos a simultaneidade de regimes políticos (Ditaduras) em Espanha e Portugal, num próximo período temporal, factor base de aproximação de estéticas literárias. Falamos apenas em proximidade e não confluência, pois a mesma resultou praticamente impossível, se atendermos à notória diversidade cultural de um mesmo país, como se nos revela Espanha. Podemos, no entanto, contextualizar os grupos literários, de Portugal e Espanha, na época de ditadura e em conjunto perceber as condicionantes respectivas. A principal, no nosso entender prende-se à limitação, extraordinária da Liberdade, de actos e expressão oral ou escrita, frequentemente alvo de censura. Por inerência a literatura concebida

---

<sup>520</sup> María Rosa Álvarez Sellers, Valencia, 1999, p. 9

entre finais dos anos quarenta e início da década de oitenta resultou de um duplo esforço: memorar factos actuais e transmiti-los, no presente, numa ânsia concreta de futuro.

Terminada a 2ª Grande Guerra, sob destruição maciça de parte da Europa, à excepção de Portugal e Espanha (apesar deste país ainda não se encontrar totalmente refeito da Guerra Civil), neutrais durante aquela intentona armada, era urgente a reformulação das vidas humanas. Pretendia-se a Liberdade absoluta e o afastamento dos regimes totalitários, perniciosos para a vivência humana. Em Espanha e Portugal nada parecia demover as vontades férreas dos seus líderes, Salazar e Franco. Em plena Guerra-Fria, a ambição protelava-se, apesar da teimosa angústia. Literariamente esta vir-se-ia a expressar, em Portugal, em moldes neo-realistas, tardios, mas especificamente em « temas existencialistas da universal náusea e céptica indiferença a respeito dos credos e ideais do progresso. (...)»<sup>521</sup> Pela escrita se digladiavam pareceres favoráveis ou contrários, na sua maioria, à pretensão de seguidismo da política governamental, sob coacção física e psicológica.

Durante os anos 50 podemos considerar a « analogia [das estéticas neo-realistas] com uma simultânea evolução na poesia espanhola.(...)»<sup>522</sup> Vislumbram-se também as propostas surrealistas, sob influência de André Breton, seu precursor em França. O grupo surrealista ver-se-á distinguido na figura pitoresca de Mário Cesariny de Vasconcelos, representativo de uma « explosiva dessacralização»,<sup>523</sup> e do mesmo modo, com Alexandre O' Neill, numa mostra de metáforas exclusiva. Recurso igualmente empregue por Natália Correia, segundo alguns especialistas, também próxima do surrealismo, pela sua « sátira corrosiva.»<sup>524</sup> Anteriormente, já referenciámos a utilização frequente da metáfora por Natália. Esse recurso de estilo resulta de um importante trabalho de apreensão da essência da vida, numa recorrente « aventura existencial»,<sup>525</sup> entre si e si mesma, por contrariedade explícita com o mundo envolvente. Através da poesia Natália Correia expressa uma opinião reveladora do ambiente social e político português, fundamentalmente da década de cinquenta a finais dos anos setenta. Os textos poéticos natalianos enfocam-se na essência da vida e na sua consequente compreensão.

Em Espanha as estéticas literárias não divergem no respeitante a correntes literárias, se bem que a envolvente temporal das mesmas não seja totalmente correspondente. Este facto é compreensível, em virtude da Guerra Civil e da sua consequente destruição do país. Os textos

---

<sup>521</sup> António José Saraiva, Óscar Lopes, *Op. cit.*, Porto, 1989, p. 1104

<sup>522</sup> *Idem*, p. 1106

<sup>523</sup> *Idem*, p. 1126

<sup>524</sup> *Idem*, p. 1128

<sup>525</sup> *Idem*, p. 1132

denotaram no pós-guerra uma atitude expressa de revolta. Por consequência, habitualmente definem-se um conjunto explícito de etapas na poesia espanhola. Pilar Palomo referencia as seguintes: « (...) poetas (...) del 27, grupo del 36, poesía de postguerra, generación de los 50, renovación de los 60 y “novísimos” o poesía de los 70. (...)»<sup>526</sup> Habitualmente considera-se Carmen Conde na envolvimento estética do pós-guerra, temporalmente explícita a partir da década de quarenta e na qual se inserem Leopoldo Panero<sup>527</sup>, Dámaso Alonso<sup>528</sup> e Vicente Aleixandre.<sup>529</sup> Parece-nos, contudo, ser expressiva a diversidade poética de Carmen Conde, não a impondo exclusivamente numa única relacionável poética. Com traços de surrealização, numa clara aceção romântica, se nos revela parte da obra condiana. Por associação comporta reflexões existencialistas, não excessivas, , porquanto Deus não surge renegado, nos seus textos. Referimo-nos, especificamente, à sua extrema preocupação reflexiva interior. Desprende-se num ritual diário perante « la plenitud de [la] vida [donde] tiene cabida el dolor continuado: el dolor muy próximo de la guerra civil, la injusticia, la soledad (...)»<sup>530</sup> Por associação com Natália Correia, Carmen Conde projecta textualmente a sua profunda angústia e revolta interiores, respeitante à sociedade manipulada e em silenciosa obrigatório. Ambas poesias, de um ambiente ibérico partilhável, se desenvolvem sob variantes de intimismo, preocupação social, rebelião pessoal e não aceitação de regimes políticos semelhantes. Ainda que não expressem em profundidade o seu ibericismo, podemos afirmar a sua presença textual, se bem que discreta. Idealizam mundo paralelos, numa tentativa de «esquecimento» temporário da sua presença confinada a uma sociedade, sob liderança de absolutos ditadores. Existencialmente inquietas, uma e outra mulher-poeta, regurgitam em poemas conscientemente desenraizados, na busca intensa de liberdade.

Pressentimos uma linha ténue entre a problemática social e existencial nas composições poéticas de Natália Correia e Carmen Conde. Preocupam-se, tanto uma como outra, em referenciar a sua vida, no interior de um mundo incerto e liminarmente triste. Pela não aceitação, revertem-se numa exigência verbal única. Podemos mesmo afirmar a

<sup>526</sup> Pilar Palomo, *Op. cit.*, Madrid, 1988, p. 15

<sup>527</sup> Leopoldo María Panero criou « un infierno personal ( y no me refiero solo al literario) que fue su propio mundo creador en años sucesivos.(...)(PÉREZ 1992: 265)

<sup>528</sup> Dámaso Alonso pertence a « generación de preguerra [y abre] la espita del grito contra el propio hombre y las circunstancias que lo rodean. (...) [Tubo] la virtud de contrarrestar el lenguaje edulcorado dominante hasta entonces, para introducir en la poesía el desgarramiento verbal.(...)» (*Idem* : 53)

<sup>529</sup> Vicente Aleixandre começa a escrever poesia nos « años veinte, recibiendo influencias de la “ poesía pura” juanramoniana en sus primeros pasos. Pero irrumpe el surrealismo, cauce de rehumanización, y marcará toda su primera etapa. Hacia 1931 define la poesía como “ clarividente fusión del hombre con lo creado”. Después dirá que “ poesía es comunicación” e se incorporará a su obra el sentimiento de solidaridad humana, porque el poeta “ es una conciencia puesta en pie hasta el fin” y su función no está tanto en crear y ofrecer belleza, sino en alcanzar propagación, comunicación profunda del alma de los hombres. (...)»(PRIEGO, 1992: 381-382)

<sup>530</sup> Pilar Palomo, *Idem*, p. 67

manifestação de uma nova poesia, correspondente à necessidade de presentificar a « tierra de nadie» ou a característica « Mátria», expressões de Carmen e Natália, respectivamente.

Condicionada pela imposição política do governo ditatorial peninsular, a literatura peninsular resulta de um tremendo esforço de alheamento fatídico. Este foi um modo estratégico de contornar as leis rígidas, controladas pela censura. As escritoras supracitadas não são, claramente, seres alheados, mas sim atentos. Esse pretense afastamento da realidade é uma forma inteligente de ultrapassar a norma quase absoluta. Escrevem textos poéticos, na sua maioria, de dupla leitura: a primeira denotativa e próxima do prazer estético, facilmente associável à função habitual da poesia. Enquanto a segunda leitura nos reporta para o valor conotativo de palavras e expressões –chave. Estas sempre direccionadas para a crítica social. Dificilmente encontramos na obra de uma e outra escritoras textos sem intenção consciente de inquietar opiniões. À atitude romântica, habitualmente referenciada, acrescentamos o notório esforço de pela escrita impelirem à motivação, ao desenvolvimento da criatividade, longamente oprimida.

## **2. Procura da identidade feminina**

A literatura é uma forma única de expressão, ao facilitar-nos o acesso a momentos resultantes de um acto imaginativo, ou de transformação estética da realidade. Será talvez esta a acepção mais redutora da envolvente literária, pois o processo criativo, em si, denota uma enriquecedora estratégia de reflexão. Reflectimos todos, realmente, sobre diversos assuntos e procuramos ambientar-nos com a sociedade em que estamos inseridos. No entanto se, pelo contrário, factores adversos nos concitarem à revolta, algo em nós sofre brusca transformação.

Natália Correia e Carmen Conde referenciaram-nos novas estéticas, numa enorme Península, onde Portugal e Espanha vêem desenhados os seus contornos. Constituem-se ambas em mulheres-escritoras, profundamente femininas. Contudo parece-nos importante expressar a sua luta pela assunção de uma identidade própria, como mulheres. Seres dignos de respeito, de dignidade própria, de tolerância e de Liberdade. O seu processo de escrita dirige-se para a consequente habituação, preconizada pelo iníquo governo ditatorial, em tudo contrária às suas verdadeiras intenções. , como poetas. Elas percorrem, num jogo metaforizante, décadas de descrédito, de incúria e manipulação de consciências. Investem-se de um papel providencial e entram, se nos ativermos em leitura atenta, nas mentes disponíveis, nas nossas próprias consciências.



Ressumam, Carmen e Natália, esforços de busca em si mesmas, na expressividade feminina, do motivo impulsionador da transformação dos seus países. Aquelas são tudo menos conformistas. As suas vidas resultam em prolíferos embates contra a monotonia, a aceitação por conveniência e o silêncio normalizado.

Ana Hatherly revela-nos: « A tradição obrigou a mulher a ficar dentro de uma caixa de vidro na qual era visível, mas não audível (...) Quando partiu essa prisão de vidro, a sua voz transformou-se num acto revolucionário.»<sup>531</sup> Igualmente revolucionárias, podemos afirmá-lo com segurança, se revelam Natália Correia e Carmen Conde, para a sua época, pela ousadia de expressar pensamentos femininos, não se cingindo ao silêncio e quebrando em definitivo a « caixa de vidro » tradicional, envolvente de seres «belos», mas «estúpidos».

As personalidades estéticas da natalianas e condianas conceberam-se sob forte originalidade pois já havia « passado o tempo dos mitos [e era] nos textos literários que se [construía] a personalidade. É neles que cada uma aprende a simbolizar as suas vivências, as suas angústias e os seus desejos. Neles se decifra o mundo, a sociedade e a morte. (...) »<sup>532</sup> Os textos da Natália Correia e Carmen Conde são formulados desde um princípio estetizante único, repartem em palavras as suas ânsias de construção da personalidade e identidade femininas universais. Ambas poetisas pretendem: « (...) testemunhar que as mulheres são seres humanos e que apesar de tantos obstáculos, criam (...)»<sup>533</sup>

As poéticas femininas procuram, fundamentalmente, revelar « o direito [das] mulheres à palavra e à escrita... Ser mulher e poeta representa para muitas mulheres poetas uma profunda ruptura entre a sua identidade social e sexual e a sua prática artística, uma vez abertamente, outras de um modo velado ou transposto. (...)»<sup>534</sup>

Quando escrevem e posteriormente nos concedem a possibilidade de leitura e interpretação dos seus textos, Natália e Carmen, têm certamente consciência do seu vivo e íntimo testemunho. Contudo não nos parece crível o espartilhar social e sexual da sua prática de escrita, bem pelo contrário, ambas os associam e povoam seus escritos com eles.

A literatura constitui-se numa forma distinta de aprofundar e simultaneamente salvar a identidade feminina, pois permite à mulher « (...) não deixar afundar no vácuo uma vida interior que não serve para nada, (...) para criar um mundo diferente desse que não consegue atingir, tem necessidade de se exprimir. Por isso (...) é loquaz e escrevinhadora; (...)»<sup>535</sup>

<sup>531</sup> Ana Hatherly, « Sou antropológicamente lúcida », *Diário de Notícias*, 14-2-2004, p.2

<sup>532</sup> Georges Duby, Michelle Perrot, *Op. cit.*, p. 371

<sup>533</sup> *Idem*, pp. 372-372

<sup>534</sup> Helena Buescu, et al., *Op. cit.*, p. 278

<sup>535</sup> Simone de Beauvoir, *Op. cit.*, pp. 537-538

O acto de escrita era entre os anos cinquenta e finais dos anos setenta, bem como já o fora em tempos passados., uma forma dúctil de soltar amarras do pensamento oprimido. Transferiam-se quantidades esplêndidas de desejos ocultos, apenas referenciáveis em pensamento, para os livros que ousavam aparecer à luz do dia. Inquietas as escritoras encetavam a sua aventura literária, de acordo com a opinião de María García « (...) “ una aventura individual”, “una batalla íntima y libre” de cada uno con el texto.(...)»<sup>536</sup> Foram as escritoras Natália Correia e Carmen Conde duas velozes aventureiras, ao empreenderem uma luta consistente pela Liberdade, em detrimento da limitadora opressão. Direcționaram-se numa efusão poética extrema, para a revelação da identidade feminina, da mulher de pleno direito.

---

<sup>536</sup> María Jesús Fernández García, María Xosé Pardo Fernández (coord.), *Textos de Mulher/ Muller/ Mujer*, Cáceres, 2003, p. 112

## CONCLUSÃO PRÉVIA

A força da poesia de Natália Correia e Carmen Conde despoletou a nossa caminhada por entre factores associáveis e simultaneamente diversos, num mesmo tipo de regime político. Em plena Península Ibérica, fadidamente afastada por lutas intestinas, se movimentaram vários elementos propulsionadores de cultura. Esteticamente poderemos referenciar algum complemento, se bem que reduzido. Vários grupos literários: neo-realismo; surrealismo e existencialismo, fundamentalmente, viriam a revelar características similares, apesar da não correspondência temporal, pois cada um dos mesmos seria observado antecipadamente em Espanha.

Entre os anos cinquenta e finais da década de setenta referenciaram-se distintas atitudes literárias face ao regime ditatorial instalado. Por um lado persistia a aceitação passiva, por parte das massas, das leis arregimentadas. Mas de outra parte surgiam os rebeldes escritores. A guerra mundial terminara e a alteração dos costumes era premente. No entanto, nem Portugal, nem mesmo Espanha, haviam participado naquele enfrentamento descaracterizador. Mantiveram-se neutrais e por consequência, lesões infraestruturais ou psicológicas não se fizeram sentir. Contudo a manutenção do regime absoluto determinava a inflexão da necessária mudança. Se em Espanha o progresso industrial e tecnológico se processava, em Portugal, pelo contrário, insistia-se no «viver habitual». Habitualidade, essa que viria a ser forçosamente alterada com o início da Guerra Colonial. Tanto Salazar como Marcelo Caetano, seu sucessor, a partir de 1968, revelar-se-iam incapazes de orientar estrategicamente as forças militares, resultando numa imensa perda de vidas. Ao afastar as atenções de Portugal para países estrangeiros, a necessária transformação da vida irregular, dura mal remunerada dos portugueses, ver-se-ia protelada.

Os escritores inquietos, por natureza, dificilmente compactuariam com a monotonia derivante dos regimes coercivos. Promoveram a explicitação da vivência de cada ser humano em sociedade, numa amostragem neo-realista. Surrealizaram por escrito, numa pretensa tentativa de subverter o mundo impoluto em que viviam. Ao surrealismo seguiu-se a descoberta do Homem e da sua atitude face à vida. Formavam-se as crenças existencialistas, sob orientação sartriana.

Natália Correia e Carmen Conde denotaram interesse pela sua própria existência, enquanto mulheres e transmissoras de cultura. Reflectiram nos seus textos sobre a vida humana e consequente interligação ao meio envolvente. Por este se demonstrar faccioso e

limitativo, era admissível a revolta. Rebelavam-se contra a sociedade fechada e opressiva e interiorizavam em excesso os seus sentimentos. As emoções incontidas eram transportadas para os seus textos e daí a necessidade de revelar «outros mundos», onde a Liberdade seria comportável.

As mulheres não se inibiam de procurar a sua identidade, enquanto seres individualizados. Nessa busca ansiavam por manifestar a sua igualdade de direitos, face ao homem, vértice da sociedade patriarcal, que teimava em persistir. Urgia transformar as concepções de vida e concentrar esforços de mudança. Como profissionais e não exclusivamente donas-de-casa, as mulheres ibéricas direccionavam-se para a alteração da sociedade. Enquanto a mudança não se realizou a escrita assumiu o papel de destaque, para referenciar os gritos de alerta e contextualizar a caminhada face à Liberdade de expressão e individual.

Protelada por décadas infindas, apenas no decurso de um ano- 25 de Abril 1974 a finais de Novembro de 1975, a Liberdade, tão ansiada em Portugal e Espanha, seria possível. Concluída a Revolução das Flores no nosso país, logo se despertaram as consciências espanholas para a correspondente transição de regime. Agora estavam estabelecidas as fundações da personalidade feminina e iriam determinar a sua manutenção futura.

## CONCLUSÃO FINAL

A Península Ibérica conflui numa mostra irrefutável de história, demarcando-se no século XX, a época ditatorial, expressa temporalmente entre meados dos anos trinta e finais dos anos setenta, em Portugal e Espanha. Destacam-se duas figuras pela sua envolvimento no campo político-social. Falamos especificamente de António de Oliveira Salazar e Francisco Franco Bahamonde, dois ditadores de diversa personalidade, mas idêntica motivação. Tanto um como o outro procuraram construir um país à sua própria imagem e semelhança. Sempre alerta e direccionados para a massa informe, constituída pelas populações portuguesa e espanhola, ousaram « transformar o mundo».

António de Oliveira Salazar preconizou uma cruzada sob a divisa: Deus, Pátria e Família. Estabeleceu as normativas da censura e da polícia política no intuito de debelar possíveis focos de oposição ao governo instituído. A coacção física ou psicológica era institucionalizada e por consequência ser contrário ao regime imposto, resultava em forte risco. Profundamente católico, António de Oliveira Salazar pretendia, essencialmente, moralizar os costumes e hábitos da população portuguesa. A família constituiu-se na base da formação do cidadão português, para respeitar as leis rígidas. Francisco Franco Bahamonde foi um ditador aferrado ao poder, católico, nacionalista e profundamente carismático. Durante o seu governo construiu um regime de terror, permissivo da opressão física e psicológica.

As mulheres, especificamente casadas, tinham a obrigação de educar os filhos, prover à sua alimentação e obedecer às exigências do homem, chefe-de-família, porque trabalhava e arranjava dinheiro para suprir as necessidades básicas. Continuava a ser considerado o sexo forte. Secularmente revertidas para segundo plano, buscavam alterar a tradição patriarcal. Mas dificilmente conseguiam ingerir-se na sociedade e levantar a sua voz. Elas tinham a obrigação de preparar-se convenientemente, enquanto jovens adolescentes, para a futura vida de casada e por consequência era obrigatória a formação escolar em labores e culinária. Enquanto o saber literário era preterido em favor da conveniência do regime. Continuamente coagidas à obrigatoriedade do lar, sentiam a premência da revelação dos seus pensamentos mais íntimos. De resto Salazar tinha: « (...) sobre o espaço doméstico a perspectiva de um cientista político e, mesmo social, encarando-o como território primordial pelas funções de reprodução material, pelos processos de socialização que nele se desenvolvem e também como lugar de reprodução do simbólico.(...)»<sup>537</sup> A figura feminina não se inibia de procurar a

---

<sup>537</sup> Helena Neves, Maria Calado, *Op. cit.*, 2001, p. 24

sua identidade, enquanto seres individualizados. Nessa busca ansiava por manifestar a sua igualdade de direitos, face ao homem, vértice da sociedade patriarcal, que teimava em persistir. Urgia transformar as concepções de vida e concentrar esforços de mudança. Como profissionais e não exclusivamente donas-de-casa, as mulheres ibéricas direccionavam-se para a alteração da sociedade. Enquanto a mudança não se realizou a escrita assumiu o papel de destaque, para referenciar os gritos de alerta e contextualizar a caminhada face à Liberdade de expressão e individual. A escrita feminina iria representar-se na forma de: « (...) um tecido, uma renda, [desenhando-se], excessiva e econômica, detalhista e lacunar. Abordá-la, portanto é também bordejar os contornos, é também suportar o silêncio e a tagarelice, os saltos inesperados e as voltas em torno de um mesmo eixo.(...)»<sup>538</sup> Pelo recurso escrito ousavam as mulheres exprimir anseios longamente retidos nos seus interiores. Como mulheres escritoras procuravam: « (...) *fazer falar o real, dizer o real.(...)*»<sup>539</sup> Nessa vontade expressa de reflectir a realidade que as rodeava se revelariam diversas escritoras em Portugal e Espanha.

Conforme balizámos no primeiro objectivo do nosso trabalho procedemos no primeiro capítulo à explicitação das linhas condutoras dos regimes salazarista e franquista, no que concerne ao seu âmbito ideológico, demonstrando a potencial intervenção dos regimes ditatoriais expressos no decurso social e cultural de Portugal e Espanha. Viver em Portugal e Espanha durante as décadas de cinquenta a finais de setenta comportou riscos agravados. Os fiéis partidários do regime, comodamente instalado, navegavam ao sabor da brisa, manipulada por Salazar e Franco. Contudo as pessoas de classes sociais mais baixas viviam em extrema penúria, facto desconhecido de alguns, pois não era revelado na imprensa de ambos países, nem mesmo na televisão, a partir da década de cinquenta, quando iniciou as suas emissões regulares. Apenas sobressaía a ficcionada paz e harmonia de dois países forçosamente silenciados. A manutenção do regime ditatorial em Portugal e Espanha veio a revelar-se pernicioso para todos, à excepção dos seus líderes, esforçados, até ao limite para manter a ordem pública e acalmar os espíritos mais inquietos. Portugal e Espanha viriam a partilhar idêntica experiência política e pela mesma potenciaram a crescente necessidade de expressão. Exprimiram-se as mulheres-poetas, no uso da sua extrema emotividade. Referenciaram-nos um ambiente de tortura e uma vivência extremamente dura e perniciosa para si mesmas.

Em Portugal continuava a ser dificultada a presença da literatura no universo comum. Pretendia-se, fundamentalmente, conceber orientações sociais, económicas e políticas, ao invés de favorecer processos de bem-estar cultural. No país vizinho, apesar de na década de

<sup>538</sup> Lúcia Castello Branco, *Op. cit.*, 1989, p. 141

<sup>539</sup> \_\_\_\_\_, *O que é escrita feminina*, 1991, p. 63

sessenta se ter observado um ligeiro aumento de tolerância, o destaque merecido daquela, continuava sem se fazer sentir.

Coube aos escritores revolucionar a «impoluta» trajectória dos regimes ditatoriais ibéricos. Pela escrita, em prosa ou em verso, se contestaram os poderes iníquos dos ditadores: Salazar e Franco. Mas as vozes literárias não foram bem interpretadas, especificamente se detractárias do poder. A censura mobilizava esforços para impedir a publicação e venda de livros, escritos por opositores declarados do regime. Refira-se o peso da televisão, nessa época, pois todo aquele considerado «persona non grata», dificilmente veria o seu nome ou imagem passar naquele meio de comunicação. Obrigava-se o público ao esquecimento, incitando-o para a leitura de obras manipuladas ou imagens pouco reais.

Estabelecemos um panorama resumido da manutenção da censura no âmbito literário da Península Ibérica e especificamente de autoria feminina, revelando como algumas mulheres-escritoras, portuguesas e espanholas, se demonstraram mais incisivas ao revelarem o seu profundo descontentamento face à manutenção do regime ditatorial ibérico. Segundo Juan José Lanz em Espanha: « (...) tras la guerra civil se abre un período que parte de cero y olvida la tradición poética más inmediata, llevando a cabo una “ruptura regresiva” con respecto al panorama literario precedente (...) [se reduce los escritores] “(...)al silencio por la muerte y el exilio”(...)»<sup>540</sup>

Vários escritores exilaram-se dos seus países, por não terem condições mínimas para prosseguir em liberdade. Sem liberdade individual, porque coarctada, restava a liberdade de pensamento interiorizado, dificilmente explícito. Ser mulher, escritora e na especificidade deste trabalho, poeta, constituiu-se em importante vitória, apesar da extrema limitação, imposta ao espírito. Nem mesmo a incúria dos muitos censores conseguiu inflectir a transferência de ideias e a publicação de textos revolucionários para a época. Acreditamos ter resultado em dupla exigência para as mulheres-poetas a realidade censória. Por um lado impeliu-as a conceber processos linguísticos, extremamente trabalhados e simbólicos, na intenção de ocultar a verdadeira ideologia, inerente aos mesmos. Em segundo lugar, obrigou a um calculado esforço de censura própria ou autocensura, derivante da expectativa de saber se os seus livros conseguiriam ser publicados e consequentemente vendidos, sem ingerência externa.

---

<sup>540</sup> Francisco Rico, Santos Sanz Villanueva, *Op. cit.*, 1999, p.70

Concretizámos a envolvência social e estética das mulheres em espaços ditatoriais, aludindo fundamentalmente às mulheres-escritoras, no intuito de fundamentar o nível de intervenção das mesmas nas sociedades portuguesa e espanhola de então.

A literatura e a mulher obtiveram, durante a amplidão temporal das ditaduras ibéricas, uma similar abordagem. Constituíram-se em elementos banais e de relativa importância. Nesta perspectiva e atendendo ao carácter comportamental de Salazar e Franco, ser mulher e em simultâneo escritora, não tinha qualquer valor. Continuava-se a protelar o descrédito feminino. Ao enfrentar a tradição as mulheres procuravam empreender o caminho face à descoberta de si mesmas e da sua relação com os outros, especificamente os homens.

A Liberdade revelava-se ansiosa e premente, nos tempos corrosivos da Ditadura. Por coacção, mentes fecundas sentiam-se espartilhadas. Mas a maioria dos utilizadores de escrita proporcionaram aos vindouros importantíssimos testemunhos. Mesmo oprimidos, forçosamente silenciados, os homens e mulheres escritores conseguiram transportar até nós a inegável mágoa de não lhes ser facultada a Liberdade plena. Restou-lhes a essência das suas vidas, em forma de palavras. Momentos solitários e de reflexão viriam a despoletar o grito incontido, nas mentes irrequietas, da maior parte dos escritores, sem diferença de sexo.

Referenciámos qual a intervenção ideológico-literária de Natália Correia e Carmen Conde na sociedade dos seus países, e de seguida desenvolvemos a análise comparatista dos seus textos poéticos, previamente seleccionados. A análise textual empreendida permite-nos concluir que se por um lado Natália Correia revelava incisão e uma fórmula constante de crítica ao regime instituído, Carmen Conde, apesar de hermeticamente ocultar as suas intencionalidades, também o fez. Pode apreender-se, textualmente, em uma e outra escritoras a negação do regime instalado, de extensa durabilidade, como nos foi possível referenciar. Vários são, de resto, os exemplos textuais que o comprovam.

Ao assumirmos a subcapitulação do estudo comparativo em núcleos temáticos: Liberdade; Opressão e Outro Mundo, tínhamos consciência da sua maior ou menor exemplificação conjunta ou por unidades expressas. Salientamos que a maior parte dos textos seleccionados comportavam os três elementos em conjunto e por essa razão a nossa análise ateu-se preferencialmente nos mesmos.

Parece-nos de importância referir que por, habitualmente, se empreender estudos críticos de Natália Correia e Carmen Conde sob uma vertente de especificidade romântica, dificilmente se observava a abrangência dos seus textos, como resultado de um processo de interiorização, impelida pelo governo ditatorial ibérico. Por isso não é apenas o vigor amoroso e feminino que nos importa, mas, sobretudo, a mostra de um nível importante de



participação activa na sociedade, numa luta pela mudança e pela revigoração do valor humano.

Na análise textual encetada compreendemos a utilização variada de expressões alusivas à busca de Liberdade, contrária à efectiva opressão e por consequência facilitadora da concepção de mundos paralelos. Este esforço poético deriva na construção de textos, em crescendo de emotividade, facilitada pela ambiência real, especificamente coerciva. Como se sentem obrigatoriamente silenciadas, subvertem pela escrita essa obrigação. Em todas as composições poéticas destacadas, podemos comprovar a manutenção de idêntica intencionalidade: construir as bases da Liberdade absoluta.

Distinguímos duas mulheres na «escrita ibérica»: Natália Correia e Carmen Conde. Sempre envoltas na crença da mudança e na possibilidade da próxima libertação, ambas escritoras, mulheres e poetisas, propuseram-nos um ambiente literário emotivo e único. A unicidade pretende reverter-nos para a origem de cada um de nós e por inerência para a nossa revelação enquanto seres humanos. Essa intencionalidade revela a força da escrita de Natália Correia e Carmen Conde, quando propiciam ambientes diversos daqueles em que, irremediavelmente se movimentam.

A questão da autoria textual referenciada, revela-se de especial importância em Natália e Carmen, pois apresenta-nos poemas incisivos, femininos, demonstrativos da força intrínseca de quem os escreve.

Natália e Carmen fundamentam pela escrita os seus mais íntimos anseios. Procuram potenciar a figura feminina, não necessariamente numa atitude sexista de superioridade, mas de revelação da sua personalidade distintiva e individual. Dos seus textos resulta uma escrita feminina, não feminista, como tivemos oportunidade de explicitar. Observa-se um direccionamento para a igualdade em detrimento da diferença.

Os textos natalianos e condianos resultam em estratégicos jogos tripartidos, entre Liberdade, Opressão e Outro Mundo. Modelam-se os três tópicos, por inerência ao ambiente político-social de Portugal e Espanha, extremamente redutor. Ambas escritoras se movem num esforço crítico, muitas vezes recorrendo a figuras estilísticas de ocultação. Destacámos a metáfora, por a considerarmos abrangente, em cada uma das poetisas. Aquela permite partilhar realidades conotativas, e facilitar a dupla leitura. A duplicidade interpretativa, constante na literatura da época, resultou num recurso importante de subverter o pensamento limitado do censor. Este, como revelámos oportunamente, dificilmente decifrava os textos poéticos visados, pela sua notória incultura. As escritoras, conhecedoras da limitação dos responsáveis da censura, e por inerência aos restantes escritores, construíam os seus textos

cifrados, com palavras-chave, só entendíveis por leitores predispostos. Os escritores inquietos, por natureza, dificilmente compactuariam com a monotonia derivante dos regimes coercivos. Promoveram a explicitação da vivência de cada ser humano em sociedade, numa amostragem neo-realista. Surrealizaram por escrito, numa pretensa tentativa de subverter o mundo impoluto em que viviam. Ao surrealismo seguiu-se a descoberta do Homem e da sua atitude face à vida. Formavam-se as crenças existencialistas, sob orientação sartriana.

Tanto Natália como Carmen Conde buscam a Liberdade e, enquanto a não atingem, promovem a idealização de um mundo, em tudo distinto do existente. Devemos salientar terem-se ambas escritoras mantido nos seus países de origem, apesar do crescendo de ambição reveladora da mudança prenhe, por revelar.

A força da poesia de Natália Correia e Carmen Conde despoletou a nossa caminhada por entre factores associáveis e simultaneamente diversos, num mesmo tipo de regime político. Em plena Península Ibérica, fatidicamente afastada por lutas intestinas, se movimentaram vários elementos propulsionadores de cultura. Esteticamente poderemos referenciar algum complemento, se bem que reduzido. Vários grupos literários: neo-realismo, surrealismo e existencialismo, fundamentalmente, viriam a revelar características similares, apesar da não correspondência temporal, pois cada um dos mesmos seria observado antecipadamente em Espanha.

Delineámos uma pequena abordagem sobre os condicionalismos das poesias ibéricas e a continuidade da procura da identidade feminina.

Entre os anos cinquenta e finais da década de setenta referenciaram-se distintas atitudes literárias face ao regime ditatorial instalado. Por um lado persistia a aceitação passiva, por parte das massas, das leis arregimentadas. Mas de outra parte surgiam os rebeldes escritores. A guerra mundial terminara e a alteração dos costumes era premente. No entanto, nem Portugal, nem mesmo Espanha, haviam participado naquele enfrentamento descaracterizador. Mantiveram-se neutrais e por consequência, lesões infraestruturais ou psicológicas não se fizeram sentir. Contudo a manutenção do regime absoluto determinava a inflexão da necessária mudança. Se em Espanha o progresso industrial e tecnológico se processava, em Portugal, pelo contrário, insistia-se no «viver habitual». Habitualidade essa que viria a ser forçosamente alterada com o início da Guerra Colonial. Tanto Salazar como Marcelo Caetano, seu sucessor, a partir de 1968, revelar-se-iam incapazes de orientar estrategicamente as forças militares, resultando numa imensa perda de vidas. Ao afastar as atenções de Portugal para países estrangeiros, a necessária transformação da vida irregular, dura mal remunerada dos portugueses, ver-se-ia protelada.

Natália Correia e Carmen Conde denotaram interesse pela sua própria existência, enquanto mulheres e transmissoras de cultura. Reflectiram nos seus textos sobre a vida humana e consequente interligação ao meio envolvente. Por este se demonstrar faccioso e limitativo, era admissível a revolta. Rebelavam-se contra a sociedade fechada e opressiva e interiorizavam em excesso os seus sentimentos. As emoções incontidas eram transportadas para os seus textos e daí a necessidade de revelar «outros mundos», onde a Liberdade seria comportável. Era o tempo do grito: « (...) A mulher livre está apenas a nascer; quando se tiver conquistado, talvez justifique a profecia de Rimbaud: “ Os poetas serão! Quando for abolida a servidão infinita da mulher, quando ela viver para ela e por ela, tendo-lhe o homem dado baixa- até agora abominável- ela também será poeta! A mulher encontrará o desconhecido! (...)»<sup>541</sup>

Pela linguagem expressavam as mulheres o seu comportamento e reflectiam, conforme explicita Ana Gomes que a sua linguagem: » (...) tem necessariamente de reflectir aquilo que [pensam] e [sentem], consciente ou inconscientemente, (...)»<sup>542</sup>

A figura feminina, apesar da sua defesa acérrima por grupos feministas, não conseguira debelar a ideia: « (...) [na] viragem para os anos 70, numa discussão sobre “A mulher na sociedade contemporânea” (...) que “ para a mulher, a participação na vida social continua em grande parte a apresentar problemas específicos da sua condição feminina- procuram-se e põem-se em prática medidas tendentes a permitir a sua adaptação a novas condições de vida”. (...)»<sup>543</sup> Urgia que as mulheres se libertassem: » (...) do medo e das amarras dos estereótipos e [começassem] a perceber a realidade das suas próprias qualidades(...)»<sup>544</sup> indiferentemente do seu estatuto social ou profissional.

Protelada por décadas infundas, apenas no decurso de um ano- 25 de Abril 1974 a finais de Novembro de 1975, a Liberdade, tão ansiada em Portugal e Espanha, seria possível. Concluída a Revolução das Flores no nosso país, logo se despertaram as consciências espanholas para a correspondente transição de regime. Agora estavam estabelecidas as fundações da personalidade feminina e iriam determinar a sua manutenção futura.

<sup>541</sup> Simone du Beauvoir, *Op. cit.*, 1976, pp. 548/549

<sup>542</sup> Ana Gomes, *Os Poderes das Mulheres, Os Poderes dos Homens*, 2002, p. 145

<sup>543</sup> Vanda Gorjão, *Op. cit.*, 2002, p.129

<sup>544</sup> Margarita Rivière, *O Mundo Segundo as Mulheres*, 2002, p. 12

## BIBLIOGRAFIA CLASSIFICADA

### 1. Obras das autoras estudiadas:

**CONDE, Carmen,**

*Obra Poética (1929-1966)*, 2ª ed., Biblioteca Nueva, Madrid, 1979 ,

**includi:**

*Iluminada Tierra*, 1951

*Mientras los hombres mueren*,1952

*Vivientes de los siglos*,1954

*Los monólogos de la hija*,1959

*En un mundo de fugitivos*, 1960

*Derribado Arcángel*,1960

*En la tierra de nadie*,1960

*Los Poemas del Mar Menor*, 1962

*Su voz le doy a la noche*, 1962

*Devorante Arcilla*, 1962

*Jaguar puro inmarchito*, 1963

*Enajenado Mirar (1962-1964)*

*Humanas Escrituras (1945-1966)*

#### **Obras autónomas:**

*A este lado de la eternidad*, Biblioteca Nueva, Madrid,1970

*Cita con la Vida*, Biblioteca Nueva, Madrid, 1976

*Días por la Tierra, antología incompleta*, Editora Nacional, Madrid  
1977

*Corrosión*,. Biblioteca Nueva, Madrid, 1975

*El tiempo es un río lentísimo de fuego*, ed. 29, Libros Rio Nuevo, Serie  
Ucieza, Barcelona, 1978

*La Noche Oscura del Cuerpo*, Biblioteca Nueva, Madrid, 1980

*Brocal Y Poemas a María*, Biblioteca Nueva, Madrid, 1984

*Cráter, Biblioteca Nueva, Madrid, 1985*

**CORREIA, Natália,**

*Poesia Completa*, 2ª ed., Pub. Dom Quixote, Lisboa, 2000

**inclui:**

*Poemas*, 1955

*Dimensão Encontrada*, 1957

*Passaporte*, 1958

*Comunicação*, 1959

*Cântico do País Emerso*, 1961

*O Vinho e a Lira*, 1966

*Mátria*, 1968

*A Mosca Iluminada*, 1972

*O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro*, 1973

*Epístola aos Iamitas*, 1976

*O Dilúvio e a Pomba*, 1979

**Obra autónoma:**

*Poemas a Rebate*, Pub. Dom Quixote, Lisboa, 1975

**2. Estudos sobre/ de Natália Correia e Carmen Conde :**

ALMEIDA, Ângela, *Retrato de Natália Correia*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1994

CONDE, Carmen, *Brocal y poemas a María*, Edición de Rosario Hiriart, editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1984

\_\_\_\_\_, *Cráter*, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1985 (estudio preliminar de Manuel Alvar)

CORREIA, Natália, *Não Percas a Rosa. Diário e Algo Mais( 25 de Abril de 1974- 20 de Dezembro de 1975)*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1978

ENGEMAN Jr., George H., *Vida y obra de la mujer poeta*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia y Letras, Universidade de Madrid, Madrid, 1948

LUÍS, Leopoldo de, *Carmen Conde*, Escribir Hoy, Ministerio de Cultura, Dirección General de Promoción del Libro y la Cinematografía, Madrid, 1982

CROSS, Doris Lyman, *Carmen Conde y su poesía*, Honoris Thesis, Wallesey C. Massachussets, 1948

NOBRE, Graciete Berta de Sousa, *A Poesia de Natália Correia e o Espírito de Heterodoxia*, Tese de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, FCSH, Lisboa, 1993

SANTOS, Maria Teresa Gomes Paula, *Natália Correia – Poeta Romântico, primeiras etapas de uma leitura em processo*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, FCSH, Lisboa, 1995

SOUSA, Antónia et al., *Entrevistas a Natália Correia*, Parceria A.M. Pereira, Lisboa, 2004

### 3. Estudos histórico/ literários sobre a mulher:

AA. VV., *Faces de Eva, estudos sobre a mulher*, nº 4, Edições Colibri, Lisboa, 2000

AA. VV., *A mulher na sociedade portuguesa- Visão histórica e Perspectivas actuais*, Inst. De História Económica e Social, Faculdade de Letras, Coimbra, 1986

AA. VV., *Identidades no Feminino*, Cadernos de Literatura Comparada, 2, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras do Porto, Porto, 2001

BEAUVOIR, Simone de, *O Segundo Sexo*, II, 2ª ed., Bertrand editora, Venda Nova, 1976

BESSE, Maria Graciete, *Percursos no Feminino*, Ulmeiro, Lisboa, 2001

BRANCO, Lúcia Castello, Brandão, Ruth Silviano, *A Mulher Escrita*, Casa Maria Editorial, Rio de Janeiro, 1989

\_\_\_\_\_, *O que é a Escrita Feminina*, 1ª ed., Coleção primeiros Passos, Editora Brasiliense, São Paulo, 1991

BUESCU, Helena, et. al., *Floresta Encantada. Novos Caminhos da Literatura Comparada*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2001

CARMO, Isabel do, Amâncio, Lúcia, *Vozes Insubmissas*, Publicações dom Quixote, Porto, 2004

DACO, Pierre, *Compreender as Mulheres e a sua Psicologia Profunda*, Veja, Alpiarça, s/d

DUBY, Georges, Perrot, Michelle, *História das Mulheres, Século XX*, Edições Afrontamento, Porto, 1995

ETXEBARRÍA, Lucía, *A Eva Futura. O que significa o feminismo no século XXI*, Editorial Notícias, 2001

FERNANDES, Noélia da Mata, *A Autoria e o Hipertexto*, Edições Minerva, Coimbra, 2003

GARCÍA, María Jesús Fernández, Fernández, María Xosé Pardo (coord.), *Textos de Mulher/ Muller/ Mujer*, Universidad de Extremadura, Cáceres, 2004

GORJÃO, Vanda Neves, *Mulheres em Tempos Sombrios*, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2000

LIPOVETSKY, Gilles, *A terceira Mulher. Permanência e Revolução do Feminino*, Instituto Piaget, Lisboa, 2000

MAGALHÃES, Isabel Allegro de, *O Tempo das Mulheres- A divisão temporal na escrita feminina contemporânea*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1987

\_\_\_\_\_, *Sexo dos Textos e Outras Leituras*, Ed. Caminho, Lisboa, 1995

RAMALHO, M. I., Amaral, Ana Luísa, « *Sobre a Escrita Feminina* », nº 90 Oficina do Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 1997( Abril)

RIVIÈRE, Margarita, *O Mundo Segundo as Mulheres*, Coleção Simetrias, Ambar, Porto, 2002

VICENTE, Ana, *Os poderes das Mulheres, Os poderes dos Homens*, Gótica, Lisboa, 2002

#### **4. Literatura comparada:**

BRUNEL, Pierre, Chevrel, Yves, *Précis de Littérature Comparée*, P.U.F., 1. ed., Paris, 1989

BUESCU, Helena, et. al., *Floresta Encantada*, Publicações Dom Quixote, 1ª ed., Lisboa, 2001

CHEVREL, Yves, *La Littérature Comparée*, P.U.F., 4. ed., Paris, 1997

CLAUDON, Francis, Woltling, Karen Haddad, *Elementos de Literatura Comparada*, Editorial inquérito, Mem martins, s/d.

GRISCI, Armando, *Introducción a la literatura comparada*, Crítica, Barcelona, 2002

GUILLÉN, Claudio, *Entre lo Uno y lo Diverso, Introducción a la Literatura Comparada*, Editorial Crítica, Barcelona, 1985

KAISER, Gerhard R., *Introdução à Literatura Comparada*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989

MACHADO, Álvaro, Pageaux, Daniel- Henri, *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*, Coleção Signos, Edições 70, Lisboa, 1982

#### **5. Teoria da Literatura:**

AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel de, *Teoria da Literatura*, 8ª ed., Livraria Almedina, Coimbra, 1990

ANGENOT, Marc, et. al., *Théorie Littéraire, problèmes et perspectives*, Presses universitaires de France, Paris, s/d.

BLOOM, Harold, *Como Ler e Porquê*, Editorial Caminho, Lisboa, 2001

\_\_\_\_\_, *The Anxiety of Influence*, 2. ed, Oxford University Press, Oxford, 1997

ECO, Umberto, *Sobre Literatura*, Difel, Algés, 2003

\_\_\_\_\_, *Os Limites da Interpretação*, Difel, Algés, 2004,

GUIMARÃES, Fernando, *A Poesia Contemporânea Portuguesa*, Ed. Quasi, Vila Nova de Famalicão, 2002

KRAUSS, Werner, *Problemas Fundamentais da Teoria da Literatura*, Editorial Caminho, Lisboa, 1989

SARKANI, Stéphane Santerres, *Teoria da Literatura*, Publicações Europ- América, Mem Martins, s/ d.

TODOROV, Tzvetan, *Teoria da Literatura- I*, Edições 70, Lisboa, 1987

TOMACHEVSKI, Boris, *Teoria de la Literatura*, Akal Universitaria, Madrid, s/d

WELLEK, René, Austin Warren, *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários*, Martins Fontes, São Paulo, 2003, p. 260

## **6. História da Literatura Portuguesa e Espanhola :**

FERREIRA, David Mourão, *Tópicos Recuperados, sobre a crítica e outros ensaios*, Coleção Universitária, Ed. Caminho, Lisboa, 1992

LOPES, Óscar, Marinho, Maria Filomena (dir.), *História da Literatura Portuguesa. As Correntes Contemporâneas*, Vol. 7, Publicações Alfa, Lisboa, 2002

MACHADO, José Pedro (cord.), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, vols. IV, V, VI e XII, Amigos do Livro Editores, Lisboa, 1981

PALOMO, Pilar, *La poesía en el siglo XX (desde 1939)*, Taurus, Madrid, 1988

PÉREZ, Óscar Barrero, *Historia de la Literatura Española Contemporánea 1939-1990*, Fundamentos Maior, Ed. Istmo, Madrid, 1992

PRADO COELHO, Jacinto do, *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega*, 1º vol, Figueirinhas, Porto, 1990

PRIEGO, Miguel Angel Pérez, et. al., *Literatura Española*, Filología, Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, 1992

RICO, Francisco, Ynduráin, Domingo, *História y Crítica de la Literatura Española. Época Contemporânea: 1939-1980*, Editorial Crítica, Barcelona, 1981



\_\_\_\_\_, Villanueva, Santos Sanz, *Historia y Crítica de la Literatura Española*, 8/1, *Época Contemporánea: 1939-1975*, Primer suplemento, Editorial Crítica, Grijalbo Mondari, Barcelona, 1999

SARAIVA, António José, Lopes, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 15ª ed., Porto editora, Porto, 1989

SELLERS, María Rosa Álvarez, *Literatura Portuguesa y Literatura Española Influencias y Relaciones*, Facultat de Filologia, Universitat de Valencia, 1999

### **7. Ditadura Portuguesa-Salazarismo:**

ANTUNES, José Freire, *Os Espanhóis e Portugal*, Oficina do Livro, Lisboa, 2003

AZEVEDO, Cândido de, *Mutiladas e Proibidas. Para a História da Censura Literária em Portugal nos Tempos do Estado Novo*, Caminho Nosso Mundo, Lisboa, 1997

CABRITA, Felícia, *Mulheres de Salazar*, Editorial Notícias, Lisboa, 1999

CRUZEIRO, Celso, *Coimbra, 1969, A crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*, Edições Afrontamento, Porto, 1989

DACOSTA, Fernando, *Nascido no Estado Novo*, Editorial Notícias, Lisboa, 2001

\_\_\_\_\_, *Máscaras de Salazar*, Editorial Notícias, Lisboa, 2002

FERRO, António, *Salazar e a sua Obra*, Empresa Nacional de Publicidade, Lisboa, 1936

\_\_\_\_\_, *Entrevistas de António Ferro a Salazar*, Parceria A. M. Pereira, 2ª ed., Lisboa, 2003

GASPAR, José Martinho, *Os Discursos e o Discurso de Salazar*, Prefácio, Lisboa, 2001

MARQUES, Silvino Silvério, *Salazar o Ultramar e o 25 de Abril*, Nova Arrancada, Lisboa, 2001

MATOS, Helena, *Salazar, A Construção do Mito*, Volume I, Temas & Debates, Rio de Mouro, 2003

\_\_\_\_\_, *Salazar, A Propaganda*, Volume II, Temas & Debates, Rio de Mouro, 2004

MATTOSO, José (Dir.), *História de Portugal: O Estado Novo*, Vol. 7, Editorial Estampa, Lisboa, 1994

MEDINA, João, *Salazar e Franco dois ditadores, duas ditaduras*, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 1996

\_\_\_\_\_, *Salazar, Hitler e Franco*, Estudos Sobre Salazar e a Ditadura, Livros Horizonte, Lisboa, 2000

- MÚRIAS, Manuel Maria, *Salazar*, Referendo, Lisboa, s/d
- NEVES, Helena, et. al., *O Estado Novo e as Mulheres : O Género como Investimento Ideológico e de Mobilização*, Biblioteca Museu República e Resistência, Lisboa, 2001
- NOGUEIRA, Franco, *Salazar, O Ataque (1945-1958)*, Vol. IV, 4ª ed., Editora Civilização, Barcelos, 2000
- \_\_\_\_\_, *Salazar, A Resistência (1958-1964)*, Vol. V, Editora Civilização, Barcelos, 2000
- \_\_\_\_\_, *Salazar, O Último Combate (1964-1970)*, Vol. VI, Editorial Civilização, Barcelos, 2000
- OLIVEIRA, César, *Salazar e o seu Tempo*, 1ªed., Ed. O Jornal, Lisboa, 1991
- PIMENTEL, Irene Flunser, *História das Organizações Femininas do Estado Novo*, Temas & Debates, Lisboa, 2001
- PINTO, Jaime Nogueira, *O Fim do Estado Novo e as Origens do 25 de Abril*, 3ª ed., Difel, Algés, 1999
- REBELLO, Augusto de Sá Viana, *Salazar e Caetano, Falar Claro*, Nova Arrancada, Lisboa, 2003
- RUDEL, Christian, *Salazar*, Mercure de France, Paris, 1969
- VICENTE, Ana, *Portugal Visto pela Espanha, Correspondência Diplomática 1939-1960*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1992
- VIEIRA, Joaquim, *Portugal Século XX, Crónica em Imagens, 1950/1960/1970/1980*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000-2001

### **8. Ditadura Espanhola- Franquismo:**

- ABELLÁN, Manuel L.(ed.), *Censura y Literaturas Peninsulares*, Diálogos Hispánicos de Amesterdan, nº 5, Editorial Rodopi, Amesterdan, 1987
- \_\_\_\_\_, *Censura y Creación Literaria en España( 1939-1976)*, Ediciones Península, Barcelona, 1988
- BENNASSAR, Bartolomé, *Franco*, Editorial EDAF, Madrid, 1996
- FONTANA, Josep, *España bajo el franquismo*, Serie General, Temas Hispánicos, Departamento de Historia Contemporánea de la Universidad de Valencia, Editorial Grijalbo, Barcelona, 1986
- GARCÍA, María Jesús Fernández, *El vocabulario político en Extremadura. De la preautonomía a 1991*, Asamblea de Extremadura, Mérida, 1998

HOLGADO, Fernando Hernández *Mujeres encarceladas. La prisión de Ventas: de la República al Franquismo, 1931-1941*, Marcial Pons Historia, Madrid, 2003

PAYNE, Stanley, *El Régimen de Franco, 1936-1975*. Alianza editorial, Madrid, 1987

REDONDO, Juan Carlos Jiménez, *Franco e Salazar. As Relações Luso- Espanholas durante a Guerra-Fria*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1996

TUSELL, Javier, *La Dictadura de Franco*, Alianza Editorial, Madrid, 1988

### 9. Enciclopédias:

AA. VV., *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1989

AA. VV., *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vols VIII, IX, Editorial Enciclopédia Lda, Lisboa/ Rio de Janeiro S/d

### 10. Artigos da imprensa:

BARBAS, Helena, “Lapidar a matéria da palavra”, *Expresso*, 29-1-2000

CARVALHO, Ana Maria, “Cultura em colete-de-forças”, *Visão*, 8-04-2004

CASTANHEIRA, José Pedro, “O lápis azul”, *Expresso*, 26-06-1999

\_\_\_\_\_, “Segredos do Ditador”, *Expresso*, 27-05-2000

DANTAS, Vera, Marcos Vaza, “Interdito a todas as idades”, *Público*, 25-04-1999

HATHERLY, Ana, “Sou antropológicamente lúcida”, *Diário de Notícias*, 14-2-2004

LEME, Carlos Câmara, “A mulher que cruzou todos os mares”, *Público*, 16-3-2003

LOURENÇO, Eduardo, “Comemorações do 25 de Abril”, *Visão*, 22-04-2004

MARTINS, Luís Almeida, “Reina a ordem em todo o país” *Visão*, 11-03-2004

MOURA, Cláudia, “O rei não roeu a corda”, *Notícias Magazine*, 16-05-2004

NEVES, Inês e Sónia Dias, “Dia Internacional da Mulher”, *Correio Mulher*, 19-02-2004

NUNES, Maria Leonor, “Enigmas da Escrita”, *Jornal de Letras*, 3-3-2004

PEDROSA, Inês, “O problema da flor”, *Única- Expresso*, 13-03-2004

PIRES, José Cardoso, “Purificação Assassina”, *Jornal de Letras*, 6-12-1995

RODRIGUES, Urbano Tavares, “A asa cinzenta do fascismo português”, *Jornal de Letras*, 6-12-1995

SILVA, Maria Augusta, “A pele de um corpo literário”, *Diário de Notícias*, 7-12-2000

**Sites da internet:**

AA.VV., “ Algunas polémicas en torno a la censura” in *Conferencia en la Third Area Conference for Graduate Students*,\_University of North Carolina and Chapel Hill, <http://www.geocities.com/jaoskam/introsp.htm>

AA.VV., “ Tema 5. Propaganda y represión del franquismo. La significación del exilio” in [http:// juntadeandalucia.es/averroes/iescasasviejas/cviejas1/histo/tema5.5.htm](http://juntadeandalucia.es/averroes/iescasasviejas/cviejas1/histo/tema5.5.htm)

# **ANEXOS**



**TEXTOS POÉTICOS COMPARÁVEIS**  
**DE**  
**NATÁLIA CORREIA E CARMEN CONDE**

**TEMÁTICAS:**

**A) Liberdade/Opressão/ Outro Mundo ( em conjunto):**

**Natália Correia**

**Anexo 1**

***DIMENSÃO ENCONTRADA* (1957):**

pp.114/115      « **Perfil em arco-íris que te espantas** »

II

Perfil em arco-íris que espantas  
De olhares o norte quando vês o sul  
E que em nenhuma lua desencantas  
Esse teu signo de viveres azul.

Prendeu-se um opala em teu contorno  
E formou-se a curva repentina  
Da tua espádua onde se ilude o adorno  
Da tua morte constante e genuína.

Estilhaços do mundo que te invade  
São a memória do cristal partido  
Da primeira e última cidade  
Nos acidentes dum mapa proibido.

Onde a curva do ar se desenrola  
Vertiginosamente nos espaços  
É que se acende o astro que te isola  
Na direcção perdida dos teus braços.

Onde a cor da distância conquistada  
Bebe o teu sono nas veias dum cipreste  
É que te esperas como onda revelada  
Dum movimento puro que te deste.





**Carmen Conde**

**Anexo 2**

***EN LA TIERRA DE NADIE*** ( 1960):

p. 776 VI «*En la tierra de nadie se acumulan*»

En la tierra de nadie se acumulan  
ardientes soledades que acribillan  
los puñales, ligeros, que estimulan  
roncas voces que vidas eliminan.

Hay que ser o no ser, y sin fisuras:  
que vivir o morir es el dilema.  
Uno va, ¿cómo va?, por la espesura  
Del acoso brutal del alma en pena.

¡ Qué desgaste de bocas sin sonrisas,  
qué llagarse los besos en los labios;  
cuánto polvo sin agua, cuánta prisa  
por hollar con la sangre el lodo flácido!

Es andar y tenerse bien erguido,  
es nacer a la duda a cada instante.  
Es tesón de llegar a donde vamos,  
con el sol, con la tierra, con el hambre.

¡ Miradme atosigada por jaurías,  
sentidme rechazada por rebaños;  
oídmeme sollozando letanías  
de semanas, de horas, de mil años!

### Anexo 3

#### **DEVORANTE ARCILLA (1962):**

pp. 833/834 1 « **El mundo se queda atrás, y hay tanto mundo** »

El mundo se queda atrás, y hay tanto mundo  
sin recorrer aún...; arden las razas  
queriendo separarse de las razas  
que ayer querían fundir en una sola.

Los negros y amarillos, los cobrizos,  
los blancos y los otros, los que nunca  
tuvieron el color de la azucena,  
¿ a dónde quieren ir?  
¡ Ah, no es al mundo  
que vieron al nacer! Quieren estrellas,  
planetas desde el cielo para ellos.

La tierra se acabó para los hombres.  
Las flores repudiaron el rocío.  
Torrentes o las mares; no es de agua  
la sed que rugen ellos, vulnerados.

Roída por los dientes del estruendo,  
sorbida por la luz turbia de gases,  
no sirve ya, no la desea  
ninguno de los hombres que ella hizo.

Se ha comido a sí misma.  
De su sangre bebió y extinta casi  
sucumbe sin posible agua.

Desintegra delirante, con tumultuoso ritmo,  
a sus tierras criaturas.  
Seca, quemada, impura, acaso en el sacrificio  
del día de nueva pureza,  
en los astros que de ella arrancan, arde  
junto al cielo a que se afana, ronca  
de turbias llamaradas verdes.

#### Anexo 4

p. 847 19 « ...Y sin embargo, la fe de esperar, la esperanza.»

...Y sin embargo, la fe de esperar; la esperanza.  
Estar en alerta esperando  
lo que se teme no llegará nunca.  
Crédulamente triste y desengañada...  
En espera.

Ha de venir una hora de Dios.  
Ha de llegarnos el mundo que imaginamos todos  
- cada cual desde un planeta distinto-,  
esperándolo.

Sin sombras y sin luz, sin peso.  
Una irradiante felicidad que se propague  
como la palabra que nos devuelve la Luna,  
pero sin que nos la devuelva.

Porque no es posible creer con amargura  
que sólo fuimos miserable carne en pugna  
cuyos gusanos abren la última existencia cierta.

Hay algo más, y lo buscan los que asedian  
las desolantes galaxias extrañas y remotas  
que ahora son nuestra meta.

Hay algo para mi fe, aunque lo crea  
sin llamarlo y sin ponerle su contorno.  
No es que yo sueñe, ni que sea cobarde para  
agarrarme a una idea de salvación.

Es que es verdad. Es que yo lo sé, y voy  
( con los ojos cerrados y las manos juntas)  
a donde me aguarda mi propia forma celeste.

**Natália Correia**

**Anexo 5**

**PASSAPORTE** (1958):

pp143/144

« **Boletim Meteorológico** »

Hoje, dia de me concretizar na corda tensa  
Do animal com cio que resuma  
A minha Eva quebrada no espelho da evidência  
De apara além do espelho não haver Eva nenhuma;

Hoje, dia de escrever uma carta como um suicida  
Que por sê-lo de facto nunca se chega a matar  
E lê-la depois como uma novela muito aborrecida  
Onde ninguém tem uma razão para se suicidar;

Hoje, dia de esclarecer este inútil mistério  
Duma personalidade com a polícia à vista,  
Deixando como um cartão-de-visita em qualquer ministério  
A bomba da minha humanidade poética anarquista;

Hoje, dia da tua morte, sejas tu quem fores  
Que morreste para que da guerra anónima que travamos  
Ficasse como um arco-íris das nossas sete dores  
Este poema, onda em que abraçados naufragámos.

Hoje, dia de Maria da estrela ter toda a razão  
Quando me contava que havia uma ilha como um girassol  
Que as feiticeiras faziam girar como um pião  
Debaixo do mar em que eu me enrolava como num lençol;

Hoje, dia de vai haver a revolução  
E todos em casa à espera da primeira granada  
Que transforme este está para ser uma nação  
No herói que não quer ser nação nem quer ser nada;

Hoje, dia de mudar de raça – trocar a branca pela violeta?  
E sabendo o que sei de mim sendo doutra cor  
Seres o príncipe que não importa de que planeta  
Traz ao círculo da minha insónia a quadratura do teu amor.

## Anexo 6

### *CÂNTICO DO PAÍS EMERSON* ( 1961):

pp. 211/213 « ENQUANTO que do mar das Caraíbas»

ENQUANTO que do mar das Caraíbas  
Minha Pátria um grito me chamava  
Desdobrada em trombeta pelas brisas  
Espiralado voo que enfunava  
A plumagem de pássaros que fui  
Nesse país de cor intervalar,  
As avenidas as casas as pessoas  
Desencorporam-se dos olhos que fruí  
Num momento de glória constelar

E encontro-me entre gentes entre casas  
Numa rua deserta como o choro solitário  
De uma criança inorganicamente com asas  
Que o medo de nascer apunhalou num ovário.

O jardim infiltra-se de namorados ausentes.  
Balsâmica insere-se na noite a flor da privação;  
Só nos cafés estão corpóreos gordos sorridentes  
Os amigos que a essa hora estão realmente na prisão.

Entre dentes os aa abertos clandestinos  
Entre parêntesis o amor num quarto de aluguer  
Entre parentes os sub-reptícios os caninos  
Polícias que se disfarçam de malmequer.

Sobrevivente os lírios dissolvem-se num ar  
Que de abutres e mortos é a acre mistura  
Os poetas têm vontade de chorar  
E fazem versos cortados pela censura.

Os previdentes e os presidentes tomam de ponta  
Os inocentes que têm pressa de voar  
Os revoltados fazem de conta fazem de conta...  
Os revoltantes fazem as contas de somar.

Embebo-me na solidão como uma esponja  
Por becos que me conduzem a hospitais.  
O medo é um tenente que faz a ronda  
E a ronda abre sepulcros fecha portais;

## Anexo 7

pp. 215/217 «**Não sou daqui. Mamei em peitos oceânicos**»

Não sou daqui mamei em peitos oceânicos  
Minha mãe era ninfa meu pai chuva de lava  
Mestiça de onda e de enxofres vulcânicos  
Sou de mim mesma pomba húmida e brava.

De mim mesma e de vós, ó Capitães trigueiros  
Barbeados pelo sol penteados pela bruma!  
Que extraístes do ar dessa coisa nenhuma  
A génese a pluma do meu país natal.

Não sou daqui das praias da tristeza  
Do insone jardim dos glaciares  
Levai minha nudez minha beleza  
E colocai-a à sombra dos palmares.

Não sou daqui. A minha pátria não é esta  
Bússola quebrada dos impulsos  
Sou rápida sou solta talvez nuvem  
Nuvens minhas irmãs que me argolais os pulsos!  
Tomai os meus cabelos levai-os para a floresta.

É lá que o meu amigo pastor de estrelas pasce  
O marulho das folhas com pássaros nas vozes  
O sol adormecido nos braços da giesta  
A manhã rarefeita na corrida do alce  
O luar orbitado no salto da gazela  
Os animais velozes do sítio onde se nasce...

Levai-me, peixes da minha alma itinerante!  
Quero ir à pesca colher no espelho da laguna  
O lírio da nudez a perdida inocência  
O coração do bosque a dar-se sem penumbra  
Visto através da minha transparência.

Levai-me. Ó minhas mãos branco exílio de ramos!  
Meus dedos virtuais folhas de palma!  
Sois os órgãos sensíveis da choupana  
Onde quero deitar a minha alma.

Levai-me, olhos meus implícitas montanhas  
Florescência de cumes para poisarem águias!

Quero ter pensamentos que me cheirem a lenha  
Esfregar o espírito em plantas aromáticas  
Uma alma com pétalas guerrilheiras selvagens

Abertas a uma lua de prata verdadeira  
Uma alma que seja verde que tenha asas  
E dance nua para os deuses da fogueira...

Jogai, jogo do arco laço azul infância coisas  
Que o desencanto confisca e abandona na cave!  
Como uma criança joga um papagaio jogai  
Este farrapo de ânsia poeira da cidade  
Onde ninguém tem pressa de ser ave;

E tu, anjo de pedra do meu grito! Anjo  
Esculpindo em pranto seco! Anjo enxuto!  
Tu que me afogas o olhar no infinito  
E as mãos no lodo dum gesto irresoluto

Tece, ó aranha de luz no esconso da garganta!  
Coração de andorinha estrangulada!  
O luar o jardim a cigarra que canta  
O leito de verdura para eu me dar à esperança,  
Rosa que aspiro num esquivo vão de escada.

Os edifícios são malefícios da conjura  
Municipal de um desalento e de uma porta  
Salvo a ranhura para sair o funeral  
Não há inquilinos nos edifícios vistos por fora.

Que é dos meninos com cata-ventos na aérea  
Arquitectura de gargalhadas em cornucópia?  
Almas bovinas acomodadas à matéria  
Pastam na erva entre as ruínas da memória,

Homens por dentro abandalhados em unhas sujas  
Que deixaram seu coração num bengaleiro;  
Mulheres corujas seriam gregas não fosse as negras  
Nódoas deixadas na sua carne pelo dinheiro;

Jovens alheios à pulcritude do corpo em festa  
Passam por mim como alamedas de ciprestes  
E a flor de cinza da juventude é uma aresta  
Que me golpeia abrindo vácuos de flores silvestres.

E essa ansiedade de mim mesma me virgula  
Pausa de Pátria entressonhada. É um crisol.  
E o fruto agreste da linfa ardente que em mim circula  
Sabe-me a sol. Sabe-me a pássaro. Pássaro ao sol.

**Carmen Conde**

**Anexo 8**

**ENAJENADO MIRAR( 1962-64):**

pp. 893/894 « **Voy a la melancolía**»

Voy a la melancolía  
como a un balcón. Miro a la tarde  
que se enciende en sus nubes y fulgura.  
Pienso en recuerdos que no tienen  
pensamientos siquiera. Arde  
peso en el corazón, y sufro  
porque vivo en memorias.

Sola contra la luz, en claroscuro  
de violetas; desde el viento  
se deshilan las nubes. Caen  
dulcemente las sombras...

¿ Con quién dialogaría- digo-  
si a mi lado vinieran  
tantas bocas posibles,  
al ayer relegadas?  
Y no escucho a ninguna,  
ninguna voz acude convocada.  
Es muy tarde, hace frío,  
atardece, se estancan  
los oscuros mensajes del tiempo  
que me inundan, arrasan.

En algunos rincones del miedo,  
sin embargo, se canta.  
Vivos hilillos de música,  
hebras de la luz, resbalan...

¡ Oh mi lentitud! Despacio  
mantengo contra la tarde el alma.  
Nadie sabe que espero; estoy  
mudamente aferrada  
a esperar. Pero ¿qué forma  
sobrevendrá; qué larga  
resurrección será inminente  
desde mi sangre...? ¡Extraña  
parálisis de amor: alumbro sombras  
manteniendo nostalgias!

Resbalan blandos los suelos  
socavando mis plantas.



Alimento que el frío  
mi contemplación deshaga.

Alguna vez, remotamente,  
quise estar sola; cansada  
de amar: como la fiebre, el fuego  
y las fieras aman.  
¡Qué lejos se fueron todos, secos  
tantos sarmientos; llamas  
restallando en mis brazos,  
que en brasas se alargaban!

No. La melancolía es fluida  
Como el aceite; plástica  
Como es el cieno oscuro  
Cuando los pasos fallan.

Ya se quemó la luz. No veo.  
Dentro de sombras. Tardan  
los que rompen contra los cuerpos  
sus botellas. Asaltan.

¡ A mí, todos los vencedores  
de la luz: corred, no aguarda  
mi dura melancolía  
que olvidéis mi garganta!

2 diciembre 65, Madrid

**Natália Correia**

**Anexo 9**

**MÁTRIA** (1968):

pp. 297/298    « **Os sonhos vão erguer-se sobre as patas traseiras** »

Os sonhos vão erguer-se sobre as patas traseiras  
e as árvores vão gritar o seu direito ao voto  
não mais o banquete de sanguessugas  
a sugarem o sangue do soldado  
ou a abocanharem o calcanhar do homem  
a perseguir-se no arfar de um sonho  
com asma de comboio atrasado.

Não mais pasta amarela de tiranos na boca  
não mais bÍlis de deus não mais veneno  
no copo da carÍcia preferida  
não mais nascermos para corda de roupa  
Íntimas peças da morte penduradas  
a todo o comprimento de puxarmos  
a carga insone de uma alheia vida.  
Não mais fraque de pedra de corpos espiados.  
Vai ser o tempo de florirem as letras  
No livro das mulheres perfeitamente nuas.  
Não mais ignorantes como sÁbios  
Os sonhos vão soltar seus pombos de Água pura  
O rio de AnaÍta a molhar-nos os lÁbios.

Vai ser o dia de despejo dos ilustres  
a quarta-feira da cinza dos solenes  
o Maio da Matrona vai ser a PÁscoa dos amantes  
que vão trepar a mÚsica das Árvores  
atÉ que o céu se banhe na nascente dos seus lustres  
atÉ que um cuco saia do relógio das veias  
anunciando que a bilha do teu sono se quebra  
e outra vez te espalhas poeira de diamantes  
oh luz que te levantas com braçadas de ovelhas  
AnaÍta oh vontade de sermos semelhantes.

Vai ser no ano dois mil soluços do teu filho  
oh Madre de algodão nas feridas da esfera  
primavera de naves à velocidade riso  
vai ser o estado AnaÍta da matéria.

**Carmen Conde**

**Anexo 10**

***HUMANAS ESCRITURAS* (1945-66):**

pp. 928/929 « ¡ Ah criatura infinita que recorre la orilla»

¡ Ah criatura infinita que recorre la orilla  
tumultuosa de la divinidad!  
¿ Quiénes te pidieron fácil y dulce, dómito y maleable  
como un oro que acaba de nacer y ya es riqueza de los hom-  
bres?  
¿ Qué seres obcecados quisieron que tu acceso fuera un ágil  
caminar por la ventura consentida?  
Si a ti, al fatigante látigo de dormidos, no se llega  
si no es para cantar- como tú lo haces cada día,  
rendido ante la belleza-, cediéndote el orgullo.  
Pocos, mejor ninguno, de los hombres que crean,  
han tocado como tú la gran rosa caliente  
de lo que nace sin más razón que la gracia.  
La gracia, sí, tu valva de origen;  
el espacio sin límites donde describes  
inacabables órbitas.

Allí hay que buscarte, descubriéndote; tomar tu nombre  
de tus propias estrellas; o, si se puede,  
irse a otras más altas.

Arrancando de ti, desde tu tronco, que es frágil y es duro  
como un junco o un astro,  
hechos para sostener el arco del cielo  
y la eterna verdad del agua pura.

¡ Cuántas generaciones de viñas tiernas olvidaste por otras!  
Reponías el tiro alegre de unos corceles por otros  
dispuestos a correr más que ningunos!

Corceles, muchachos: poetas que te buscaron  
y hoy se llaman con nombre de olvido.

Palabra corroborante la tuya, palabra  
que limaba sus propios contornos de niebla, entregándonos  
la prístina verdad.

Muchos fuimos palabra de ti, madurante palabra que hoy  
confiamos sin proclamarla tuya.  
Porque tú la supiste desde el principio del mundo y te hiciste  
clamoroso de arcángeles; orbes de luz y de música  
que en hogueras se precipitaban.

¡ No interrumpido creador, no vulnerada torre, poeta  
de un idioma sellado por las lenguas de fuego;  
pájaro de voz inmortal, cántico  
de más allá de ti mismo!

...Ignoro si tu alma pudo siempre llevarte,  
vibrante peso de gloria insatisfecha.

**Natália Correia**

**Anexo 11**

***O ANJO DO OCIDENTE À ENTRADA DO FERRO* (1973):**

pp. 400/401    « **Que direcção tomar? Nossos abracadabras** »

Que direcção tomar? Nossos abracadabras  
abrem a boca das cenas que repetem o muro  
onde as guerras escrevem memórias obscenas  
Se voltamos para trás vociferam no escuro  
os mortos que nos julgam no âmbito severo  
das cores que lhes roubámos As montras da viagem  
oferecem uma passagem de música dolente  
que faz retroceder as unhas e os dentes  
dos corpos onde fomos inebriadamente  
um rumor que para um sismo de garras se inicia

Como do assassino a sangrenta sereia  
no cenário do crime sem escasso se ateia  
bem procura as ruínas nossa erva andarilha  
É de retrovisores que coalham a luz  
fria do assassinato este ébrio turismo  
que fotografa a terra no seu último acto  
Acaso enlouquecemos os últimos acessos  
do tacto à evidência dos objectos antigos  
Ai de nós! bem quiséramos no perdido oriente  
de um tesouro enterrado finalmente salvar  
um de nós que por todos morre infinitamente  
mas as capas dos bispos não nos deixam passar

Que direcção tomar? Com os cérebros ligados  
à corrente do inferno o medo é um caminho  
de espantosos autómatos que acaba no ocase  
Porque o tempo não gosta dos que andam para a frente  
e irado os espera com a espada do poente  
Se chegarmos às portas do segundo milénio  
com larvas activas de um numérico horror  
numa pútrida data esperada pelos corvos  
terminada a tarefa das flores asfixiadas  
nas jarras retorcidas dos fins do oxigénio  
a cobrir-nos os olhos termos como prémio  
o astro de fuligem que no umbral do ferro  
pelo anjo da raiz quadrada está escrito

A sós nos tacteamos ao órgãos procurando  
que uma leve cidade de carícias citavam  
Entram ruidosamente em nossa jugular  
aviões que nos raptam para um lugar disposto  
a ser eternamente a razão de um sorriso  
misterioso que ficou suspenso nos retratos  
Um coração levamos escondido na algibeira  
e se acaso o passamos ao fisco dos morcegos  
uma pedrada na testa que em todas as fronteiras  
nos alucina indica que chegámos a Patmos

**Carmen Conde**

**Anexo 12**

**CITA CON LA VIDA( 1976):**

pp. 9 /11 II    « **No esperaréis que empiece un camino, el Camino,»**

No esperaréis que empiece un camino, el camino,  
despacio y con sosiego. Porque  
hierve la sangre con su desbaratada prisa,  
con su hambre de lejanías. La criatura brota a correr,  
se cansa y acorta el paso. Más allá  
se detiene. Y mira.

No hacia atrás, no; aún no lo hace:  
sino adelante. Sabe sin saberlo  
« que se hace camino al andar».  
Por ello quiere correr, bebérselo pronto.  
Y se va gastando en carreras locas, entrecortadas  
carreras que un día, de pronto,  
frenan en seco. Para volver a mirar, sí;  
ahora hacia atrás.  
A donde se vino.

Mas todavía no es hora para ella,  
que camina gozosamente embriagada:  
sus brazos, airosos; extendidas las manos hacia el vuelo,  
y alta la frente asediada por obstinados cabellos  
que de fuego arden lenguas.  
Va inaugurándolo todo, concurriéndosele,  
elemental figura frágil, fortísima.  
Joven.

! En este pecho entra el mundo!  
Lo constatarán aquellos que irán conociéndola  
y oirán su voz caliente, resplandeciéndolos.  
Cuando ya lo que lejos quedó comience a gemir  
alrededor de ella;  
cuando las desgajadas raíces viertan su licor pardo  
y aúllen en las entrañas,  
entonces aparecerá la angustia.

No se resignará con ella, ¡ tan mísero ser la angustia!,  
sino que la empujará violentamente  
reintegrándola a su origen. A su cueva. A su alvéolo.  
Y entonces...  
Mas, no; no de nuevo a todo lo que sobrevendrá.  
Aún no ha llegado el llanto.

Por el camino, sin presentirla, aparece una fuente.  
Bueno es el pretexto de la sed.  
Y la que iba., acorta el paso.  
Se para y sienta junto al agua  
reciente, como ella, en su acontecer.

Primero, el rostro.  
La frente, las sienes, los párpados, la boca;  
entre las manos juntas, cóncavas,  
beben los labios del agua sutilísima y fría  
que se escurre hasta mojar cuello y senos.  
Así refrescada, reavivada, hay que lavar los fatigados pies.  
Rodillas luego de pernas,  
Y el reposo inunda vientre y plexo, apaciguándolos.

¿ Cómo no bendecir al agua, cómo no pronunciarla con cánticos?  
Las palabras, independientes, libres y propias  
van cayendo a la fuente: al cuenco  
rebosante por la fluencia del chorro puro.

¿ Quién corroe la superficie del agua;  
cómo y por qué comenzara a llagarse  
transformándose en sombría, opaca turbia agua  
que si se bebe es amarga como el rejalgar?

¡ Oh desasosiego punzante, acribilladora angustia súbita!  
No hay quien detenga a los ojos,  
quien gobierne sus miradas, ahogándose hacia el camino.

Una se tiene y se contiene; conoce sus provincias  
más secretas y ardientes.  
Mas no esta desazonada ira, este irrazonable deseo  
que se levanta gigante arrollándolo todo.  
Se confunden ayer y hoy enlodando un futuro  
al que arrancan su esperanza.  
Empujar, empujarlo hacia atrás; o mejor aún:  
llevarlo todo, absolutamente todo,  
a la cima más próxima. Y abandonarlo allí.

¡ Fuerzas, volved! Se le niega el rostro  
a la fuente ya no propicia.

Se levanta la mujer y reanuda el camino  
empujando su no todavía inllevadero fardo.

- Totalmente de noche. Oscuro el cielo. Silencio.  
Los pasos, no tan leves ahora,

retiñen en vasta extensión sonora.  
Ha de ser un pájaro, un ruiseñor en celo  
el que prorrumpe en cielo tenso,  
clamorosa, arrebatadamente.

Canta un pájaro en la noche y ella sola lo oye  
mientras anda.

**B) Liberdade/ Opressão:**

**Carmen Conde**

**Anexo 13**

***EN UN MUNDO DE FUGITIVOS:***

pp. 630/631 « **Estoy dentro del río negro, del asfixiante río de humo** »

Estoy dentro del río negro, del asfixiante río de humo  
que no me deja nadarlo y que me aprieta  
con unos viscosos limos de sollozos y de lágrimas  
que ni siquiera dan muerte, ni la vida.

¿ Por qué, para qué, por cuántos infiernos tengo  
que atravesar hasta encontrarme libre  
de mi inútil dolor, de mi doliente asedio  
que por ningún purgatorio se me tendrá en cuenta?

Todos los tremendos y penetrantes cuchillos  
se hincan en mi pecho, revolviéndose  
para ensanchar el grueso tajo de la herida  
que no se curará jamás, que no hay quien limpie.  
¿ A quién provoqué, naciendo; qué aborrecible sino  
me trajo así marcada para el acoso  
que me convierte en el desaforado grito,  
que a dentelladas muerdo en mi propia boca?

¡ este saber que solamente existe en un medio  
de liberación! Que únicamente existe  
un solo camino, una libertad sola, un acabóse  
para la tenaz tortura, es de mercurio.

¡ Ah la gran mano negada, la que si se posara  
encima de mi triste cuerpo, sordo a la dicha,  
devolvería luz y paz; realizaría el milagro  
sacándome, casi ahogada en este río, a descansar en su palma.



**Natália Correia**

**Anexo 14**

***DIMENSÃO ENCONTRADA:***

pp. 124/130 « Ode do Agravo Geral»

Conspiração de anónimas sobrevivências,  
Uma estátua  
É onde a ingenuidade se compensa.  
Pra tal  
Tanto serve o herói que podia ser santo  
Como o santo  
Que podia ter sido coisa nenhuma.  
Grinaldas  
São ocupações que se procuram  
A fim de reconciliar a mão esquerda que quer estrangular  
Com a mão direita  
Que quer estrangular.  
E os jardins sempre repletos de homenagens...  
Cada flor é a biografia dum herói que morreu pela Pátria.  
Os amantes são os acordos de ambas as partes  
Com honra para a causa comum que se chama noite  
Ou dia  
Ou noite  
Ou dia.  
E ninguém percebe que essa harmonia  
É uma troca de cartões de pêsames  
Por uma morte que se deu  
Ou que se vai dar  
E que se espera sem revolta.  
Apesar de tudo estamos aptos a fazer a revolta  
Como quem faz escalas num piano alugado.  
Onde estão as bocas dos profetas  
Sensíveis nas raízes?  
Se chegaram a florir  
Nenhuma pétala articulou uma sílaba dos seus nomes  
Para formar a corola do mito que faltava.  
Se chegaram a morrer  
Nenhuma morte nos elucidou sobre o nosso desgosto ou a nossa alegria  
E assim tivemos de continuar indiferentes.  
Há coisas muito mais importantes  
Como contar de um até dez  
E de dez para trás.  
Porque as histórias só têm uma moral quando chegam a ser contadas.  
As outras ofendem a inocência das crianças.  
Os sacerdotes irão trocar estas verdades

Por outras verdades correspondentes  
E ainda receberão troco.  
Será o grande dia para os que pedem à porta.

Bem entendido  
Que estamos todos muito satisfeitos com a Humanidade.  
Se ela é uma abstracção que nos convém

Visto que constrói por fora  
A insularidade connosco concebida por dentro!...  
Mas por que razão  
Sempre que plantamos uma árvore  
Nasce um sapo em vez de uma árvore  
Ou o contrário  
Em vez de qualquer outra coisa?  
Somos na verdade exigentes  
Em quereremos comprar-nos aos soldados  
E os soldados aos professores  
E os professores aos cangalheiros  
E os cangalheiros aos dentistas  
Que são pessoas responsáveis que vão passar fora todos os fins-de-semana.  
É injusto andar-se por aí a falar mal dos ladrões  
Quando todos temos casas para serem roubadas.  
Quando todos somos pretextos de ladrões.  
Pior do que esta ingratidão  
Só a ingratidão dos ladrões que não nos roubam a casa.  
É certo que há evidências  
Como superfícies que o sol doura.  
E há o nome de Deus  
Que se dá a Deus  
Para que ele nos dê o nome de homens.  
E há o nome de pássaros  
Que se dá aos homens que trazem a fome pendurada no bico  
E nem a engolem  
Nem a deixam cair.  
Nem mais. Nem menos.  
O crime perfeito.  
Se não fosse perfeito não era o crime.  
E se não houvesse crime?  
Chegaria na verdade a haver perfeição?  
Nenhuma pergunta ficará sem resposta  
Porque ninguém quer passar por ignorante.  
Eu própria  
Fiz este poema que não completei  
Por excessiva paixão da sua forma:

« Nosso Senhor rosa final  
do meu tormento em linha recta!  
Do Teu modelo em lodo e sal  
Te ofereço a seiva ritual  
Da minha veia mais aberta.

Eu sou a Nossa Senhora  
Das sete luas mortais  
Que derretem Teus sinais  
Nos segredos e nas horas...»

Reticências deste poema...  
Perturbação visível de olhar marítimo  
Sem rosto de marinheiro para se encaixar.  
Dum lado a gare.  
Do outro a natureza.  
Carcças de navios no limiar do naufrágio que nunca se dá.  
O que quer que seja  
Verticaliza-se no âmago do vazio.  
Todos trazemos esse espinho  
Cravado onde não dói.  
Recebemos dos mortos a encomenda de cantar a vida

Para defender a sua área  
Da invasão dos suicidas.  
Recebemos a encomenda de nós mesmos:  
Fraude involuntária da psicologia geral  
Concretizando medo  
No nosso fantasma particular.  
Mas há o heroísmo das anedotas  
Como há domingos  
E há a cantata dos piqueniques  
Neste coro singelo de pública imoderação:

« Abandono-me à paisagem  
no verde que lhe decoro.  
Que brisa moldou a face  
Da outra face que ignoro?

Rosa pétalas de lume  
De que fogueira apagada?  
És a forma do ciúme  
De não prenderes o teu nada.

Não há mais nada que a noite  
Que é noite não sei porquê.  
Espelho partido em astros,  
Reflexo só do que é.

Tudo passa ao contrário  
Do que o sonho representa.  
É o enredo voluntário  
Que o coração nos inventa.

É o pacto da vigília  
Com as esquinas dos acasos.  
Uma esmola feita à morte  
Transbordante em olhos rasos.»

Tudo ficou como dantes.  
A percussão do violino  
É tudo ficar como dantes.

Um homem que se descarna para ser poeta  
Sem fazer nenhum pacto com o diabo.  
Há sempre a música de não haver um tema  
Para os poetas conhecidos como tal.  
Olham uma árvore  
Vão a um enterro  
Ou à força de tanto cantar  
Acabam por achar um poema.  
São oportunos e persistentes  
E quando dizem que uma flor  
É uma flor  
São tão honestos e categóricos  
Como qualquer homem que vê uma flor  
E a descreve com palavras diferentes.  
A relação do poeta  
Da música  
E da flor  
Constrói uma harmonia  
Como uma coluna ou uma estátua

Nimbadas de glória exterior  
E eu  
Que troco o nome de todas as coisas  
Porque as coisas que têm um nome  
Estão afogadas na sua imagem mais finita  
E perceber o erro da evidência  
É descobrir que deus é Deus  
Porque recusa uma aparência?  
E tu  
Que da própria memória esquecido  
Recordas em cada horizonte  
Só a memória de ter sido?  
Chegaremos um dia a saber se éramos nós  
Tu  
E  
Eu  
A gare do outro lado da natureza?

Oniricamente continuamos insatisfeitos.  
Dá excessivamente para a compreensão do sonho  
A porta da vigília.  
O êxtase do lírio  
É o eixo da teoria  
Em que esfericamente nos vamos explicando.  
Sempre até onde recomeça a explicação  
Livres pássaros da verdadeira era exilada na garganta  
Estilhaçando a nossa voz em múltiplas palavras!...  
Flor aquática à tona do meu próprio silêncio  
Pudesse eu ser  
Só cimo suspenso  
Do fundo mudamente demonstrado em superfície...  
Consequentemente  
Uma rosa  
Incessantemente fabricada pela  
Nossa vontade.  
Uma rosa!  
Com que escamoteamos  
A nossa natural subida  
Até tigre  
A dimensão da inocência.

El-Rey  
E o país que se prepara para esperar El-Rey de sobrecasaca.  
Foi o dia em que enterraram D. Sebastião.  
D. Sebastião sem El-Rey.  
Ficou o El  
E ficou o Rey  
E vestiram ambos de sobrecasaca.  
O mistério tornou-se grave  
A fim de evitar o remorso das coisas quando mistério  
Reabilitando-as pela gravidade;  
A fim de que não sobeje nem um milímetro de mundo  
Quando medido pelo nosso corpo  
Premeditadamente cadáver;  
A fim de operar pela mágica dos espelhos  
Uma síntese aplicável  
Dos nossos vampiros sem aplicação.  
Mas há o tempo que tem cabelos  
Onde pomos uma flor  
Para se parecer com um rapaz ou com uma rapariga.

E há a noite que tem seios  
Onde chupamos o leite das estrelas.  
E há o dia que não tem nada  
E que cada um quer para si.

De todas estas ausências fiz o homem:  
A tristeza que fica das coisas que se vão.  
Eu  
E  
Tu  
Reminiscência do que podia ter sido  
Se não fôssemos mais do que exclusão.

**Carmen Conde**  
**Anexo 15**

pp. 663/664 « En la fosa donde pudren sus cadáveres»

En la fosa donde pudren sus cadáveres  
se habían puesto a fumar, se habían sentado...  
Llegaron a creer que no hubo muertos,  
llegaron a creer que todo es campo.

Y así, con el olvido de *lo otro*,  
con esa *desmemoria* de lo vano,  
pensaron que sobraban, se cansaron  
de ver que habían crecido más muchachos.

Y puestos en montón, como fue siempre,  
y puestos en manada, en gran rebaño,  
¡ desfilan otra vez para la muerte,  
desfilan como ayer ya desfilaron!

Qué empeño de cavar en otras tierras,  
qué empeño en abonarlas; qué barrancos  
de muertos otra vez, de muertos jóvenes:  
de jóvenes vestidos de soldados.

Vestidos de soldados, no de ideas;  
vestidos de obediencia a otro mandato,  
sonríen y se van... No van contentos,  
tampoco se rebelan: son rebaño.

Nacieron en el yugo, que les pesa;  
pero no se fulminan, van despacio.  
Irán envejeciendo...; de bisoños,  
poco muy a poco, a veteranos.

Veteranos de angustia indiferente  
! del trémulo dramático presagio!  
A zanjas, con gusanos y raíces,  
Como un peso sin fiel, se irán volcando.

Las madres los despiden, como siempre.  
Las madres, navegando su océano  
de duelos sin piedad, de duelos secos;  
las madres de estos jóvenes soldados,

se quedan sin gritar; y tienen miedo  
de que lleven detrás de sus muchachos  
a los padres, sus maridos, los culpables  
de esta nueva matanza en despoblado,

¿ Es ya tiempo de huir, o qué se espera:  
alguien puede decirnos qué esperamos?  
Es verdad que tenemos muchos jóvenes,  
¡ muchos hijos que pueden ser soldados!...

Vayamos con los picos y las palas...  
¡ Animo, mujeres! ¡ Id al campo!  
La cosa es bien sencilla: se reduce  
únicamente a enterrarlos.

**Natália Correia**

**Anexo 16**

**INÉDITOS** (1958/59):

pp. 167/168 « **Coro das vozes cativas** »

Nesta paisagem de chibatas  
Em estatuária de novenas  
A assembleia das beatas  
É um crepúsculo de gangrenas.

Apodrecemos como farrapos  
Consolados por um paraíso  
De que rasgaram um céu de trapos  
Com o canivete dum sorriso.

Fez um milagre Santa Coruja:  
Deu-nos o cinto de castidade.  
A juventude que se enferruja  
Em reumatismos de santidade.

Mas que agonia de abcesso!  
Que paliativos de água benta!  
Não vá um sátiro possesso  
Ser o tumor que nos rebenta.

Não vá um lírico adolescente  
Numa nevrose de absinto  
Achar o céu pela vertente  
Pura e ardente do seu instinto.

Não vá um ventre sem a tutela  
Da divina interferência  
Parir um deus como uma fera  
Atira ao mundo a inocência.

Não vá o doido dum poeta  
Servir a nova eucaristia  
Na taça límpida e repleta  
Da sua rebelde mitologia.

Queremos ouvir Santa Cecília  
Saltando fora da represa  
Tocar as cordas de outra homilia  
Nos instrumentos da natureza.

## **B) Liberdade/Outro Mundo:**

**Natália Correia**

**Anexo 17**

***PASSAPORTE :***

pp. 141/143      « **Passaporte** »

São donzelas de cera sem museu  
E um sistema solar de girassol  
É o pronome pessoal Orfeu  
E o advérbio de modo pôr-do-sol.

O meu navio é habitar no vento  
Como um castelo que não se vê por fora.  
É um interior de pássaro ao relento,  
Um morar sem saber onde se mora.

Eu estava para ser a Gioconda  
Pela tendência oblíqua dum sorriso.  
Agora hesito entre gaivota e onda  
Com receio de haver o paraíso.

Viajei tanto o bosque onde me acordas  
( Eu serei sempre aquela que dormia)  
Que fiquei extasiada em tuas cordas  
Como uma harpa na sua geometria.

Neguei-me à boda no dia do retrato.  
Se há uma esperança é numa língua goda:  
Um vagabundo para achar o meu sapato  
E uma bagagem para levar a boda.

É o passaporte com as tíbias por carimbo.  
Onde eu estiver fica o porão da proa,  
Este baptismo não impede o limbo:  
É um meter Atenas em Lisboa.

Tenho uma saia bordada de paquetes.  
Para ir à China basta ler jornais.  
É o mundo melhor com minaretes  
E os minaretes piores que nos postais.

Mas que vida de palha italiana!  
E há quem se case para conhecer Veneza!  
É o fim para que tende uma semana  
E a semana que não há na natureza.



Sou um motivo para não haver turistas.  
Nasceram todos no tempo do cançã.  
Para que tantos Herodes e coristas  
Se não cortam a cabeça do Yohannan!

É o chá dos relógios ingleses.  
É o relógio da minha rosa-chá.  
É uma Belkiss à custa dos fregueses  
Que exigem a Rainha do Sabá.

Tenho o nome que damos num hotel  
E uma alma raptada por guindastes.  
O meu maio de rosas de papel  
É viajar por causa dos desastres.

Sou uma cadeira vazia num convés  
Que toma a forma de quem se senta nela:  
O faraó que viaja de revés  
E o suicida da embarcação à vela.

Achar a capital das tempestades  
E o meu vício de não cortar as veias.  
No meu silêncio há um descer ao Hades  
E há uma Dido que não amou Eneias.

Herdei-me como herdei a Babilónia  
E o sentimento de passar por mim  
Na lenda dum perfil quase magnólia:  
O que resta das eras donde vim.

Num país irreal como haver mastros,  
A minha infância de ainda haver sereias  
É um chegar ao mundo antes dos astros  
E não ficar por causa das areias.

Um caroço num fruto transparente,  
Minha alma é a estrela que me sonda  
Levando de Oriente a Oriente  
O que me falta para partir em onda.

**Carmen Conde**

**Anexo 18**

***EN UN MUNDO DE FUGITIVOS:***

pp. 632 « **Desorientada y sin embargo, cierta** »

Desorientada y, sin embargo, cierta  
de alcanzar una tierra de promisión, indefinible,  
que está allí, ¿ dónde estará?, en los remotos  
confines inescrutables.

No, esto no; ni nada de esto o de aquello.  
No. Quiero seguirme a mí misma  
en este ir a lo ignorado que me espera  
cuando nada mío sea, ni quede ya de mí.

Fueran ropajes y fueran joyas las que pesan,  
¡ y qué gran fuego los quemaría juntos!  
Son partes de mí, pedazos lentos y rebeldes que resisten  
a su destrucción o abandono...

Clama la promesa en su llanura,  
en su cordillera invisible, en su océano:  
clama la voz de bestias sagradas, de peces  
simbólicos, de aves... Toda una creación sin amo que la rija.

Hay que cerrar los ojos, que sellar el oído,  
y que apagar el tacto y que abrasar la lengua.  
El olor del desierto es una tea de fuego  
que reclama mi cuerpo para que me brote el alma  
en un choro de silencio rojo como el amor más cierto.

## **B) Opressão/ Outro Mundo:**

**Natália Correia**

**Anexo 19**

### ***DIMENSÃO ENCONTRADA:***

pp. 121/122 « **Queixa das almas jovens censuradas** »

Dão-nos um lírio e um canivete  
E uma alma para ir à escola  
E um letreiro que promete  
Raízes, hastes e corola.

Dão-nos um mapa imaginário  
Que tem a forma duma cidade  
Mais um relógio e um calendário  
Onde não vem a nossa idade.

Dão-nos a honra de manequim  
Para dar corda à nossa ausência.  
Dão-nos o prémio de ser assim  
Sem pecado e sem inocência.

Dão-nos um barco e um chapéu  
Para tirarmos o retrato.  
Dão-nos bilhetes para o céu  
Levado à cena num teatro.

Penteiam-nos os crânios ermos  
Com as cabeleiras dos avós  
Para jamais nos parecermos  
Connosco quando estamos sós.

Dão-nos um bolo que é a história  
Da nossa história sem enredo  
E não nos soa na memória  
Outra palavra para o medo.

Temos fantasmas tão educados  
Que adormecemos no seu ombro  
Sonos vazios, despovoados  
De personagens do assombro.

Dão-nos a capa do evangelho  
E um pacote de tabaco.  
Dão-nos um pente e um espelho  
Para pentearmos um macaco.

Dão-nos um cravo preso à cabeça  
E uma cabeça presa à cintura  
Para que o corpo não pareça  
A forma da alma que o procura.

Dão-nos um esquife feito de ferro  
Com embutidos de diamante  
Para organizar já o enterro  
Do nosso corpo mais adiante.

Dão-nos um nome e um jornal,  
Um avião e um violino.  
Mas não nos dão o animal  
Que espeta os cornos no destino.

Dão-nos marujos de papelão  
Com carimbo no passaporte  
Por isso a nossa dimensão  
Não é a vida. Nem é a morte.

**Carmen Conde**

**Anexo 20**

***JAGUAR PURO INMARCHITO:***

pp. 808/809 « **No en mitad de la plaza, no en jardines,**»

No en mitad del aplaza, no en jardines,  
sino en toda la ciudad, señoreándola sumisa suya entera,  
el dueño ancestral, jaguar puro inmarchito,  
todo él también entregado  
a la posesión posesiva y poseyente  
de un mundo que le circula e pertenece  
como su misma piel flexible e imperforable.

No en la selva inexplorada, aunque en los siglos  
viniéramos los otros, los sin fieras de patrimonio exterior...  
Aquí, en las calles que se cuentan  
en breves cadenas de mezquinas casas  
que salpican, apenas si unos pocos, edificios absurdos.  
Porque lo suyo, lo de aquí, es lo recto y ancho de dimensiones,  
No lo alto y desgarbado de estatura.

En toda la ciudad, el tigre.  
Estremeciéndose, runfando como hervoroso océano,  
como la brutal vegetación que es, en arco  
de disparates fauces. Solo y enorme todo él  
en una dimensión que si creciente, breve.

No es que le busquen o huyan, le tienen;  
le son; le obligan y le obedecen, mandándole  
multitud oscura, elástica, profiriente en ceñuda mudez...  
Para él, todos y ninguno: ciudad-jaguar,  
Hombres-jaguares, lagunas, cerros, lomas y calles.  
¿ Qué imponderable reto a la civilización caduca  
la fulminante majestad del tigre!

**C) Liberdade:**

**Natália Correia**

**Anexo 21**

***PASSAPORTE:***

pp. 144/145    « **Discurso Directo** »

Ou lírios ou o luar.  
E eu que fico no meio?  
Trago esse poço de ar  
Como um aborto no seio.

Contrario a natureza  
Num perfil de Nefertite.  
Cinco tostões de tristeza  
Num bolso de dinamite.

Essa lua na algibeira,  
É o vinho de Corinto  
Que me dá a bebedeira  
Da gaivota que me sinto.

Julieta trapezista  
Com passaporte de pomba.  
Só há Romeu se houver pista  
Como um estouro de pomba.

Cheguei depois das estrelas,  
Mas emendei o engano  
Esticando as minhas velas  
Num esquife a todo o pano.

Se fiquei irmã das rosas  
Foi pelo atalho infinito  
Das veias incestuosas  
Que me impelem como um grito.

E nada de biografia  
Senão a da lua nova:  
O que escreverem um dia  
Os astros na minha cova.

## Anexo 22

pp. 159/160 « Ultrabiográfico »

Por um mistério de cerejeira  
Subiu a terra. Floriu em mim.  
Ah, não ser eu a trepadeira  
Com que cheguei ao meu jardim!

Uma gaivota como alimento,  
Se é ser gaivota voar assim  
Nesta voluta de alheamento  
De carga de ouro de um bergantim.

Se houver raiz ela é por dentro,  
Que a minha raça é ser por fora  
A esmeralda em que me concentro  
Uma linhagem que me devora.

Pela teoria de um instrumento  
De sete cordas ou de nenhuma,  
Sou uma frase escrita pelo vento  
Numa parede como a bruma.

Que sexta-feira de estilhaços!  
( na via sacra é a paixão )  
Se já morri foi nos meus braços  
Por não haver ressurreição.

Cheguei a esta mitologia  
Como os ciganos, pelo caminho.  
Na minha humana eucaristia  
Não há o pão. Só bebo o vinho.

Deixem ao céu a concordata  
Com uma flor, se lhe apetece.  
Mas não me mostrem santos de prata  
Como quem mostra o que padece.

Para Jeová, sofro de mais.  
Para o demónio, sofro de menos.  
Prefiro os olhos dos animais  
E o meu vestido de ver a Vénus.

**Carmen Conde**

**Anexo 23**

**ILUMINADA TIERRA( 1951):**

pp. 452/453    « **Encerrada en el bosque de un cuerpo existo**»

Encerrada en el bosque de un cuerpo existo.  
atada a los brazos y a las piernas  
de una mujer que es firme, recta y dura;  
de una mujer que ya lo ha sido todo  
y que no se cansa de tenerme con ella.

¡ Y golpean sobre su pecho, llamándome!  
« ¡ sal de aquí, salvaje encerrada criatura;  
sal y vente a los campos y a los mares;  
a la tierra desmesuradamente áspera  
de todos los delirios que te esperan!»

Tristísima sonrío porque hunde entonces  
sus dos manos en mí... « ¿ A quién escuchas?»  
Tengo miedo de herirla, si en locura  
de libertad derribo su presencia.  
Y cubro mis oídos con las manos  
Que arañan el dolor de mi violencia...  
« ¿ A quién escuchas tú, la que yo guardo,  
más que de los otros, de sí misma?»

¡ A quién escucho yo!... Me lo pregunta  
con odio de saberlo; y me retuerzo  
las iras de correr, de abandonarla  
hueca ya de mí y sola en ella.  
¡ La enorme tierra espera que yo salte  
y coja entre mis brazos una selva!

...Y no me muevo de ella.  
No la empujo de mi cuerpo dislocado.  
¡ Sigo quieta ente sus miembros que endurecen  
el miedo de perderme si la pierdo!

Vedla aquí en mis ojos: se sonrío.  
Oídla aquí en mis labios: ni suspira.  
Se tiende en sus nostalgias más salvajes  
cuando iba tras de mí para cazarme  
con cepos de pasión desmesurada.

Esas voces limpias que me piden  
las oye con horror desde su infierno.  
Perdura en su morada, que es mi cueva,  
convulsa de domar tanta agonía:  
¡ con ciega mansedumbre que corroen  
ardientes brazos míos que le niego,  
y este seno que no se enciende suyo,  
y esta voluntad que me robara  
al viento de las mares sin orilla!



## Anexo 24

p. 506 «Tardaba en llegar la luz»

Tardaba en llegar la luz  
a sus clamantes yacijas.  
Inapaciguables sombras  
runfaban sus oleajes.

Todo lo que traspasaba  
el puro dintel del alma,  
ninguna paz contenía  
para compensar lo ausente.

Vinieron voces y cuerpos,  
látigos de tentación...  
Siete campanas de ecos  
vociferándome acerbas.

Hubo quien rasgó en mí oído  
su túnica de lamentos.  
Crujieron mis manos frías  
los cuellos de mis deseos.

Embriagadas aleluyas  
de fieras profanaciones.  
Muerta de ansiedad sin freno,  
mis arcángeles gritaron.

Hasta que llegó la luz.  
Una rama crepitante,  
una selva que deslumbra.  
Toda oscuridad vencida.

## Anexo 25

### pp. 525/529 « Busques por donde busques,»

Busques por donde busques,  
encuentras que todo es suyo y que todo  
le pertenece sin límite.  
Fuente y resumen,  
Debatido y batiente,  
Mortal, a su sima concurre;  
De su cima te viertes.  
¡ Anillo de llamas y de vientos,  
anillo de mares,  
de tierras resplandecientes!

Embriagado de luz,  
de vitalidad oceánico,  
crees que te alejas, liberas  
porque en otros como tú te hincas,  
vertiginosamente.  
¡ Y está contigo, dentro del otro  
que te toma o se entrega  
para hallarse con él!  
No hay escape posible, mortal.  
Ríndete gozoso, acepta  
que la suma te invada  
tumultuosamente.

Un contacto levísimo, el roce  
de un ala...; o el gemido  
de un ave que muere.  
La bárbara trompa del viento  
Desconcertando el ritmo  
De canciones dichasas.

La jadeante música  
de inmensa llanura, anegada  
por dura tempestad...

Sí; todo es suyo. Lo mana,  
rezuma o precipita su ternura,  
o su delirante cólera.  
Tú estás allí, sometiéndote  
al árbol con sed o al diluvio.  
Y si contemplas,  
encuentras su heredad inmensurable  
dentro de tu corazón.

De noche, al alba,  
en plena mitad del día...;  
si ciñes o te ciñen  
brazos de amor..., ¿ de quién te crees  
que suyo no lo sea, como tú?  
¿ Hay algo en la tierra,  
el fuego siquiera,  
que no le pertenezca entero?

¡ Su vasta posesión!...  
Es dueño

de todo lo que existe;  
de cuanto puede existir, si deja  
que nazcan de sí las cosas.  
No busques libertad que viva  
por sus propios recursos.

Es dueño de ti y de ella  
aunque no lo comprendas.  
¿ Y adónde irías, si el mundo  
te entregara el misterio  
de vuestro ser?...

¡ Oh dichosa prisión de su boca,  
que no dicta el secreto!  
¡ Clausura indecible  
de todas las claridades!

Es cerrando los ojos hambrientos  
como se ve su bulto.  
En el alma se siente su peso,  
y en las sienas retumba  
el silencio elocuente...  
No confieses su voz; la conocen,  
como tú, en las tumbas.  
Sí. Hay que morirse, lo sé,  
Para hablarle despacio.

Para hablarle despacio, morirse.  
¡ Vivir es escucharle!  
Monólogo es su luz; su tierra, impura,  
y bendita de pan y de flores.  
Para sí mismo quiere  
La gruesa voz del cosmos.  
Tú, escucha; comprende; coge  
su eterno monólogo.  
Ya llegará la hora  
e todas las respuestas; el día  
de todas tus preguntas.  
La exacta mitad, la dicha  
dialogante, compartida.

Apriétate a ti mismo, gira  
semejante a un planeta.  
Verás que en todo vibra  
Su callada presencia.  
¡ Cállate y escucha;  
no mires, no fuerces el oírle!

Menudísimo murmullo, su respuesta  
no la alcanza el empeño...

Sí la abandonada entrega;  
la ardiente contemplación.  
Lentamente, mortal que no te encuentras  
invadido de amor,  
ve olvidándolo todo...; rechaza  
el recuerdo más leve.  
Húndete en el mar, descansa  
en la corpulenta ola.

¡ Oh dulce criatura terrena,  
abandonado cuerpo;  
cómo te enseñan a ver  
la luz dentro del agua!  
Suyo, palpitante o laxo,  
¡ suyo como el mar y el cielo!

- ¿ Adónde iré- te dices-  
para encontrar su forma?  
Y está cubriendo prados,  
cadenas de montañas, ríos;  
cubriéndote en el sueño,  
en la vigilia,  
con manos de creador inagotable.

Empéñate en sacarle  
de tu propio entresijo.  
Arráncalo de ti, destaca  
de tu criatura el vasto  
elemento que es él.  
Colócalo delante  
de tu misma estatura.  
Sin palabras, abrazado a tu cuerpo  
en violencia del suyo.

Verás cómo se yergue ante tus ojos,  
Recompone el deshecho  
Lugar de tu batalla...  
¿ O prefieres, mortal, que su hallazgo  
no restalle violencias?  
¡ Oh silencio purísimo!  
¡ oh concierto!; ¡ oh el ansia  
sometida al oscuro  
palpitar de la espera!

Rechaces o concilies,  
escuches o le interrumpas,  
de todo participa su sustancia.  
No hay escape, mortal  
- ni tú lo ansías-,  
aunque parezcas libre.  
¡ Redonda plenitud, aire que arde;  
marea que la brisa desintegra  
poblando con su vuelo el cielo ajeno!

Esfera conteniéndote; el Origen  
y causa de tu ser...? Cómo te encuentra,  
aun antes de morirse, el que te cerca?

¡ Palabras o silencios;  
acuciantes o tiernas exigencias  
amorosas!...  
Cerrad vuestro clamor,  
sed como es el dueño  
de todo lo que es vuestro sin reserva:  
en todo cuanto es, y en lo que vuelve,  
fluencia inagotable de presencia

**C) opressão:**

**Carmen Conde**

**Anexo 26**

***DEVORANTE ARCILLA :***

**p. 839 « Hasta el hombro llegó este brazo ardiente»**

Hasta el hombro llegó este brazo ardiente  
en busca de lo no, de lo perdido.  
Era lava ya fría, eran escorias;  
un sembrado de polvo fugitivo.

Me quedé soportando la amargura,  
la intranquila mitad que nunca tengo.  
Por mi brazo corrían vendavales  
como potros de sol piafando duelo.

¿ Por qué no me aferraron otros brazos,  
obligándome a ser lo que no cesa?  
¿ De quién me desgarré sin advertirlo,  
transformándolo en payesa?

Y yo sigo viviendo con un cuerpo  
que se resiste a mi alma desmembrada.  
Somos dos en estar siendo una sola,  
en tanta soledad desconcertada.

Esa gloria de ayer. Aquel enjambre  
de tanta deslumbrada abeja,  
trabaja en una flor que nadie alcanza;  
que crece con el sol dentro de tierra.

El brazo se resiente de la roca,  
la mano duerme allí, fosilizada.  
No hay formas ni color, sólo una negra  
Ciudad de piedras agrias desecadas.

## Capítulo II 3.2.

Natália Correia

### Anexo 27

*POEMAS* (1955):

p. 62

#### «O Mistério»

Misterioso ciclo da poesia  
que como a roda das estações  
sobre o meu peito gira.  
Que mão oculta move o ponteiro agora  
e arrebatou o meu canto na suspensão da hora?

Onde se constroem estas tempestades estes oceanos  
a água que rasga a terra que fica  
mais verde e mais rica?  
Gera-os a esperança ou os desenganos?

Serás o desenlace dum fantasma  
sempre perto sempre frio sempre a esmo  
forma que dei ao medo comigo concebido  
e que é o meu vulto reclinado  
no que nele mesmo não foi percorrido?

Ou seria eu de olhos abertos  
noutras manhãs noutros países  
cantando aqui de olhos fechados  
a memória de tempos mais felizes?

Serás tu a abominação  
o remorso do que não completei  
e que completo na canção  
do que não vi do que não sei?

Serás a dor que se desloca  
no pedido que a boca formula  
à voz que na alma canta  
e que nunca chega à garganta?

Ou serás apenas mediunidade  
o acaso na concha retendo o mar?  
A imposição doutra vontade  
que em mim quer continuar?

## Anexo 28

p. 63

### «O Poema»

O poema não é o canto  
que do grilo para a rosa cresce.  
O poema é o grilo  
é a rosa  
e é aquilo que cresce.

É o pensamento que exclui  
uma determinação  
na fonte donde ele flui  
e naquilo que descreve.  
O poema é o que no homem  
para lá do homem se atreve.

Os acontecimentos são pedras  
e a poesia transcendê-las  
na já longínqua noção  
de descrevê-las.

E essa própria noção é só  
uma saudade que se desvanece  
na poesia. Pura intenção  
de cantar o que não conhece.

## Anexo 29

p. 64 «A necessária complexidade da semente»

Este mar que nos divide  
constrói-se no pensamento  
que tudo sabe mas finge  
ser a paisagem que ignora  
num porto que não atinge.

Unir o mar que divide  
só com desentendimento:  
almas opostas que ponho  
na causa dum harmonia  
se tem de nascer o sonho  
para ter de haver poesia  
e o que no sonho anuncia  
muito mais do que nomeio.  
A natureza a transpor-se  
com dor sentida no meio.

## Anexo 30

p. 71 « O poeta e as víboras »

Baile dos corpos intermédios  
com luas mortas nos braços  
sem desenlace e sem consequência.

Dança da solidão de mim e dos outros  
comigo no centro ignorada.  
Bailado das palavras  
com suportes de morte imediata.

Rio sem águas e sem fundo  
com margem numa boca emudecida.  
Silvo de serpentes que rastejam  
famintas para o vértice da vida  
onde me aparto de cansaços inúteis.



**Carmen Conde**

**Anexo 31**

***DERRIBADO ARCÁNGEL* ( 1960):**

p. 711 XV « **A toda lucha esperas, oh palabra inaudible»**

A toda lucha esperas, oh palabra inaudible,  
para colmar de espesos misterios mi victoria  
sobre mi propia vida, indómita fragancia  
que yo te rindo en dócil mensaje de ternura.  
Solamente las dos, en cuevas diferentes,  
sabremos qué costó que *aquello* se alejara...  
Gracias porque tus ojos no digan, ni tu boca,  
esa palabra-abismo que a mí me tragaría.

Las alas, con sus dardos, campanas clamorosas,  
rebaten en las noches profundas y sin torres;  
con voces profanadas otra voz se rebela  
y a mí me increpa dura, porque quiero salvarte.  
¡ Salvarme yo por ti, levantarme contigo;  
mirarme desde ti, arrayán y paloma!  
Aquello que se cae, se cae sobre el fuego  
y en cenizas me entierra para que yo no lo vea.

Lacrados los arroyos por la lumbre que bulle,  
los árboles escapan hacia su tierra intonsa;  
ni rebaños ni peces, ni las aves ni el musgo  
ofrecen su cobijo a mi hambre desierta.  
Es cuando tú, palabra, te creces en silencio;  
cuando sin nombre llamas a quien sabe escucharte.  
Es cuando ya los vuelos se rinden a la aurora  
que yo trasciendo absorta, sin salir de mi cuerpo.

¡ Atrás las muchedumbres de aves venenosas,  
de fieras con presencia de jóvenes criaturas!  
Ya sé que sois la fauna del sueño de mis ojos,  
que al veros en vigilia os odian sin temeros.  
Tú dime que has hallado por mí una ventura  
casi celeste, única, cernida de pureza.  
Es tan sólo por fe como habrás de salvarme,  
de que puedan vencerme las alas condenadas  
a volar sin reposo, buscando una creyente  
que se olvide de todos para volar con ellas.

## Anexo 32

p. 721 XVIII « *Mis contornos se borran...* »

Mis contornos se borran...  
Ya no limito con lo que mi vida  
tuvo como fin o límite...  
Planeando sobre el tiempo, no me vivo  
en presente consciente.

En cada movimiento se insinúa  
un desmaio infinito.  
No nacen ya porqués, todo se borra  
en renuncia inmedible.

¡ Oh cuánto camino todavía  
entre vosotros que no me conocéis  
tan cansada y doliente!  
Creía que una mano bien cogida  
no me dejaría caer nunca.  
Y no caí, ¡oh no!, estoy derecha;  
pero la mano no me salva  
del abismo.

¿ Quién diría la palabra mágica  
para fundirme la estrella?  
Quiero conocer los hechizos turbios  
que secaron mi voluntad.  
Vencer, si es que no soy una losa,  
tanta pasividad secreta,  
tanta renunciación.

Recuperar mis límites,  
morder otra vez los frenos.  
Llorar porque mis labios sangren  
de que el hierro los subyugue.

**Natália Correia:**

**Anexo 33**

**PASSAPORTE (1958):**

pp. 147/148

« Êxodo »

Há uma estrela que te faz meu contemporâneo  
Como o luar que é sempre a época do trigo  
E há a cidade que é um martelo dentro do crânio  
Pensando um caixão que leva uma noiva parecida comigo.

Em que planeta celebrámos o noivado?  
A poesia é recordar a trajectória.  
Que só na água do meu olhar desorbitado  
Te formam os círculos convergentes da memória.

Perdi o corpo que tinha o peso duma ideia,  
Levitação dum arco-íris sobre uma fonte...  
Puxam por mim os dois extremos da sereia.  
Não faço mais que perseguir-me por essa ponte.

A minha mãe, percebo agora, era uma hortênsia.  
Ando metida neste vestido cor de lilás.  
É uma aragem a pedir-me uma aparência  
Como uma lua que me empurra por detrás.

Sou o contorno duma gaivota que não me lembro.  
Fiquei assim porque a cidade não era esta.  
Houve um sabá no dia treze de Setembro:  
Trago as pegadas onde devia trazer a testa.

Vou ao cinema de braço dado com um ectoplasma.  
A minha mão é o elemento que o completa.  
Sou um pião posto a girar por um fantasma  
Que só na morte descobriu que era poeta.

A minha alma está a chamar-me do oriente.  
Mas para entrar na minha estátua de marfim  
Devo pedir um passaporte a toda a gente  
Que anda perdida pelos meus nervos dentro de mim.

Há um festim na sala roxa do pensamento;  
As outras salas são minhas jaulas da cocaína  
Que me vicia neste passar o tempo  
Que nunca traz o seu epílogo de guilhotina.

Há o conflito duma pantera com uma rosa

Como uma ideia que vou escrevendo com uma chibata  
Pelas paredes duma cidade nebulosa  
Que é o esquife da minha Isolda mais abstracta.

Há um folhetim, mas é literatura. Nada de duelo.  
Só a minha sombra é um D' Artagnan com chapéu de plumas  
A desafiar como o Dom Quixote mais um sete-estrela  
Para ver se encontro aí pelas ruas o Alexandre Dumas.

Há uma donzela, menina ou gazela- ninguém adivinha.  
Parece que veio como a Cinderela perder um sapato.  
E ficou assim metade pastora metade rainha  
À espera que a morte lhe tire as feições para ter um retrato.

Há o Cesariny cada vez mais a espinha dorsal  
Dum adolescente que ficou perdido pela idade de ouro.  
E é nesse cabide que ele pendura como um ritual  
Uma camisola de onde se escapou um mágico louro.

Há a poesia desse vagabundo Manuel de Lima  
Que se for ao fundo volta de perfil como um faraó  
E que brinca comigo como luar com uma menina  
Para quem o luar é uma maneira de brincar só.

Há outros espectros que andam de pijama na intimidade.  
Saí dum mosaico. Foi lá que deixei o meu alaúde.  
Agora sou peixe. Vivo num aquário que é uma cidade  
Onde o alfaiate nos tira as medidas pelo ataúde.

Há a lua nova onde vou à noite beber com o Bocage.  
Às vezes num canto lá está o Pessoa. Parece um cipreste.  
E quando a manhã me mete no banho de espuma lilás  
Chega o Bernardim que me pede contas: « Onde é que estiveste? »

Perdi a memória quando me raptaram ciganos morenos.  
Quando dei por mim só era visível esta bebedeira.  
Ficou a angústia da Arquiduquesa da Cor Dos Venenos  
Que herdou Elsinore fora do castelo como uma caveira.

Levas-me a cavalo. Somos uma ideia de estar galopando.  
Não existe o barco. Somos passageiros à força de remos.  
Temos a idade das aves que seguem por seguir no bando.  
O nosso país é ir tão depressa que nunca o veremos.

**Carmen Conde**

**Anexo 34**

**CITA CON LA VIDA:**

pp. 37/39 XV «¿ Habría permanecido cerrada la puerta»

¿ Habría permanecido cerrada la puerta  
que presencié su partida, desde el origen,  
llevándose el descubrimiento atolondrado  
del encuentro desorbitado con el mundo...?

¿Recordaba los sonidos de aquel día, los olores  
del campo dilatándose y luego  
reduciéndose a pueblo, ciudad, llegando  
a la insalvable montaña esquivada?

( Los nombres de las cosas.  
La facultad de otorgar nombre a las cosas.  
¿ Por qué se es quien y quién se es  
dentro del mundo con las cosas con nombres?  
Apenas cinco años en la Tierra  
y en un momento insólito,  
en un lugar absurdo,  
se plantea el problema atroz: darse  
cuenta del ser y de su potencia creadora implícita.  
Desde entonces.)

Volver, volverse.  
Tenía que haber caído la hora exacta,  
sin oírla.  
Cuando en los oídos zumba sus golpeteos la sangre  
impide que se escuche cuanto no sea ella.

Pero todo regresa a su cueva caliente,  
al manantial del que tira el Río.  
Porque envejecer es breve.

Nada de contar historias.  
Ni de evocar los días y los hombres y los árboles.  
Encerrar en una esfera las pocas cosas  
que son más que cosas, que fueron seres,  
para morderlas desde aquí.

Algunas sombras vacilan.  
Se aferran porque cuerpos que esperan el buen brazo.  
Ni mirarlas. Ni dejarlas saber que se miran  
de soslayo: furibundos ojos de alumbre  
a ver si las trizan y queman.

( Apenas si ellos:  
palomas, caballos en sus cuadras del viento.  
Lúcidos seres gloriosos señoreando el campo  
puro campo  
que, remotos, navíos fingían oponiéndolos  
a las naves del arrasado puerto.  
Al puerto de piedras,

al calcinado espejo de la futura vida  
que, entonces  
caballos, palomas rodeaban vaharándola  
como lenguas de bueyes vararon  
los henos mojados de lluvia.)

Ya no queda nada, pero se está.  
¿ Qué, en consecuencia con el designio del retorno  
hacer con el digamos atroz peñasco  
sumisamente empujado años tras años  
sin conseguir inmovilizarlo fuera de ella?  
¿ Abrazársele para juntos rodar monte abajo,  
deteniéndose, incrustador,  
allí donde comenzaba a intentar  
coronar la cumbre, y abandonarlo...?

( El caballo permanece en la memoria, siempre  
a la puerta.

Más caballos son aunque se diga « el caballo».  
Quieto, levantando los cascos y bajándolos de  
golpe

Para que resuene campana la calle.  
Impaciente porque intuye que se ocupan de él  
los hombres;  
que uno se lo está llevando mientras el otro  
padece

porque se quedará sin él.  
Y al otro extremo de la calle  
la niña se detiene para volver la cabeza  
y mirar hacia aquello...

Y comprende.)

¡ Oh, sí, abajo, destrozados e inseparables,  
se produciría la escisión absoluta!

( Las palomas rebosan del palomar a la terraza;  
son tantas y tan hermosas y alegres criaturas  
que se mantienen rodeadas de aros del cielo  
en sus vuelos concéntricos.  
De pronto, avisadas por infalible instinto,  
todo lo interrumpen y caen, una a una,  
formando una tibia hoguera ancha  
bajo el ruedo del palomar.

Y en la terraza, quieta y callada,  
La niña contempla cómo se detiene el ágil  
movimiento del ya melancólico recinto...  
Y sabe.)

Cayendo y levantándose malherida, irse  
en procura de lo que la estaba esperando.

## Capítulo II 3.3.

Natália Correia

### Anexo 35

#### POEMAS :

p. 69

#### « Intoxicação»

Poetas do mar vinde trazer-me as vossas ondas.  
Sou cidade. Onde bichos e anjos se devoram  
por uma côdea de imortalidade.

Vinde trazer-me a espuma onde as auroras  
balbuciam o princípio dum segredo  
guardado pelas bocas luminosas  
que a noite fende nos últimos rochedos.

### Anexo 36

#### CÂNTICO DO PAÍS EMERSON ( 1961):

pp. 203/204 « ENQUANTO que no mar das Caraíbas»

ENQUANTO que no mar das Caraíbas  
Os albatrozes os peixes-voadores  
Os sargaços a bússola a espuma  
E a nossa Senhora dos Navegadores  
Se punham ao serviço de uma  
Nação acabada de nascer.

Terra transportuguesa de longo curso  
Onde os homens andam de tronco nu  
E a barba produz ardor como a urtiga  
Onde o instinto lê no voo das aves  
Como uma sibila e o medo é abandonado  
No país das sombras do urubu;

Terra onde as decisões têm a rapidez  
Do leopardo e a fome desenha no ar  
Uma hipérbole arquejante: terra onde  
A fraternidade é rude como a flor do cardo  
E os homens usam a lama como um instrumento cortante;

Terra onde por enquanto não há encontro às seis horas no bar  
Nem estilo de vida nova-iorquino  
Nem razões para um homem se casar  
Nem o fim-de-semana arrabaldino  
Onde não há vivendas para alugar  
Com cadeiras de verga sobre a relva;

Selva atónita ainda pela desfloração  
O violento estupro dos machados  
As panteras tensas da iniciação  
O batuque dos seus sentidos alterados  
Os tigres encolhidos da contracção uterina  
Os gamos assustados dos seus peitos  
As gazelas da sujeição à força masculina  
E o elefante sossegado dos instintos satisfeitos...

Terra saudada ainda pelas  
Estrelas-do-mar e outras estrelas  
Meninas dos olhos dos marujos  
Extasiados do avesso sempre  
Que um português se fez ao mar  
Não para descobrir a Índia  
( Isso era o começo de um mundo  
Com ondas por fecundar) mas  
Para fazer um filho às vagas  
Fêmeas do gosto salgado e de ancas  
Largas. Mulheres que aderem à pele  
Como a salsugem. As únicas  
Que verdadeiramente se estorcem e rugem;

### Anexo 37

pp. 213/215      « Entre mim e a cidade se ateia a perspectiva»

Entre mim e a cidade se ateia a perspectiva  
De uma angústia florida em narinas frementes.  
Apalpo-me estou viva e o tacto subjectiva-  
-me a galope num sonho com espuma nos dentes

E invoco-vos, irmãos, Capitães-Mores do Instinto!  
Que me acenais do mar com um lenço cor da aurora  
E com a tinta azulada desse aceno me pinto:  
O cais é a urgência. O embarque é agora.

Invoco-vos, filho rosado que não tive  
E que lucidamente elabora  
Meu útero pátria emergente  
Para nascer e ser saudável;  
Amado meu que não foste a meu lado  
Encoberto num espectro  
Ausência que sulcou o meu leito  
Único mediúnico tecelão  
Entrelaçando os fios inefáveis  
De meus olhos minhas coxas meus cabelos  
Minhas carícias país irrevogável  
Onde o amor fornece o ar como um pulmão!

Invoco-te, irmão amigo amiga!  
Pessoas dispersas da trindade  
Que nunca foi pessoa verdadeira  
E que fabricas solidária formiga  
O tecto a mesa o sorriso a brasa  
A rosado calor de nós dois à lareira;



E a vós também invoca, ó deuses  
De religiões que alegram, as futuras!  
Nossos Senhores imanentes seminais  
Germinação de criaturas  
Com quem depois vos misturais  
Para que no óvulo da mistura  
Se forme a ave-maria a pura  
Entre os mortais

E a vós, pássaros marinhos submarinos  
Transatlânticos, oceânicos corcéis  
Galos de xávega encristados de peixes  
Brisas alíseas pentes finos do Leste  
Espigas de espuma searas de batéis  
Angras de iates horizontes de velas  
Almas penadas das antigas caravelas!  
A vós, trémulo arco do zodíaco  
Sonorizando o violino das viagens!  
Invoco como uma planta nascitura  
Convoca o fórceps da aragem.

Levai novas de mim ao meu Amigo  
Indómito cristal de cavaleiros  
Que por pérolas de mim desalforjadas  
Esta rosa inventada por soluços  
Este líquen no peito, entram na justa.

Àquele que congraça e que conjuga  
As marés da esperança esparsa e lassa  
Ordenando-a em effigie em forma pura  
Lá onde o sangue em flor se desenlaça  
Levai-lhe meu coração penhor de núpcias  
Como lenço que manda a prometida  
Que em cheiro dá sinal da sua graça.

Podai minhas espáduas destas cruces  
Sáfaros de memória apodrecida.  
O que resta de mim em vento e pássaros  
A lágrima que sou pejada de urzes  
Entre os tojos da morte quer dar vida.

### Anexo 38

#### *O VINHO E A LIRA* ( 1966):

14. pp. 258/259

#### « O Besouro »

Do que os poetas não contam  
é narrador o besouro  
com sua máquina de alegria  
extraíndo um país de ouro

do vazio que ânfora é  
preenchida pelo nosso olhar  
transbordante das flores que não vemos  
ou jardim invertido do ar

que o besouro acende no gume  
da sua sarabanda escarlate  
queimando-se no obsessivo lume  
de derreter a cola o lacre

do sobrescrito da desmemória  
o húmus pluralizado  
que é a aflição na escória  
de um esqueleto penteado.

### **Anexo 39**

**MÁTRIA** (1968):

pp. 299/300 « **Fotões de cólera que a amorosa retina** »

Fotões de cólera que a morosa retina  
transforma em pássaros dentro da cabeça  
violenta cumplicidade dos amantes  
que as asas faz bater do coração da deusa

Mátria dos homens que levam no perfil  
atravessada uma mulher de flores ao vento  
como um olho dando para os intemporais  
flancos que o Amor vai iluminando.

Homens com quedas- d' água de mulheres por dentro  
recrutadas do amor matriotas celestes  
únicos e radiosos de acordados  
numa bela manhã de prata extraterrestre.

O Pártenon há muito constipado  
espirrando por fim o pó dos imortais.  
Tufo de erva saindo dos ouvidos  
surdos das catedrais. Alma do mármore  
fugindo de ser publicamente generais.  
A paz ensaboando a pele do homem novo  
A liberdade de ser todos Anaíta  
À frente dos amantes o seu povo.

Suicídio geral dos professores doces maneiras  
de ninhos de dilúvio em mãos fechadas  
que na noite feroz das algibeiras  
a faca acende da mesma angústia sermos  
em estado de coisas separadas.

Homem futuramente já o meu amado  
e nisto o par escandaloso somos  
no Um dos dois que vão estar sentados  
nos joelhos da Deusa fabulosos de tronos.

Onde o dedo florir a distância  
de uma criança aponta, coluna te proclamo  
do matronal mistério que ofício.

Mas se espalhares o unicaule ramo  
de seres amante a dar sombra de filho  
se lenha fores do incendiário cio

do bode teu pavor de deslembrado  
trevo na relva do virginal arcano,  
  
pelo púbis da Santa te maldigo!

#### **Anexo 40**

#### ***MOSCA ILUMINADA:***

pp. 321/322      «Quarto»

Do engaiolado canário o dia tem  
a maviosa maldade musical.  
Ao vento do tráfego flutua  
a vida folha de suor e sal.

Aqui os livros em sangue os pedaços  
de uma perdida verdade feita às postas.  
Que plaino que distância que outro lado  
fita a cadeira que me volta as costas?

Trevo de quatro sustos este quarto  
quatro cantos que estão de sentinela  
interior de envelope fechado  
A que me endereço? o selo é a janela.

Abrir o selo! acertará no infinito  
a disparada dor, tiro de um salto?  
ou flor com pétalas de encravado trânsito  
acertará apenas no asfalto?

Quatro paredes de mais um dia errado.  
Quem não erra a vida não merece!  
Mata-borrão de mágoas absorvo  
o soluço do dia que esmorece.

## Anexo 41

pp. 343/344 « O morto colectivo»

Morreu um homem Quem herda  
seu transido verbo intransitivo?  
Poço de coisas que só ele viu  
atrás da carne escondido

esparso mundo reunido  
em quatro membros uma só vez  
quem herda seu excessivo  
fazer a vida com o que não fez

sua falhada tentativa  
do sem fim para que nasceu?  
Nascer foi pagar a transmissão  
de uma herança que nunca recebeu.

Quem completa o ninguém que fez humano?  
Depois de morto chegará a sua hora?  
Enquanto vivo foi trabalho de soluços  
De uma posteridade que se ignora

coacção do tempo exercício de homem  
inconcluso a fazer-se consequente  
noutro infinito pessoal  
que da sua invenção tira a patente.  
Encaixilhado está em quatro velas  
agora o seu retrato decisivo.  
A sua vida não foi mais  
que desaparecer quando preciso.

Pontualmente morre por quem  
a sua noite involuntária cresce  
perplexo sumo de outra vida  
manhã em que desaparece.

Porquê efémero? A morte é fúria  
de vida que a carne não retém.  
Morreu um homem porque nutriu  
a sede de outro o seu além.

***O ANJO DO OCIDENTE À ENTRADA DO FERRO :***

pp. 364/365

« **Wien Flug** »

A largada inaugura a ceifa das Alturas  
e o avanço implacável excita as manivelas  
da solidão O enjoo vai excedendo o peso  
da bagagem onde levo o que digo às estrelas

Contrariando o voo nas asas do abutre  
que da Europa amortalha o figado insensato  
pequenas setas caem aos pés da cariátide  
com gota ateniense e cabelos a jacto

Bem se inclinam as setas para as bandas do mamute!  
( que às viagens não peço eu melhor feitoria)  
Com andas supersónicas vou perder-me no céptico  
gris europa sem ar para o sétimo dia

Bucólica do voo! lateral pastoreio!  
paralítica écloga de algodão desdobrado!  
num poço de ar anémica a menopausa inglesa  
com a saudade do sangue pinta a boca a meu lado

Na íris da vigia naufraga-me a figura  
e não há life-vest para esse desenho incauto  
perdido no espesso nevoeiro das fugas  
Não gosto de me ver Fico mal no retrato

No fofo portulano das nuvens bem quisera  
a ressaca de mim enrolar num novelo  
mas dos anjos só restam aeromoças que levam  
de país a país o reno nos cabelos

Maceração do ar ao céu azul atlético  
o avião se arremessa com pressa de comer  
das abissais cidades as anãs carnes frias  
que nas travessas verdes começam a crescer

Humilhando-se à cera das asas põe-me o ícaro  
De um plúmbeo cais aéreo na fria palma esquerda  
Abrem-se desde o começo do mundo em meus ouvidos  
Os leques dos pavões que me amparam na queda

## Anexo 43

### pp. 391/392      « O Anjo Lapidário »

Cá está amesterdão e manda a literatura  
que nos tácitos canais deste poema  
eu afogue um qualquer com cabelos de palha  
uma boca desfeita em espécies de vidro  
que fiquem a alimentar a transparência

Pese à tipografia eu não sou assassina  
o que eu tenho é vertigens de planeta precário  
nesta espúria tulipa com estacas movediças  
fértil lugar de lágrimas que o tempo lapidário  
está a dever à cinza das crianças judias

Resgatando e efêmero que reúne o tijolo  
bate à porta o aviso de uma água tenaz  
que faz planos limosos para o dia do juízo  
Quem passear por dentro das datas esquecidas  
por herméticas pontes irá dar aos carvões  
de um corpo incendiado oferecido ao nada  
nos braços de uma máquina que chama com carícias  
os que acendem um fósforo num escuro de Rembrandt

Abrem-se com ruído as sementes do dia  
Fardos de luz espessa deixam cair as gruas  
Saem os primeiros vultos do fumo de um cachimbo  
e aritméticos empastam-se na escola flamenga  
que a espátula pinta o consumo das ruas  
Sem turismo atravesso uma manhã de espelhos  
que repetem um rosto qualquer acostumado  
a conduzir-se à morte como quem leva um queijo  
E contavas ó vaca dos meus versos herbívoros  
tu que pastas tão longe quanto o poema pode  
com uma arcádia de delft numa manhã de pífaros!  
De esta holandilha que não engoma a touca  
não chegam os ascensores para os céus carnívoros  
nem o cimento para a vida pouca

Bem recordam as ruas o êxtase de um dia  
letárgico que brindo as janelas de Vermeer  
dormitava na louça de uma família rosa  
Que guerra prefacia o tambor destes passos  
que nos bolbos mais frios do hálito do ferro  
indiferentes pisam a sombra de Espinosa?

Do préstito cardíaco da hora populosa  
fica um último homem síncope de profecia  
que ao clarão de uma árvore de lágrimas eléctricas  
lê o último capítulo das gaivotas

## Anexo 44

pp. 395/397      «Terra Filosofal»

Seja uma sala vazia  
não se sabe de que espera  
ou catedral estendida  
sem deixar de ser severa

nada melhor que esta terra  
estarecida indicaria  
se nela aparecesse um homem  
que era por feitiçaria

que voltando de uma guerra  
que despovoasse o mundo  
já não era nossa era  
de que saía esse vulto

porque sem ser mar Castela  
é por sua sede abscondita  
quanto mais seca e de pedra  
o mar que a secura sonha

porque assim como o difícil  
da metáfora necessita  
o espaço ao trigo escasso  
a largura facilita

e como do infinito  
é o espasmo uma régua  
Castela é uma procissão  
atravessada numa guerra

Quisera fugir à morte  
a terra que é um galopar  
parado que rejeita o verde  
já que o verde é querer ficar

mas como na luz pasmado  
parece o seu movimento  
com seus membros espantados  
estão os moinhos de vento

Novelas agoniadas  
contando da terra escrava  
séculos de sangue coalhado  
em campos de Calatrava

Carregada como um revólver  
das balas dos seu vazio  
queda-se Castela na imóvel  
miséria do casario

queda-se dedo no gatilho  
nesse gesto arisco e seco  
com que o povo tira o chapéu  
ao senhor marquês del pueblo

gesta de um não que mais se abrasa  
quando volta a pôr o chapéu  
a mão que acaricia essa arma  
como do inferno precisa o céu

porque o amarelo filipino  
da paisagem é um místico trópico  
de noite oscura que busca o céu  
como a febre sobe pelo termómetro

Por isso em tardes de artesanato  
de que se ocupam freiras mortas  
as nuvens são os encaixes  
que as parcas fazem às portas

Mas quando o sol armorial  
com um certo brasão a pedra doura  
é pedra filosofal  
mais Castela e duradoira

a terra que no seu grito  
extremo acha a esguia forma  
de um cavaleiro esquisito  
que vem completar sua ópera omnia



**Carmen Conde**

**Anexo 45**

pp. 823/824 « **Y no anduve tu selva, con mis propios pasos**»

Y no anduve tu selva, con mis propios pasos.  
Fueron los pies de otros, y sus oídos, ojos y manos vivientes  
los que para mí recorrieron tu desconocida confusión intacta.  
Vinieron a contarme, me fueron revelando... Minas de oro que  
devoran

a las tribus de indios misquitos;  
trepidantes manadas de hombres amarillos, acuñaos ya,  
que chupan la sangre de los excavadores ignotos.

Apenas tus campos. Tampoco, ay, el Chontal idílico.  
Fueron las voces de otros las que para mí redoblaron  
trotos y galopadas de caballos como dioses,  
las que empujaron rebaños de cruces orientales que triunfan  
sobre el agrio rumor de un cielo calcinado.

¿ Cómo, si te conociera cual ellos, tus poetas, te conocen y  
llaman,  
te diría yo?  
Porque se amontonan en mi garganta presentimientos lúcidos  
al amparo de tus olores nocturnos,  
cuando el concierto de perfumes estalla en la sombra  
de tus caminos, al volver de Matagalpa,  
y una extiende la mano y se moja de frutas.

No es bastante ese todo;  
faltan corroboraciones místicas de nuestro mutuo hallazgo.  
Sabernos, las dos, por qué fuimos llamadas  
a tan poderoso choque. Por qué la convocatoria  
de nuestras fuerzas  
tuvo que ser ahora y no antes, y cuándo, de qué forma  
volveremos a hallarnos. Y para qué, si no me dices  
cuanto no pude oír de ti misma.

Cierto que no me invadía el ansia de recorrerte  
con precipitación.  
Que prefería soñarte desde una cima, quieta y deslumbrada  
mientras se orbitaban las músicas  
de una extraña promesa indescifrable.

¡ Oh retumbar del sol, peregrinante zumbido de magnéticos  
redobles  
contra mis sienas quebradizas!  
Desconcertante *diálogo* en el cual suplo, a empujones de san-  
gres,  
la revelación total de un mundo nuevo.

«Brocal», Navacerrada, 28 de abril 1963

## **Anexo 46**

### ***ENAJENADO MIRAR* (1962-64):**

p. 868 « **¡ Oh largo y atosigante, estremecedor latido**»

¡ Oh largo y atosigante, estremecedor latido  
sacudiéndonos unánime, lanzándonos fuera de nosotros,  
al cobijo de una mirada- látigo!  
Del mirar inacabable de que es principio este mundo.

Ni una mano se adelantaba al encuentro  
De otra mano...; quietos y mudos, ojos solos  
Vertiéndose, vaciándose, volcándose, deslizándose  
A lo largo de la mirada que se abría paso.

Tocaba tierra, derribaba cielos, suscitaba gritos  
o gajos temblorosos de un gemir entreabierto.  
Tambor de la sangre roncamente batido  
por el querer sin saber cómo se quiere.

Por eso y con todo eso había que cerrar los ojos,  
descansarlos en lo oscuro llameante:  
en la húmeda cueva desierta de palabras,  
población de palomas con el coral de plumas.

## **Anexo 47**

### ***HUMANAS ESCRITURAS* (1945-66):**

pp. 928/929 « **¡ Ah criatura infinita que recorre la orilla**»

¡ Ah criatura infinita que recorre la orilla  
tumultuosa de la divinidad!  
¿ Quiénes te pidieron fácil y dulce, dómito y maleable  
como un oro que acaba de nacer y ya es riqueza de los hom-  
bres?  
¿ Qué seres obcecados quisieron que tu acceso fuera un ágil  
caminar por la ventura consentida?  
Si a ti, al fatigante látigo de dormidos, no se llega  
si no es para cantar- como tú lo haces cada día,  
rendido ante la belleza-, cediéndote el orgullo.  
Pocos, mejor ninguno, de los hombres que crean,  
han tocado como tú la gran rosa caliente  
de lo que nace sin más razón que la gracia.  
La gracia, sí, tu valva de origen;  
el espacio sin límites donde describes  
inacabables órbitas.

Allí hay que buscarte, descubriéndote; tomar tu nombre  
de tus propias estrellas; o, si se puede,  
irse a otras más altas.

Arrancando de ti, desde tu tronco, que es frágil y es duro  
como un junco o un astro,  
hechos para sostener el arco del cielo  
y la eterna verdad del agua pura.

¡ Cuántas generaciones de viñas tiernas olvidaste por otras!  
Reponías el tiro alegre de unos corceles por otros  
dispuestos a correr más que ningunos!

Corceles, muchachos: poetas que te buscaron  
y hoy se llaman con nombre de olvido.

Palabra corroborante la tuya, palabra  
que limaba sus propios contornos de niebla, entregándonos  
la prístina verdad.

Muchos fuimos palabra de ti, madurante palabra que hoy  
confiamos sin proclamarla tuya.  
Porque tú la supiste desde el principio del mundo y te hiciste  
clamoroso de arcángeles; orbes de luz y de música  
que en hogueras se precipitaban.

¡ No interrumpido creador, no vulnerada torre, poeta  
de un idioma sellado por las lenguas de fuego;  
pájaro de voz inmortal, cántico  
de más allá de ti mismo!

...Ignoro si tu alma pudo siempre llevarte,  
vibrante peso de gloria insatisfecha.

## **Anexo 48**

### ***DEVORANTE ARCILLA***

p. 836    4    « **Todo es a la vez. Al mismo tiempo,**»

Todo es a la vez. Al mismo tiempo,  
naciones, océanos, cordilleras  
corren bajo los ojos de los hombres,  
que, desde un punto elegido,  
mandan en el espacio;  
ven lo que se ve desde lo eterno,  
fijándolo al papel, petrificándolo.

¿Es el tiempo de Dios el que alcanzamos,  
sin intentar aproximármolo?  
No es por la oración ni por el éxtasis  
que a su búsqueda se precipitan.

Han de hallarlo, seguro, en una estrella  
inesperada y persistentemente.  
Todo Dios en su círculo de cielos,  
Redondo e inaccesible hasta mañana...

¡ Oh rumor de silencios que desploman  
su cifra sin misterio, en el encuentro!  
¡ Cuánto Dios incendiándose de síes,  
sus nebulosas licuando!

Fijo en su control de aceros múltiples,  
el hombre- su razón- acosa impávido  
el rodar sin desvío de planetas;  
cogiendo con sus números el ritmo  
de la inconclusa creación.

A dios se llegará si se le asedia  
buscándole en las manos sus estrellas.  
El hombre lo olvidó, y ya es Dios mismo  
que padece por ser Dios en el hombre.

## **Anexo 49**

### ***DERRIBADO ARCÁNGEL:***

pp. 691/ 692 « **Estar como río o cordillera** »

Estar como río o cordillera,  
quedarse en flor sencilla, en pura abstracta.  
Lograr que se desgajen de la vida  
sus esencias perfectas...; que no guarde  
ningún rasgo infalible: *así, o así.*  
No. Nada de esto.

Entonces, resbalar; o fluir; comunicarse  
con otro mundo ajeno, inesperado.  
Allí donde las cosas desconozcan  
mi nombre de la tierra que abandono.

Aprender a ser hoja, a ser un ave;  
Sentirse cambiar porque unas alas  
súbitas broten entre el vello oscuro  
de un cuerpo de gusano que libera  
su blanda condición por vuelo corto,  
aunque vuelo al fin.

¡ Es mejor ser mujer!  
Alzar la piel sumisa e infatigados brazos,  
y la boca irredenta de amor,  
y los ojos abiertos o cerrados de sueño,  
o mirando lo que va a ser el sueño,  
Y reír y cantar y llorar muchos días oscuros,  
porque alguien no oyó que su nombre  
se gritaba en silencio densísimo.

**Anexo 50**

***EN LA TIERRA DE NADIE* (1960):**

p. 771 I « **En la tierra de nadie sobre el polvo** »

En la tierra de nadie sobre el polvo  
que pisan los que van y los que vienen,  
he plantado mi tienda sin amparo  
y contemplo si van como si vuelven.

Unos dicen que soy de los que van,  
aunque estoy descansando del camino.  
Otros «saben» que vuelvo, aunque me calle;  
y mi ruta más cierta yo no digo.

Intenté demostrar que a donde voy  
es a mí, sólo a mí, para tenerme.  
Y sonríen al oír, porque ellos todos  
son la gente que va, pero que vuelve.

Escuchadme una vez: ya no me importan  
los caminos de aquí, que tanto *valen*.  
Porque anduve una vez, ya me he parado  
para ahincarme en la tierra que es de nadie.

## Anexo 51

### **CITA CON LA VIDA:**

pp. 16/18 V «...Sino todos los pueblos danzando»

...Sino todos los pueblos danzando  
al son y redoble de ancestrales acordes e instrumentos  
que se veneran como a patriarcas.  
Corros independientes unos de otros, enajenados  
en ritual milenario. Por ellos, como por los cauces,  
repta el monstruo atroz que dicen Vida.

Se queda quieta, arrobada en la mínima porción de tierra  
que sus plantas ocupan:

¿alguién se destaca, consigue bulto uno y propio  
deslindando personalidad?

Los ojos buscan, siempre buscan a quien mirar,  
para encontrarle. Uno. Indispensable el uno *otro*  
para tomar contacto con el universo.

Y giran las ruedas, lo redondo gira siempre, gira  
produciendo colores y sonidos, evadiendo  
un clima sensual que crece y crece fuego  
para los cuerpos ágiles en el salto y en el desvío.

Otros redondeles, monedas de trigo y de cebada,  
Contienen yeguas y garañones dispuestos  
a esparcir molinos vuelan sus blancos lienzos  
produciendo rumor de naves bogando,  
mientras las norias rebañan el agua a los pozos.  
Es Grecia y Palestina a un tiempo  
el paisaje mediterráneo que se atraganta de luz  
cuyos bordes succionando la mar está.

Repentino hallazgo, por fin, de unificada criatura.  
Sobresalto del expectante cuerpo  
y loca fiera ansia de correr a su encuentro.  
Toda la fuerza de la edad se concentra en los ojos  
y logra su destino de aislarle a él, porque es *él*,  
sacándole de la muchedumbre.

Diríase la naturaleza en par. Coagulada.  
Diríase que todos desaparecen, que sólo uno queda  
para la aprisionante mirada hembra.  
Cielo, tierra, arboledas, sembrados  
tragados son por el remolino absorbente.  
Y no permanece el peso que urgía colocar arriba,  
rematando la pendiente...  
Ligera, de latidos bruñida, cobre antiguo  
para la densa maleza que el amor bate,  
ella, a su tiempo, destaca. Se manifiesta.

Los dos frente a frente. En el circo desmesurado  
agita su inquieta cola el toro  
que no acomete raudo, sino que espera, espera...,

porque el toro le incitan los ritos solemnes  
de la anteposición mutua.  
En los circos pequeños de sus cavados ojos  
cercados por llamaradas aleteantes,  
se reflejan ella y él, húmedas teas  
resinosas, simultáneas prendiendo.

Hay que acudir a la dorada arena, a confirmar del toro  
su razón de estar y ser.  
Un dogal infinito unce todavía de lejos  
a los cuerpos que se atraen.

El concierto de astros, contrapunto de estrellas;  
el trueno del bramido se retarda,  
acumulándose está en la oscura garganta ancha  
para estallar- arrancada de poderosos remos desde la arena  
volteándola en polvo que entúrbiese el universo! –  
en un bárbaro trompeteo de pateadas glorias.

Ya se detiene. Se contiene.  
Manso, la hirviente lengua adelantándose del atronador cuerpo,  
el toro acerca, reúne, precipita.  
Suave, mínimo ahora, casi cabe en los brazos de ambos;  
y alienta, alienta, asordándolos,  
clarineteándoles escucha de ellos mismos.  
Los va empujando al mar lamiendo el horizonte  
para que allí rompan a amarse,  
sobre la gran tierra del toro.

**Anexo 52**

**ENAJENADO MIRAR( 1962-64):**

p. 877    « **La tenue línea rosa mojada de océano**»

La tenue línea rosa mojada de océano  
al atardecer sereno, en la hora que no acaba  
en realidades; sueño de esos montes que reflejan  
un sol incierto y puro que se sueña...  
Ni las manos se oyen. Paladeante oscuro  
el gemido de la mar que acude  
y retrae su grosor, su dulcísimo,  
su dilatante golpear hacia la sangre hija.

Así, en lenta trasvasación liberas  
tu más escondido ser. En linfa derramada afluyes  
a tu origen. Hay sol en tu cuerpo interior,  
iluminadas naves que regresan al puerto...  
Las redes colmadas, precipitantes peces turbios  
boqueando en los dedos del afán inseguro.

¿Qué se levanta y salta sin temor ante ti,  
cuando contemplas en silencioso éxtasis  
el roce salobre y el rosa de los prados,  
y la línea finísima que no delimita mundos?

¡ Oh el golpeteo rítmico, contrapunto a delirante  
indecisión, a cada instante vencida y renovada!  
Metiéndose en la luz, precipitándose íntegra,  
¿ se hallará lo que nos urge desgarrar de nosotros?

